

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO  
NÍVEL MESTRADO**

**TAÍS SEVERO**

**IN/VISIBILIDADES:  
A constituição dos mundos trans nos  
*transgender studies* e nas comunidades do *Reddit***

**Porto Alegre**

**2020**

Taís Severo

**IN/VISIBILIDADES:**

**A constituição dos mundos trans nos *transgender studies* e nas comunidades do *Reddit***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Culturas, Política e Significação, como requisito parcial à obtenção de grau de mestre em Comunicação.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva.

Porto Alegre

2020

Taís Severo

**IN/VISIBILIDADES:**

**A constituição dos mundos trans nos *transgender studies* e nas comunidades do *Reddit***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, linha de pesquisa Culturas, Política e Significação, como requisito parcial à obtenção de grau de mestre em Comunicação.

**Orientador:** Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva.

Aprovado em:

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Alexandre Rocha da Silva - UFRGS - Orientador

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Wottrich - UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Sandrine Machado - UFRGS

---

Prof. Dr. Tiago Duque - UFMS

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Nilda Jacks - UFRGS (suplente)

*Esta dissertação é dedicada a todas as vítimas  
da sexopolítica, do cissexismo, dos  
ideologismos normativos abjetos, da falta de  
informação, da desinformação, do  
apagamento, do silêncio e da  
incomunicabilidade.*

## AGRADECIMENTOS

À CAPES, pela bolsa que possibilitou minha formação e a realização deste trabalho.

À professora Ruth Ignácio, que desde os longínquos semestres iniciais da graduação, em Sociologia Geral I e II, acendeu a chama de um olhar social sobre a Comunicação, e mostrou a beleza dos caminhos acadêmicos. E aos tantos professores que me inspiraram durante as estadas na Famecos/PUCRS e na Fabico/UFRGS, em especial Militão Ricardo, Flávia Seligman e Nilda Jacks, por inspirarem minha visão sobre a docência como um ato prazeroso de troca, descoberta e convivência.

À Fabico, por ter me recebido com entusiasmo e portas abertas.

Às professoras Laura Wottrich e Paula Sandrine Machado, e ao professor Tiago Duque, pela leitura paciente e generosa e pelas contribuições na qualificação e na defesa dessa dissertação.

Aos alunos e alunas de minhas tutorias docentes em Teorias da Comunicação e, em especial, no Seminário de Comunicação, Gênero e Sexualidade, pela generosidade e pela oportunidade de aprender, crescer, e desacomodar.

À Verbeat, pelas sementes, pelas raízes, pelas novas flores que vão surgindo, e pelas promessas de frutos.

À comunidade AskTransgender, pelas informações, histórias, experiências e desafios compartilhados. E também ao Shreddit, pela camaradagem diária e por me proporcionar o mergulho sem volta no underground do metal.

Aos colegas de PPGCOM, em especial Camila Freitas, Paula Coruja e Douglas Ostruca.

A Eneida Braga, pelo cuidado e trabalho fundamental em minha trajetória.

A Janine, Ione, Mariza, Marcela e Gabriel, por serem, de verdade, família.

A Gregório Leal, pela acolhida e pelos espaços. E a Marília Jung, Daniel Jardim e Alessandra Merten, pela companhia e pela incansável torcida.

A Tatiana Leiner, Fecris Vasconcellos e Gabrielle Weber, pelo carinho incessante.

Aos cronópios, minhas influências, meus gêmeos e minhas saudades, Leandro Gabriel, Thiago Gonçalves, Olivia Maia e Leandro Gejfinbein.

A Gustavo Brigatti, essa amizade que faz valer a vida, que obstinada e teimosamente não me deixa duvidar do meu valor.

À professora Nísia Martins do Rosário, pelo apoio generoso e pela co-orientação informal que tanto me fez crescer como aluna, pesquisadora, e docente.

Ao GPESC, que mais do que um grupo de pesquisa, é um encontro impossível de mentes incríveis, pessoas fantásticas e afetos incessantes. A todos, mas em especial André, Bruno, Cássio, Demétrio, Giovana, Guilherme, Jacque, Jamer, João, Lennon, Luis, Luiza, Marcelo, Mário – sem a paixão, a inspiração e a companhia de vocês, esse trabalho não existiria. Que enorme honra estar ao lado de vocês.

Ao meu orientador, Alexandre Rocha da Silva, pela disponibilidade, inspiração, dedicação, mentoria e, acima de tudo, pela oportunidade de me permitir seguir em direção aos meus sonhos.

À minha irmã, meu pedacinho arco-íris unicórnio algodão-doce de ternuras transbordantes.

À minha mãe, por essa dedicação inesgotável às filhas, essa garra e a coragem e a bravura, que não permite que eu me cale, que alimenta minhas utopias, que me comprova que amor pode ser incondicional e infinito, e que faz de mim quem sou.

*Unbound, unrepressed, untamed, uncontrollable, unknown. No longer cowering beneath the roles hewn to our beings, we shall reclaim our vital energy, unique and unpredictable. Backs bent no more in the mad race of resource production and consumption. That web of domination, that web of mediation. Of limited experience and clearly defined boundaries. We rebuke this overgrown wasteland, teeming with the repulsiveness of pavement and cement. A concrete wilderness? No. An everlasting shrine to submission and death. A false wilderness prostrates and conforms to the will of man. Those vines and shrubs that would bend the knee, a caricature of freedom, an affront to life. We seek that which can only be found in the unmappable, the unknown, the unknowable. And from this venture we can never retreat. We have been recruited in blood. And the blood sings.*

Thou, Feral Faun

## RESUMO

Esta dissertação busca investigar as disputas políticas e de sentido que emergem dos acionamentos sobre a in/visibilidade transgênero em comunidades no *Reddit*. Para compreender as perspectivas e os contextos em que ocorrem os embates entre os públicos trans em comunidades na plataforma de fóruns *Reddit*, partimos de uma abrangente revisão dos *transgender studies* e procuramos identificar seus principais movimentos teóricos, em especial suas distinções frente aos feminismos e à teoria *queer*. Ao delinear o desenvolvimento dos *trans studies*, buscamos salientar as controvérsias e dissidências entre os projetos identitários transexual e transgênero, apoiados particularmente em autores como Stone (2014), Bornstein (1994), Halberstam (1998), Stryker (2006; 2017) e Bettcher (2012; 2014). Após caracterizar a formação de comunidades digitais no *Reddit* e examinar o ecossistema de fóruns utilizados por pessoas trans nessa plataforma, realizamos uma etnografia digital para coletar, mapear e analisar comentários, testemunhos e depoimentos dessas pessoas trans. Em nossa análise, confrontamos os pontos de encontro e de divergência entre os *trans studies* e os públicos trans do *Reddit*, utilizando como eixos analíticos as instabilidades do dispositivo de “passar” por cisgênero; a polarização entre alteridade e representatividade provocada pela visibilidade da variação de gênero; e os banheiros públicos como ambientes contestados e indecidíveis onde as problemáticas da gênero-divergência irrompem na sociedade. Por fim, demonstramos que os projetos identitários dos *trans studies* ainda não produziram teorias que abarquem de forma suficiente a multiplicidade de experiências trans, e percebemos nas comunidades de pessoas trans do *Reddit* as ansiedades existenciais, relacionais, e os pontos cegos teóricos que demandam a continuidade das pesquisas na academia.

**Palavras-chave:** Comunicação. Gênero. *Reddit*. Trans. *Transgender studies*.



## ABSTRACT

This dissertation aims to investigate political and meaning disputes that emerge from transgender in/visibilities in Reddit communities. To understand the perspectives and contexts in which occur clashes among trans people in Reddit forums, we start from a comprehensive review of transgender studies and seek to identify their main theoretical movements, in particular their distinctions from feminisms and queer theory. In outlining the development of trans studies, and supported particularly by authors such as Stone (2014), Bornstein (1994), Halberstam (1998), Stryker (2006; 2017) and Bettcher (2012; 2014), we try to highlight the controversies and frictions between transsexual and transgender identity projects. After characterizing the formation of digital communities on Reddit and examining the forums used by trans people on this platform, we conducted a digital ethnography to collect, map and analyze comments and testimonials of these trans people. In our analysis, we confront convergences and divergences between trans studies and trans audiences on Reddit, using as analytical axes the instabilities of cisgender “passing”; the polarization between otherness and representativeness caused by the visibility of gender variation; and public bathrooms as contested and undecidable spaces where gender issues erupt in society. Finally, we demonstrate that trans studies’ identity projects haven’t yet created theories that sufficiently encompass the multiplicity of trans experiences, and we notice in Reddit's trans people communities existential and relational anxieties, and theoretical blind spots, that demand the continuity of research in the academy.

**Keywords:** Communication. Gender. *Reddit*. Trans. *Transgender studies*.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> - Estágios da formação da identidade transexual ou transgênero .....	37
<b>Quadro 2</b> - Temas dos dossiês da revista acadêmica <i>Transgender Studies Quarterly</i> .....	40
<b>Figura 1</b> - Distribuição bimodal de dados em curvas gaussianas parcialmente sobrepostas	59
<b>Quadro 3</b> - Características formativas das comunidades virtuais em relação ao <i>Reddit</i> .....	116
<b>Figura 2</b> - Exemplo de página principal de um subfórum no <i>Reddit</i> .....	128
<b>Figura 3</b> - Exemplo de pré-visualização de um tópico no <i>Reddit</i> .....	129
<b>Figura 4</b> - Exemplo de página de um post no <i>Reddit</i> .....	129
<b>Quadro 4</b> - Lista de comunidades de temática trans do <i>Reddit</i> visitadas em nossa etnografia, classificada por frequência de visitação e número de assinantes .....	136
<b>Figura 5</b> - Buck Angel .....	237

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>11</b>
1.1	Sobre a autora, e as terminologias utilizadas nesta dissertação .....	16
2	<b>TRANSGENDER STUDIES: PERSPECTIVAS DISSIDENTES</b> .....	<b>20</b>
2.1	Os <i>trans studies</i> : formação do campo .....	25
2.2	Fluxos do conceito de gênero .....	41
2.2.1	<i>Em direção a um modelo composto de gênero</i> .....	52
2.3	Interfaces entre os <i>trans studies</i> e o feminismo .....	61
2.4	Interfaces entre os <i>trans studies</i> e a teoria <i>queer</i> .....	83
2.5	Identidades em disputa .....	93
2.5.1	<i>Breve panorama das identidades gênero-divergentes no Brasil</i> .....	100
2.5.2	<i>Potencialidades e riscos dos trans studies</i> .....	105
3	<b>O REDDIT COMO PLATAFORMA DE COMUNIDADES DIGITAIS</b> .....	<b>112</b>
3.1	Definindo as comunidades digitais .....	114
3.2	A etnografia digital como metodologia de pesquisa adequada ao <i>Reddit</i> .....	118
3.3	Entrada no campo de pesquisa etnográfica: a plataforma <i>Reddit</i> .....	126
3.3.1	<i>As comunidades de pessoas trans no Reddit</i> .....	135
4	<b>O PERCURSO ETNOGRÁFICO NAS COMUNIDADES DE TEMÁTICA TRANS DO REDDIT</b> .....	<b>147</b>
4.1	Recorrência #1: “passar” .....	150
4.2	Recorrência #2: in/visibilidade .....	183
4.3	Recorrência #3: banheiros .....	208
5	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>242</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>252</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Os acontecimentos são como os cristais, não se transformam e não crescem a não ser pelas bordas, nas bordas (DELEUZE, 1975, p. 10).

A experiência trans é profundamente afetada pela comunicação. Posicionadas pela cis-heteronormatividade como um tabu, as dúvidas, as curiosidades, os desconfortos e os desejos que rondam o gênero são relegados ao silêncio e ao vazio. O desafio inicial de muitas pessoas trans é descobrir que a condição trans existe; entender que há mais conhecimento a respeito dessas experiências do que os sexismos permitem avistar, que os deslocamentos que manifestam a presença de um gênero reprimido também ocorrem em outros indivíduos, e que há estratégias identitárias que possibilitam a realização de si. E essa tomada de consciência não ocorre em uma trajetória linear, uma vez que pistas falsas, potencialmente danosas, surgem pelo caminho: as investidas através da sexualidade, os temores de fetichizar uma outra identidade, os malogros causados por numerosas e multifacetadas formas de desinformação, e os riscos de menosprezar o gênero como frívolo, desimportante, como mera ferramenta dogmática, etc.

O apagamento das identidades gênero-divergentes não é mera circunstância, mas um componente dos esforços normativos para reforçar um sistema sexo/gênero binário, oposicional e naturalizado. As redes digitais e a comunicação mediada por computador surgem, então, como ferramentas que permitem a compreensão da identidade de gênero, ativando alterações significativas nas vidas das pessoas trans (BEEMYN; RANKIN, 2011, p. 57).

A internet tem proporcionado que esses indivíduos estabeleçam conversações com seus pares, compartilhem informações sobre as tecnologias e corporalidades afirmativas do gênero, e acessem histórias de vida que demonstram e inspiram práticas discursivas (SHAPIRO, 2015, p. 136), alterando inexoravelmente os rumos dessas existências. De fato, pela dificuldade de encontrar ou interagir presencialmente com outras pessoas trans, muitas vezes o convívio *online* é a única forma de acessar experiências similares. Para aqueles que ainda mantêm as inquietações de gênero em segredo, os espaços digitais possibilitam o conhecimento prático sobre si e sobre as narrativas e trajetórias de gênero; para os que já passaram pela transição, o contato com outras pessoas trans providencia interlocução, afirmação e apoio, especialmente em casos de ostracismo por familiares, cônjuges e círculos sociais e profissionais (EVANS *et al.*, 2017, p. 134-135).

Nesse contexto, encontramos nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, nosso campo de pesquisa, uma multiplicidade de vozes empenhadas em informar, educar e dar suporte. Não obstante certas discordâncias persistentes, ressaltadas em nossa etnografia, esse ecossistema de fóruns digitais configura um espaço em que são compartilhados saberes éticos, fundados tanto em narrativas pessoais como nos ativismos e na literatura científica, e que incentiva uma perspectiva abrangente da variação de gênero enquanto expressão de uma subjetividade individual e legítima. A manutenção de um espaço seguro às discussões dos temas trans, e que através da coletividade depura e aprimora suas perspectivas sobre esses assuntos, mostra-se fértil, pertinente e relevante. Em especial diante de um grande número de *websites* e outros ambientes *online* que transmitem informações falsas, inclusive de forma maliciosa. Esses desvios acarretam desconforto emocional, impedem a compreensão dos sentimentos associados à variação de gênero, e provocam prejuízos significativos em uma população já em risco de ansiedade, depressão e suicídio (EVANS *et al.*, 2017, p. 137).

Essas comunidades, no entanto, são cercadas de pontos de contenção que permanecem em vigorosa disputa. Ao longo dos cinco anos em que participamos dos fóruns de temática trans do *Reddit*, percebemos que as problemáticas acerca da in/visibilidade da variação de gênero, particularmente no dispositivo de “passar” por cisgênero, revelam uma controvérsia que gera profundas fragmentações entre essas pessoas. Além disso, também fazem emergir sentidos contraditórios – muitas vezes reproduzindo normatividades cis-binárias e paradigmas essencialistas que vão contra as perspectivas afirmativas às identidades e experiências trans.

Sendo assim, para compreender as contestações internas que ameaçam a união desses grupos, bem como as transnormatividades que perpetuam discriminações e opressões de parte a parte, buscamos o apoio de um campo teórico que expõe e caracteriza esses conflitos, e que também parte do pressuposto da legitimidade de seus sujeitos. Assim, ao optar pelos *transgender studies*, procuramos acionar uma das investidas iniciais das próprias pessoas trans em perscrutar e discutir teorias sobre suas vivências em relação ao sistema sexo/gênero, mobilizando uma multidisciplinaridade acadêmica, mas também valorizando os atravessamentos pessoais. Como aponta Stryker (2006), o estudo do fenômeno trans é um antigo e contínuo projeto de culturas de origem europeia; já os *trans studies* são uma proposta crítica, relativamente recente, que considera a experiência corporificada de seus sujeitos ao proclamar um saber constativo de si como um componente fundamental da análise desse fenômeno trans (STRYKER, 2006, p. 12).

Em nossa dissertação, aderimos à perspectiva do gênero como uma estruturação contínua, inerentemente ligada às tecnologias e aos processos comunicacionais. Seguindo Shapiro (2015), entendemos a formação do gênero como uma trajetória – que parte de processos biológicos e físicos – influenciada por roteiros e normatividades culturais; filtrada através das lentes de paradigmas contemporâneos; policiada por estratégias de poder; e finalmente definida e construída pelo indivíduo, cujo gênero corporificado será realçado e limitado pelo arsenal tecnológico disponível (SHAPIRO, 2015, p. 232).

Tal concepção, desenvolvida ao longo das últimas décadas através de diálogos entre os feminismos, as teorias *queer* e os *trans studies*, apresenta-se em significativa discrepância com os ordenamentos hegemônicos que definem o gênero como imutável a partir da anatomia genital, por exemplo. A partir das agudas perturbações socioculturais causadas pelo embate entre esses paradigmas, compreendemos o irromper das experiências trans na contemporaneidade como um *acontecimento*: uma ruptura inesperada no percurso do tempo e no estado das coisas, sendo ao mesmo tempo desfecho e abertura de possibilidades (DOSSE, 2010, p. 4-6). Se o estruturalismo pode ser entendido como a busca por padrões relacionais fixos, que tentam identificar e explicar ordenamentos e fenômenos – como, por exemplo, as configurações das práticas sociais em uma cultura –, o acontecimento causa mudança e contrasta com essas estruturas. Logo, introduz variação, diferença e novidade em uma prática social, desalinhando padrões conhecidos e esperados nessas sociedades (WILLIAMS, 2008, p. 1). Assim, o acontecimento provoca alterações intempestivas e potentes:

Muitos movimentos se cruzam, com seus mecanismos frágeis e delicados: aquele pelo qual os corpos, estados de coisas e misturas tomados em sua profundidade chegam a produzir superfícies ideais ou malogram nesta produção; aquele pelo qual, inversamente, os acontecimentos de superfície se efetuam no presente dos corpos, sob regras complexas, aprisionando primeiro suas singularidades nos limites de mundos, de indivíduos e de pessoas; mas também aquele pelo qual o acontecimento implica algo de excessivo em relação a sua efetuação, algo que revoluciona os mundos, os indivíduos e as pessoas e os devolve a profundidade do fundo que os trabalha e os dissolve. [...] O que é excessivo no acontecimento é o que deve ser realizado, se bem que não possa ser realizado ou efetuado sem ruína. (DELEUZE, 1975, p. 172)

Como ponto de partida, propomos que o acontecimento trans, ao erodir e colapsar os essencialismos e as naturalizações sexopolíticas, atinge de forma violenta não apenas o tecido social, mas a vida de todos os sujeitos. Portanto, esse acontecimento investe contra as estruturações da cadeia normativa de formação identitária, causando resistências, abalos e ressignificações que promovem o surgimento de novos arranjos. Em nossa pesquisa, nos

dedicamos a investigar dois vetores do acontecimento trans: os paradigmas identitários produzidos pelos *transgender studies*, bem como suas disputas, tanto nucleares quanto em relação aos feminismos e à teoria *queer*; e as situações dilemáticas em torno das in/visibilidades trans que emergem nas comunidades do *Reddit*, almejando posicioná-las diante dos *trans studies*.

Ao optarmos por analisar os territórios contestados entre certas teorias e práticas que envolvem as pessoas trans, e apontando os conflitos internos e interseccionais entre elas, procuramos ressaltar não somente os efeitos que emergem quando esses indivíduos tomam a frente de suas construções da identidade de gênero, mas também as consequências do choque em curso, e crescente, face às estruturas normativas. Buscamos, então, fazer um trabalho de escuta das vozes que corporificam esses desafios, entendendo essas problemáticas como produtivas, e mesmo necessárias, à compreensão das ordenações a partir do sexo e do gênero.

Diante desse cenário, estabelecemos as seguintes questões como problema de pesquisa: que disputas políticas e de sentido emergem dos acionamentos da visibilidade transgênero nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*? E ainda: como os *transgender studies* observam, e também produzem, essas controvérsias? Orienta também nossa investigação uma terceira questão, desdobramento das anteriores, e que ainda não pode ser respondida: será factível que os *trans studies* podem gestar um projeto político e identitário que unifique as experiências trans sem reduzi-las, acolhendo a multiplicidade de experiências subjetivas e desejos relacionados ao sexo/gênero?

Com base nesses questionamentos, definimos que, como objetivo geral, nossa pesquisa visa estabelecer, observar e analisar as disputas em torno das visibilidades transgênero que emergem nos fóruns de temática trans do *Reddit*. Para tanto, elencamos como objetivos específicos que instrumentalizam nossa dissertação:

1. Delinear a formação dos *transgender studies*, analisando seus principais movimentos teóricos, em especial nas distinções frente aos feminismos e às teorias *queer*;
2. Definir a estruturação dos conceitos de gênero e investigar sua adequação às perspectivas identitárias informadas pelas comunidades trans do *Reddit*;
3. Caracterizar a formação de comunidades digitais nos fóruns do *Reddit* e examinar o ecossistema de fóruns utilizados por pessoas trans nessa plataforma;
4. Realizar uma etnografia digital para coletar, mapear e analisar comentários, testemunhos e depoimentos de pessoas trans no *Reddit*;
5. Confrontar pontos de encontro e de divergência entre os *trans studies* e os públicos trans do *Reddit*, enfatizando os dispositivos da visibilidade e do “passar”.

6. Demonstrar os banheiros públicos como ambientes sociais de convergência das problemáticas da gênero-divergência, configurando-se, assim, como espaços contestados e indecidíveis.

Sendo assim, iniciamos nossa pesquisa realizando uma análise dos *transgender studies*, no capítulo dois, tencionando ressaltar as particularidades desse campo de estudos – que objetiva diferenciar-se das teorias acadêmicas baseadas nos saberes médico-psiquiátricos; das análises restritivas ou antagonistas operadas por certos vieses do feminismo; e das abordagens das teorias *queer* que acionam as experiências trans de forma utilitária para ilustrar as construções normativas do gênero, ignorando ou minimizando as vivências e subjetividades desses indivíduos.

Compreendemos que a produção de um pensamento propriamente trans, característico desses sujeitos e em interlocução com os feminismos e as teorias *queer*, decorre de uma retomada do que já foi escrito sobre o fenômeno trans. Além disso, também passa por valorizar o que esses indivíduos estão produzindo – em nosso caso, no âmbito das comunidades de pessoas trans no *Reddit*. Para iniciar essa empreitada, são particularmente importantes as contribuições de Sandy Stone (1991), Kate Bornstein (1994), Jack Halberstam (1998), Jay Prosser (1998), Judith Butler (2004), Julia Serano (2016) e Paul Preciado (2018), além de múltiplos textos da historiadora Susan Stryker e da filósofa Talia Mae Bettcher, que foram essenciais para que pudéssemos navegar pelos desenvolvimentos e disputas dos *trans studies*. Por compreender que as perspectivas desse campo de estudos ainda são pouco conhecidas e utilizadas no Brasil, e por perceber um potencial de diálogo crítico e produtivo com as pesquisas sobre pessoas trans em nosso país, buscamos oferecer um panorama detalhado e abrangente dessas articulações. Nesse sentido, a escolha de um *corpus* teórico formado por autores de língua inglesa tem a intenção de trazer à tona esses autores em nossa academia, e contribuir com as pesquisas realizadas no Brasil.

Neste capítulo, também apresentamos um breve panorama do conceito de gênero e investigamos caracterizações que permitem observar as disputas que encontramos em nossa etnografia. Além disso, examinamos brevemente as interfaces entre os *trans studies* e as identidades transexual e travesti no Brasil, com o objetivo de salientar as peculiaridades de ambos os projetos políticos e ativistas, identificar suas complementaridades e oposições, e apontar suas resistências a “transgênero” como um projeto identitário abrangente.

No terceiro capítulo, demonstramos como as comunidades digitais se caracterizam como locais de convivência e discussão, e propomos os fóruns *online* da plataforma *Reddit* como ambientes que unem pessoas em torno de interesses comuns e oportunizam o diálogo, o



compartilhamento de informações e as conexões entre seus participantes. O *Reddit* é um *website* onde estão hospedados um grande número de fóruns: espaços que tendem a ser centrados em um tema e reúnem participantes regulares envolvidos em conversações. Sendo assim, propomos as comunidades de temáticas trans do *Reddit* como um local etnografável, que nos permite acessar esses sujeitos e suas narrativas – e que disponibiliza o acesso a informações valiosas sobre suas experiências e desafios. Ao apresentar a metodologia que orienta nossa estada no campo de pesquisa, justificamos a etnografia digital como uma abordagem adequada aos percursos nos espaços *online*, utilizando, em especial, as pistas de Christine Hine (2000; 2015). Passamos, então, a caracterizar as dinâmicas específicas do *Reddit* e apresentar o conjunto de fóruns que agregam pessoas trans nessa plataforma.

Tratamos da investigação empírica de nossa dissertação no quarto capítulo, onde adentramos a etnografia em si, dividindo em três eixos as recorrências encontradas: as instabilidades do dispositivo de “passar” por cisgênero; a polarização entre alteridade e representatividade provocada pela visibilidade da variação de gênero; e o encontro desses vetores nas contestações normativas ao uso de banheiros públicos por pessoas trans. Na análise dos relatos, e ao traçar pontos de contato e divergência entre esses sujeitos e os *trans studies*, buscamos salientar as disputas intragrupo que complexificam a estabilização de paradigmas e projetos políticos – gerando, assim, rupturas e dissidências fundamentais.

Nas considerações finais, demonstramos algumas perspectivas dos *trans studies* que representam alternativas às situações dilemáticas encontradas na etnografia. Cabe ressaltar que não buscamos oferecer soluções a essas problemáticas, tanto por julgá-las profundamente complexas quanto por nosso intuito em realizar, nesta pesquisa, um trabalho de escuta dessas vozes – e dos desafios que emergem do acontecimento trans na sociedade. De fato, como aponta Dosse (2010), os acontecimentos fogem, por sua natureza, a qualquer pretensão redutora; a persistência dos enigmas, no entanto, não dispensa sua investigação. Ao contrário, essa persistência exige “o abandono dos desgastes da arrogância e o pensamento pronto das explicações prévias e delimitadas” (DOSSE, 2010, p. 13).

## **1.1 Sobre a autora e as terminologias utilizadas nesta dissertação**

De imediato, ressaltamos que este trabalho é realizado a partir de nossa posição enquanto mulher trans – ou seja, ao mesmo tempo pesquisadora e pesquisada, estando nossa reflexividade intensamente conectada à temática aqui tratada. Destarte, em que pese nossa busca por retratar e caracterizar, mais do que promover juízos de valor sobre as situações

apresentadas, não ignoramos o fato de que nossas experiências pessoais estão imbricadas nas análises e proposições da dissertação. Contudo, por sermos também indivíduo sensível ao tema, acreditamos oferecer um olhar integrado e pertencente, que entendemos vantajoso para a abordagem proposta.

De fato, não buscamos o distanciamento com relação a nosso campo de pesquisa. Ao longo de cinco anos de participação contínua nas comunidades de pessoas trans do *Reddit* encontramos, em uma pluralidade de vivências compartilhadas, as informações necessárias para compreender como nós, pessoas trans, reconstruímos o sentido de nossas identidades a partir do gênero. Esses saberes já são parte constituinte de nossas perspectivas de pesquisa. Percebemos como os públicos trans do *Reddit* partilham, absorvem e criticam as variadas concepções porque, da mesma forma, nós as apreendemos e contestamos.

Do mesmo modo, também nos atravessam os eixos analíticos propostos: conhecemos a angústia e as aspirações pelo reconhecimento e pelas experiências no gênero verdadeiro, bem como as armadilhas e idealizações que decorrem disso; e ponderamos os ganhos, as perdas, as vantagens e os riscos da visibilidade. Embora tanto os *trans studies* quanto os paradigmas que despontam nos fóruns do *Reddit* ofereçam trajetórias e estratégias para as narrativas trans, compreendemos que, em tais ordenamentos identitários, o desejo de afirmação de si se sobrepõe como uma reivindicação e uma necessidade. A urgência, a inescapabilidade, os tremores e as esperanças que o acontecimento trans faz surgir em nossos corpos, em nosso tempo, são sobretudo um movimento que nos faz reagir à alteridade imposta pela normatividade. Acreditamos, enfim, reconhecer esses deslocamentos como um desafio complexo e assustador, mas, também, e ao contrário da autorrepressão, um espaço onde a vida pode emergir.

Assim sendo, empregamos as palavras de Lanz (2014) para afirmar que nosso posicionamento nessa dissertação oferece amplo acesso às questões tratadas, tanto “entrando no assunto de maneira natural, quanto por entender as próprias narrativas produzidas pelas participantes a partir dos meus estímulos” (LANZ, 2014, p. 195). Propomos, sobretudo, que nossa posição enquanto sujeito, ao lado de outros pesquisadores trans, integra as contribuições que esse trabalho almeja oferecer.

No que tange às terminologias utilizadas, cabe ressaltar algumas de nossas escolhas. A linguagem específica utilizada no contexto dos temas relacionados ao gênero é múltipla, escurrita, e profundamente política; em verdade, muitas de suas palavras e expressões carregam em si os posicionamentos normativos que se busca deslindar. Observamos, nesse sentido, expressões como divergência de gênero, variação de gênero, e mesmo

marginalização/marginalidade: todas operam a partir do marcador cissexista que pressupõe as pessoas trans como posicionadas em relação a um eixo binário oposicional e naturalizado.

Com efeito, esse questionamento pode nos levar a disputar os próprios acionamentos de “trans”, seja como “transgressão” (mobilizado por indivíduos que objetivam opor a normatividade de gênero), ou como “através de” (caracterizado nas migrações entre gêneros binários). No entanto, optamos por valorizar a conjuntura histórica em que essa pesquisa foi desenvolvida – entendendo “trans” como um movimento para além das regulações do sexo/gênero designado no nascimento; “variação de gênero” enquanto diversidade dos espaços subjetivos de expressão de um *self*; e “divergência de gênero” como resistência e alteridade frente à normatividade.

Sendo assim, e aderindo ao olhar de Bettcher (2006), usamos “trans” para indicar uma pessoa cujo gênero pode ser interpretado como incompatível com o que lhe foi atribuído ao nascer, ou cuja apresentação e/ou expressão de gênero podem ser interpretadas como inconsistentes ou andróginas (BETTCHER, 2006, p 176).

Ressaltamos, ainda, nosso interesse em manter as traduções diretas dos originais quando seus autores se referem, especificamente, a transgêneros e transexuais. Efetivamente, muitos textos iniciais dos *transgender studies*, apesar desse nome, usavam “transexual” para se referir a todas as pessoas fora do sistema binário normativo – sendo a popularização de “transgênero” como guarda-chuva e projeto político um dos efeitos da própria consolidação do campo de estudos.

Em nossa visão, trans, transgênero, transexual, bem como cis e cisgênero, são adjetivos que informam a especificidade de um indivíduo. Disso decorre nossa insistência em utilizar “pessoas trans/transgênero/transexuais”, e “comunidades/fóruns de pessoas trans”. Buscamos, assim, enfatizar as subjetividades que precedem e orientam as experiências de variação de gênero, resistindo às desumanizações desses indivíduos e rejeitando as objetificações teóricas e analíticas.

Da mesma forma, entendemos que a palavra “transgênero” não concorda em gênero nem em número com o sujeito. Ou seja, não há “mulheres transgêneras” porque “gêneras” não existe; percebemos “trans” como uma forma de compreender, encontrar, atravessar e/ou performatizar o gênero. Apesar disso, reconhecemos que essas articulações, assim como seus termos identitários, ainda não foram estabelecidas – Lanz (2014), por exemplo, com quem nossa pesquisa dialoga, reivindica o uso de “mulheres transgêneras” como adequação necessária à língua portuguesa.

Ao nos referirmos ao dispositivo de ser percebido como cisgênero, usamos “passar” entre aspas, seguindo Overall (2012). Para a autora, “passar” é uma perspectiva baseada em dois erros ontológicos: uma compreensão errônea do que é a identidade de gênero, e uma crença incorreta nos contrastes e diferenças entre pessoas trans e cis. Sendo assim, o uso de aspas busca salientar que a expressão, em si, é uma forma de opressão linguística normativa, fundada em um “equivoco metafísico” sobre a constituição do gênero (OVERALL, 2012, p. 204).

Por fim, lembramos que os termos identitários que cercam a variação de gênero estão em constante negociação. Apesar de nossa proximidade com o tema e do esforço em respeitar todas as pessoas de quem falamos e a quem damos voz na dissertação, compreendemos que, inevitavelmente, relatamos a partir de nosso contexto e dos nossos vieses. Assim, usamos tais termos de maneira descritiva, admitindo os limites dos enquadramentos acadêmicos e sem o desejo de aplicar rótulos ou inferir um paradigma político unitário. Acima de tudo, acreditamos e defendemos que é soberana a prerrogativa de cada pessoa em nomear o seu gênero.

## 2 TRANS STUDIES: EPISTEMOLOGIAS DISSIDENTES

Os primeiros trabalhos eram geralmente sobre pessoas em reabilitação. Os psiquiatras que os escreveram inspecionaram nossos fetiches, fixações, e confusões de gênero, produzindo narrativas cuidadosamente distanciadas e expressas na linguagem obscura e analítica da disfunção e da desordem. Nós éramos *pacientes*.

Então vieram as teóricas feministas, que – enquanto apagavam nossas vozes, e sem poluir suas páginas com as bagunçadas complexidades da nossa experiência de vida – apropriaram-se de nós como ilustrações de suas novas teorias convincentes ou *insights* perceptivos. Nós nos tornamos *exemplos*.

Agora sobre nós está a antologia dos “estudos trans”, um ingresso para financiamento de pesquisa acadêmica e um livro. Estes vêm a nós através dos mais sérios antropólogos e sociólogos, que nos estudam como se fôssemos uma tribo isolada e inexplicável. Seu olhar firme e fixo sobre questões urgentes como nossos modos de vestir, a organização social, as estruturas de parentesco, e os relacionamentos com os curandeiros de gênero locais. Eles utilizam a linguagem objetiva e matizada da etnografia. Nós nos tornamos *nativos*.

Não há algo imoral na forma como estes escritores falham em ajudar a vida daqueles que alegremente mineram por novos *insights* e feitiços? Eles nunca sentem uma pontada de culpa quando seus “estudos” apenas aumentam a politização dos nossos corpos, escolhas e desejos, de forma que, com cada novo livro, a sua audiência desfruta da ilusão de saber mais sobre nós, e nós nos encontramos mais enfraquecidas, deslocadas, e exploradas do que antes?

*Você não é um homem ainda? Pessoas trans reforçam estereótipos de gênero? Você é um “terceiro sexo”? Por que pessoas trans se dividem entre homens e mulheres? Você não deveria ser “gênero-livre”? Cirurgia de mudança de sexo é mutilação voluntária? Transgenerismo é uma patologia ou uma doença mental, e ela é adquirida ou genética?*

Acadêmicos, psiquiatras e teóricas feministas viajaram através das nossas vidas e dos nossos problemas como turistas numa festa. Fazendo um piquenique em nossas identidades como moscas num almoço grátis, eles selecionaram os pedaços mais deliciosos com que ilustrar uma teoria ou impulsionar um livro. O fato de que somos uma comunidade ameaçada, pessoas sob risco, é irrelevante para eles. Eles buscam a Ciência e a Teoria, e o que eles produzem na mineração das nossas vidas não é endereçado a nós, nem reciclado em nossa comunidade. Não tem a intenção de ajudar, mas de nos explicar como um Prato do Dia: *trans sous cloche*, ou talvez gênero à moda (WILCHINS, 2013 [1997], p. 21-22).

Como indica a longa, mas necessária e esclarecedora citação da ativista Riki Anne Wilchins, as pessoas trans já são objeto de estudos há muito tempo, desde antes da criação de um campo de pesquisa voltado a elas. De fato, o desconforto crescente que impulsionou os *trans studies* vem dessa *objetificação*: a construção de conceitos e paradigmas que, no entendimento de seus autores, não consideram as narrativas particulares dessas vidas trans, nem seus múltiplos desafios – psicológicos, corpóreos, legais, sociais e culturais. Se o texto de Wilchins se apresenta como um desabafo, lançando mão de generalizações acerca das

visões acadêmicas sobre as pessoas trans, ressaltamos a citação como o transbordar de um sentimento angustiado e indignado sobre a invisibilidade das subjetividades trans diante das teorias formuladas sobre elas. Tanto esse desconsolo e essa revolta como o texto que narra em primeira pessoa serão instrumentais à formação dos *transgender studies*.

A abordagem científica do fenômeno transgênero surgiu no século XIX em instituições médicas, científicas e jurídicas da Europa e dos Estados Unidos, a partir da sexologia (STRYKER; CURRAH, 2014, p. 4). Em seu projeto de ‘taxonomizar’ indivíduos em um sistema universal, a sexologia tornou-se um projeto biopolítico voltado a cultivar a normatividade, patologizando corpos e comportamentos incongruentes e marcando-os como suscetíveis à intervenção e normalização, consensual ou não (HAEFELE-THOMAS, 2019).

No século XX, na esteira da evolução da sexologia, as histórias de vida de pessoas intersexo e de pessoas transexuais receberam interesse limitado, porém contínuo, do saber médico – que buscou investigar, à sua forma, como compreender, descrever, tipificar e tratar esses sujeitos. Embora os avanços das práticas clínica e cirúrgica, bem como da indústria farmacêutica, tenham trazido meios para a transição do corpo desejada e/ou necessária a muitas pessoas trans, as relações entre essas populações e a teoria médica permaneceram problemáticas. Apesar de oferecer as tecnologias de transição, o saber médico também gerou uma série de restrições, hierarquizações e estereótipos falsos e nocivos sobre esses indivíduos – como nos protocolos de transição que contemplavam apenas as pessoas “transexuais verdadeiras”, sob um rígido diagnóstico de transtorno psiquiátrico de identidade, que descrevia como compulsórias as características da heterossexualidade e do ódio à genitália de nascença, entre outros (SERANO, 2016, p. 116-126). O questionamento à patologização da gênero-diversidade será também um tensionamento imediato dos *trans studies* ao reivindicar a constituição de uma posição subjetiva, para além da condição de “paciente” do sistema clínico.

Os avanços da medicina com relação às intervenções e análises de pessoas intersexo, principalmente, e de pessoas transexuais, contribuíram para a formação do conceito contemporâneo de gênero. A partir dos anos 1950, autores como John Money, Harry Benjamin e Robert Stoller apresentam o gênero como categoria distinta do sexo (CURIEL, 2018, p. 220), estabelecendo uma contraparte cultural à biologia, num movimento que ganha popularidade ao ser incorporado pelas teorias feministas, nos anos 1970<sup>1</sup>. Os feminismos foram instrumentais à formação dos *trans studies*, em especial o feminismo lésbico radical,

---

<sup>1</sup> Particularmente através de autoras como Simone de Beauvoir, Kate Millet, Ann Oakley e Gayle Rubin (CURIEL, 2018, p. 221).

que, desde o final dos anos 1970, oferece inflexível antagonismo à perspectiva trans e a seus sujeitos. Para este corpo teórico, as identidades transgênero – notadamente as mulheres transexuais – são retratadas como subprodutos de um sistema médico que opera (em ambos sentidos do termo) em nome do patriarcado; pessoas mentalmente doentes e/ou sem agência, que tão somente reverberam a opressão baseada no sistema sexo/gênero e buscam colonizar os corpos, as identidades e os espaços das mulheres<sup>2</sup>. As reações e contra-argumentações a essas perspectivas serão um trampolim para a construção e a evolução de teorias trans que posicionam essas identidades e esses indivíduos como legítimos, portadores de subjetividade, agência, resistência e voz. São indivíduos que compartilham com as feministas, de forma amplificada pelos preconceitos específicos que sofrem, as violências e discriminações de gênero sexistas contemporâneas, e que, portanto, buscam compreensão e acolhimento para formar alianças produtivas contra a opressão cissexista e cis-heteronormativa.

Os *transgender studies*<sup>3</sup> emergiram nos mesmos locais e período histórico em que se solidificaram as teorias *queer*: nos Estados Unidos e na Europa, a partir dos anos 1990. As relações entre esses campos de estudos oscilaram entre a influência mútua e a crítica aberta. Muitos dos autores ligados aos *trans studies* bebem da mesma fonte pós-estruturalista e dialogam com as mesmas culturas socioacadêmicas *queer*, mas também oferecem resistência a determinados enquadramentos – sejam eles disputas teóricas nos paradigmas de sexo e gênero, sejam representações transgênero enquanto mera ilustração de um argumento narrativo que ignora os efeitos reais dessas experiências. Os *trans studies* vão propor ao invés de um conhecimento *sobre*, um conhecimento *com* – que emerge de um diálogo que inclui as pessoas trans, que traz um tipo adicional de conhecimento experiencial ou corporificado, para além de seus conhecimentos formais (RADI, 2019, p. 48).

Ao longo deste capítulo, veremos como os *trans studies* se formaram, o que os diferencia de outras representees acadêmicas que abordam os mesmos sujeitos, e que contribuições epistemológicas se propõem a dar. Serão apresentadas também as principais características e referenciais teóricos que constituem esse campo de estudos, bem como o desenvolvimento dos paradigmas a respeito do gênero, a fim de observar seu entrelaçamento com o contexto histórico dos *trans studies* e os pontos de contato e fricção que os *trans studies* estabelecem com o feminismo e com as teorias *queer*. Buscamos, assim, compreender

---

<sup>2</sup> Estas caracterizações, que demonstramos de forma mais detalhada no subcapítulo 2.3, têm como referências os trabalhos de autoras como Mary Daly (1990 [1978]), Janice Raymond (1994 [1979]) e Bernice Hausman (1995).

<sup>3</sup> A fim de preservar a historicidade do termo, bem como o contexto em que opera, optamos por manter o nome do campo de estudos no original. Utilizamos *transgender studies* e *trans studies* de forma intercambiável, sendo a segunda uma forma mais casual de se referir ao campo (STRYKER; CURRAH, 2014, p. 17).

de que forma as identidades trans vêm sendo elaboradas no espaço acadêmico que os *trans studies* reivindicam. Mais adiante, no capítulo 3, observaremos as formas como esses movimentos teóricos são acionados ou rejeitados pelas narrativas pessoais encontradas nos fóruns de temática trans do *Reddit*. Aqui, iniciamos através de um breve histórico das definições identitárias “transexual” e “transgênero”.

Conforme Stryker (2017), o sexologista Magnus Hirschfeld foi responsável por definir e institucionalizar, no contexto médico, os termos *transvestite*<sup>4</sup>, em 1910, e “transexual espiritual”<sup>5</sup>, em 1923. Considerado um dos primeiros aliados e ativistas modernos das identidades divergentes de sexo e gênero, sua contribuição teórica está centralizada no conceito de “intermediários sexuais” – a perspectiva de que todo ser humano é representado por uma combinação única de traços sexuais primários, características sexuais secundárias, preferências eróticas, inclinações psicológicas e hábitos e práticas culturalmente adquiridos (STRYKER, 2017, l. 911). Hirschfeld estimou que existem mais de 43 milhões de combinações de características, ou seja, mais de 43 milhões de “tipos” (ou gêneros) humanos (STRYKER, 2017, l. 917).

Alheia às teorias de Hirschfeld, a forma como os casos gênero/sexo-divergentes seriam compreendidos na primeira metade do século XX continuaria o caminho proposto por Richard von Krafft-Ebing em *Psychopathia Sexualis*, publicado em 1886, que demonstra os desvios de sexo e gênero como psicoses e aberrações congênitas (STRYKER, 2017, l. 895). Somente a partir dos anos 1950 os termos relacionados ao tema evoluiriam, com a separação entre homossexual, *transvestite*, transexual e intersexo (então chamado de “hermafrodita”). “Transexual” ganharia popularidade quando a história de Christine Jorgensen, primeiro caso de redesignação sexual amplamente midiático nos Estados Unidos, ganhou destaque na imprensa daquele país em 1952<sup>6</sup>. Harry Benjamin, endocrinologista alemão radicado nos Estados Unidos e amigo de Magnus Hirschfeld, assumiu o tratamento clínico de Jorgensen – e, com a atenção dada à sua paciente, cresceu a popularidade profissional de Benjamin e seu protagonismo na área. Benjamin impulsionou o termo “transexual” como forma de

---

<sup>4</sup> Optamos por manter a palavra em língua inglesa para evitar confusão entre sua tradução imediata, *travesti*, e a acepção contemporânea deste termo no Brasil, que indica uma identidade específica. Atualmente, *transvestite* pode ser descrito como *crossdresser* – pessoa cisgênero que, ocasionalmente, usa a expressão do gênero oposto.

<sup>5</sup> *Seelischer transsexualismus*, ou *spiritual transsexualism*: indica possuir sentimentos, emoções ou sensibilidades estéticas geralmente atribuídas ao oposto binário do gênero designado no nascimento (STRYKER, 2017, l. 641).

<sup>6</sup> Primeira pessoa transexual a receber ampla cobertura jornalística nos EUA, Jorgensen foi matéria de capa do *New York Daily News* em 1952, ao retornar de sua cirurgia transgenital na Dinamarca. A visibilidade trazida pela atenção continuada da mídia, bem como a carreira artística de Jorgensen, firmou sua história como a principal narrativa das identidades transexuais nos EUA, e influenciou as discussões sobre os tratamentos médicos às pessoas trans (MEYEROWITZ, 2002; STRYKER, 2017).



distingui-lo de *transvestites*, termo que nomearia aqueles que não desejavam cirurgias de redesignação sexual. Ele definiria, mais tarde, as bases dos tratamentos médicos das pessoas trans, incluindo uma classificação tipológica onde apenas as candidatas classificadas como “transexuais verdadeiras” tinham franqueado o acesso à cirurgia. Seus protocolos clínicos, que se tornaram padrão durante duas décadas, afastaram as motivações parafilicas para o diagnóstico, e afirmavam que o tratamento deveria necessariamente contemplar alterações hormonais e cirúrgicas. De acordo com ele, “Psicoterapia com o intuito de curar transexualismo, para que o paciente se aceite como homem, é uma iniciativa inútil”<sup>7</sup> (BENJAMIN, 1999 [1966], p. 53, tradução nossa).

De fato, desde os primeiros casos, quando era compreendido como uma “bissexualidade”, em sentido anatômico, os médicos e pesquisadores tendiam a compreender o transexualismo como um caso intersexo (MEYEROWITZ, 2002, p. 101). A teoria lhes parecia apropriada como justificativa honrada, dentro do saber e do meio médico, para realizar tais estudos e procedimentos, e se tornou uma forma de viabilizar licenças médicas e fundos de pesquisa para uma prática que, de outra forma, seria vista como antiética (MEYEROWITZ, 2002, p. 123). Embora essa perspectiva não tenha se firmado, é interessante notar que alguns autores, como Diamond (2016) retomariam a teoria através de um enquadramento da transexualidade como condição intersexo cerebral.

O termo “transgênero” aparece pela primeira vez no domínio médico em 1965, em uma obra do psicólogo americano John Oliven. Na segunda edição de *Sexual Hygiene and Pathology*, Oliven propõe *transgenderism* (“transgenerismo”) como substituto a transexualismo, ao apontar que a sexualidade não é um fator principal no fenômeno<sup>8</sup>. A palavra, no entanto, não seria adotada imediatamente. A ativista Virginia Prince é reconhecida por, a partir de 1978, popularizar o termo *transgenderist* (“transgenerista”) – que evoluiria para “transgênero” – para designar pessoas trans que veem como facultativas ou não desejam cirurgias e/ou hormônios, mas vivem no sexo oposto ao designado no nascimento (EKINS; KING, 2006, p. 13). “Transgênero” seria reforçado mais tarde por Boswell (1991) e Feinberg (1992), entre outros, como um meio termo entre *transvestites*, que esporadicamente usam roupas do sexo oposto, sem desejo de abandonar a identidade original, e pessoas transexuais, que além de mudar de vida social e privada, realizam cirurgias e fazem terapia hormonal (MEYEROWITZ, 2002, p. 181).

<sup>7</sup> “Psychotherapy with the aim of curing transsexualism, so that the patient will accept himself as a man, it must be repeated here, is a useless undertaking with present available methods.”

<sup>8</sup> OLIVEN, John. *Sexual hygiene and pathology*. Philadelphia: Lippincott, 1965, p. 514.

Nos anos 1990, o termo “transgênero” assumiria o sentido como é conhecido hoje: um guarda-chuva para agregar as diversas identidades gênero-divergentes. Ekins e King (2006) apontam que, após um período inicial, nos anos 1980, quando essa acepção ganha espaço, é a partir de meados da década seguinte que uma nova teorização acerca de transgênero surge e se torna dominante. Nesse período, o guarda-chuva “estava agora sendo deliberadamente construído com abertura máxima à diversidade transgênero, e isso veio cada vez mais a ser ligado a uma conceitualização manifestamente transgressiva do termo”<sup>9</sup> (EKINS; KING, 2006, p. 20, tradução nossa). Conforme Serano (2016), essa abertura incluiu minorias sexuais e de gênero que haviam sido excluídas dos movimentos feminista e *gay*, mas, por outro lado, apaga as distinções entre os sujeitos. Ou seja, apesar de útil politicamente, “transgênero” é vago demais para indicar pontos em comum entre identidades, experiências e entendimentos das populações trans sob o guarda-chuva (SERANO, 2016, p. 25-26). O termo, no entanto, tornou-se mais que preferido, hegemônico. Stryker (2017) ressalta que “transgênero” veio a substituir “transexual”, que em muitos países é palavra considerada antiquada, relacionada às burocracias médico-legais que definem quem recebe ou não transição médica (STRYKER, 2017, l. 660). Mais do que termos identitários dinâmicos e flexíveis, “transgênero” e “transexual” vão configurar projetos políticos distintos nos *trans studies*.

## 2.1 Os *trans studies*

A constituição de um campo de saber voltado à compreensão dos corpos, das experiências e das subjetividades trans surgiu a partir de uma série de desenvolvimentos socioculturais e acadêmicos distintos. Entre eles, podemos apontar a) a crescente visibilidade dos indivíduos trans na sociedade, bem como sua busca por reconhecimento identitário, cidadania e dignidade; b) uma compreensão mais humanizada a respeito destes sujeitos, distanciando-se dos discursos médicos patologizantes que formam paradigmas e narrativas dominantes; c) a valorização dos relatos e das experiências das pessoas trans, em contraposição a enquadramentos das ciências sociais em que aparecem como exemplo teórico de transgressão das normas, isolados de suas vivências reais e de sua subjetividade; e d) o embate teórico contra feministas radicais, que negam a legitimidade das identidades transfemininas e as apontam como uma invasão dos espaços das mulheres a fim de reforçar a

---

<sup>9</sup> “The transgender umbrella was now being deliberately construed with an openness to maximum transgender diversity and this increasingly came to be linked to an overtly transgressive conceptualization of transgender.”

opressão patriarcal e a desigualdade de gênero. Assim, os *transgender studies* emergem a partir das contestações da normatividade de sexo e de gênero, investigadas através da teoria crítica, das epistemologias pós-estruturalistas e pós-modernas, e dos estudos culturais e decoloniais. Além disso, o campo é orientado pelo conjunto de críticas às práticas de dominação sociocultural que surgem do feminismo, das culturas *queer*, das comunidades étnicas, do ativismo; e, ainda, pelas vidas das próprias pessoas trans (STRYKER; CURRAH, 2014, p. 4).

Com múltiplos significados quando inserido nas diversas versões da sigla LGBTQ+, amplo e indefinido na forma reduzida como *trans studies*, o campo de estudos tem o nome oficial de *transgender studies*. Para a historiadora Susan Stryker, a escolha por “transgênero” se dá a partir da intenção de indicar uma grande variedade de efeitos corporais que rompem ou desnaturalizam a conexão heteronormativa entre anatomia no nascimento, gênero não-consensual designado, identificações psíquicas com imagens corporais sexuadas e/ou posições subjetivas de gênero, e a *performance* de funções sociais, sexuais e de afinidade especificamente generificadas (STRYKER, 1998, p. 149).

Antes de tornar-se um conceito guarda-chuva que indica a gênero-divergência em graus e formas diversas, o termo surgiu como ponto intermediário entre *transvestite* e transexual: se o primeiro significava usar ocasionalmente as roupas e os signos de outro gênero, e o segundo conota mudança definitiva da genitália, “transgênero” indicava mudar a percepção social do gênero através da manipulação de sinais não-genitais. Ou seja, “transgênero” era inicialmente uma categoria identitária que, a partir de movimentos de ativistas e acadêmicos como Feinberg (1992), torna-se uma inflexão particular de *queer* – um ideal de diversidade e inclusão dentro de um enquadramento das sexualidades marginalizadas (STRYKER, 1998, p. 153). Esta multipolaridade, explicitada na citação abaixo, insere o termo em um conjunto contraditório de significados associado tanto ao ativismo quanto à identidade e à academia: “transgênero” pode ser lido como um ideal utópico a ser almejado e um modo revolucionário de ação, mas também como reconhecimento de trajetórias individuais específicas.

Para algumas pessoas, [transgênero] marca as várias formas de cruzar o gênero; para outras, sinaliza formas de ocupar gêneros que perturbam o sistema binário. Para alguns, confere o reconhecimento necessário às reivindicações de direitos com base na identidade; para outros, é uma

ferramenta para explorar criticamente a distribuição da desigualdade<sup>10</sup> (STRYKER; CURRAH, 2014, p.1, tradução nossa).

Por definição, os *transgender studies* são um campo multidisciplinar que envolve diferentes tipos de textos (autobiografias, etnografias, artigos acadêmicos, reportagens jornalísticas, manifestos políticos e locais diversos da internet – *websites*, fóruns e redes sociais), em uma vasta gama de áreas de saber (como filosofia, história, sociologia, antropologia, ciência política, crítica literária, saúde, medicina social, direito e criminologia), e tratam basicamente de temas ligados a pessoas que podem ser compreendidas através da categoria transgênero (VALENTINE, 2007; VIDAL-ORTIZ, 2008). Marcado pela heterogeneidade de posições teóricas, os *trans studies* têm intersecção, em diferentes contextos, com a teoria *queer*, os estudos *gay* e lésbicos, os estudos feministas e os estudos de gênero (HALBERSTAM, 1998b; VALENTINE, 2007); no entanto, tomam posição crítica diante de alguns discursos teóricos objetificantes ou restritivos que retratam as identidades trans como um artefato cultural ou um dispositivo argumentativo. O primeiro caso pode ser exemplificado por narrativas que buscam aumentar a visibilidade desses sujeitos mas perpetuam estereótipos que homogeneizam a multiplicidade das experiências trans; o segundo, geralmente percebido em certos debates do feminismo radical, ao questionar se a variação de gênero interfere de forma significativa no regime normativo ou se os indivíduos trans meramente reafirmam o sistema binário (O'BRIEN, 2016, p. 323). Por ter ganhado popularidade no mesmo período em que o termo *queer* foi ressignificado, “transgênero” causa confusão entre suas distinções e similaridades. Valentine (2007) compreende, inclusive, que os *trans studies* podem ser caracterizados precisamente pelo desacordo acerca do que a palavra incorpora (VALENTINE, 2007, p. 147).

Para Stryker (1998), o fenômeno transgênero vivencia, testemunha e depõe sobre a fenda epistemológica<sup>11</sup> entre significantes de gênero e seus significados, desnaturalizando a realidade “normal” da modernidade ocidental – especificamente a ficção de um gênero unitário psicossocial com raiz na substância corpórea, o que gera ansiedade cultural e reelaboração semiótica (STRYKER, 1998, p. 147). Além da mudança na episteme, Stryker

---

<sup>10</sup> “For some, it marks various forms of gender crossing; for others, it signals ways of occupying genders that confound the gender binary. For some, it confers the recognition necessary for identity-based rights claims; for others, it is a tool to critically explore the distribution of inequality.”

<sup>11</sup> Para a autora, a crescente atenção acadêmica sobre o fenômeno transgênero está conectada ao interesse pela “condição pós-moderna” na segunda metade do século XX. Essa condição, para Stryker, se caracteriza pelo aprofundamento de uma crise da teoria empirista da representação, socialmente dominante, concebida como “a reprodução, para a subjetividade, de uma objetividade que está fora dela”. E, de forma concomitante, o surgimento de uma epistemologia não-referencial, ou pós-referencial, modelada pela performatividade de atos linguísticos (STRYKER, 1998, p. 146-147).

também aponta a ascensão da visibilidade e das condições de vida destes indivíduos, o que os estimula a participar destas discussões em contextos socioculturais diversos. Os *trans studies* configuram-se, então, promissores na oferta de novos *insights* sobre questões fundamentais acerca do sentido dos corpos e da constituição da personalidade humana.

Para a autora, os *trans studies* ainda devem observar a natureza das mudanças de paradigma em relação ao significado e às funções do gênero, verificar as novas formas sociais que daí emergem e reavaliar, à luz do fenômeno trans, as compreensões a respeito de gênero, sexo, sexualidade, corporalidades e identidade, em perspectivas críticas informadas por e em diálogo com as práticas trans (STRYKER, 2014, p. 5).

Como ponto de partida, afirma que, para a consolidação dos *trans studies*, é necessário ir além tanto dos discursos médico-jurídicos e de disforia de gênero quanto dos discursos morais do feminismo radical que, para a autora, se disfarçam de crítica objetiva enquanto julgam o que é verdade a respeito de identidades de gênero particulares. Além disso, Stryker afirma que o campo deve partir do reconhecimento explícito das pessoas trans como agentes buscando representação através de estratégias diversas ao invés de objetos passivos na representação dos discursos dominantes, que ignoram a vida desses indivíduos (STRYKER, 1998, p. 148).

Esta caracterização pode ser exemplificada em Namaste (2000), que contesta as ciências sociais ao propor que as vidas trans foram produzidas por modelos médico-psiquiátricos; ou seja, elaboradas a partir de um enquadramento construcionista, o que causa o apagamento das experiências reais destes sujeitos (O'BRIEN, 2016, p. 308).

Os *trans studies* partem da legitimidade das experiências e das vozes das pessoas trans enquanto sujeitos capazes de conhecer e produzir saber a respeito de si mesmos, em experiências que incluem elementos psicológicos, somáticos, bioneurológicos, biotecnológicos e interpessoais, canalizados através de sistemas sociopolíticos de significado e controle (O'BRIEN, 2016, p. 319). Parte fundamental do campo, os acadêmicos trans, ao mesmo tempo estudiosos e sujeitos em primeira pessoa do acontecimento transgênero contemporâneo, assumem voz desde suas posições que corporificam a diferença, formando “uma arena vicejante onde os pesquisados são, cada vez mais, os pesquisadores”<sup>12</sup> (O'BRIEN, 2016, p. 319, tradução nossa), dinâmica e em constante fluxo, que expande as formas tradicionais do saber acadêmico e destaca tanto as distintas vulnerabilidades quanto as possibilidades criativas destes indivíduos.

---

<sup>12</sup> “Contemporary transgender studies is a flourishing arena in which the researched are increasingly the researchers.”

Por valorizar as narrativas em primeira pessoa, as autobiografias de pessoas trans são consideradas essenciais na formação dos *transgender studies*, seja pela criação de espaços subjetivos alternativos ao discurso médico, seja em seu papel arqueológico acerca de temas como o sexo do gênero e a produção de sujeitos trans. Valentine (2007) afirma que os relatos publicados por pessoas que se identificavam com os rótulos de *transvestite* e transexual até os anos 1990 – notavelmente STAR, 1963; JORGENSEN, 2000 [1967]; MORRIS, 2002 [1974]; MARTINO, 1977; CONN, 1977 – situam-se no centro dos *trans studies*, uma vez que, historicamente, estas obras seriam uma das poucas maneiras de estes indivíduos se expressarem (VALENTINE, 2007, p. 148). Embora os relatos iniciais subscrevam um modelo branco e ocidental de performatividade de gênero, repliquem a visão masculina estereotipada sobre a constituição da mulher e reforcem o sistema binário oposicional de gênero (STONE, 2014, p. 6-9), as autobiografias, enquanto compartilhamento de experiências de vida, serviram inicialmente como forma de disseminar conhecimento e informar outros indivíduos isolados em situações e sentimentos semelhantes. Também foram instrumentais ao auxiliar antropólogos e sociólogos a reavaliarem suas pesquisas com estes sujeitos (VIDAL-ORTIZ, 2008, p. 439). Como indica Prosser (1998), a transexualidade é sempre um trabalho narrativo, uma transformação do corpo que requer a remodelagem da vida em uma forma narrativa particular (PROSSER, 1998, p. 4) e, acima de tudo, um reflexo da capacidade de representar a si mesmo (p. 134). De fato, o estilo autobiográfico mantém sua influência na atualidade, onde as autobiografias ainda são um veículo relevante na disseminação de experiências de vida gênero-divergentes (como por exemplo SCHULTZ, 2015; JENNINGS, 2016; MOCK, 2014; JENNER, 2017). O curioso nos *trans studies* é que nesse campo se consolidou a prática de mesclar teorias e debates acadêmicos ao relatos de experiências em primeira pessoa.

*The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*, de Sandy Stone (2014 [1991]), é considerado o marco inicial dos *trans studies* (STRYKER, 2014; BETTCHER, 2014a). Sua articulação das posições pós-transexuais como um conjunto de textos corporificados definiu o curso do campo de estudos com impacto singular entre os incipientes textos acadêmicos da sua época (STRYKER, 1998, p. 148). Partindo do histórico medicalizado das transexualidades, a proposta de Stone foi ressignificar o conceito dessas identidades restringidas pelos protocolos de transição de gênero – que exigiam o silêncio acerca de suas histórias pessoais como contrapartida aos procedimentos médico-legais responsáveis pelo seu bem-estar pessoal (STRYKER, 2014, p. 4) – e questionar as práticas discursivas coloniais das epistemologias da prática médica (branca e masculina) e do feminismo lésbico radical (RADI, 2019, p. 47).

Para Bettcher (2014a), o texto de Stone é influenciado de forma destacada por Donna Haraway (de quem Stone era orientanda de doutorado) e Gloria Anzaldúa. Haraway (1991) rejeita teorias políticas que postulam um estado original de inocência, a subsequente queda deste local e a existência de um futuro utópico que promete um retorno àquela inocência. Em oposição à utopia purificada, o *cyborg*, uma coleção de partes incongruentes, ao mesmo tempo opressor e oprimido, simboliza a resistência ao voltar-se contra as intenções de seu criador em um ambiente distópico. Assim, o corpo ciborgue não busca unidade identitária, mas representa a saída de um labirinto de dualismos – em experiência íntima com as margens, a construção e a desconstrução. “Da perspectiva dos ciborgues, livres da necessidade de basear a política em ‘nossas’ posições privilegiadas da opressão que incorpora todas as outras dominações, da inocência do meramente violado, e do território daqueles próximos à natureza, nós podemos ver possibilidades potentes”<sup>13</sup> (HARAWAY, 1991, p. 176, tradução nossa).

Essa rejeição de uma pureza também é central no trabalho de Anzaldúa (1987), que se posiciona em favor do conceito de uma raça mestiça, formada na confluência de culturas diversas, que leva à multiplicidade ou à fragmentação do *self*. Em Anzaldúa, é a capacidade de reconhecer a pluralidade deste *self* que permite a resistência, uma vez que a conscientização supera múltiplas formas de opressão (BETTCHER, 2014a).

O artigo-manifesto de Stone inicia pela análise de autobiografias de mulheres transexuais dos anos 1960 e 1970. A autora ressalta os vieses estereotipados da construção da feminilidade, as narrativas em que a cirurgia transgenital significava a mudança imediata do masculino para um feminino, e uma ênfase no modelo do “corpo errado”<sup>14</sup> como origem dos males da subjetividade (STONE, 2014, p. 8-9). Repassando os serviços médicos oferecidos às mulheres transexuais daquele mesmo período, a autora demonstra como não apenas estas mulheres, mas também os médicos responsáveis por pesquisar, diagnosticar, medicar e operar, seguiam parâmetros firmados na *performance* “correta” (ou seja, dentro dos estereótipos sexistas) do gênero. As candidatas selecionadas para a transição e “redesignação sexual” eram aquelas avaliadas como tendo maiores chances de apropriar-se dos signos do gênero desejado. As clínicas, além de receitar hormônios e preparar/realizar a cirurgia, ensinavam às candidatas como portarem-se adequadamente em sociedade – “um esforço para

---

<sup>13</sup> “From the perspective of cyborgs, freed of the need to ground politics in 'our' privileged position of the oppression that incorporates all other dominations, the innocence of the merely violated, the ground of those closer to nature, we can see powerful possibilities.”

<sup>14</sup> A narrativa do “corpo errado”, forma mais popular de compreender e retratar as experiências transexuais binárias, emerge da afirmação identitária “eu sou um homem/mulher que nasci no corpo errado”.

não apenas produzir fêmeas anatomicamente legíveis, mas mulheres, ou seja, fêmeas com gênero”<sup>15</sup> (STONE, 2014, p. 10, tradução nossa).

Stone indica ainda que o projeto médico da época – que buscava definir a disforia de gênero, uma taxonomia de sintomas, critérios para diferentes casos, procedimentos de avaliação e tratamentos confiáveis – fracassou porque o diagnóstico era baseado nas linhas-guia tipológicas estabelecidas por Harry Benjamin em *The Transsexual Phenomenon* (1966). O manual era lido tanto pelos médicos que o aplicavam como protocolo clínico quanto pelas mulheres transexuais candidatas ao tratamento. Informadas sobre os marcadores e características necessárias, meramente ofereciam pistas que já eram esperadas. Instruídas pelo manual de Benjamin a performar a narrativa sensorial de um corpo errado, da rejeição e ódio completo aos órgãos genitais de nascimento, da atração sexual por homens e da propensão à feminilidade estereotipada, as mulheres trans que procuravam tratamento burlavam os critérios diagnósticos para evitar a dúvida dos médicos e garantir o menor número de obstáculos possível à cirurgia transgenital (STONE, 2014, p. 11).

Stone aponta que a construção da transexualidade através do saber médico apresenta diversas características comuns ao discurso colonial: o fascínio inicial com o exótico – mesmo entre aqueles que fazem o papel de investigadores profissionais –, a negação da subjetividade, a falta de acesso ao discurso dominante, a oferta de algum tipo de rito ou tecnologia de reabilitação do nativo. Para a autora, construir uma história (seja ela autobiográfica, acadêmica ou clínica) é, em parte, um esforço para fundamentar uma narrativa em algum tipo de inevitabilidade natural: corpos como telas, onde são projetadas as colônias temporárias que emergem dos embates entre crenças e práticas das comunidades médicas e acadêmicas – ou seja, em arenas muito distantes dos corpos que recebem estas disputas e significações (STONE, 2014, p. 12). Esses assentamentos, na visão de Stone, procuram conquistar uma posição de destaque, em caráter profundamente moral, para firmar a explicação decisiva sobre os acionamentos do gênero – em atos onde a cultura subjuga e se sobrepõe à subjetividade das pessoas transexuais.

Como os homens teorizando sobre mulheres desde o início dos tempos, teóricos do gênero têm visto as pessoas transexuais como desprovidas de agência. Assim como ocorre às mulheres genéticas<sup>16</sup>, mulheres transexuais

<sup>15</sup> “Their involvement with the grooming clinics was an effort to produce not simply anatomically legible females, but women... i.e., gendered females.”

<sup>16</sup> “Homem genético/mulher genética” eram formas de representação das pessoas cisgênero antes da popularização desse termo. Hoje a expressão é considerada problemática, principalmente a partir do ativismo intersexo e seus sujeitos, ao demonstrar que cromossomos não são indicadores incontestáveis de uma identidade.



são infantilizadas, consideradas muito ilógicas ou irresponsáveis para atingir uma subjetividade verdadeira, ou clinicamente apagadas pelos critérios diagnósticos; ou então, como elaborado por algumas teóricas feministas radicais, são vistas como robôs de um patriarcado insidioso e ameaçador, um exército estrangeiro projetado e construído para infiltrar, perverter e destruir as mulheres “verdadeiras”. Também nesta concepção, as pessoas transexuais têm sido resolutamente cúmplices ao falharem em desenvolver um contradiscurso eficaz<sup>17</sup> (STONE, 2014, p. 13, tradução nossa).

Definindo as críticas centrais que formariam o cerne dos *trans studies* nos anos seguintes, Stone acusa as epistemologias da prática médica masculina e branca, o ódio das teorias feministas radicais, e o caos da experiência de vida generificada, de usarem o corpo transexual como campo de batalha. As pessoas trans, por sua vez, não conseguem criar contradiscursos efetivos porque estão programadas para desaparecer – para apagarem a si mesmas na construção de uma corporificação e de uma narrativa que lhes torne invisíveis em meio à população “normal” tão cedo quanto possível (STONE, 2014, p. 13).

A autora se posiciona de forma crítica diante da narrativa do “corpo errado”, que normaliza, posiciona e reflete a existência de um “corpo certo”: um mito binário, unívoco e falocêntrico a serviço da diferenciação de gênero. Ao invés do corpo errado, Stone afirma a necessidade de uma linguagem analítica profunda, própria à teoria transexual, que permita contradições, ambiguidades e polifonias capazes de enriquecer as teorias feministas (STONE, 2014 p. 15). Uma estratégia de possível descolonização, para a autora, parte do conceito de inteligibilidade cultural proposto por Judith Butler (2002 [1990]): capturar a violência textual inscrita no corpo transexual para transformá-la em uma força reconstrutiva.

No entanto, Stone alerta que conquistar representação partindo de dentro do enquadramento tradicional de gênero é compactuar com o discurso que se deseja desconstruir. Ela sugere constituir as pessoas transexuais não como uma classe, mas como uma categoria<sup>18</sup>: um conjunto de textos corporificados, com potência para a disrupção produtiva de sexualidades estruturadas, e para a exploração do desejo (STONE, 2014, p. 14). A *queerificação* do gênero proposta por Stone projeta a experiência interna por sobre o corpo: mais do que transexualidade, uma *trans-subjetividade*, onde o corpo é instrumento de

---

<sup>17</sup> “As with males theorizing about women from the beginning of time, theorists of gender have seen transsexuals as possessing something less than agency. As with genetic women, transsexuals are infantilized, considered too illogical or irresponsible to achieve true subjectivity, or clinically erased by diagnostic criteria; or else, as constructed by some radical feminist theorists, as robots of an insidious and menacing patriarchy, an alien army designed and constructed to infiltrate, pervert and destroy "true" women. In this construction as well, the transsexuals have been resolutely complicit by failing to develop an effective counterdiscourse.”

<sup>18</sup> No original, *genre*, ao invés de *gender*; no sentido de um sistema de categorização.

envolvimento com os outros, um local para o jogo da linguagem e um gerador de trocas simbólicas (STRYKER, 2017, l. 2318).

Para viabilizar essa empreitada, Stone conclama as pessoas transexuais a tornarem-se visíveis, abandonando a *performance* de “passar por” cisgênero – rejeitando esse efeito de ocultar a gênero-divergência em nome da assimilação social. Para a autora, “passar” apaga a experiência vivida antes da transição, impossibilita relacionamentos sinceros, e impede uma vida alicerçada nas possibilidades intertextuais físicas e subjetivas do corpo transexual (STONE, 2014, p. 14). Emergir da invisibilidade e adquirir voz permitiria, então, expressar e sedimentar a perspectiva de que o gênero é uma rica e complexa estruturação de identidade e desejo – ou seja, mais diverso do que a naturalização normativa dá a perceber (STONE, 2014, p. 15).

No entanto, Stone não ignora que “passar” é um objetivo real e potente: “Eu não poderia pedir nada mais inconcebível a uma pessoa transexual do que abrir mão de passar, de ser conscientemente ‘lido’, de ler-se em voz alta”<sup>19</sup> (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa). Na visão da autora, é essa inquietante e produtiva leitura que permite escrever a si mesmo nos discursos onde se foi inscrito, e efetivamente, tornar-se pós-transexual.

Em essência, eu estou rearticulando um chamado por solidariedade que foi desenvolvido por *gays*, lésbicas e pessoas de cor. A comparação vai mais além. Desconstruir a necessidade de ‘passar por’ implica que pessoas transexuais devem tomar a responsabilidade por toda a sua história, e começar a rearticular suas vidas não como uma série de apagamentos a serviço de uma espécie de feminismo tradicional, mas como uma ação política que tem início na reapropriação da diferença e na retomada do poder do corpo reconfigurado e reinscrito. As disrupções de antigos padrões de desejo implicadas pelas dissonâncias múltiplas do corpo transexual produzem não uma alteridade irreduzível, mas uma miríade de alteridades cujas justaposições inesperadas contêm o que Donna Haraway chamou de promessa de monstros: fisicalidades de uma figura em constante mudança, e um campo que excede o enquadramento de qualquer representação possível<sup>20</sup> (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa).

---

<sup>19</sup> “I could not ask a transsexual for anything more inconceivable than to forgo passing, to be consciously “read”, to read oneself aloud (...).”

<sup>20</sup> “Essentially I am rearticulating one of the arguments for solidarity which has been developed by gays, lesbians and people of color. The comparison extends further. To deconstruct the necessity for passing implies that transsexuals must take responsibility for all of their history, to begin to rearticulate their lives not as a series of erasures in the service of a species of feminism conceived from within a traditional frame, but as a political action begun by reappropriating difference and reclaiming the power of the refigured and reinscribed body. The disruptions of the old patterns of desire that the multiple dissonances of the transsexual body imply produce not an irreducible alterity but a myriad of alterities, whose unanticipated juxtapositions hold what Donna Haraway has called the promises of monsters-- physicalities of constantly shifting figure and ground that exceed the frame of any possible representation.”

A solidificação da identidade transgênero que emergiu nos anos 1990, a partir de reações à medicalização compulsória das pessoas transexuais, como as de Stone, caminhou em conjunto, inspirou e fortaleceu os *trans studies* emergentes. Embora já fosse uma prática, a crescente consciência coletiva e a ação dos ativismos permitiu o embate contra o tabu das mulheres com pênis e dos homens com vagina em sua busca de legitimidade identitária. Junto a esses deslocamentos discursivos e somáticos surgiram novas narrativas, como as de pessoas transexuais que, apesar de terem feito a transição completa, incluindo cirurgia transgenital, repelem uma posição binária como finalidade.

*Gender Outlaw* (1994), de Kate Bornstein, é considerada a primeira autobiografia pós-transexual a impulsionar esse modelo: “Bornstein, mais do que narrar sua vida transexual, a performa como uma artista, atuando suas partes sem integrá-las a uma identidade de gênero singular e estável”<sup>21</sup> (PROSSER, 1998, p. 175, tradução nossa). Apesar de partir de uma identidade transexual lésbica, Bornstein afirma que não é “nem homem nem mulher”, e, a partir da transição de gênero de sua companheira, não é “nem hetero nem gay”<sup>22</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 4, tradução nossa). A autora subscreve certos conceitos do feminismo, percebendo o gênero como operador de um sistema classista através da cultura, e sua polarização binária como instrumental às estruturas de poder hegemônicas do sexismo. Uma sociedade livre das limitações que o gênero não consensual impõe seria, então, uma estratégia para dirimir o privilégio masculino – que define formas de violência implícita (na dominação sobre os outros gêneros) e explícita (através de atos como o estupro, o assédio sexual e a guerra) (BORNSTEIN, 1994, p. 108). Tal privilégio, para Bornstein, é colocado em ação não só pelos homens, mas pelo todo da sociedade, que usa a performatividade de gênero como barreira à possibilidade das expressões subjetivas pessoais emergirem; ou seja, o sistema de gênero contemporâneo tem alto grau de dependência à concordância geral de que ele é inflexível (BORNSTEIN, 1994, p. 121).

Nos anos 1980, havia muitas teorias sobre vícios e codependência. A maioria delas concordava que somos viciados em alguma coisa para evitar ou negar outra coisa. *Workaholics* trabalham, alcoolistas bebem, e viciados em sexo trepam. Eu olho para o gênero na mesma luz: é algo que fazemos para evitar ou negar nossa autoexpressão completa. As pessoas, creio eu,

---

<sup>21</sup> “Bornstein doesn't so much narrativize her transsexual life as (a performance artist) she performs it, acting out - without integrating into a singular stable gendered identity - its parts.”

<sup>22</sup> “I identify as neither male nor female, and now that my lover is going through his gender change, it turns out I'm neither straight nor gay.”

atuam o gênero constantemente – há regras de como fazer isso<sup>23</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 45, tradução nossa).

Embora muitas de suas visões sobre gênero estivessem alinhadas à teoria *queer*, então em formação, Bornstein evita a androginia como um espaço ideal e utópico a ser desejado. Para a autora, esta assume a existência de um espectro fixo, ordenado por opostos binários homem/mulher, como referência para situar-se – onde opera para manter a binaridade em funcionamento hegemônico. O ideal de fluidez de gênero, para Bornstein, inclui tonalidades múltiplas que excedem um sistema bidimensional, um movimento que não parte de categorias corporificadas, mas de uma posição *genderless* (sem gênero) onde identidade não é algo que temos, mas que somos, em constante movimento (BORNSTEIN, 1994, p. 115-118). É a partir desse referencial que a autora ressignifica e ocupa o conceito de identidade transexual: uma pessoa cuja performance de gênero questiona o construto do gênero em si (BORNSTEIN, 1994, p. 121). Esta formulação, no entanto, prosseguiria relacionada às formas mais livres do termo “transgênero”, enquanto “transexual” manteve-se fixo como sinônimo de binaridade, disforia/medicalização e opção pela cirurgia transgenital. Nos conceitos subjacentes ao público dos fóruns de temática trans do *Reddit*<sup>24</sup>, o ideal de Bornstein teria representação nas identidades não-binárias, particularmente agênero e *genderqueer* que, desde sua posição ontológica, rejeitam a conexão com o espectro binário de gênero.

O termo “transgênero” apresenta potencial unificador no que tange a um projeto político que busca a legitimidade e os direitos das pessoas trans, mas também é problematizado por colonizar e obscurecer outras identidades gênero-divergentes e suas particularidades. Nesse sentido, alguns autores propõem modelos alternativos de representação das pessoas trans. Dave King e Richard Ekins (2006), por exemplo, propõem um modelo que estabelece quatro movimentos distintos. Essas narrativas buscam contribuir com uma epistemologia mais abrangente, precisa, e que abarca um número maior de experiências de vida trans. Para os autores, as diversas transições de gênero correspondem a quatro processos básicos de elaboração:

---

<sup>23</sup> “In the '80s, there were a lot of theories about addiction and co-dependence. Most of these agreed on the point that we get addicted to some thing in order to avoid or deny some other thing. Workaholics work, alcoholics drink, and sexaholics fuck. I look at gender in the same light: it's something we do to avoid or deny our full self-expression. People, I believe, compulsively act out gender—there actually are rules on how to do this.”

<sup>24</sup> O campo de estudos etnográfico desta pesquisa será desenvolvido no capítulo 3.

1. Migração: o processo social, médico ou não, que envolve cruzar de um lado da fronteira do gênero ao outro, de forma permanente. É encontrado em experiências e identidades binárias, como transexual e transgênero.
2. Oscilação: mover-se através das fronteiras do gênero, parando apenas temporariamente em um lado ou em outro. Indica as pessoas para quem o gênero é um fluxo que deve ser experienciado sem amarras à expressão de si, mais frequentes nas identidades não-binárias como gênero-fluido ou bigênero.
3. Negação: a “des-generificação” dos que buscam nulificar a masculinidade e/ou a feminilidade, negando para si a divisão binária do gênero, ou mesmo sua existência nos parâmetros estabelecidos. Propõe narrativa que se adequa às pessoas não-binárias, agênero.
4. Transcendência: implica estar “cheio de gênero”, ir “além do gênero”, entrar em um terceiro espaço, e assim por diante. O fluxo do gênero pode tanto expandir quanto rejeitar os polos binários, percebido respectivamente em pessoas terceiro-gênero e não-binárias *genderqueer*.

Tal caracterização, embora atraente por oferecer ao mesmo tempo abrangência e granularidade, também é passível de crítica. No contexto brasileiro, por exemplo, a identidade travesti poderia conter todos os movimentos ao mesmo tempo. Podemos compreender a narrativa travesti como migração (travesti não é um ato, mas uma identidade), como oscilação (uma vez que estes corpos recusam-se a ser capturados em representações fixas de gênero e sexualidade), como negação (afirmando que sua identidade possui características próprias, não encontradas no sistema binário) e como transcendência (a identidade travesti provoca um terceiro gênero que ao mesmo tempo reproduz e desestabiliza as construções típicas de sexo/gênero). Embora seja necessário ressaltar que a identificação com determinadas narrativas é um pressuposto de cada indivíduo e que não pretendemos, com esta análise, definir de forma rígida a identidade travesti. O exercício teórico demonstra que o modelo, em sua proposta de caracterização universal, pode ser debatido.

Não obstante, Ekins e King (2006) também delineiam cinco subprocessos principais, não excludentes entre si, que são utilizados por pessoas trans em sua transição, e são formadores de sua experiência e identidade:

1. Apagar: eliminar os aspectos de masculinidade ou feminilidade não desejados. Inclui modificações corporais como a remoção de pelos faciais com *laser* e cirurgias

de mastectomia. Também indica processos pessoais e sociais como destruir fotografias pré-transição.

2. Substituir: trocar partes do corpo, identidade, vestimentas, postura, gestual, padrões de fala associados a um gênero por aqueles associados ao outro. Indica, em geral, a troca de signos relativos a determinado sexo/gênero por seu oposto.

3. Esconder: mascarar fatores que conflitem com a demonstração de gênero tencionada. Isso inclui esconder partes do corpo – com *binders* que achatam o contorno dos seios ou o *tucking* que obscurece o volume do pênis – e também acobertar detalhes da biografia pregressa à transição.

4. Implicar: transmitir a ideia de gênero através do corpo, como nos exemplos de *packers* e próteses externas nos seios ou no quadril.

5. Redefinir: ressubjetificação de partes do corpo através da linguagem. É percebido, por exemplo, em mulheres trans que chamam seu pênis de “clitóris aumentado” ou “pênis feminino”, e preferem “pelos faciais” a termos como “barba” ou “bigode”.

Para Ekins e King (2006) tais dispositivos são implementados como formas de possibilitar a produção de experiências gênero-diversas necessárias a seus sujeitos, sem que um modo tenha prevalência moral ou ética sobre os outros. Os autores notam que, falando a partir de uma perspectiva cisgênero, masculina e do campo da sociologia, buscaram cautela e o uso de um estilo descritivo, que evita comparações que gerem hierarquias de valor. Um viés bastante distinto foi descrito por Aaron Devor (2004) ao propor um sistema de catorze estágios na formação da identidade transgênero. Este modelo, meticuloso ao detalhar as nuances das várias etapas do processo de subjetivação da identidade trans, apresenta uma narrativa vertical, linear, e que sugere uma evolução, como vemos no quadro a seguir:

**Quadro 1** - Estágios da formação da identidade transexual ou transgênero

Estágio	Algumas características	Algumas ações
1) Ansiedade persistente	Desconforto com o sexo e gênero, sem foco evidente.	Preferência por companhia e atividades com pessoas do outro gênero.
2) Confusão identitária sobre o gênero e sexo originais	Primeiras dúvidas sobre a adequação do sexo e gênero designados no nascimento.	Atividades reativas em conformidade com o sexo e gênero originais.
3) Comparações de si com o gênero e sexo originais	Procurar e avaliar identidades de gênero alternativas.	Experimentação com identidades de gênero alternativas.

4) Descoberta dos fenômenos transgênero e transexual	Descobrir que os fenômenos existem.	Contato acidental com informações sobre o tema.
5) Confusão identitária sobre ser trans	Primeiras dúvidas sobre a autenticidade da própria identidade trans.	Buscar mais informações sobre o tema.
6) Comparações de si com a identidade trans	Teste da identidade trans em grupos de referência.	Início da desidentificação com o gênero e sexo originais, e da identificação como trans.
7) Tolerância da identidade trans	Identificação como provável pessoa trans.	Aumento da desidentificação com o gênero e o sexo originais.
8) Pausa antes da aceitação da identidade trans	Espera por mudanças de cenário. Busca de confirmação da identidade.	Procurar mais informações sobre o tema. Averiguar potenciais reações em pessoas próximas.
9) Aceitação da identidade trans	Identidade trans estabelecida.	Sair do armário.
10) Pausa antes da transição	Aprofundamento da identidade trans. Desidentificação final do gênero e sexo originais.	Aprender como fazer a transição. Guardar dinheiro. Organizar sistemas de apoio.
11) Transição	Mudar gênero(s) e sexo(s).	Redesignações de gênero e sexo.
12) Aceitação das identidades sexuais e de gênero pós-transição	Identidade pós-transição estabelecida.	Vivência bem-sucedida no pós-transição.
13) Integração	Transexualidade majoritariamente invisível.	Gerenciamento de estigmas. Integração da identidade.
14) Orgulho	Abertamente trans.	Ativismo trans.

Fonte: DEVOR, 2004. Tradução nossa.

No modelo de Devor, as negociações subjetivas a respeito da identidade recebem destaque, sendo divididas com bastante granularidade e demonstradas através de exemplos de ações comuns às trajetórias dos sujeitos trans. O autor lembra que, a qualquer momento, uma pessoa pode concluir que, por desejo ou circunstâncias, a melhor maneira de viver é parar em um determinado estágio e não ir mais além. Da mesma forma, ressalta que se trata de um modelo geral que demonstra um caminho possível e frequente, mas que não implica exclusividade com relação a outras narrativas (DEVOR, 2004, p. 44). De fato, percebemos o sistema de Devor como integrante ao modelo geral de Ekins e King (2006).

Embora descrever o processo com bases em desconforto, descoberta, aceitação, transição e pós-transição de gênero seja, em diversos contextos, um caminho lógico, a narrativa também propõe um olhar bastante restritivo sobre as formas de existência das identidades trans – em que pesem as considerações do autor sobre a circunscrição do trabalho. Também é questionável o orgulho (estágio 14) vindo após a integração (estágio 13).

Devor explica que uma vida trans com amor-próprio e honradez ética precisa, necessariamente, estar ligada de forma ativa a um projeto de mobilização política. Sua proposta epistemológica, então, alinha-se ao chamamento por visibilidade que ecoa desde Sandy Stone (2014) e dos ativismos *gay*/lésbico, mas também gera uma hierarquia em que o último estágio apresenta-se como a forma ideal e acabada de uma identidade trans. Tal posição é contestada desde autores como Prosser (1998), para quem a visibilidade nem sempre é desejada, segura ou atingível. Como veremos no capítulo 3, essa visão também é problematizada por parte do público que frequenta os fóruns de temática trans do *Reddit*.

Por fim, para compreender o crescimento dos *trans studies*, é preciso destacar que parte de sua disseminação e desenvolvimento deve-se ao surgimento, nos Estados Unidos e na Europa, de publicações científicas multidisciplinares, com foco no fenômeno transgênero e suas identidades. O primeiro deles, o *International Journal of Transgender Health*, foi fundado em 1997 com o nome de *The International Journal of Transgenderism* e tem como foco a endocrinologia, a cirurgia, a psiquiatria, a psicologia e outras áreas relacionadas ao campo da saúde. Outros periódicos científicos passaram, nessa mesma época, a trazer artigos e ensaios sobre temas transgênero, como as revistas *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*; *Social Text*; *Journal of Gender Studies*; *WSQ: Women's Studies Quarterly*; e *Sexualities* (STRYKER, 1998, p. 146). Em 2014, foi fundada a *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, primeira revista acadêmica fora do saber médico inteiramente dedicada aos *trans studies*<sup>25</sup>. Central ao desenvolvimento recente do campo de estudos, a *TSQ* afirma como sua missão publicar trabalhos interdisciplinares que explorem a diversidade de gênero, sexo, sexualidade e as identidades e corporalidades em formas que não foram adequadamente abordadas pela academia *queer* e feminista. Também divulga pesquisas inovadoras que contestem a objetificação, a patologização e a exotização das vidas trans. Formulada em edições temáticas, que dão visibilidade e fomentam pautas diversas dos *trans studies*, a revista busca investigar de que maneiras o fenômeno transgênero se projeta como uma categoria, um processo, uma colagem social, uma identidade inteligível, uma ameaça à normatividade de gênero e uma chancela para compreender a variabilidade de gênero através do tempo, do espaço e das culturas. Alguns tópicos incluem a produção cultural das comunidades trans, a análise crítica de estudos acerca dessas populações, a biopolítica transgênero e os problemas de tradução de conceitos e práticas de gênero através de comunidades linguísticas diversas. No quadro abaixo, descrevemos os títulos (e os temas,

---

<sup>25</sup> As informações a respeito da *TSQ* foram retiradas do *website* da revista. TRANSGENDER Studies Quarterly. Disponível em <<https://read.dukeupress.edu/tsq>>. Acesso em: 10 set. 2020.



quando necessário) das edições da *TSQ* até o presente, uma vez que os assuntos demonstram algumas das interfaces relevantes aos *trans studies*:

**Quadro 2** - Temas dos dossiês da revista acadêmica *Transgender Studies Quarterly*

Ano	Volume e edição	Título/tema
2014	v. 1, n. 1-2	Pós-pós-transsexual (minienciclopédia de verbetes associados ao campo dos <i>trans studies</i> )
2014	v.1, n. 3	Descolonizando o imaginário transgênero (identidades transgênero no Terceiro Mundo e em sociedades nativas/indígenas)
2014	v.1, n. 4	Produção cultural trans
2015	v. 2, n. 1	Contando transgêneros (formações da identidade trans)
2015	v. 2, n. 2	Tranimalidades (pós-humanismo e identidades trans)
2015	v. 2, n. 3	Pedagogias transformativas (educação inclusiva a pessoas trans)
2015	v. 2, n. 4	Arquivos e arquivagens trans (políticas de produção do conhecimento)
2016	v. 3, n. 1-2	Transfeminismos
2016	v. 3, n. 3-4	Traduzindo transgênero (linguística, linguagem e identidades trans ao redor do mundo)
2017	v. 4, n. 1	Economia trans-política
2017	v. 4, n. 2	Pessoas negras trans
2017	v. 4, n. 3-4	Psicanálises trans
2018	v. 5, n. 1	(edição aberta, sem tema)
2018	v. 5, n. 2	Cirurgias trans
2018	v. 5, n. 3	Pessoas trans na Ásia
2018	v. 5, n. 4	Trans-historicidades (identidades trans na história e em culturas diversas)
2019	v. 6, n. 1	(edição aberta, sem tema)
2019	v. 6, n. 2	<i>Trans studies</i> na América Latina
2019	v. 6, n. 3	Religião e identidades trans
2019	v. 6, n. 4	Futuros trans
2020	v. 7, n. 1	(edição aberta, sem tema)
2020	v. 7, n. 2	Pornografia trans
2021 (CFP <sup>26</sup> )	v. 8, n. 2	<i>The Europa Issue</i> ( <i>trans studies</i> na Europa)

<sup>26</sup> CFP: *Call for Papers*, ou chamada de submissões, para as edições futuras.

2021 (CFP)	v. 8, n. 3	(edição aberta, sem tema)
2021 (CFP)	v. 8, n. 4	<i>The Transvestite/Transsexual Issue</i> (dicotomias travesti/transsexual)

**Fonte:** elaboração própria com dados retirados da página *web* da revista. Disponível em <<https://read.dukeupress.edu/tsq>> e <<https://lgbt.arizona.edu/transgender-studies-quarterly>>. Acesso em: 30 set. 2020. Tradução nossa.

Como se pode notar, os artigos publicados na *TSQ* apresentam chamadas que buscam investigar e descrever as problemáticas das identidades, das linguagens, das etnias e culturas menos visíveis nos discursos dominantes, e outros temas afins como economia, psicanálise, religião e pornografia. A publicação parece atenta ao potencial colonizador do campo de estudos: seis de suas 22 edições tratam do tema de forma direta, seja explorando identidades gênero-divergentes em países fora do eixo EUA-Europa, abordando tensões entre linguagem, tipologias e taxonomias, ou buscando retratar panoramas etnoculturais e socioculturais específicos. Desta forma, nos alinhamos a autores que alertam para a necessidade da contínua discussão interna sobre os riscos do projeto acadêmico institucional dos *trans studies* (como STRYKER; 2017 [2007] e VALENTINE; 2007), uma vez que os contextos sociais e intelectuais em que se originam não comportam, em seu todo, a diversidade de experiências, vivências e significações de pessoas trans ao redor do mundo. No entanto, sendo um projeto acadêmico, percebemos a vantagem desse risco ser considerado e problematizado. Além disso, entendemos que a atenção contínua a esse risco colonizador contém em si a possibilidade de ampliar o campo, sua relevância, suas alianças e sua potência transformadora. Se abordar e dar suporte ao todo das pluralidades culturais das identidades transgênero é uma tarefa complexa, é também essencial para que os ideais de inclusividade e representatividade não-hegemônica dos *trans studies* se concretizem.

Neste subcapítulo, observamos brevemente como a formação dos *trans studies* é marcada por atravessamentos da medicina, do feminismo e das teorias *queer*, bem como das evoluções do conceito de gênero. A seguir, examinaremos esses cruzamentos a fim de observar as influências, os diálogos, as coalizões e os embates que foram (e são) parte constitutiva do campo de estudos.

## 2.2 Fluxos do conceito de gênero

Com a publicação do artigo *The Traffic in Women: Notes on the “Political Economy” of Sex*<sup>27</sup>(1975), Gayle Rubin passou a exercer grande influência sobre os estudos críticos *queer* ao delinear as bases teóricas de um sistema sexo/gênero que opera de forma hierarquizante como um conjunto de arranjos através do qual a sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos de atividade humana e onde essas necessidades sexuais transformadas são satisfeitas (RUBIN, 1975, p. 159). Para a autora, sexo é um produto social que compreende identidade de gênero, desejo e fantasias sexuais e conceitos de infância (RUBIN, 1975, p. 166). Ele precisa ser visto como parte de um complexo sistema sócio-histórico para que possa ser identificado, analisado e combatido, a partir do reconhecimento da interdependência mútua entre sexualidade, economia e política (RUBIN, 1975, p. 210). Rubin define o sistema sexo/gênero como uma alternativa a “patriarcado”, percebendo em sua proposta um termo neutro que se refere ao domínio e indica que a opressão não é inevitável nesse domínio, sendo antes produto das relações sociais específicas que o organizam (RUBIN, 1975, p. 168).

Como aponta Christine Delphy (2018 [1991]), a naturalização do sexo como categoria essencial ocorre através de uma quase-tautologia: é considerado como o que vem primeiro cronologicamente (ou seja, *lógico* através do tempo), e isso seria justificativa final e suficiente – numa imposição que produz uma teoria onde o sexo determina ou explica o gênero (DELPHY, 2018, p. 202). No entanto, de acordo com a autora, é mais funcional a noção de que é o gênero que precede o sexo, sendo este último tão somente inserido como um signo a favor de uma determinada hierarquia social. Para Delphy, o pressuposto da antecedência do sexo sobre o gênero é historicamente explicável, mas não teoricamente justificável, e tal fato surge como um empecilho construído para que não seja possível pensar ou criticar o gênero. Essa perspectiva, que emerge do feminismo materialista e encontra o cenário em ebulição da teoria *queer*, não representa um olhar isolado: de fato, seguiu uma linha de fuga nas investigações sobre o conceito de gênero desde sua criação, no final dos anos 1950.

Cucchiari (1981) aponta, na pré-história, uma versão do humano que pode ser considerada pré-gênero. Para o autor, essa sociedade era formada por “hordas bissexuais” onde a alocação de tarefas era fluida, diferenças anatômicas pouco importavam e relações sexuais não criavam identidade, participação em grupos ou laços (LORBER, 1994, p. 133). Para o autor, a primeira revolução do gênero ocorreu no Paleolítico Superior (35.000 a 12.000

---

<sup>27</sup> “Tráfico de mulheres: notas sobre a economia política do sexo”. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

a.C.), a partir da compreensão do papel exclusivo das “proto-mulheres” em conceber e amamentar. A distinção da função reprodutiva levou à sacralização dessas pessoas e constituiu o *status* de “mulher”, dando sentido simbólico à diferenciação anatômica e à procriação, e se tornando parte da cultura como gênero (CUCCHIARI, 1981, p. 52). Ao analisar as pinturas rupestres desse período, Cucchiari percebe um sistema avançado de hierarquia: “[...] o sistema é inconfundivelmente assimétrico (...) a impressão geral é de confinamento, neutralização, ou controle da feminilidade”<sup>28</sup> (CUCCHIARI, 1981, p. 65, tradução nossa). Em sua visão, o gênero é a natureza humana, para além de uma natureza humana. Como na visão do historiador Thomas Laqueur, “quase tudo que se queira dizer sobre sexo – de qualquer forma que o sexo seja compreendido – já contém em si uma reivindicação sobre o gênero” (LAQUEUR, 2001, p. 23, grifo no original). Para Laqueur, no entanto, o sexo pode ser explicado apenas em um contexto de luta sobre poder, e sua história foi criada sem categorias sexuais dimórficas fixas, estáveis e coerentes. O autor ressalta que a noção de uma corporeidade que define o homem em oposição à mulher, consequentemente justificando uma atração entre opostos, não é encontrada na medicina clássica ou renascentista. No contexto “de tradições milenares da medicina ocidental, a genitália passou a ser importante como marca da oposição sexual somente na semana passada” (LAQUEUR, 2001, p. 33). Apesar disso, a ligação entre sexo e gênero resiste à desvinculação de sua naturalidade. Como analisa Delphy, não se pode dizer que o alinhamento de ambos seja aleatório, pois observamos “uma distribuição onde a coincidência entre o sexo dito biológico e o gênero é ‘significativa’: ela é mais forte do que qualquer correlação que pudesse ser atribuída ao acaso” (DELPHY, 2018, p. 205).

Se determinados autores complexificam a relação entre sexo, gênero, biologia, sociedade, poder e cultura, é em parte como reação a um dado histórico bastante distinto – o de que o gênero, em relação ao sexo, possui níveis e áreas diferentes de ação, todas criadas pelo homem. Nesse contexto, Cucchiari lembra que embriões e fetos humanos são originalmente bipotenciais, e que a ciência define dois processos ou ciclos de desenvolvimento possíveis, definidos a partir de cinco áreas fisiológicas: genética (cromossomos), hormônios, gônadas, órgãos reprodutivos internos e genitália externa (CUCCHIARI, 1981, p. 33). Chamar essas áreas de sexo, hierarquizá-las, dar a elas funções sociais e pintá-las com as cores da cultura, no entanto, pouco ou nada tem a ver com a biologia.

---

<sup>28</sup> “[...] the system is unmistakably asymmetrical [...] The overall impression is one of containment, neutralization, or control of femininity”.

O conceito de gênero surgiu da necessidade de separar a identidade dessa biologia, e emergiu a partir dos estudos de casos de pessoas intersexo e transexuais – ou seja, justamente de pontos de cisão entre o sexo corporal, percebido pela observação anatômica, e aquele efetivamente experienciado por um indivíduo. A criação do conceito de gênero é atribuída ao psicólogo, sexólogo e pediatra John Money que, em 1957, buscava diferenciá-lo “do tradicional termo ‘sexo’, para denominar o pertencimento de um indivíduo a um grupo de comportamento e expressão corporal culturalmente reconhecido como ‘masculino’ ou ‘feminino’” (PRECIADO, 2018, p. 29). Outro psicólogo que avançou no uso do termo foi Robert Stoller, autor de *Sex and Gender* (1968), obra em que define gênero como a quantidade de masculinidade ou feminilidade presente em cada pessoa, com raiz psicológica ou cultural e não biológica (STOLLER, 1984, p. 9). Além disso, Stoller, seguindo Money, ajudaria a sedimentar os conceitos de identidade de gênero – conhecimento consciente ou inconsciente de pertencer a um sexo e não a outro – e papéis de gênero – comportamento em sociedade, principalmente em relação a outras pessoas (STOLLER, 1984, p. 10). Apesar de estas tipologias representarem avanços no tema, a compreensão do sujeito transexual permanecia atrelada ao “transtorno de gênero”, uma desordem na aquisição sociocultural da identidade e dos papéis de gênero (OAKLEY, 1985, p. 167). De fato, segundo Money, crianças nasciam e se mantinham desprovidas de gênero até os dois anos de idade: “É famosa a afirmação de Money de que é possível (usando técnicas cirúrgicas, endocrinológicas e sociais) ‘mudar o gênero de qualquer bebê até os dezoito meses’” (PRECIADO, 2018, p. 29).

As noções de ‘intersexualidade’ e de ‘transexualidade’ aparecem também entre 1947 e 1960. Pela primeira vez a medicina e a psiquiatria se dão conta, com assombro, da existência de uma multiplicidade de corpos e de posições sexuais para além do binário. Mas em lugar de mudar a epistemologia, a instituição médica, psiquiátrica, psicológica decide por modificar os corpos, por normalizar a sexualidade, por retificar as identificações (PRECIADO, 2019b, documento eletrônico).

Apesar dos avanços de Money e Stoller, é somente a partir do feminismo que a categoria *gênero* ganha destaque. Como ressalta Curiel (2018 [2005]), sua utilização política e epistemológica veio “para desnaturalizar o que significava ser mulher, concebida como ‘o outro’ em relação ao paradigma masculino e explicar que as desigualdades entre os sexos não eram uma questão natural, mas antes social e histórica” (CURIEL, 2018, p. 220). Conforme a autora, o termo seria usado no feminismo pela primeira vez pela socióloga Ann Oakley, em 1972. No capítulo 6 de seu livro *Sex, Gender and Society*, as definições surgem logo na abertura, seguindo Money e principalmente Stoller:

‘Sexo’ é um termo biológico; gênero é um termo psicológico e cultural. O senso comum sugere que sejam meramente duas formas de olhar para a mesma divisão e que alguém que pertence ao, digamos, sexo fêmea irá automaticamente pertencer ao gênero (feminino) correspondente. Na realidade, este não é o caso. Ser um homem ou uma mulher, um menino ou menina, é tanto uma função das vestimentas, gestuais, ocupação, rede social e personalidade, quanto é a posse de um conjunto particular de genitais<sup>29</sup> (OAKLEY, 1985, p. 158, tradução nossa).

Para Oakley, a sociedade ocidental é organizada sobre a premissa de que as diferenças entre os sexos são mais importantes que suas semelhanças; a confusão entre uma rígida divisão por sexo e uma separação por características dos sexos cria, então, uma naturalização do gênero – que é essencialmente cultural. Para além dos conceitos básicos, a autora dará continuidade, e levará para o feminismo, os entendimentos sobre transexualidade de Stoller e Money, afirmando que o consenso é de que o papel da biologia no gênero é mínimo e, se existir, pode ser “decisiva e inerradicavelmente” sobrescrito pelo aprendizado cultural (OAKLEY, 1985, p. 170).

Em 1973, surge no feminismo uma visão materialista de gênero, que estabelece uma relação classista entre os sexos, ligada ao sistema de produção e à divisão social do trabalho. De acordo com Curiel, a primeira autora a realizar esta abordagem foi Nicole Mathieu, para quem a relação social de classe é concretamente dada por classes de sexo, “relação que está ligada ao sistema de produção, à divisão social do trabalho e à apropriação individual e coletiva” (CURIEL, 2018, p. 223). Destes pilares surgem as ideias de complementaridade, oposição e dependência entre os sexos. Mathieu define estas em termos de uma *diferenciação*, ao invés de *diferença* – pois construída social, ideológica e politicamente. Para ela, “mais do que ter a ver com a construção cultural do gênero, evidencia a construção cultural do sexo e da sexualidade” (CURIEL, 2018, p. 223). Em artigo que inicia pela análise de casos de crianças transexuais tratadas por Stoller, Mathieu denuncia o que chama de “obsessão” para fortalecer, a todo custo, “a dicotomia natural dos sexos, para confirmar uma criança em seu sexo, opondo-a constantemente ao outro (...) Se a diferença entre os sexos era tão ‘natural’, por que precisaríamos construí-la através da educação?”<sup>30</sup> (MATHIEU, 1977 ,

<sup>29</sup> “‘Sex’ is a biological term: ‘gender’ a psychological and cultural one. Common sense suggests that they are merely two ways of looking at the same division and that someone who belongs to, say, the female sex will automatically belong to the corresponding (feminine) gender. In reality this is not so. To be a man or a woman, a boy or a girl, is as much a function of dress, gesture, occupation, social network and personality, as it is of possessing a particular set of genitals.”

<sup>30</sup> “ [...] la dichotomie naturelle des sexes, de confirmer un enfant dans son sexe en l’opposant constamment à l’autre, à quoi correspond-elle? Si la différence entre les sexes était si «naturelle», pourquoi aurait-on besoin de la construire par l’éducation?”

p. 54, tradução nossa). A mudança para *diferenciação* pode ser percebida também em uma perspectiva histórica. Laqueur (2011) aponta que, até o século XVII, a epistemologia sexual dominante era a de um sistema de similaridades a partir de um sexo único, “a anatomia sexual feminina estabelecida como uma variação frágil, interiorizada e degenerada do único sexo que possuía uma existência ontológica, o masculino” (*apud* PRECIADO, 2018, p. 80). É só a partir do século XVIII que emerge um regime dependente de um sistema de oposições, onde o sexo feminino é visto como inteiramente distinto do masculino – uma estética da diferença sexual, necessária para estabelecer uma hierarquia político-anatômica entre os sexos (PRECIADO, 2018, p. 81). Nesse sistema, as divergências corporais da norma serão consideradas monstruosidades, perversões e violações das leis morais e/ou da natureza.

Em 1984, Gayle Rubin publica outro texto que se tornará instrumental para as teorias *queer* e para os *trans studies*: *Thinking sex: notes for a radical theory of the politics of sexuality*<sup>31</sup>. No artigo, Rubin propõe que o sistema sexo/gênero continua e reforça a transferência da origem da opressão sobre as mulheres para o social ao invés do biológico. Na visão da autora, que parte de um viés foucaultiano, a sexualidade é tão política quanto o gênero, e se organiza em sistemas de poder que normalizam ou abjetificam práticas determinadas. Ela afirma que as hierarquias de valor sexual (religiosas, psiquiátricas e populares) funcionam da mesma maneira dos sistemas ideológicos como o racismo, o etnocentrismo e o chauvinismo religioso ao racionalizar o bem-estar de um grupo em detrimento de outro (RUBIN, 2011 [1984], p. 165). Para Rubin, na hierarquia do sistema sexo/gênero, “bom”, “normal” e “natural” significam heterossexual, marital, monogâmico, reprodutivo, não-comercial. Ainda que a expressão “heteronormatividade” só venha a ser criada nove anos depois, por Michael Warner, na introdução de *Fear of a Queer Planet* (1993)<sup>32</sup>, a influência da visão preconizada por Rubin é bastante clara. Warner afirma que autoras feministas como Gayle Rubin, Judith Butler e Eve Kosofsky Sedgwick, entre outras, defendem que “um gênero não-opressivo só pode acontecer através de uma mudança radical na sexualidade, mesmo que elas tenham também começado a defender que a sexualidade se encontra num campo de investigação e ativismo distinto [ao feminismo]”<sup>33</sup> (WARNER, 2004 [1993], p. VIII, tradução nossa).

<sup>31</sup> “Pensando Sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade”. In: RUBIN, Gayle. *Políticas do sexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

<sup>32</sup> Conforme MISKOLCI, 2009, p. 156.

<sup>33</sup> “[...] a non oppressive gender order can only come about through a radical change in sexuality, even while they have also begun to argue that sexuality is a partially separate field of inquiry and activism.”

Embora seja uma base teórica usada pelos acadêmicos dos *trans studies*, a visão de Rubin coloca o transexualismo como um ato erótico dentre as manifestações abjetas no sistema binário sexo/gênero, ao lado de “fetichismo, sadismo, masoquismo, travestismo, exibicionismo, voyeurismo e pedofilia” (RUBIN, 2011 [1984], p. 164) ao invés de descrever transexual como uma expressão ou identidade de gênero. Rubin respondeu diretamente a esta crítica em 2010, no ensaio *Rethinking Sex*, em que revisita seu texto de 1984 à luz dos desenvolvimentos acadêmicos e ativistas e das reações ao seu artigo. A autora admite que sua abordagem ao tema transgênero está entre as partes do texto que reescreveria, e adiciona: “[a] transexualidade (...) revela as limitações dos modelos teóricos e das distinções conceituais em *Thinking Sex*”<sup>34</sup> (RUBIN, 2011 [2010], p. 229, tradução nossa). Rubin justifica, no entanto, que sua caracterização relatava o paradigma corrente e que, à época, tinha recursos limitados com que responder ao sentimento antitranssexual articulado por vertentes do feminismo a partir dos anos 1970 (RUBIN, 2011, p. 230).

Nos anos 1990, após duas décadas em que se estabelece a visão construtivista do feminismo, a teoria *queer* emerge da filosofia e da crítica literária aplicando o pós-estruturalismo sobre os discursos de sexo e gênero. Em *Gender Trouble* (1990), uma das obras antecessoras, mas fundadoras, da teoria *queer*, Judith Butler estabelece o que se tornaria uma das pedras fundamentais da discussão de gênero na contemporaneidade: o conceito da performatividade. Para Butler, o gênero não pode ser descrito como mera inscrição de sentido cultural num sexo; ele precisa também designar o aparato de produção onde os sexos são eles mesmos estabelecidos (BUTLER, 2002 [1990], p. 11). Para tanto, estabelece uma desconstrução do conceito culturalista então corrente e mais utilizado pelo ativismo feminista:

talvez esse construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; de fato, talvez já fosse o gênero desde sempre, com a consequência de que a distinção entre sexo e gênero, de fato, não é distinção alguma (...) Gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza; gênero é também o meio discursivo/cultural através do qual ‘natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ são produzidos e estabelecidos como pré-discursivos, anteriores à cultura, uma superfície politicamente neutra onde a cultura age<sup>35</sup> (BUTLER, 2002, p. 10-11, tradução nossa).

<sup>34</sup> “[...] transsexuality are in a sense such ‘inconvenient facts’, in that they reveal the limitations of the theoretical models and conceptual distinctions developed in ‘Thinking Sex’”.

<sup>35</sup> “[...] perhaps this construct called ‘sex’ is as culturally constructed as gender; indeed, perhaps it was always already gender, with the consequence that the distinction between sex and gender turns out to be no distinction at all. It would make no sense, then, to define gender as the cultural interpretation of sex, if sex itself is a gendered category. Gender ought not to be conceived merely as the cultural inscription of meaning on a pre-given sex (a juridical conception); gender must also designate the very apparatus of production whereby the sexes themselves are established. As a result, gender is not to culture as sex is to nature; gender is also the



De acordo com Butler (2002), o gênero é sempre algo que se *faz*, dentro de um contexto heteronormativo e que tem como base ontológica a dicotomia sexual. A autora afirma que não há identidade de gênero por trás do que é percebido, pois a identidade é constituída performativamente pelas expressões que parecem ser seus resultados; assim, o sexo é um significado performatizado e não um *ser* (BUTLER, 2002, p. 33; 44). Como ressalta Stryker (2017), o conceito, que se tornaria central às articulações dos debates contemporâneos sobre a variação de gênero, foi mal compreendido por parte da comunidade trans e, ao mesmo tempo, integrou o arsenal argumentativo contra a legitimidade das pessoas transgênero. Nessas leituras, percebidas pelos *trans studies* como transfóbicas, a performatividade é usada para descrever que gênero é meramente *performance*, atuação, fantasia. No entanto, para Stryker, esse não é o intuito de Butler. Se o gênero é uma linguagem usada para nos comunicarmos, “a implicação é que os gêneros trans são tão reais quanto os outros, e são alcançados da mesma forma fundamental” (STRYKER, 2017, 1. 2371). Essa visão também é reforçada por Gayle Rubin, que aponta a construção social como o simples fato de que a sexualidade está sujeita ao mesmo conjunto de táticas metodológicas e princípios teóricos que qualquer outro tópico ou aspecto da conduta humana (RUBIN, 2011, p. 211).

Para autoras como Stryker (2017), o conceito de performatividade abriu caminhos para a construção de novas narrativas da experiência transgênero. Tal perspectiva não foi consenso entre autores dos *trans studies*. No subcapítulo 2.4 examinaremos alguns desses pontos de atrito. Nos interessa aqui, por enquanto, a contribuição relevante à evolução do conceito de gênero que emerge da resposta de Butler a essas críticas. Assim como Gayle Rubin, Butler revisou suas perspectivas sobre pessoas trans desde a publicação de seu texto inicial. Em *Undoing Gender* (2004), a autora traz uma definição mais abrangente de gênero: “o aparato pelo qual a produção e normalização do masculino e do feminino toma lugar junto às formas intersticiais hormonais, cromossômicas, psíquicas e performativas que o gênero assume”<sup>36</sup> (BUTLER, 2004, p. 42, tradução nossa). Se o gênero são os mecanismos de produção e naturalização do masculino e do feminino, Butler afirma, ele então pode ser também uma forma de desconstrução e desnaturalização: artefato sobre sujeitos inscritos em e circunscritos por uma política do natural, da verdade, que ordena o mundo. Por isso, a

---

discursive/cultural means by which ‘sexed nature’ or ‘a natural sex’ is produced and established as “prediscursive,” prior to culture, a politically neutral surface on which culture acts.”

<sup>36</sup> “[...] the apparatus by which the production and normalization of masculine and feminine take place along with the interstitial forms of hormonal, chromosomal, psychic, and performative that gender assumes.”

autora vê a construção performativa como uma obrigatoriedade para formar um corpo socialmente legível e para configurar uma existência social; um corpo que responde a questionamentos como “o que conta como um gênero coerente?”, “sob que normas estou constricto quando começo a perguntar no que eu posso me tornar?”, “o que acontece se eu começar a me tornar aquilo no qual não tem lugar, dado o presente regime da verdade?”, e, enfim, “o quê, dada a ordem contemporânea da existência, eu posso ser?” (BUTLER, 2004, p. 57-58). Trata-se, então, de tensionar as forças que operam o gênero, que exigem dele uma legibilidade binária e restrita, que daí ordenam a humanidade e as condições de existência dos indivíduos, que criam as normas e as condições para que o próprio sistema se mantenha em funcionamento.

[...] a questão não é meramente produzir um novo futuro para gêneros que ainda não existem. Os gêneros que eu tenho em mente vêm existindo há um longo tempo, mas eles não foram admitidos nos termos que governam a realidade. É uma questão a desenvolver dentro da lei, da psiquiatria, e da teoria social e literária, um novo léxico legitimante para a complexidade de gênero que nós vivemos desde sempre. Uma vez que as normas governando a realidade não admitem estas formas como reais, nós iremos, por necessidade, chamá-las de novas. Mas espero que possamos rir, com conhecimento de causa, quando e se o fizermos. A política em funcionamento na atualidade está principalmente preocupada com a sobrevivência, em como criar um mundo onde aqueles que entendem seu gênero e seu desejo como não-normativos podem viver e vicejar – não apenas sem a ameaça de violência externa, mas sem o senso invasivo de sua própria irrealidade, que pode levar ao suicídio ou a uma vida suicida<sup>37</sup> (BUTLER, 2004, p. 219, tradução nossa).

Avançando a leitura que relaciona sexo, poder e política, Paul Preciado (2011) propõe a noção de sexopolítica como o instrumento dominante para a operação do capitalismo neoliberal. Para o autor, o sexo (compreendido por ele como órgãos do corpo, práticas sexuais, códigos de masculinidade e de feminilidade e identidades sexuais normais e desviantes) “entra no cálculo do poder, fazendo dos discursos sobre o sexo e das tecnologias de normalização das identidades sexuais um agente de controle da vida” (PRECIADO, 2011, p. 11), uma forma de poder que calcula tecnicamente a vida, em termos de população, de

---

<sup>37</sup> “[...] it is not a question merely of producing a new future for genders that do not yet exist. The genders I have in mind have been existing for a long time, but they have not been admitted into the terms that govern reality. It is a question of developing, within law, within psychiatry, within social and literary theory, a new legitimating lexicon for the gender complexity that we have always been living. Because the norms governing reality have not admitted these forms to be real, we will, of necessity, call them new. But I hope we will laugh knowingly when and if we do. The conception of politics at work here is centrally concerned with the question of survival, of how to create a world in which those who understand their gender and their desire to be nonnormative can live and thrive not only without the threat of violence from the outside but without the pervasive sense of their own unreality, which can lead to suicide or a suicidal life.”

saúde ou de interesse nacional. Sendo assim, Preciado propõe que, ao contrário do feminismo e das teorias *queer*, que enfatizaram a necessidade de recriar uma epistemologia para emancipar o gênero, agora o foco precisa ser o de descolonizar o corpo sexual (PRECIADO, 2011, p. 16). Para o autor, o gênero não é apenas o efeito de práticas culturais linguístico-discursivas (logo, performativo), mas principalmente uma prótese – ou seja, não ocorre senão na materialidade do corpo. O que não significa *artificial*, pois, em sua visão, gênero é algo inteiramente construído e, ao mesmo tempo, puramente orgânico: produz dicotomias metafísicas enquanto simultaneamente as destrói, desestabiliza “a distinção entre imitador e imitado, entre verdade e representação da verdade, entre referência e referente, entre natureza e artifício, entre órgãos sexuais e práticas sexuais”<sup>38</sup> (PRECIADO, 2011, p. 27, tradução nossa).

Preciado (2018 [2008]) aponta os conceitos de psiquismo, libido, consciência, feminilidade, masculinidade, heterossexualidade, intersexualidade e transexualidade como mecanismos estabelecidos pela tecnociência a fim de operacionalizar um *regime farmacopornográfico* – sua leitura da versão do capitalismo que vivemos, instalada a partir do pós-Segunda Guerra Mundial. Para o autor, analisar os processos que envolvem o sistema sexo/gênero não significa revelar uma verdade natural oculta, mas explicitar os processos culturais, políticos e tecnológicos por meio dos quais o corpo, enquanto artefato, adquire um *status* natural – uma vez que, no regime farmacopornográfico, “a força orgásmica coletiva é posta para trabalhar em função da reprodução heterossexual da espécie. A heterossexualidade deve ser entendida como tecnologia de procriação politicamente assistida” (PRECIADO, 2018, p. 50). Assim, Preciado entende o corpo heterossexual como um artefato que sustenta o sucesso institucional hegemônico, ao assegurar uma relação estrutural entre a produção da identidade sexual e a produção de certas partes do corpo, como os órgãos reprodutivos – apontando as interferências cirúrgicas realizadas em crianças intersexo como demonstrações do poder normalizador da sexopolítica vigente, cujas técnicas de produção de gênero são “simultaneamente invasivas e mínimas, penetrantes e invisíveis, íntimas e tóxicas, de alta tecnologia e mutiladoras” (PRECIADO, 2018, p. 111). Ainda para o autor, a noção clínica de gênero inventada por John Money deixa à mostra as fundações arbitrárias e construtivistas do discurso médico, ao mesmo tempo gerando novas formas de resistência e ação política. Sendo ele mesmo um homem transgênero, Preciado percebe o gênero principalmente como

---

<sup>38</sup> “[...] the distinction between the imitated and the imitator, between the truth and the representation of the truth, between the reference and the referent, between nature and artifice, between sexual organs and sexual practices.”

uma construção, mas que está relacionada ao biológico – ambos são partes indivisíveis de um processo singular:

O gênero farmacopornográfico não é metáfora nem ideologia; não pode ser reduzido a uma performance: é uma forma de tecnoecologia política. A certeza de ser homem ou mulher é uma bioficção somatopolítica produzida por um conjunto de tecnologias do corpo, técnicas farmacológicas e audiovisuais que determinam e definem o alcance das nossas potencialidades somáticas e funcionam como próteses de subjetivação. O gênero é um programa operacional capaz de desencadear uma proliferação de percepções sensoriais sob a forma de afetos, desejos, ações, crenças e identidades. Um dos resultados característicos desta tecnologia de gênero é a produção de um saber interior sobre si mesmo, de um sentido do eu sexual que aparece como uma realidade emocional para a consciência. (PRECIADO, 2018, p. 127)

A perspectiva de uma *bioficção*, que é produzida como um saber interior sobre si através de tecnologias protéticas carregadas de cultura, marca a evolução da construção do conceito de gênero ao longo de pouco mais de sessenta anos. No entanto, este não é um consenso. De fato, na medida em que o acontecimento transgênero intensifica sua presença e suas reações sociopolíticas e culturais, o conceito sofre distorções para responder a interesses ideológicos distintos. Nas Américas e, notadamente, no Brasil, o embate entre ativismos de sexualidade e gênero e as frentes de resistência anti-LGBT+ causou o dispositivo da “ideologia de gênero”. De acordo com Miskolci (2018), a expressão nasceu, no final dos anos 1990, de iniciativas católicas latino-americanas, mas só se tornaria popular no contexto nacional a partir de 2014. O autor vê a aprovação da união civil estável para pessoas do mesmo sexo, no Supremo Tribunal Federal, em 2011, como evento que iniciou essa reação conservadora – e o fato inicial da “cruzada antigênero” foi o subsequente movimento de deputados contra certo material educativo que seria distribuído nas escolas, tendo como foco combater o preconceito, a discriminação e a violência contra as populações LGBT+. O apelidado “kit gay” tornou-se símbolo de um suposto plano do Estado para transformar crianças saudáveis em *gays* ou transgênero, e, em 2014 e 2015, foi conceito central nas discussões dos Planos Nacional, Estadual e Municipal de Educação. “Laicos, evangélicos (neopentecostais ou não) e católicos uniram-se disseminando o espectro da ‘ideologia de gênero’ como suposta ameaça às crianças e à família brasileira” (MISKOLCI, 2018, p. 6). O autor ainda ressalta que o conceito une a suposta ameaça de retorno do comunismo a uma reação ao feminismo, reduzindo, assim, a extensão de direitos à população LGBT+ ao mesmo tempo em que aponta a origem dos problemas sociais em mudanças culturais e comportamentais que deveriam ser combatidas.

Dessa forma, os que buscam acusar uma “ideologia de gênero” apontam o gênero de ser mera construção, e antinatural; que só existem dois sexos (e que necessária e exclusivamente se atraem um ao outro), que forças conspiratórias tentam transformar crianças em pessoas *gays* e transgênero através da educação. Assim, se opõem à identidade de gênero, uma vez que esta é dissociada da biologia anatômica, percebida como estanque, binária e oposicional.

Miskolci percebe também um ataque ao feminismo – sobretudo nas eleições presidenciais vencidas por Dilma Rousseff. Para o autor, as cruzadas morais contra a “ideologia de gênero” partem de grupos conservadores que buscam restringir o Estado a um “espaço masculino e heterossexual, portanto refratário às demandas de emancipação feminina e de expansão de direitos e cidadania àqueles e àquelas que consideram ameaçar sua concepção de mundo tradicional” (MISKOLCI, 2017, p. 743). Se o conceito de performatividade de Butler foi, muitas vezes, associado à perspectiva da gênero-divergência como mera escolha transgressiva, visão similar à dos conservadores associados ao combate à “ideologia de gênero”, a própria autora foi vítima de protestos de manifestantes sob essa bandeira quando esteve no Brasil, em 2017. A autora abordou o tema em ensaio publicado no jornal Folha de São Paulo, reafirmando que “a teoria da performatividade de gênero busca entender a formação de gênero e subsidiar a ideia de que a expressão de gênero é um direito e uma liberdade fundamentais. Não é uma ideologia”<sup>39</sup> (BUTLER, 2017).

Embora tenhamos apresentado aqui um breve panorama de algumas compreensões a respeito do conceito de gênero, não há consenso sobre sua formulação ou suas funções. O caminho aqui discutido nos parece, considerando a pesquisa bibliográfica, as experiências pessoais e o longo período de presença nos fóruns de temática trans do *Reddit*, dar conta das multiplicidades das pessoas transgênero que os *trans studies* pretendem retratar. Dessa forma, um modelo que abarque a inevitabilidade e a inescapabilidade do gênero, sem perder de vista as funções que as normas socioculturais operam nessas identidades, torna-se crucial para fundamentar as corporalidades transgênero em um modelo teórico que represente a complexidade de suas experiências. Procuramos avançar nesse entendimento no subcapítulo seguinte.

---

<sup>39</sup> BUTLER, Judith. “Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil”. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 19 out. 2019.

### 2.2.1 Em direção a um modelo composto de gênero

Em *Undoing Gender* (2004), Butler dedica um capítulo<sup>40</sup> para discutir o caso de David Reimer. A narrativa é célebre na discussão dos temas da pauta transgênero, uma vez que é usada como evidência contra as teorias de gênero de John Money, Robert Stoller e outros. A história também ganhou destaque na mídia, sendo alvo de reportagens de mídia impressa e eletrônica, além de livros como a biografia *As Nature Made Him: The Boy Who Was Raised as a Girl* (“Como a natureza o fez: o menino que foi criado como menina”, tradução nossa), de John Colapinto (2000), que junto à recontagem de Butler, baseia o relato a seguir.

David nasceu em 1965, um menino saudável, o segundo em um parto de gêmeos. Durante circuncisão para tratar uma fimose, aos oito meses de idade, um acidente com a máquina de eletrocauterização usada no procedimento acabou queimando e destruindo o pênis do bebê para além de qualquer reparo possível. Preocupados com o futuro do filho, os pais de David procuraram John Money depois de vê-lo na televisão, em uma entrevista em que falou sobre suas intervenções em crianças transexuais e intersexo e afirmou que, até certa idade, uma criança socializada em um gênero diferente daquele designado no nascimento pode se desenvolver normalmente, se adaptar perfeitamente ao novo gênero, incluindo até a sexualidade heterossexual, e ter uma vida feliz. Quando consultado pela família Reimer, Money recomendou, reafirmando a potencialidade do tratamento, que David fosse criado como menina. Entre assustados e esperançosos, os pais assentiram. Aos 22 meses de idade, os testículos da criança foram removidos e uma vagina rudimentar foi construída com o tecido escrotal. David foi rebatizado de Brenda, e John Money orientou a família a jamais mencionar a verdade à “menina”.

A teoria do psicólogo, de que a criança se desenvolveria perfeitamente no gênero feminino, não se comprovou. De fato, imediatamente mostrou o contrário. Em entrevista a Colapinto, a mãe de David lembra de como a criança odiou seu primeiro vestido: “Ela o rasgava, tentando arrancá-lo. Eu me lembro de pensar meu Deus, ela sabe que é um menino e não quer usar roupas de menina. Ela não quer ser menina”<sup>41</sup> (COLAPINTO, 2000, p. 30, tradução nossa). Também o irmão gêmeo narra como “Brenda” não exibia comportamento feminino típico na infância: conta que andava e falava como um menino, sentava-se com as

<sup>40</sup> “Doing Justice to Someone: Sex Reassignment and Allegories of Transsexuality” (“Fazendo justiça a alguém: redesignação sexual e alegorias da transexualidade”, tradução nossa), p. 57-74.

<sup>41</sup> “She was ripping at it, trying to tear it off. I remember thinking, Oh my God, she knows she’s a boy and she doesn’t want girls’ clothing. She doesn’t want to be a girl.”

pernas abertas, não tinha interesse por maquiagem, queria construir fortes e brincar de soldado com os outros garotos. Além disso, “Brenda” urinava de pé desde que parou de usar fraldas. Apesar desses comportamentos por si só não indicarem necessariamente “transexualidade” (no caso de David, indicavam o oposto, cissexualidade), o próprio sujeito se encarregou disso: entre os nove e os onze anos, “Brenda” percebeu que não era uma menina e se revoltou contra a forma de agir e vestir que lhe era imposta. O monitoramento de John Money, que acompanhou o desenvolvimento da criança através de visitas anuais – e que considerava este o grande caso de sua carreira, uma oportunidade de provar empiricamente sua teoria de gênero –, tentou de muitas formas persuadir “Brenda” a permanecer no gênero feminino. Cirurgia para ter uma vagina funcional, prospectos de uma vida como esposa e dona de casa, a tentativa de uma tutoria por uma paciente transexual de Money, a simulação de atos sexuais com seu irmão e até a promessa de que seria capaz de engravidar e parir uma criança: várias foram as tentativas de normalizar “Brenda”, mas nada a convenceu de assumir o papel de menina. De fato, durante a adolescência, “Brenda” ameaçou se matar caso os pais a levassem para ver o psicólogo novamente. Aos 14 anos, quando já fazia tratamento com hormônios (sob supervisão dos pais, à força, e detestando os desenvolvimentos de seu corpo, principalmente o crescimento de seios), finalmente convenceu a família a interromper o tratamento com John Money.

Nesse mesmo ano, “Brenda” foi encaminhada para um novo grupo de psiquiatras locais, com quem se deu melhor. Estes informam aos pais que a redesignação foi um fracasso, que a verdade deve ser contada a “Brenda” e que ela deve ganhar permissão para que passe a viver como menino. Na biografia de Colapinto, David conta que, ao ouvir de seu pai a verdadeira história, sentiu raiva, descrédito e maravilhamento, mas, acima de tudo, alívio. “Subitamente, tudo o que eu sentia fez sentido. Eu não era uma pessoa esquisita. Eu não era louco”<sup>42</sup> (COLAPINTO, 2000, p. 83, tradução nossa). “Brenda”, que havia sido originalmente batizada como Bruce, então adotou o nome de David, solicitou terapia hormonal (aplicações de testosterona) e passou a viver no gênero masculino. Nos anos seguintes, faria uma mastectomia para remover os seios e uma faloplastia que lhe deu um pênis, ainda que como funcionalidades reduzidas. Aos 24 anos, casou-se e adotou os três filhos de sua esposa. Em 1997, David foi procurado pelo biólogo e pesquisador Milton Diamond, que o convenceu a tornar pública sua história. Apesar do fracasso da redesignação, John Money publicou artigos

---

<sup>42</sup> “Suddenly it all made sense why I felt the way I did. I wasn’t some sort of weirdo. I wasn’t crazy.”

indicando o sucesso do tratamento. Diamond, que há muito era seu oponente acadêmico<sup>43</sup>, procurava provar que a teoria de Money estava errada, a fim de evitar que outras crianças passassem pela redesignação não-consensual – uma pauta crescente do ativismo intersexo. A partir do consentimento de David, sua história foi recontada.

Em entrevista à BBC, Diamond diz que se todos os esforços médicos, cirúrgicos e sociais não tiveram sucesso em fazer com que uma criança aceitasse uma identidade de gênero que não é sua, “então talvez tenhamos que pensar que há algo importante na formação biológica do indivíduo; que não viemos a esse mundo neutros, que viemos com algum grau de macho ou fêmea que irá transcender seja lá o que a sociedade queira colocar sobre isso”<sup>44</sup> (COLAPINTO, 2000, p. 81, tradução nossa). Em que pese o experimento isolado do caso Reimer não indicar necessariamente universalidade, ele é importante nos *trans studies* e nos fóruns de temática trans do *Reddit*. Por reproduzir as experiências e desconfortos relatados por muitas pessoas transgênero, o argumento é importante na defesa de uma identidade sexual inata<sup>45</sup> que, para estas pessoas, é instrumental na busca pela legitimidade identitária. O desdobramento do caso Reimer foi usado, inclusive, para fomentar a crítica e a reversão da teoria de desenvolvimento do gênero então corrente, provando o oposto da tese de Money e dando suporte a uma noção essencialista de gênero – irreversivelmente ligada à anatomia e a um senso determinístico de biologia (BUTLER, 2004, p. 62). Na análise de Butler, a história de Reimer demonstra um ponto de choque entre as possibilidades do humano:

Se o caso David/Brenda é uma alegoria, ou tem força de alegoria, parece ser o lugar onde convergem debates sobre intersexualidade (David não é intersexo) e transexualidade (David não é transexual). Este corpo se torna um ponto de referência para uma narrativa que não é sobre o corpo, mas que se apropria do corpo para gerar uma narrativa que interroga os limites do que é concebivelmente humano. O que é inconcebível é concebido

<sup>43</sup> Diamond foi um dos primeiros pesquisadores a contestar a formulação de gênero de Money e seus protocolos de tratamento. Em artigo de 1965, Diamond afirma, “eu desafiei a teoria prevalente da neutralidade sexual no nascimento, e apresentei uma teoria de identidade sexual inerente e forças de gênero. (...) Apesar de [John Money] divulgar o sucesso do tratamento, não há evidências que o corroborem. (...) É claro, no entanto, que as evidências apresentadas não suportam a tese de uma identidade sexual primariamente dependente de aprendizado social.” Tradução nossa. DIAMOND, Milton. Sexual Identity, Monozygotic Twins Reared in Discordant Sex Roles and a BBC Follow-Up. *Archives of Sexual Behavior*, v. 11, n. 2, p. 181-185. Disponível em <<http://www.hawaii.edu/PCSS/biblio/articles/1961to1999/1982-sexual-identity.html>>. Acesso em: 22 set. 2020.

<sup>44</sup> “ [...] ‘then maybe we really have to think that there is something important in the individual’s biological makeup; that we don’t come to this world neutral; that we come to this world with some degree of maleness and femaleness which will transcend whatever the society wants to put into it’.”

<sup>45</sup> Nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, o gênero é compreendido como um componente inerente do ser. Além desse entendimento surgir como preponderante nas discussões desses fóruns, a seção de perguntas frequentes da comunidade *AskTransgender* afirma: “O conceito amplo de gênero também inclui a ‘identidade de gênero, que é um senso inato de si que pode também ser chamado de ‘sexo cerebral’.” Disponível em <<https://www.reddit.com/r/asktransgender/wiki/faq>>. Acesso em: 10 nov. 20. Tradução nossa.



continuamente através de meios narrativos, mas algo permanece fora da narrativa, um momento de resistência que sinaliza algo insistentemente inconcebível<sup>46</sup> (BUTLER, 2004, p. 64, tradução nossa).

Butler ainda aponta como o ativismo intersexo vem questionando a necessidade imposta pela sociedade em manter o ideal do dimorfismo de gênero quando uma porcentagem significativa de crianças tem variação cromossômica e vive nas fronteiras do que é estabelecido como binário – demonstrando que ele não é suficiente, ou necessário (BUTLER, 2004, p. 65). No entanto, ao final da análise, a autora evita uma posição prática: para ela, a história não fornece provas para nenhuma das teses, e sugere que se procure uma nova forma de ler a narrativa, sem confirmar ou negar tanto a teoria da construção social quando o essencialismo de gênero. Para Butler, a importância do caso Reimer é desenvolver um discurso de autoidentificação e autoentendimento, que constituem uma matriz de inteligibilidade em que a própria humanidade é tanto questionada como assentida (BUTLER, 2004, p. 67).

Na biografia de Colapinto (2000) ficam claras as dificuldades enfrentadas por David e por sua família. Os pais tiveram de lidar com a culpa da circuncisão que falhou e da redesignação fracassada. A mãe desenvolveu depressão, o pai e o irmão tiveram problemas com alcoolismo. David conviveu com depressão e ansiedade, além dos traumas de uma infância e adolescência de extremas complexidades, incluindo ser um experimento vivo sobre gênero. Após perder o trabalho e as economias familiares num investimento onde foi vítima de fraude, enfrentar a morte repentina do irmão num acidente com álcool e tranquilizantes, e diante de uma separação conjugal iminente, David Reimer cometeu suicídio, em 2004. Por seus contornos, experiências relatadas, e na solidariedade com o final trágico, o caso Reimer é citado com frequência nos fóruns de temática trans do *Reddit*. A narrativa tornou-se exemplo célebre de que ser trans não é uma escolha ou mera construção. Essa narrativa também é usada para demonstrar a primazia da identidade interna diante de papéis ou expressão de gênero. Este é um movimento crucial na visão de gênero de muitas pessoas trans no *Reddit*: combater a invalidação da identidade que ocorre através da acusação simplista de que suas demandas são injustificadas porque lhes bastaria a escolha de permanecer no gênero designado no nascimento. Embora o valor estatístico desse caso

---

<sup>46</sup> “If the David/Brenda case is an allegory, or has the force of allegory, it seems to be the site where debates on intersexuality (David is not an intersexual) and transsexuality (David is not a transsexual) converge. This body becomes a point of reference for a narrative that is not about this body, but which seizes upon the body, as it were, in order to inaugurate a narrative that interrogates the limits of the conceivably human. What is inconceivable is conceived again and again, through narrative means, but something remains outside the narrative, a resistant moment that signals a persisting inconceivability.”

isolado seja desprezível, a narrativa é marcante por evidenciar um experimento que, por cruel e antiético, não pode ser repetido. Dessa forma, nas discussões no *Reddit*, este exemplo é visto como uma das mais expressivas demonstrações da persistência e da inescapabilidade do gênero.

Nesta dissertação, e como proposta para avançar nessas discussões teóricas, privilegiamos um entendimento de gênero que contemple ambas as vertentes, ou seja, do gênero tanto biológico quanto sociocultural. Como aponta Preciado (2018), olhar para essencialismo ou construtivismo de forma isolada produz aberrações que não reproduzem a realidade. Além disso, nos testemunhos continuados dos fóruns de temática transgênero do *Reddit*, as descrições de sofrimento e os desafios impostos condizem com motivações que vão além das meras escolhas. Ora, entre as consequências de ser uma pessoa trans e fazer a transição estão a inscrição em categorias de estigma, preconceito e discriminação; maior propensão a sofrer violência verbal, sexual e física; rompimento com familiares e amigos; pais que deserdam e/ou expulsam os filhos de casa; separação de companheiros; perda da convivência e/ou do direito de ver e conviver com os filhos; menos oportunidades de trabalho; menores salários; menor expectativa de vida; entre outros. Como percebemos em nossa etnografia, é por esses efeitos que, nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, a imputação de que ser trans é uma escolha causa ofensa e indignação.

Como demonstrado, a existência – e a crescente legitimidade – das pessoas transgênero interfere e modifica as formas como o conceito de gênero é compreendido. Sendo assim, partindo de Butler (2004) e Preciado (2018 [2008]), nos aproximamos da visão de gênero como definida pela bióloga e ativista trans Julia Serano (2016 [2007]): a de um modelo de inclinações intrínsecas, resultado da ação da cultura e da sociedade sobre um sexo subconsciente; ou, como define Solms (2016), fatores ambientais e influências genéticas absolutamente inseparáveis (SOLMS, 2016, p. 21).

Serano aponta que, entre as diversas formações do sexo, o fator hormonal talvez seja o mais importante para o cotidiano e a vivência prática: todos os dias classificamos cada pessoa que vemos como homem ou mulher, baseados em um pequeno número de pistas visuais – sem que cromossomos, genitália, órgãos reprodutivos (ou mesmo a socialização em determinado gênero) faça qualquer diferença. “Mulheres e homens não são separados por um abismo intransponível, como muitas pessoas acreditam. Na verdade, a maioria de nós está apenas a uma prescrição de hormônios de ser percebida como o sexo ‘oposto’”<sup>47</sup> (SERANO,

---

<sup>47</sup> “Women and men are not separated by an insurmountable chasm, as many people seem to believe. Actually, most of us are only a hormone prescription away from being perceived as the ‘opposite’ sex.”

2016, p. 52, tradução nossa). Para a autora, além do sexo do corpo há um sexo subconsciente, ou neurológico<sup>48</sup>. A identidade de gênero surge, então, das intersecções entre esse sexo subconsciente, a anatomia sexual, os papéis e expectativas de gênero (SERANO, 2016, p. 83). A concordância entre ambos gera um sujeito cissexual – que nem mesmo percebe a existência desses processos –, enquanto a incongruência resulta numa pessoa transgênero, que irá experimentar em níveis diversos os efeitos dessa disparidade. A hipótese pode ser relacionada a muitos depoimentos encontrados nos fóruns de temática trans do *Reddit*, onde é frequente encontrar a expressão “era transição ou morte”, testemunhada por pessoas que resistem à autoaceitação e à transição por anos ou décadas, e apenas o fazem quando não parece haver outra alternativa. De fato, nestas comunidades considera-se que os desejos relacionados ao gênero são inescapáveis, persistentes, e sempre retornam. O saber médico, ao indicar que o único tratamento para a disforia de gênero é a transição, concorda que ela não apenas é efetiva, mas que não há alternativa possível<sup>49</sup>. Serano ainda menciona que o sexo neurológico também existe em pessoas cissexuais – caso contrário, a redesignação sexual seria muito mais comum. “Mulheres com desejo de ter sucesso no mundo dos negócios, dominado pelos homens, simplesmente transicionariam. Lésbicas e homens gays que se envergonham de sua sexualidade fariam a transição para o outro sexo”<sup>50</sup> (SERANO, 2016, p. 88-89, tradução nossa).

O modelo que compreende tanto as influências da biologia quanto da cultura negra parcialmente tanto o puro essencialismo – pelo simples fato de existirem mulheres masculinas, homens femininos e todas as manifestações entre os extremos (e é possível especular que haveria ainda maior pluralidade de expressão, não fossem os diversos mecanismos de opressão e repressão normativos) –, quanto o puro construtivismo – pois tais tendências extranormativas tendem a aparecer em crianças mesmo antes de uma socialização estabelecida, e tal socialização é usada também quando é necessário contrariar uma tendência observada na criança. Para Serano, isso sugere que há expressões de feminilidades ou

---

<sup>48</sup> As pesquisas da neurociência sobre gênero e pessoas trans tem avançado a noção de sexo/gênero neurológico (FAUSTO-STERLING, 2000; 2012; ARASWAT; WEINAND; SAFER, 2015; HEATH; WYNNE, 2019), bem como dado respaldo a uma tipificação da experiência transgênero como uma condição intersexo cerebral (DIAMOND, 2016) e a uma neurologia sexual que não é binária ou dicotômica, mas diversa (LANE, 2009). Na presente pesquisa, não vamos nos aprofundar em tais estudos, tanto por questões de escopo do trabalho quanto para evitar uma neuroessencialização que, julgamos, já se encontra justificada através das narrativas das experiências das pessoas trans.

<sup>49</sup> *What does the scholarly research say about the effect of gender transition on transgender well-being?* CORNELL University. Disponível em <<https://whatweknow.inequality.cornell.edu/topics/lgbt-equality/what-does-the-scholarly-research-say-about-the-well-being-of-transgender-people/>>. Acesso em: 19 out. 2019.

<sup>50</sup> “Women who wanted to succeed in the male-dominated business world would simply transition to male. Lesbians and gay men who were ashamed of their queerness would simply transition to the other sex.”

masculinidades que representam profundas inclinações, de forma similar à orientação sexual – sendo “inclinação” qualquer desejo, afinidade ou urgência persistentes, que predis põem expressões e experiências particulares de gênero e sexo (SERANO, 2016, p. 97). No entanto, a autora não percebe as inclinações biológicas de forma isolada, já que fatores sociais têm papel significativo na maneira como cada indivíduo interpreta essas inclinações. No entanto, o fenômeno é difícil de ser amplamente percebido pois, na maioria dos casos (ou seja, nas experiências das pessoas cisgênero), é “impossível distinguir as inclinações da socialização, uma vez que tipicamente nos apontam na mesma direção. Geralmente, só percebemos as inclinações quando elas são excepcionais – quando desviam de ambas normas biológicas e sociais”<sup>51</sup> (SERANO, 2016, p. 98, tradução nossa).

Sendo assim, Serano propõe um modelo de inclinações intrínsecas cujas bases são:

a) Sexo neurológico, expressão de gênero e orientação sexual representam inclinações de gênero independentes umas das outras;

b) Essas inclinações são intrínsecas, até certo ponto, a cada pessoa. Elas ocorrem em nível subconsciente e permanecem mesmo a despeito de influências sociais e tentativas conscientes de purgar, reprimir ou ignorá-las;

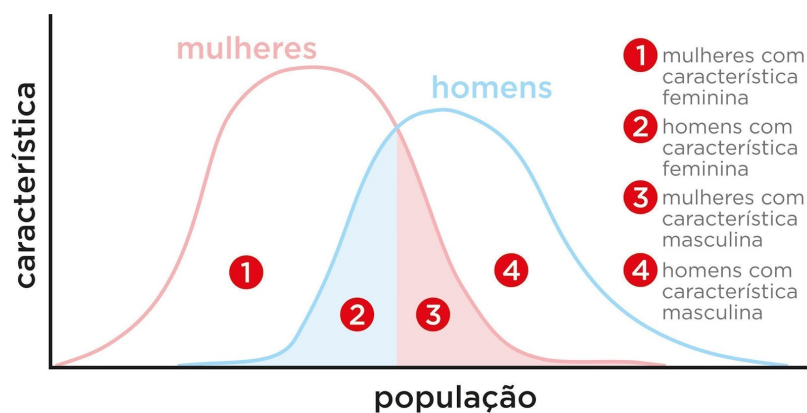
c) Como nenhum fator único e isolado pode ser apontado como causa dessas inclinações, será assumido que são características quantitativas, determinadas por múltiplos fatores biológicos, sociais e culturais, através de interações complexas;

d) As inclinações irão corresponder, grosso modo, a um sexo físico, resultando num padrão de distribuição bimodal que se apresenta como duas curvas gaussianas parcialmente sobrepostas. Estes, embora mostrem a média, incluem também os exemplares menos frequentes – não como erros, mas como casos naturais de variação humana.

**Figura 1** - distribuição bimodal de dados em curvas gaussianas parcialmente sobrepostas.

---

<sup>51</sup> “[it is] impossible to distinguish our inclinations from our socialization, since they both typically point us in the same direction. Generally, we only ever notice our inclinations when they are exceptional – when they deviate from both biological and social norms.”



Fonte: elaboração própria. Os dados são apresentados aqui meramente a título de exemplo gráfico.

Com a imensa variação sexual e de gênero encontrada, os construtos sociais operam para que possamos formar sentido a partir dessa diversidade, afirma Serano, ecoando o sentido de inteligibilidade<sup>52</sup> em Butler (2004); e o modo como interpretamos os traços identitários e os sentidos associados a eles muda significativamente de cultura para cultura (SERANO, 2016, p. 101). Além disso, para a autora, uma distribuição no formato acima – encontrada para, por exemplo, mapear a altura de indivíduos e até para a distribuição de renda – demonstra como o binarismo oposicional faz pouco sentido: para que os sexos fossem diametralmente opostos, não haveria sobreposição no gráfico, o que indicaria que não existem, por exemplo, mulheres muito altas, homens muito baixos, mulheres muito agressivas, homens com pouco desejo sexual, meninas que gostam de brincar com carrinhos, homens com atração sexual por outros homens, etc. Embora estas inclinações estejam claras no cotidiano de cada pessoa, a cultura continua atrelada a uma cis-heteronormatividade que precisa, cada vez mais, mobilizar intenso esforço para justificar-se em sua intenção de ser natural, lógica e única.

Uma crítica possível a esse modelo é que ele não nos parece adequado às identidades não-binárias, uma vez que as inclinações sugerem características que se referem ainda a eixos de masculinidade e feminilidade. Serano argumenta que, desde que não vejamos essas categorias como mutuamente exclusivas e respeitemos o fato de que muitas pessoas têm características sexuais e inclinações de gênero extraordinárias, há espaço para a legitimidade das pessoas não-binárias (SERANO, 2016, p. 103-104). Ainda assim, compreendemos que o modelo deve evoluir para compreender manifestações de gênero que

<sup>52</sup> “Um sentido importante de regulação, então, é que as pessoas são reguladas pelo gênero, e esse tipo de regulação opera como condição de inteligibilidade cultural para qualquer pessoa” (BUTLER, 2004, p. 52). Tradução nossa. No original: “One important sense of regulation, then, is that persons are regulated by gender, and that this sort of regulation operates as a condition of cultural intelligibility for any person.”

não se prendem a polos referenciais – geometrias de gênero em termos fractais, como indica Halberstam (1998b, p. 21).

A autora também aponta que o ativismo não-binário muitas vezes estabeleceu uma nova marginalidade que se choca com, e constrange, as pessoas trans que são binárias. De fato, parte do ativismo não-binário ainda hoje, mas marcadamente no início dos anos 2000, glorificava um ideal de androginia (SERANO, 2016, p. 110) e entrava em conflito com parte do ativismo transgênero que não seguia essa perspectiva ou expressão de gênero. Ao confrontar mulheres trans femininas e homens trans masculinos por reproduzirem estereótipos de sexo/gênero, certos ativismos não-binários hierarquizam determinadas identidades como mais desejáveis que outras, continuando um ciclo de discriminação baseado em um sistema de oposições. Na visão de Serano, o modelo de inclinações intrínsecas tem a capacidade de acolher a todas as identidades possíveis sem ordená-las em uma falsa hierarquia:

Cada um de nós tem uma experiência única com o gênero, e que é influenciada por uma série de fatores extrínsecos, como cultura, religião, raça, classe econômica, criação e habilidade, bem como fatores intrínsecos incluindo nossa anatomia, formação genética e hormonal, sexo subconsciente, orientação sexual e expressão de gênero. Juntos, estes fatores ajudam a determinar as experiências de gênero a que somos expostos, bem como as maneiras como as processamos e criamos sentido<sup>53</sup> (SERANO, 2016, p. 112-113, tradução nossa).

O modelo de Serano é uma de suas contribuições aos *trans studies*, mas não é a única proposta de compreensão do gênero, como demonstrado no subcapítulo 2.1. Autores mais próximos à teoria *queer* rejeitam as associações biológicas enquanto política de reforço das identidades trans; e enquanto Serano vê a cultura como influenciadora de um corpo, outros, como Halberstam (1998b), percebem o aspecto social como principal e determinante. No entanto, se valorizamos o conceito de Serano é por observar sua adequação às discussões sobre gênero que emergem nos fóruns de temática trans do *Reddit* – mais do que as perspectivas políticas de Stone (2014), Bornstein (1994) ou Wilchins (2013 [1997]). O aspecto inescapável de um gênero neurológico, que força os sujeitos gênero-divergentes a enfrentar as discriminações da normatividade e seus riscos, é um vetor que ordena as tensões percebidas em nossa etnografia, apresentada no capítulo três.

---

<sup>53</sup> “Each of us has a unique experience with gender, one that is influenced by a host of extrinsic factors, such as culture, religion, race, economic class, upbringing, and ability, as well as intrinsic factors including our anatomy, genetic and hormonal makeup, subconscious sex, sexual orientation, and gender expression. Together, these factors help determine the gendered experiences we are exposed to, as well as the ways we process and make sense of them.”

### 2.3 Interfaces entre os *trans studies* e o feminismo

Um espaço epistemológico, teórico, social e ativista comum a mulheres cisgênero e mulheres transgênero é uma aproximação recente, ainda em desenvolvimento, e que enfrenta percalços. Apesar do apoio demonstrado por diversas autoras e ativismos dos feminismos, as vertentes contrárias ao acolhimento das pessoas trans têm se mostrado potentes, tanto por tensionar os conceitos ontológicos, as teorias identitárias e as subjetividades trans, quanto por serem amplificadas pelos discursos posicionados no lado conservador da política, resistente às demandas LGBTQ+ e do que acusam como “ideologia de gênero”.

Durante os anos 1970, muitas das perspectivas feministas sobre mulheres transexuais foram marcadas por hostilidades. As críticas surgiram através da percepção de uma apropriação dos corpos das mulheres, de uma fraude identitária ou de um reforço dos estereótipos de gênero, ao invés de desafiar o patriarcado (BETTCHER, 2014a; HIRD, 2002). Para autores como Valentine (2007), Stryker e Whittle (2006) e Bettcher (2014a), essa produção teórica, mesmo crítica e se opondo às pessoas trans, foi fundamental para alavancar a formação dos *trans studies* e, por isso, também pode ser incluída no campo de estudos (VALENTINE, 2007, p. 149).

Autoras como Raymond (1979), Hausman (1995) e Jeffreys (2014) posicionam a transexualidade como uma estratégia médico-patriarcal que busca reafirmar padrões de masculinidade e se apropriar da feminilidade para implodir o feminismo por dentro, multiplicando os tentáculos da opressão sexista ao tentar dissolver as vivências das “mulheres verdadeiras”. Muitos acadêmicos dos *trans studies* (RIDDELL, 2006 [1980]; STRYKER, 1994; CALIFIA, 2003 [1997]; PROSSER, 1998; H. RUBIN, 1998; NAMASTE, 2000; SERANO, 2016 [2007]; entre outros) darão respostas diretas a essas críticas em ensaios e artigos que debatem, empírica e teoricamente, tais leituras sobre a subjetividade e os corpos trans. De fato, os *trans studies* serão inicialmente mais atentos à contra-argumentação do feminismo radical antitransgênero do que aos feminismos inclusivos, e mesmo o transfeminismo. Para Namaste (2000), a resposta é necessária uma vez que, em muitos trabalhos das ciências sociais, uma agenda acadêmica antitranssexual é colocada em prática sob o disfarce de teoria ou pesquisa, citando Raymond (1979), Billings e Urban (1982) e Hausman (1995) como exemplos dessas articulações estratégicas (NAMASTE, 2000, p. 34).

O questionamento inicial do encontro entre *trans studies* e feminismos é geralmente posicionado ao redor da identidade feminina: podem as mulheres trans serem consideradas

mulheres? Em caso positivo, abrem-se oportunidades para a construção de alianças e coalizões em nome de lutas teóricas e ativistas contraopressoras. No entanto, em caso de uma resposta contrária, a negação básica da identidade da pessoa trans torna virtualmente impossível um campo de diálogo, uma vez que estes sujeitos (e os pressupostos ontológicos dos *trans studies*) partem do paradigma da irrestrita legitimidade das identidades trans, configurando-as como não-questionáveis sob vieses morais ou políticos; ao serem atacadas em seu cerne, seus contra-argumentos à crítica são julgados duvidosos ou desonestos justamente porque seus autores tiveram retiradas agência e significado de suas identidades (BETTCHER, 2014b).

O argumento contra o reconhecimento e a inclusão de mulheres trans na categoria “mulher” se baseia no histórico genital/anatômico, uma vez que possuem ou possuíram um pênis, testículos e níveis altos de testosterona (ou seja, seriam “biologicamente machos” ou simplesmente “machos”); e no fato de que foram tratadas, ao menos em parte de suas vidas, como meninos ou homens – portanto, tiveram uma socialização masculina e carregam o privilégio da masculinidade. Sendo assim, teriam as mesmas condições de cometer violência contra as mulheres que os homens cisgênero (FINLAYSON et al., 2018). Por isso, os feminismos trans-exclusivistas<sup>54</sup> se opõem de forma fundamental à autoidentificação de gênero: ao considerar o sexo como biológico, essencial e imutável, veem as identidades trans como mera ficção a serviço do patriarcado, sendo essa autoidentificação uma estratégia para a invasão dos espaços exclusivos às mulheres.

Um exemplo dessa visão essencialista do gênero pode ser observado em Jeffreys (2014), que somente se refere às mulheres trans como “homens que ‘transgeneram’” ou “pessoas com corpo de macho” no intuito de indicar que nenhuma mudança ocorre na biologia durante ou após uma transição de gênero. A autora percebe a forma como os ativismos *queer* e trans usam o termo “gênero” como problemática, por apagar a dominação masculina, obscurecer a existência de pessoas que são biologicamente fêmeas e desrespeitar suas demandas particulares (JEFFREYS, 2014, p. 43). A postura pode ser exemplificada, em termos práticos, no debate acerca do direito de acesso das pessoas transgênero a banheiros

---

<sup>54</sup> Usamos o termo “trans-exclusivista” no mesmo sentido de “antitransgênero”, “antitranssexual” e “transfóbico”. Embora o acrônimo *TERF* – feminista radical trans-exclusivista, em inglês – tenha ganhado popularidade na segunda metade dos anos 2010, não pretendemos aplicar retroativamente essa nomenclatura a autoras feministas anteriores à difusão do termo. É preciso indicar, no entanto, que o fazemos por razões históricas, e não por julgar que *TERF* seja difamatório ou pejorativo. Usando as palavras de Judith Butler, “Eu me pergunto por qual nome seriam chamadas as autodeclaradas feministas que desejam excluir mulheres trans dos espaços das mulheres. Se elas favorecem a exclusão, porque não chamá-las de exclusivistas? Se elas se compreendem como pertencentes à vertente do feminismo radical que se opõe à redesignação de gênero, porque não chamá-las de feministas radicais?” (BUTLER, 2020, tradução nossa).



públicos do gênero autoidentificado. Para Jeffreys, o desejo de meninas e mulheres por um espaço exclusivo, separado daqueles que nasceram biologicamente machos e foram criados como homens, é ignorado (JEFFREYS, 2014, p. 42).

As visões feministas críticas às identidades trans, para Stryker (2017), emergiram a partir da mudança da problematização em torno da orientação sexual para uma preocupação com a identidade de gênero. Conforme a autora, os ativismos *gay* e lésbico foram eficientes em complexificar politicamente o enquadramento da homossexualidade como uma doença mental; ao mesmo tempo, o sucesso do feminismo em desestabilizar as formas convencionais de controle sobre os corpos das mulheres transformou o gênero, mais do que a sexualidade, em um campo de batalha social. Ao mesmo tempo, esse cenário intensificou o interesse da medicina em tentar compreender e ‘consertar’ o gênero, o que resultou em modelos que ocupavam todo o espectro político: “do reacionário ao progressista e todos os pontos entre eles, as únicas opções apresentadas [às pessoas trans] eram ser considerados maus, doentes ou errados”<sup>55</sup> (STRYKER, 2017, l. 2078, tradução nossa). Para tanto, Stryker afirma que, nos anos 1980, foi instrumental a divisão do feminismo em torno da sexualidade feminina: de um lado, a perspectiva sexo-positiva que abarcava as possibilidades de uma pornografia feminista, do trabalho sexual feminista e das práticas sexuais feministas; de outro, o enquadramento sexo-negativo destas questões como misoginia internalizada e formas de violência contra a mulher. Este último incluiu as modificações corporais das mulheres trans, bem como as práticas de *crossdressing*, no mesmo território questionável ocupado por fetiche, prostituição, incesto e estupro. No lado oposto, a visão sexo-positiva compreendia as pessoas trans em termos de prática erótica ao invés de identidade de gênero<sup>56</sup> (STRYKER, 2017, l. 2092).

Nas transmasculinidades, um ponto de tensão com feministas lésbicas surge a partir de disputas identitárias e epistemológicas entre homens trans, *butch*<sup>57</sup> e lésbicas. J. Halberstam aborda o tema no livro *Female Masculinity* (“Masculinidade feminina”, tradução nossa), de 1998. O autor demonstra que para certas autoras do feminismo lésbico, homens trans são percebidos como traidores que abandonam a luta política feminista para juntarem-se

---

<sup>55</sup> “[...] from reactionary to progressive and all points in between, the only options presented to them were to be considered bad, sick, or wrong.”

<sup>56</sup> Um exemplo de confluência dessas caracterizações pode ser encontrado em Gayle Rubin (2011 [1984]), como discutido no subcapítulo 2.2.

<sup>57</sup> Identidade e expressão de gênero masculina de mulheres cis lésbicas, constituída através do uso e da manipulação de códigos e símbolos masculinos (RUBIN, 2006). Em português, a tradução aproximada seria “sapatão”. Optamos pelo termo original para manter a especificidade do contexto histórico dessa identidade.

ou tornarem-se o inimigo; por outro lado, para alguns homens trans, o feminismo lésbico demonizou a eles e sua identidade.

Ao mesmo tempo, a visão *butch* frequentemente considerava homens trans como meros *butch* que “acreditam em anatomia”, enquanto o outro lado via *butch* como homens trans com medo da transição de gênero (HALBERSTAM, 1998a, p. 144). No centro da questão, Halberstam identifica a manutenção da masculinidade como um recurso limitado e restrito, que se reafirma como significante do desejo lésbico e, muitas vezes, da sua corporificação através das apropriações *butch*. Nesse sentido, Valentine (2007) indica que, para homens trans, embora o legado da sexologia e da psiquiatria sejam significantes, as masculinidades femininas e as transmasculinidades são melhor retratadas através do feminismo e de um enquadramento de gênero que se diferencia dos modelos clínicos. Para o autor, a maioria das feministas contemporâneas rejeitam o gênero como simples diferença e o percebem como um espaço de relações de poder, necessariamente modulado pelo sexo e pela sexualidade, a partir de conexões histórico-culturais entre a sexualidade feminina e as políticas de gênero – ainda que reconheçam que identidade sexual não está ligada à identidade de gênero em formas causais (VALENTINE, 2007, p. 170).

Assim, as guerras de fronteira entre *butch* e homens trans não são o simples produto de um novo paradigma sobre gênero e sexualidade, mas negociações da masculinidade em contextos de desigualdade de gênero muito mais amplas. Valentine aponta que os *trans studies*, ainda que sofram influência do feminismo, se estabelecem através de uma perspectiva de gênero que dialoga de forma mais próxima ao conceito de diferença social, à história da sexologia, à academia, aos ativismos *gay/lésbico* e aos temas relacionados às mulheres trans do que com o feminismo e com os desafios de homens trans. Para o autor, os debates sobre as tensões entre *butch* e homens trans se dão também na disputa entre diferentes compreensões de gênero, e o fato de que não há uma correspondência no outro público (tensões entre homens *gays* afeminados e mulheres trans) é evidência de uma disparidade na construção epistemológica do campo dos *trans studies* (VALENTINE, 2007, p. 171).

Nesse sentido, Califia (2003 [1997]) aponta uma disparidade nas publicações de autobiografias de mulheres trans e homens trans, sendo as primeiras mais numerosas e com maior repercussão e circulação. Para o autor, a opinião pública em geral parece deleitar-se mais com narrativas que contam a história de “um homem que quer se tornar mulher” que com a de “uma mulher que quer se tornar homem”: “O primeiro é escandaloso; o último é dado como lógico. Isso reflete os níveis muito diferentes de privilégios que homens e

mulheres têm em nossa sociedade. Claro que mulheres querem ser homens, a atitude geral parece ser essa; e é claro que não podem. E isso é tudo”<sup>58</sup> (CALIFIA, 2003, p. 201, tradução nossa).

Embora o feminismo trans-exclusivista vá, de maneira significativa, investir mais energia na crítica às mulheres trans – de fato, muitas vezes meramente considerando as identidades transmasculinas como subprodutos do sexismo, ou ignorando-as por completo –, ele propõe um desafio específico aos homens trans: a pressuposição automática de que ou eles são lésbicas fugindo da opressão que sofrem como mulheres ou são mulheres que não conseguem suportar o estigma social de serem lésbicas; de toda forma, são sempre mulheres (STRYKER; WHITTLE, 2006, p. 387).

Esse apagamento das subjetividades transmasculinas (e subsequente persistência de paradigmas estereotipados informados por certos segmentos do feminismo) é também mencionado por Cromwell (2006 [1999]), que indica como componente de sua origem o quase-abandono das pesquisas médicas com homens trans. De acordo com o autor, apesar de, no século XIX, os sexologistas terem dedicado maior interesse às mulheres “aberrantes” do que aos homens, uma vez que a categoria “transexual” foi estabelecida, sua visão tornou-se miópica – ao ponto da quase-exclusão de pessoas com corpo feminino (CROMWELL, 2006, p. 510).

O autor especifica que, além de retratados de forma menor e secundária por autores influentes como John Money, Harry Benjamin e Robert Stoller, somente em 1983 seria publicado o primeiro livro do saber médico inteiramente dedicado aos homens trans: o controverso *Female-to-male Transsexualism: Historical, Clinical and Theoretical Issues* (LOTHSTEIN, 1983). Cromwell nota que Lothstein se recusava a usar o nome ou os pronomes preferenciais de seus clientes trans, e mantinha firmemente a posição de que homens transexuais sofriam de uma “desordem do sistema de *self* implicando a interrupção de desenvolvimento na primeira infância, perturbações em funções do ego e, principalmente, transtornos de personalidade *borderline* e narcisistas”<sup>59</sup> (CROMWELL, 2006, p. 520, tradução nossa). Também Walker (1985) critica o autor por perder completamente a distinção entre observação e especulação, por usar linguagem pejorativa, e “outras imprecisões e

---

<sup>58</sup> “The first is scandalous; the latter is taken for granted. This reflects the very different levels of privilege men and women have in our society. Of course women want to be men, the general attitude seems to be, and of course they can’t. And that’s that.”

<sup>59</sup> “[...] a disorder of the self-system involving an early childhood developmental arrest, disturbances in ego functions, and stemming primarily from borderline personality and narcissistic disorders.”

inconsistências que fazem questionar a fidelidade de seus casos”<sup>60</sup> (WALKER, 1985, p. 336, tradução nossa).

As teorias a respeito das identidades transfemininas foram mais abundantes, tiveram maior impacto nos feminismos e nos ativismos, e receberam mais atenção dos *trans studies*. Stryker (2017) identifica em *Gyn/Ecology* (1978), de Mary Daly, o marco inicial do posicionamento antitransgênero no feminismo radical lésbico acadêmico, particularmente no capítulo intitulado “Boundary Violation and the Frankenstein Phenomenon” (“Violação de fronteira e o fenômeno Frankenstein”, tradução nossa), em que rotula a transexualidade como uma invasão necrofílica de espaços vitais das mulheres:

Hoje, o fenômeno Frankenstein é onipresente não apenas em mitos religiosos, mas em sua descendente, a tecnologia falocrática. O desejo insano pelo poder e a loucura pela violação de limites são a marca dos necrofílicos que percebem em si a falta de alma/espírito/princípios de amor à vida, e tentam, portanto, invadir e matar todos os espíritos, substituindo-os por conglomerados de cadáveres. O transexualismo é um exemplo de criação médica e masculina que invade o mundo das mulheres com sucedâneos. Mães-macho da engenharia genética são uma tentativa de “criar” sem mulheres<sup>61</sup> (DALY, 1978, p. 50, tradução nossa).

A resposta de Stryker, em artigo de 1994, é considerada um dos marcos fundadores dos *trans studies* e o primeiro trabalho acadêmico que relaciona a experiência corporificada das pessoas transgênero à teoria *queer*. O texto impulsionou outros teóricos trans a assumir sua voz em primeira pessoa, como *experts* em seus contextos, e a admitir sua experiência afetiva como parte dessa posição – incluindo sentimentos como raiva e fúria (STRYKER; WHITTLE, 2006). Em *My Words to Victor Frankenstein above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage* (“Minhas palavras a Victor Frankenstein sobre a aldeia de Chamounix: performando a raiva transgênero”, tradução nossa), Stryker ecoa os manifestos pós-transexual (2014) de Sandy Stone e *cyborg* (1985), de Donna Haraway, ao clamar para si uma identidade monstruosa e uma raiva que emerge da exclusão social:

O corpo transexual é um corpo não-natural. É o produto da ciência médica. É uma construção tecnológica. É carne rasgada e recosturada em um formato diferente daquele em que nasceu. Nessas circunstâncias, eu percebo uma grande afinidade entre mim mesma, como mulher transexual, e o

<sup>60</sup> “[...] other inaccuracies and inconsistencies call into question the accuracy of his case-histories.”

<sup>61</sup> “Today the Frankenstein phenomenon is omnipresent not only in religious myth, but in its offspring, phallocratic technology. The insane desire for power, the madness of boundary violation, is the mark of necrophiliacs who sense the lack of soul/spirit/life-loving principle with themselves and therefore try to invade and kill off all spirit, substituting conglomerates of corpses. This necrophilic invasion/elimination takes a variety of forms. Trans-sexualism is an example of male surgical siring which invades the female world with substitutes. Male-mothered genetic engineering is an attempt to ‘create’ without women.”

monstro em *Frankenstein* de Mary Shelley. Como o monstro, eu também sou frequentemente percebida como menos humana por causa da minha forma de corporificação; também como o monstro, minha exclusão da comunidade humana alimenta em mim uma profunda e persistente raiva que eu, como o monstro, direciono às condições em que eu preciso lutar para existir<sup>62</sup> (STRYKER, 2006 [1994], p. 245, tradução nossa).

Stryker, ao postular a apropriação trans de termos como “monstro”, “criatura” e “não-natural” da mesma forma que o ativismo gay/lésbico apreendeu o termo *queer*, afirma que a transexualidade, mais do que qualquer outra prática ou identidade transgênero, representa a perspectiva de desestabilizar os pressupostos fundamentais a uma política dos gêneros fixos (STRYKER, 2006, p. 246). É interessante notar que, em textos posteriores, a autora não retomaria nem a pauta da monstruosidade – apenas implícita na postura de incorporar, ao invés de evitar, a alteridade –, nem a postura que define, de forma peremptória, a transexualidade como mais subversiva do que outras identidades trans. Por outro lado, é pertinente lembrar que as acusações feitas às mulheres transexuais – de meramente corporificarem estereótipos de feminilidade construídos pela medicina, como manobra ofensiva da opressão sexista – eram o dispositivo utilizado pelo feminismo radical lésbico para anular a subjetividade e o potencial transgressor das gênero-divergências, tema que informa o artigo de Stryker.

Ao invés de combater o argumento de que os corpos trans são construídos da tecnologia médica, a autora assume a posição e defende que tal forma de produção não preclui o corpo de ser um espaço viável de construção da subjetividade. Para Stryker, a corporalidade transexual, como a corporalidade do monstro, coloca seu sujeito em um relacionamento *queer*, inassimilável e antagonístico com a natureza – local onde, de qualquer forma, precisa existir (STRYKER, 2006, p. 248). Essa não-naturalidade que provoca a patologização das identidades trans e, com isso, transforma as vozes trans em “discursos confusos de mentes doentias”, afirma a autora, é parte de uma raiva transgênero que se acumula, e que deve ser alimentada e canalizada em ações transformadoras que mudam a si e ao mundo (STRYKER, 2006, p. 249; 254).

No entanto, foi Janice Raymond, orientanda de doutorado de Daly, que consolidou o discurso das vertentes feministas antitransgênero em *The Transsexual Empire: the Making of*

---

<sup>62</sup> “The transsexual body is an unnatural body. It is the product of medical science. It is a technological construction. It is flesh torn apart and sewn together again in a shape other than that in which it was born. In these circumstances, I find a deep affinity between myself as a transsexual woman and the monster in Mary Shelley’s *Frankenstein*. Like the monster, I am too often perceived as less than fully human due to the means of my embodiment; like the monster’s as well, my exclusion from human community fuels a deep and abiding rage in me that I, like the monster, direct against the conditions in which I must struggle to exist.”

*the She-male* (“O império transexual: a construção do *she-male*<sup>63</sup>”, tradução nossa), de 1979. Embora ressalte que o posicionamento de Raymond não era representativo da opinião geral feminista, Stryker está entre os acadêmicos que afirmam que a obra teve um importante papel na história política transgênero, tendo servido tanto como fonte para as posturas contrárias às pessoas trans quanto como estímulo à contrateorização dos autores trans (STRYKER, 2017, l. 1953).

Com efeito, o texto de Raymond incentivou e impulsionou os avanços a que se opunha (PROSSER, 1998, p. 172). Bornstein reafirma o impacto da obra ao descrever que autores “como Janice Raymond (...), em última análise, perpetuaram o mito de que pessoas transgênero são malévolas, doentes mentais ou monstros”<sup>64</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 13, tradução nossa). Este aspecto também é destacado por Heyes ao notar que *The Transsexual Empire* tornou-se o arquétipo da articulação da hostilidade feminista radical à transexualidade, e tem influência persistente nas percepções feministas a respeito das pessoas transgênero (HEYES, 2003, p. 1099).

Avançando a perspectiva apontada por Mary Daly, Raymond representa as mulheres transexuais como agentes do imperialismo médico, enviadas para colonizar as comunidades das mulheres: não sendo nativas de uma feminilidade original, mas retardatárias e estrangeiras, as mulheres trans são, portanto, ilegítimas (PROSSER, 1998, p. 171). Para Bettcher, os argumentos de Raymond implicam que o sexo existe em posição primária às maquinações da cultura; o gênero é inscrito com base no sexo, e a filiação à categoria “mulher” é determinada tanto por cromossomos quanto pela socialização e pelas experiências de um indivíduo em seu sexo designado. Sendo assim, a visão básica de Raymond é a de que mulheres transexuais são, na verdade, homens; e homens transexuais são, de fato, mulheres. O “império transexual” que dá título ao livro se refere ao sistema médico patriarcal que perpetua a opressão dos papéis sexuais através de intervenções cirúrgicas. A medicalização da gênero-divergência e os tratamentos que esta possibilita não passam de veículos que asseguram a expansão contínua do sexismo (BETTCHER, 2014a).

Seguindo as pistas de Stryker (2017), destacamos alguns dos principais argumentos de *The Transsexual Empire*:

a) “todos os transexuais estupram os corpos das mulheres ao reduzir a forma real da fêmea a um artefato, apropriando-se desse corpo para si”, e, ainda pior, “a feminista lésbica

<sup>63</sup> “*She-male*”, literalmente “ela-macho”, é um termo vulgar, sem correspondência no Português, que designa mulheres transgênero que possuem pênis, principalmente no contexto da pornografia.

<sup>64</sup> “[People] like Janice Raymond, Catherine Millot, and Robert Stoller have ultimately perpetuated the myth that transgendered people are malevolent, mentally ill, or monsters.”

construída transexualmente também viola a sexualidade e o espírito das mulheres”<sup>65</sup> (RAYMOND, 1994, p. 104, tradução nossa);

b) mulheres transexuais lésbicas são agentes da opressão patriarcal das mulheres e não deixam de ser homens através da castração ou da aquisição de artefatos do espírito e do corpo de uma mulher (RAYMOND, 1994, p. 106);

c) o fenômeno transexual é comparável aos experimentos gerados pela medicina nazista e, sendo assim, estaríamos testemunhando “a ciência a serviço da ideologia patriarcal da conformidade entre sexo e papéis de gênero, da mesma forma que controlar a reprodução para obter indivíduos de cabelos loiros e olhos azuis tornou-se uma pretensa ciência a serviço da conformidade racial nórdica”<sup>66</sup> (RAYMOND, 1994, p. 149);

d) não há espaço para convivência ou debate, uma vez que “o problema do transexualismo seria melhor resolvido fosse moralmente obrigado a não existir”<sup>67</sup> (RAYMOND, 1994, p. 178, tradução nossa).

Apesar das críticas que recebeu desde a publicação do livro, e do avanço dos ativismos *queer* e trans, Raymond permaneceu firme em suas posições. Na introdução à reedição de 1994 de *The Transsexual Empire*, a autora reafirma que o transexualismo constitui um programa sociopolítico nocivo aos movimentos feministas que buscam a erradicação da opressão dos estereótipos de sexo e dos papéis de gênero (RAYMOND, 1994, p. xxi). Raymond descreve as pessoas que realizam a cirurgia transgenital como alienadas de seus corpos, caracterizando tal ato como mutilação. Ela rejeita o desejo como indicador válido de uma identidade de gênero, ressaltando que o uso instrumental de hormônios ou cirurgias não criam uma mulher ou um homem reais. Para Raymond, “transexuais ‘homem-para-fêmea-construída’<sup>68</sup> têm o direito à mesma humanidade, respeito e dignidade de qualquer outro membro da raça humana – mas como machos, ou indivíduos que

---

<sup>65</sup> “All transsexuals rape women’s bodies by reducing the real female form to an artifact, appropriating this body for themselves. However, the transsexually constructed lesbian-feminist violates women’s sexuality and spirit, as well.”

<sup>66</sup> “[...] a science at the service of patriarchal ideology of sex-role conformity in the same way that breeding for blond hair and blue eyes became a so-called science at the service of Nordic racial conformity.”

<sup>67</sup> “[...] the problem of transsexualism would best be served by morally mandating it out of existence.”

<sup>68</sup> Como não reconhecem a identidade das pessoas trans, as feministas radicais trans-exclusivistas jamais se referem às pessoas trans como homens ou mulheres; pelo contrário, buscam em suas definições ressaltar aspectos percebidos por elas como artificiais. Nesse exemplo, o termo “homem-para-fêmea-construída” é uma corruptela do popular indicador MtF, *male-to-female* ou “homem-para-mulher”, indicando a trajetória da transição de uma pessoa trans. Embora descritores como MtF e FtM (bem como MtX e FtX, para indicar transições não-binárias) ainda sejam usados pelas pessoas trans nos fóruns do *Reddit* – geralmente pela clareza e rapidez em indicar uma narrativa particular – eles vêm caindo em desuso por enfatizar o sexo/gênero designado no nascimento, e pela crescente compreensão de que pessoas trans sempre foram do gênero com que se identificam, mesmo que tenham vivido parte de suas vida “passando” pelo gênero designado no nascimento.

receberam procedimentos transexuais; não como mulheres”<sup>69</sup> (RAYMOND, 1994, p. xxiv, tradução nossa). Como se observa, a autora renega qualquer possibilidade de legitimidade, agência ou subjetividade às mulheres trans; e pela argumentação firme – ainda que questionável –, seus discursos tornar-se-iam paradigmas do feminismo transfóbico (STRYKER, 2017, l. 2008).

Uma das primeiras reações notáveis de autores trans ao livro de Raymond foi publicada por Carol Riddell em 1980. O artigo *Divided Sisterhood* (“Sororidade dividida”, tradução nossa) é considerado como expressão inicial de um feminismo transgênero ao demonstrar – em uma época em que a transexualidade era considerada, pela maioria das pessoas, como politicamente reacionária e emocionalmente perturbada – que um ponto de vista trans pode ser progressivo e racional (STRYKER; WHITTLE, 2006, p. 144). Riddell percebe os argumentos de Raymond como axiomáticos e dogmáticos, por não aceitar nem considerar a possibilidade de que a transexualidade tenha causas além do sistema médico, sexista e patriarcal. Ao negar que mulheres trans sejam mulheres, ao mesmo tempo afirmar que qualquer contra-argumentação é uma tentativa de proteger o patriarcado, Raymond torna a crítica impossível – uma vez que os argumentos de mulheres trans partem do pressuposto que são, de fato, mulheres (RIDDELL, 2006, p. 149).

Riddell também demonstra inconsistências no feminismo praticado por Raymond: quando esta infere que os limites da existência são rigidamente definidos por critérios biológicos imutáveis e pelo comportamento adquirido através de interações sociais – a socialização –, Riddell aponta que esta visão subscreve um modelo onde somos apenas o que a ciência masculina nos diz que somos; no entanto, “As mulheres como um todo nunca aceitaram que este tipo de cientificismo macho-racional, produto ideológico do desenvolvimento capitalista dos séculos XVIII e XIX, contou a verdade toda sobre a existência”<sup>70</sup> (RIDDELL, 2006, p. 150, tradução nossa). A autora ainda mencionaria o fato de que Raymond ignora a luta contínua de pesquisadores médicos e cirurgiões para disponibilizar tratamentos clínicos e procedimentos transgenitais, sendo marginalizados em seu meio por essa ousadia; ou seja, ao contrário do que Raymond afirma, o império transexual está longe de ser monolítico, e a transexualidade não recebe apoio do patriarcado (BETTCHEER, 2014a).

<sup>69</sup> “[Certainly], male-to-constructed female transsexuals are entitled to the same humanity, the same respect and dignity, as is every other member of the human race—but as male human beings, or as individuals who have undergone transsexual procedures, not as women.”

<sup>70</sup> “Women as a whole have never accepted that rational male scientism, ideological product of 18th and 19th century capitalist development, told the whole truth about existence.”



Por fim, Riddell levanta vários pontos que seriam formativos, anos mais tarde, nos *trans studies*: o fato de que este é um feminismo que não trata as pessoas trans como humanas, mas como ferramentas de uma teoria; que seus argumentos buscam dificultar a visibilidade de homens e mulheres trans, que já precisam mobilizar grandes esforços para sair das sombras; e que o texto procura criar hostilidade contra pessoas transexuais, arregimentando mulheres que não têm experiências reais com tais indivíduos (RIDDELL, 2006, p. 155).

Bettcher (2014a) ainda aponta outros paradoxos na constituição da mulher transexual feita por Raymond. Esta acusa as mulheres trans de serem cúmplices da heteronorma patriarcal ao assumir papéis de sexo/gênero estereotipados e hegemônicos (RAYMOND, 1994, p. 79), mas também critica as que fogem destes papéis – mulheres trans lésbicas de expressão masculina, por exemplo – como opressivamente machistas (RAYMOND, 1994, p. 102). Desta forma, Raymond coloca as mulheres trans em um duplo vínculo, em que as mulheres trans ou são femininas e estereotípicas, sendo, portanto sexistas, ou afastam-se dessas representações, e são também sexistas. Para Bettcher, essa perspectiva apaga as vivências reais das mulheres trans através de representações ideologizadas e monolíticas; e também nega de maneira específica as identidades dos homens trans, ao acusá-los de serem meros exemplos fabricados para esconder seu verdadeiro caráter patriarcal (BETTCHER, 2014a). A autora também indica que Raymond considera como ideal identitário aquele onde ocorre a transcendência dos papéis de gênero sexistas internalizados; mas, ao mesmo tempo, vê o sexo como um substrato biológico imutável onde a cultura é aplicada. Sendo assim, a identidade não poderia senão refletir o reconhecimento do próprio sexo biológico – portanto, sobrevivendo qualquer transcendência da norma cultural, o que causa uma contradição na teoria de Raymond (BETTCHER, 2014a).

Outra obra significativa do feminismo radical antitransgênero é *Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender* (“Mudando o sexo: transexualismo, tecnologia e a ideia de gênero”, tradução nossa), de Bernice Hausman (1995). Para Bettcher (2014a), um dos efeitos notáveis desta publicação foi proporcionar o reconhecimento, entre acadêmicos trans, da fragilidade dos *trans studies*. Avançando alguns dos argumentos de Raymond (1979), Hausman defende que a subjetividade transexual existe, mas é inteiramente dependente da tecnologia médica; que, da mesma forma, há agência em pessoas trans, mas ela só pode ser lida através do discurso médico; e que transexuais e médicos trabalham de forma interdependente, produzindo uma narrativa que alimenta a demanda por cirurgias e justifica o acesso às tecnologias clínicas (HAUSMAN, 1995, p. 110) – uma perspectiva

também informada por autoras como Millot (1990 [1983]), para quem “não existe transexualidade sem o cirurgião e o endocrinologista” (MILLOT, 1990, p. 17). Em sua visão, a própria ideia do gênero (enquanto entidade psicológica e expressão cultural independente do sexo) é consequência da tecnologia médica e da emergência da transexualidade. Ao invés de surgir a partir de papéis de gênero sexistas, como em Raymond, Hausman vê a transexualidade como um veículo através do qual o gênero é produzido – um efeito dos próprios discursos designados para justificar o acesso às tecnologias de gênero. Os avanços na compreensão do gênero e da identidade de gênero não são, então, descobertas intelectuais, mas o mero desenvolvimento de um novo discurso (BETTCHER, 2014a). Nesse contexto, para Hausman, as autobiografias de pessoas transexuais servem apenas para justificar uma demanda de acesso a cirurgias. A autora aponta como contraditória, nessas narrativas, a alegação de mulheres transexuais de terem sempre sido ou se sentido como “o outro sexo”, enquanto afirmam a necessidade da cirurgia “de mudança de sexo” (HAUSMAN, 1995, p. 148). Nesse caso, Bettcher (2014a) contra-argumenta que só há uma tensão entre as afirmações se a categoria “sexo” for compreendida como unívoca; se na primeira alegação “sexo” é compreendido como identidade de gênero e, na segunda, como indicador de mudança corporal, as perspectivas são correlatas e lógicas.

Os ecos dos textos de Raymond (1979) e Hausman (1995) são percebidos em outros autores e autoras críticas da identidade e dos movimentos transgênero (como BAILEY, 2003; LAWRENCE, 2013; JEFFREYS, 2014; BARRETT, 2016; ANDERSON, 2018) e nos fóruns trans do *Reddit*. Suas retóricas são amplificadas pelo enclave chamado *gender critical*, composto por usuários nomeados como *TERFs: trans-exclusionary radical feminists* (“feministas radicais trans-exclusivistas”). O grupo tem como alvo principalmente mulheres trans, seguindo o paradigma de recusar a reconhecer a identidade feminina destas, e referindo-se a elas como *TIMs (transgender identified male*, ou “homem que se identifica como transgênero”) ou simplesmente homens. A descrição do fórum *Gender Critical*<sup>71</sup> no *Reddit*, maior antagonista das comunidades trans na plataforma, afirmava que

Mulheres são fêmeas humanas adultas. Nós não acreditamos que homens podem se tornar mulheres por ‘se sentirem’ como mulheres. Nós não compactuamos com o apagamento das fêmeas e dos espaços exclusivos para fêmeas, com o silenciamento do pensamento crítico, com a negação da realidade biológica e com a opressão baseada no sexo<sup>72</sup>.

<sup>71</sup> <<https://reddit.com/r/gendercritical>>. Acesso em: 06 set. 2020.

<sup>72</sup> “Women are adult human females. We do not believe that men can become women by ‘feeling’ like women. We do not condone the erasure of females and female-only spaces, the silencing of critical thinking, the denial of biological reality and of sex-based oppression.” GENDER Critical. Disponível através de versão arquivada

A apresentação do fórum terminava com uma citação de Sheila Jeffreys:

Mulheres não decidem que, em algum ponto da sua vida adulta, gostariam que outras pessoas as entendessem como mulheres; porque ser mulher não é uma ‘identidade’. A experiência das mulheres não é similar à de homens que adotam a ‘identidade de gênero’ de ser fêmea ou ser mulher em nenhuma forma. A ideia da ‘identidade de gênero’ apaga a biologia e todas as experiências que aquelas com biologia de fêmea têm, de serem criadas num sistema de castas baseado no sexo<sup>73</sup>.

Na visão *gender critical*<sup>74</sup>, sexo é o estado de ser macho ou fêmea, distinto do gênero, e que não sofre alterações em sua definição por quaisquer crenças culturais ou sociais acerca das diferenças entre homem e mulher. Gênero, por sua vez, é visto como um construto social proveniente da normatividade dos comportamentos, expectativas e papéis colocados por sobre homens e mulheres, de forma hierárquica, e com o intuito de naturalizar e justificar a dominação masculina sobre as mulheres. Nestas bases, o *gender critical* não reconhece as identidades gênero-divergentes, referindo-se a mulheres trans como *TIMs* uma vez que, em sua visão, a biologia não pode ser alterada: humanos não podem mudar de sexo, e transgêneros nascidos machos permanecem sendo machos, indiferentemente de terapias hormonais, de cirurgias, de como se identificam ou como desejam ser percebidos. O grupo se opõe ao uso do termo “cisgênero”, indicando-o como sexista e instrumental em continuar a opressão masculina sobre as mulheres, e afirmando que sua ideologia implica em uma falsa dicotomia em que pessoas não-transgênero estão necessariamente confortáveis com seu gênero, e sentem que se encaixam no gênero designado; e também não aceitam o termo *TERF*, acusando-o de ser um insulto difamatório e uma criação recente do ativismo transgênero para vilificar as mulheres. O acrônimo, no entanto, foi criado, em 2008, como um termo neutro e descritivo, por uma blogueira feminista cisgênero buscando separar as

---

no *Internet Wayback Machine*, em <<https://web.archive.org/web/20200629121143/https://www.reddit.com/r/GenderCritical/>>. Acesso em: 09 set. 2020. Tradução nossa.

<sup>73</sup> “Women do not decide at some point in adulthood that they would like other people to understand them to be women, because being a woman is not an ‘identity.’ Women’s experience does not resemble that of men who adopt the ‘gender identity’ of being female or being women in any respect. The idea of ‘gender identity’ disappears biology and all the experiences that those with female biology have of being reared in a caste system based on sex.”. Tradução nossa.

<sup>74</sup> As definições foram retiradas do dicionário e da *FAQ* - Perguntas Frequentes do *Gender Critical*, acessado através de versão arquivada no *website Internet Wayback Machine*. Disponível em <[https://web.archive.org/web/20200614070412if\\_/https://www.reddit.com/r/GenderCritical/wiki/dictionary](https://web.archive.org/web/20200614070412if_/https://www.reddit.com/r/GenderCritical/wiki/dictionary)> e em <[https://web.archive.org/web/20200614070148if\\_/https://www.reddit.com/r/GenderCritical/wiki/faq#wiki\\_why\\_do\\_you\\_not\\_use\\_the\\_term\\_201Ccisgendered.201D\\_or\\_201Ccis.201D\\_here.3F](https://web.archive.org/web/20200614070148if_/https://www.reddit.com/r/GenderCritical/wiki/faq#wiki_why_do_you_not_use_the_term_201Ccisgendered.201D_or_201Ccis.201D_here.3F)>. Acesso em: 09 set. 2020.

feministas radicais que apoiam as identidades trans daquelas que operam no extremo oposto (STRYER, 2017).

Após um longo histórico de embates e hostilidades de seus usuários às pessoas trans no *Reddit*, o fórum *Gender Critical* foi banido, em 29 de junho de 2020, pelos administradores da plataforma, por violar a regra número 1 de sua política de conteúdo:

Lembre-se do humano. O *Reddit* é um lugar para criar comunidades e pertencimento, não para atacar grupos de pessoas marginalizadas ou vulneráveis. Todos têm direito de usar o *Reddit* livres de assédio, bullying e ameaças de violências. Comunidades e usuários que incitarem a violência ou promoverem ódio com base em identidade ou vulnerabilidade serão banidos<sup>75</sup>.

Outros fóruns de temática *gender critical*, como o *LGB Drop the T*<sup>76</sup> (“LGB sem o T”, que defendia a remoção das pautas trans do ativismo *queer*), *It’s a Fetish*<sup>77</sup> (“é um fetiche”, indicando a acusação de que as identidades trans são motivadas por uma parafilia), *Neovagina Disasters*<sup>78</sup> (“neovaginas desastrosas”, que publicava imagens de cirurgias transgenitais mal-sucedidas junto à comentários transfóbicos), *There are Only Two Genders*<sup>79</sup> (“só existem dois gêneros”), e mais de trinta outras comunidades afins foram banidas na mesma data<sup>80</sup>. Apesar de o público trans do *Reddit* reivindicar a exclusão destes fóruns há vários anos, a operação foi parte de um movimento mais amplo, integrado por redes sociais como *Facebook* e *Twitter*, em esforços de remover conteúdo racista, exclusivista ou que promove o ódio – como resposta aos protestos antirracistas de junho de 2020, decorrentes do assassinato de George Floyd. De acordo com o *Reddit*, foram excluídos mais de dois mil subfóruns por violação da política de conteúdo<sup>81</sup>. As comunidades trans do *Reddit* comemoraram cautelosamente a decisão, demonstrando preocupação com os movimentos seguintes dos usuários *gender critical* fora da visibilidade que seu fórum dava. Como indica um comentário em destaque na postagem sobre o banimento, “Fico um pouco assustada sobre

<sup>75</sup> “Remember the human. Reddit is a place for creating community and belonging, not for attacking marginalized or vulnerable groups of people. Everyone has a right to use Reddit free of harassment, bullying, and threats of violence. Communities and users that incite violence or that promote hate based on identity or vulnerability will be banned.” REDDIT. Política de conteúdo. Disponível em: <<https://www.redditinc.com/policies/content-policy>>. Acesso em: 10 set. 2020. Tradução nossa.

<sup>76</sup> <<https://reddit.com/r/lgbdrophet>>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>77</sup> <<https://reddit.com/r/itsafetish>>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>78</sup> <<https://reddit.com/r/neovaginadisasters>>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>79</sup> <<https://reddit.com/r/ThereAreTwoGenders>>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>80</sup> Levantamento a partir de uma lista não-exaustiva de fóruns *Gender Critical* no *Reddit*. Disponível em <[https://www.reddit.com/r/mftrhu/wiki/gc\\_subs](https://www.reddit.com/r/mftrhu/wiki/gc_subs)>. Acesso em: 10 set. 2020.

<sup>81</sup> TIMBER, C; DWOSKIN, E. *Reddit closes long-running forum supporting President Trump after years of policy violations*. The Washington Post, 29 jun. 2020. Disponível em <<https://www.washingtonpost.com/technology/2020/06/29/reddit-closes-long-running-forum-supporting-president-trump-after-years-policy-violations/>>. Acesso em: 09 set. 2020.

para onde eles vão agora, mas [a decisão] me parece pelo melhor”<sup>82</sup>. Ressaltamos aqui que nunca houve desejo de um diálogo honesto por parte dos usuários *gender critical* no *Reddit*; estes sempre demonstraram ser inflexíveis e agressivos, e são vistos pelas comunidades de pessoas trans como um grupo de ódio<sup>83</sup>. Uma usuária do *Reddit* que se diz *ex-TERF* e *ex-gender critical*, testemunha em discussão no fórum *AskTransgender*:

Feminismo radical é simplesmente defender que o gênero (os construtos sociais ao redor do sexo) não deveria ser inerente, e que nós devemos evitar reforçá-lo enquanto sociedade. (...) A maior parte das *TERFs* vai ir alegremente contra sua própria filosofia, no entanto, quando o assunto são as pessoas transgênero. Elas vão falar sobre ‘homens de vestido’ com desprezo, usar pronomes errados de propósito e justificar que os pronomes se referem ao sexo, e culpar um grupo inteiro de pessoas sem fazer distinção. Elas sentem ódio e nojo, e jogam uma camada de ‘crítica racional’ para mascarar esse ódio. E elas o fazem porque querem causar danos. Elas não têm nenhuma intenção de fazer uma crítica racional em nome da saúde de todos nós. (...) Quando eu percebi que todos os argumentos seguiam um caminho padrão de ‘nós contra eles’, sem qualquer intenção de fazer a vida mais fácil pra todo mundo, eu me dei conta de que elas não têm nada além de ódio e a capacidade básica da língua para mascará-lo sob uma falsa premissa.

O feminismo, principalmente após Butler (2011 [1993]; 2004), produziu esforços teóricos acolhedores às pessoas trans em busca de coalizões com os *trans studies*. Uma destas investidas veio de de Cressida Heyes em *Feminist Solidarity after Queer Theory: The Case of Transgender* (“Solidariedade feminista após a teoria *queer*: o caso transgênero”, tradução nossa), de 2003. No artigo, a autora indica que o feminismo precisa, a partir de uma perspectiva solidária, dialogar com sujeitos bissexuais, intersexo, transgênero e outras identidades emergentes, a fim de estabelecer alianças efetivas com esses movimentos na luta contra a opressão. Sua perspectiva abrangente contrasta com a de Janice Raymond, para quem o feminismo só pode ser acionado por pessoas que nascem com cromossomos XX, e pelo histórico social relativo ao significado de nascer com esses cromossomos (RAYMOND, 1994, p. 116).

Heyes (2003) concorda com o pressuposto inicial dos *trans studies* ao afirmar que o feminismo vem colonizando o fenômeno transgênero como um campo de testes teórico – seja apropriando-se dessas narrativas para impulsionar argumentos teóricos *queer*, representando-o como um teste ácido ao construcionismo, ou atacando-o por compromissos

<sup>82</sup> “It kinda scares me where they'll go now but this feels for the best.” Tradução nossa. Disponível em <[https://reddit.com/r/asktransgender/comments/hi3u4t/rgendercritical\\_is\\_banned/](https://reddit.com/r/asktransgender/comments/hi3u4t/rgendercritical_is_banned/)>. Acesso em: 21 set. 2020.

<sup>83</sup> Como exemplo, o título de um *post* na comunidade *AskTransgender* sobre os banimentos de junho diz: “Vamos celebrar as pequenas vitórias! Adeus *GenderCritical* e todos os outros grupos de ódio”. Tradução nossa.

políticos suspeitos (HEYES, 2003, p. 1098). Este histórico de fetichização de certos feminismos, somado à falta de atenção crítica ao próprio privilégio de uma posição de gênero estável, elimina tanto a compreensão de uma política transfeminista como possibilidade de resistência à opressão, quanto as oportunidades de aliança entre mulheres trans e não-trans (HEYES, 2003, p. 1095; 1100). Delineando as potencialidades e as tensões entre estas coalizões, a autora indica que as pessoas trans, enquanto sujeitos que exploram de forma literal “o que Foucault (1998) chamou de ‘tecnologias de si’, são paradigmáticas a muitas das ansiedades feministas mais urgentes sobre identidade, gênero, e transformação pessoal”<sup>84</sup> (HEYES, 2003, p. 1098, tradução nossa).

Heyes se engaja no debate contra o feminismo lésbico radical antitransgênero analisando os textos de Raymond (1994) e Hausman (1995). Partindo do prefácio à segunda edição de *The Transsexual Empire* (1994), Heyes afirma que a construção teórica da mulher transexual em Raymond – um artefato de práticas médicas patriarcais que se apropriam dos corpos das mulheres e perpetuam essencialismo e opressão de gênero – depende de uma série de premissas controversas, como a) de que todas as identidades transfemininas podem ser capturadas em um modelo teórico baseado numa pequena amostra de indivíduos; b) de que todas as pessoas trans são dependentes da cirurgia transgenital para expressarem com sucesso suas identidades; e c) de que o desejo de mudar o corpo para acomodar uma identidade é evidência conclusiva de compromissos políticos antifeministas (HEYES, 2003, p. 1101). Em relação ao último pressuposto, a autora nota que mulheres não-trans também atravessam mudanças corporais dramáticas por razões relacionadas à identidade, como é possível perceber em fisiculturistas, atletas, mulheres que fazem dieta, anoréxicas, clientes de cirurgias cosméticas, etc. De fato, Heyes usa como exemplo os tratamentos estéticos e os produtos e técnicas de rejuvenescimento da pele, indicando que as estratégias psicológicas por trás do *marketing* desse setor buscam encorajar potenciais clientes a pensar em si como pessoas jovens presas no corpo de uma pessoa mais velha – um eco inquietante do discurso transexual (HEYES, 2003, p. 1102).

Nesse mesmo viés, Heyes contrapõe o paralelo que Raymond traça entre transexualidade e transracionalidade. Percebendo uma relação entre desejo e medicalização na narrativa trans, Raymond questiona se uma pessoa negra que deseja ser branca – “um branco preso em um corpo negro”<sup>85</sup> – sofre a doença de ser transracional; ela conclui que “não há

<sup>84</sup> “As subjects who explore what Michel Foucault (1988) called ‘technologies of the self’ in particularly literal forms, transgendered people seem paradigmatic of many of the most pressing feminist anxieties about identity, gender, and personal transformation.”

<sup>85</sup> “[...] a white trapped in a Black body.” Tradução nossa.

demanda para intervenção médica transracial precisamente porque a maioria dos negros reconhece que é sua sociedade, e não sua cor, que precisa de mudança”<sup>86</sup> (RAYMOND, 1994, p. xvi, tradução nossa). No entanto, Heyes aponta que essa afirmação é completamente falsa, uma vez que existe uma pletera de intervenções médicas e modificações cosméticas que buscam alterar partes do corpo etnicamente ou racialmente identificadas – “de tratamentos para alisar o cabelo para afroamericanos a rinoplastias para judeus, a cirurgias nas pálpebras para asiáticos-orientais, aos ubíquos cremes clareadores da pele comercializados a pessoas de cor”<sup>87</sup> (HEYES, 2003, p. 1102, tradução nossa).

A autora também indica que o argumento de Raymond demonstra sua construção do transexualismo como monádico e fixo em relação a classe e etnia: sendo branco e de classe média, ignora pessoas trans de cor e as múltiplas interfaces de preconceitos e posições subjetivas, inclusive em seu potencial de resistência (HEYES, 2003, p. 1103). Esse veto à agência pessoal e à capacidade de transgressão das pessoas trans também é encontrado em Hausman (1995), que discute se sujeitos que mudam seu sexo para fazer com que seus corpos reflitam uma experiência interna de si – experiência definida como gênero –, são realmente capazes de posicionarem-se criticamente diante do sistema que demarca suas escolhas (HAUSMAN, 1995, p. 199). Nesse contexto, Heyes (2003) argumenta que Hausman não esclarece os motivos pelos quais os parâmetros teóricos dessa pergunta limitam, especificamente, as faculdades críticas das pessoas transexuais, e oferece uma leitura alternativa da questão usando o paradigma heterossexual. Heyes sugere o caso de uma lésbica feminista que usou expressões como “eu sempre soube que sou lésbica”, que buscou adaptar-se à normatividade namorando homens, que sentiu angústia ao se imaginar nos papéis de esposa e mãe, que ficou anos no armário tentando ‘passar’ por heterossexual, e que finalmente decidiu assumir sua sexualidade e construir uma vida lésbica, enfrentando a oposição de familiares e amigos. Mesmo ciente de que “lésbica” é uma categoria relativamente recente de existência, criada pelas mudanças econômicas, pela urbanização e por movimentos sociais como o feminismo, nessa mulher hipotética permanece a sensação de que não poderia ter agido de outra forma, exceto ao custo de muita angústia e autoengano. Ou seja, nessa narrativa que possui correspondências imediatas com as experiências de muitas mulheres trans, o questionamento de Hausman – a falta de posicionamento crítico diante do patriarcado – pode ser aplicado à própria posição feminista radical, ao invés de uma

<sup>86</sup> “(...) there is no demand for transracial medical intervention precisely because most Blacks recognize that it is their society, not their skin, that needs changing.”

<sup>87</sup> “(...) from hair-straightening treatments for African Americans, to nose jobs for Jews, to eyelid surgery for East Asians, to the ubiquitous skin-bleaching creams marketed to people of color.”

problemática exclusiva das pessoas trans. Ou ainda que sua análise parte de bases inválidas para retratar todas as pessoas trans como inerentemente ligadas ao patriarcado (HEYES, 2003, p. 1114).

Procurando um equilíbrio entre as visões radicais tanto do feminismo lésbico quanto dos *trans studies*, Heyes oferece uma crítica a Feinberg (1998), para quem uma política trans parte de expressões de gênero individuais que não podem ser criticadas, restritas ou oprimidas. A autora aponta que o gênero não é mero estilo ou senso estético, nem a expressão de um *self* isolado de contexto; mas relacional e frequentemente ligado a sistemas de opressão. Sendo assim, certas formas de masculinidade, inclusive trans, que envolvem misoginia e hostilidade às mulheres devem ser criticadas; e o que falta nesse modelo de liberdade de gênero é uma ética transformativa – que faça uma distinção entre transformações progressistas de indivíduos oprimidos e marginalizados, e formas hegemônicas de gênero que meramente dão continuidade a essas opressões e marginalizações (HEYES, 2003, p. 1112).

Outra contra-argumentação de Heyes diz respeito ao enquadramento, em Raymond e Hausman, do desejo e do objetivo da cirurgia transgenital como formativos às identidades trans. Heyes traz à tona vivências conhecidas empiricamente e nos *trans studies*: o fato de que muitos homens trans, em particular, recusam cirurgias de redesignação – seja porque as técnicas de faloplastia ainda podem ser cosmética e funcionalmente inadequadas<sup>88</sup>, mas também como resistência motivada pelo reconhecimento feminista que o pênis não faz o homem (HEYES, 2003, p. 1115). Ao mesmo tempo, a autora lembra que mulheres trans também podem recusar a cirurgia por motivos análogos, ou resistir a determinadas práticas heterossexistas como a necessidade de dilatação pós-cirúrgica para manter a funcionalidade e adequação da vagina ao sexo penetrativo<sup>89</sup>. Com efeito, Heyes aponta que o aumento do acesso crítico à informação sobre a cirurgia transgenital faz com que as pessoas trans estejam,

<sup>88</sup> É importante notar que o texto de Heyes é de 2003, ou seja, as técnicas de cirurgias genitais para homens trans evoluíram nos anos seguintes. Apesar disso, em muitos sistemas médicos, como o do Brasil, a cirurgia ainda é considerada experimental, e possui oferta significativamente menor se comparada à cirurgia genital para mulheres trans. A qualidade das cirurgias transgenitais para homens trans é um assunto e uma preocupação frequente nos fóruns trans do *Reddit* (na mesma medida em que mulheres trans também trazem à tona suas preocupações com resultados cirúrgicos; no entanto, os desafios de cada cirurgia são bastante distintos e particulares. Homens que optam por faloplastia, por exemplo, precisam extrair um enxerto de pele de tamanho significativo, retirado da coxa ou braço, correndo o risco de ficarem com cicatrizes permanentes.)

<sup>89</sup> O pós-operatório da cirurgia de redesignação para mulheres trans exige dilatações diárias para a manutenção do tamanho do canal vaginal, de sua elasticidade e abertura, e da musculatura pélvica. Embora o regime de dilatações dependa da técnica cirúrgica, do corpo de cada pessoa e de sua atividade sexual, as dilatações, em maior ou menor frequência, em geral são compreendidas como fisioterapia necessária ao longo da vida. Mulheres trans lésbicas às vezes optam por não realizar as dilatações, por não terem desejo ou objetivo de receber penetração. Outro exemplo mais recente de cirurgia transgenital que resiste à heteronorma é a penectomia/vulvoplastia sem vaginoplastia, também conhecida como *zero-depth technique* (ou “técnica de profundidade zero”). No fórum trans do *Reddit* dedicado à discussão de cirurgias transgenitais, esta tem sido alvo do interesse de mulheres trans lésbicas e pessoas não-binárias transfemininas.



cada vez mais, preocupadas com os limites da cirurgia, e sobre esta como um caminho à identidade autêntica (HEYES, 2003, p. 1116). Sendo assim, a autora aponta a alegação de que a identidade transexual é sobredeterminada por sua medicalização, como conceitualmente tautológica e empiricamente falsa. Ao contrário, para Heyes, as pessoas trans – especialmente as que são feministas – enfrentam um complexo sistema de escolhas que inclui dilemas éticos e políticos, ao considerar se desejam ou não mudanças em seus corpos mediadas pela medicina, e que mudanças seriam estas. Sendo assim, esses dilemas são melhor compreendidos se relacionados aos de outras mulheres feministas, não-trans, ao cogitar mudanças corporais como próteses nos seios, dietas rígidas ou fisiculturismo (HEYES, 2003, p. 1116). Dessa forma, a autora define o potencial da solidariedade feminista nos termos de uma utopia que exclui a disciplina rígida do dimorfismo de sexo e das categorias de gênero, os tipos de corpos ideais forçado pela normatividade, a objetificação e a abjeção. Para Heyes, é a partir do reconhecimento de que muitas feministas não-trans falham em questionar suas próprias identidades, e o privilégio do conforto com seu próprio gênero, que pode levar a um campo político comum, e à formação de alianças feministas em favor de uma demanda unificada por liberdade individual (HEYES, 2003, p. 1117).

Embora as aproximações entre feminismo, ativismos trans e *trans studies* já ocorresse desde o final dos anos 1980, o projeto de um feminismo próprio – não apenas inserido nos feminismos convencionais mas, de fato, um *transfeminismo* – foi articulado em 2001 por Emi Koyama, no *Transfeminist Manifesto* (“Manifesto transfeminista”, tradução nossa). De acordo com a autora, o movimento feminista ampliou expressivamente seus públicos na metade final do século XX, abraçando a diversidade não como uma fraqueza, mas como uma força produtiva de políticas de coalizão inclusivas. Para Koyama, a cada grupo de mulheres previamente silenciadas que começa a erguer sua voz, outras feministas são desafiadas a repensar quem e o quê representam; e embora este processo possa levar à dolorosa compreensão de vieses e opressões internalizadas, ele eventualmente beneficia o movimento ao ampliar suas perspectivas e elementos constitutivos. “É a partir desse entendimento que declaramos: chegou a hora de as mulheres trans tomarem parte abertamente na revolução feminista, continuando a expansão do escopo do movimento”<sup>90</sup> (KOYAMA, 2003, p. 244, tradução nossa).

Na definição trazida pelo manifesto, o transfeminismo é primariamente formado por, e dedicado a, mulheres trans que veem sua liberação como intrinsecamente ligada à liberação

---

<sup>90</sup> “It is with this understanding that we declare that the time has come for trans women to openly take part in feminist revolution, further expanding the scope of the movement.”

de todas as mulheres e, para além, um movimento aberto a pessoas *queer*, pessoas intersexo, homens trans, mulheres e homens não-trans<sup>91</sup>, e outros que são solidários às necessidades das mulheres trans e consideram sua aliança com as mulheres trans essenciais à própria liberação. Respondendo às críticas trans-exclusivistas, Koyama esclarece que o transfeminismo não busca invadir ou tomar as instituições feministas existentes, mas estender e avançar o feminismo como um todo, através de sua própria liberação, e em coalizão com todas as outras liberações. Com efeito, o transfeminismo luta tanto por mulheres trans como não-trans, e pedem o mesmo apoio em solidariedade (KOYAMA, 2003, p. 245). Para a autora, impera que o feminismo reconheça as mulheres trans como vítimas de uma violência específica que soma sexismo, misoginia, homofobia, transfobia, marginalização e a violência econômica e social que decorre desses fatores (KOYAMA, 2003, p. 253-254).

Os princípios primários do transfeminismo, como apontados por Koyama, são as crenças de que a) todo indivíduo tem o direito de definir a sua própria identidade e esperar que a sociedade a respeite, incluindo o direito de expressar este gênero sem medo de discriminação ou violência; b) cada pessoa tem o direito exclusivo de tomar decisões a respeito do próprio corpo, e nenhuma autoridade política, médica ou religiosa deverá violar essa integridade ou impedir tais decisões; e c) que ninguém deve ser coagido a tomar decisões a respeito de sua identidade ou expressão de gênero para ser um homem ou mulher “verdadeiros”, ou ser qualificado como uma feminista “verdadeira” (KOYAMA, 2003, p. 245-246). O manifesto também aborda o desejo e/ou a necessidade das mulheres trans de “passar por” mulheres não-trans – e desafia a todas as mulheres, incluindo as mulheres trans, a examinar a internalização de normas heterossexistas e patriarcais de gênero, bem como seus efeitos.

Ao mesmo tempo, Koyama afirma que não é responsabilidade de uma feminista livrar-se de cada resquício da definição patriarcal de feminilidade, e que mulheres não devem ser acusadas de reforçar estereótipos de gênero – uma vez que um “teste de pureza” desempodera as mulheres por retirar sua agência, e isso afasta mulheres, trans ou não, de

---

<sup>91</sup> Conforme Dame (2017), embora o uso do termo “cisgênero” seja registrado nos fóruns da rede *Usenet* desde 1995, a palavra só ganharia popularidade a partir de 2007, com a publicação do influente *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*, de Julia Serano. Coincidentemente, Serano diz que sua inspiração para adotar o termo veio de Koyama, em uma mensagem no grupo de discussões por e-mail *Women's Studies Listserv*. Além de descrever “cisgênero” (bem com “cissexismo”), Koyama afirma não esperar que essas palavras passem a ter uso frequente, mas que as usa por ter percebido nelas um conceito tão feminista quanto interessante. Como se sabe, o termo “cisgênero” veio a se estabelecer no léxico das discussões acerca do gênero nos anos 2010, embora alguns autores dos *trans studies* permaneçam usando “não-trans” como marcador da diferença (e o próprio termo “cis” venha a sofrer combate de grupos e autores conservadores). A mensagem original de Koyama está disponível em <<http://www.eminism.org/interchange/2002/20020607-wmstl.html>>. Acesso em: 15 set. 20.

tomar parte do movimento feminista (KOYAMA, 2003, p. 246). Para a autora, o transfeminismo postula que o número de formas de ser mulher é tão grande quanto o número de mulheres que existe, que estas devem ser livres para tomar decisões sem culpa, e as instituições políticas e sociais que inibem ou limitam escolhas devem ser confrontadas. Nesse sentido, o movimento defende que é desnecessário e opressivo exigir que mulheres abandonem sua liberdade de fazer escolhas pessoais para serem consideradas feministas verdadeiras, uma vez que esta visão meramente substituiria o rígido ideal feminino do construto patriarcal por uma versão levemente modificada que é tão rígida quanto a hegemonia atual (KOYAMA, 2003, p. 247). Da mesma forma, a autora afirma não haver contradição entre lutar contra o reforço institucional de papéis de gênero rígidos e defender o direito de cada indivíduo de buscar as modificações corporais que proporcionam autoestima e satisfação consigo, além de segurança e conforto em sociedade (KOYAMA, 2003, p. 250).

Além de propor os paradigmas do transfeminismo, o manifesto aborda algumas das críticas realizadas por feministas às mulheres trans. Entre elas, Koyama ressalta que a acusação frequente do feminismo radical às mulheres trans de terem se beneficiado do privilégio masculino não deve ser negada, mas reconhecida – desde que como parte de uma interação dinâmica entre esse privilégio (perdido durante e após a transição) e a desvantagem de ser trans. “Sugerir que mulheres trans são inerentemente mais privilegiadas que qualquer outra mulher é tão ignorante quanto dizer que casais de homens gays são mais privilegiados que casais heterossexuais porque ambos parceiros têm privilégio masculino”<sup>92</sup> (KOYAMA, 2003, p. 248, tradução nossa). A autora também rejeita o essencialismo no sistema sexo/gênero, mantendo a posição de que ambos são resultado de uma construção social; e que nenhuma mulher deve ser discriminada em bases biológicas, cuja artificialidade pode ser observada com clareza na normalização de corpos intersexo de genitália ambígua (KOYAMA, 2003, p. 249).

Apesar de importante na articulação de um feminismo dedicado às dificuldades das mulheres trans, o manifesto pode ser criticado como pouco inclusivo, já que tem foco em mulheres transexuais e deixa de lado pessoas transgênero, *genderqueer* e homens trans; além disso, não se aprofunda na interseccionalidade com as problemáticas da etnia, da classe, e das pessoas com deficiência. A autora reconheceu estas falhas no posfácio da versão editada em 2003, mas não propôs novas bases (KOYAMA, 2003, p. 258). Não obstante, o texto mostrou-se instrumental na formação de ideais que se alastrariam pelos ativismos

---

<sup>92</sup> “The suggestion that trans women are inherently more privileged than other women is as ignorant as the claim that gay male couples are more privileged than heterosexual couples because both partners have male privilege.”

relacionados, e tem sido percebido como influente no desenvolvimento dos *trans studies* no século XXI, principalmente em autoras como Bettcher (2012; 2014b) e Serano (2016 [2007]), que também publica um manifesto transfeminista em seu livro – acionando os conceitos de cissexismo, cisgeneridade, transfobia e transmisoginia.

## 2.4 Interfaces entre os *trans studies* e a teoria *queer*

A primeira edição da revista acadêmica *TSQ: Transgender Studies Quarterly* (2014), intitulada *Postpost-transsexual: Key Concepts for a Twenty-First-Century Transgender Studies* (“Pós-pós-transsexual: conceitos chave para os *transgender studies* no século XXI”, tradução nossa) é uma pequena enciclopédia com 86 verbetes/ensaios sobre ideias centrais ao campo dos *trans studies*. No artigo dedicado à palavra *queer*, Heather Love associa esse termo a desejos e práticas sexuais fora da normatividade, enquanto situa os *trans studies* como ligados às identificações de gênero e corporalidades. Para a autora, é difícil traçar uma distinção prática entre eles, uma vez que compartilham a crítica às categorias estáveis do sistema binário de gênero e às normas sexuais (LOVE, 2014, p. 172). Esta visão, no entanto, está longe de ser um consenso. Diversos autores fundadores dos *trans studies* irão delinear de forma clara, e por vezes contundente, onde as teorias *queer* falham em representar academicamente os indivíduos trans.

Whittle (1996) define a teoria *queer* como uma empreitada teórica para desconstruir a práxis generificada e sexuada; através dela, a hegemonia do sexismo heterocêntrico praticado e ensinado na vida, no pensamento e na escrita acadêmica é desafiada. Tratando dos temas da desconstrução, da recusa de rótulos, da remoção das patologias da sexualidade e do comportamento de gênero, a teoria *queer*, para Whittle, está interessada em um ataque teórico e prático ao dimorfismo dos papéis de sexo e gênero (WHITTLE, 1996, p. 202). Apesar de perceber pontos em comum com as experiências transgênero, o autor compreende que a teoria *queer* é incapaz de formular desejo *sexual* em oposição a desejo *homossexual*:

A teoria *queer* procura evitar ser específica a um gênero, mas seria isso possível ao colocar em primeiro plano o desejo de indivíduos do mesmo sexo (...) como gênero-específicos? Poder-se-ia argumentar que, por causa da história *gay*, lésbica e bissexual da teoria *queer*, ela na verdade não pode fazer nada além de expor e continuar delimitando estes limites<sup>93</sup> (WHITTLE, 1996, p. 202, tradução nossa).

<sup>93</sup> “Queer theory attempts to be non-gender-specific, but is this possible when the very fact that it foregrounds same-sex desire (...) is gender-specific? It could be argued that because of the gay, lesbian and bisexual history of queer theory itself, it can currently do nothing more than expound and further delineate these boundaries.”

Se Whittle falha em perceber o *queer* como uma desterritorialização ampla, Stryker (1998) aponta, no conceito de identidade homossexual e política *gay* em Foucault, a origem do *queer* – que oportuniza a abertura de novas potencialidades relacionais e afetivas não em virtude das qualidades intrínsecas da homossexualidade, mas pela posição fora de centro; uma linha diagonal que atravessa o tecido social. Para a autora, o termo *queer* é utilizado para descrever uma categoria sem referentes estáveis e que adquire significado através da lógica oposicional à norma, indicando como significados relevantes “a) o senso de uma resistência utópica e abrangente à heteronormatividade e b) a reconfiguração ‘pós-homossexual’ de comunidades marginalizadas pela sexualidade, pela corporificação, e pelo gênero”<sup>94</sup> (STRYKER, 1998, p. 151). “Transgênero”, então, seria uma interpretação heterodoxa de *queer*, inclusiva à transexualidade – uma vez que a identidade trans também contesta a naturalização da heteronormatividade. Stryker ilustra sua posição através da narrativa pessoal: apesar de ter habitado um corpo masculino e identificar-se psicologicamente com uma morfologia feminina, sua sexualidade lésbica a impediu, no início dos anos 1990, de ser diagnosticada como transexual – e, portanto, ter acesso à terapia hormonal e a cirurgias.

Além disso, a exigência dos protocolos em “passar” por não-trans para receber os tratamentos clínicos a afastou tanto da identidade transexual quanto do tratamento (STRYKER, 1998, p. 149-150). Nesse contexto, Stryker indica *queer* como sua autodenominação inicial; um ponto de partida que, mais adiante, permitiu-lhe associar-se à identidade transexual não pela via inautêntica que percebia no discurso médico-legal, mas como uma tecnologia comunicacional através da qual poderia ganhar acesso ao seu corpo e subjetividade. Ao, enfim, assumir o termo de forma utilitária para ter acesso às provisões clínico-jurídicas, ressignificou a transexualidade para si enquanto instrumentalizava sua transição. (Bornstein também testemunha um movimento semelhante, indicando que sua disforia de gênero não veio de um diagnóstico clínico, mas da compreensão limitada a respeito do gênero: “Eu aceito o rótulo transexual no sentido de que eu estava insatisfeita com meu gênero designado, e eu agi para mudá-lo. Eu sou transexual por escolha, não por patologia”<sup>95</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 118, tradução nossa).

---

<sup>94</sup> “The two meanings that most concern me here are (1) the sense of a utopian, all-encompassing point of resistance to heteronormativity and (2) a “posthomosexual” refiguration of communities of people marginalized by sexuality, embodiment, and gender”.

<sup>95</sup> “I accept the label transsexual as meaning only that I was dissatisfied with my given gender, and I acted to change it. I am transsexual by choice, not by pathology.”

Stryker, no entanto, indica que utilizava para si os três termos em contextos diferentes, sempre de maneira crítica: *queer*, como espaço de resistência à formas particulares de opressão, tanto da heteronorma quanto da narrativa medicalizada da transexualidade; transgênero, ao contestar pragmaticamente a retórica da inclusividade *queer* e da diversidade de gênero colapsando em uma categoria definida exclusivamente por uma escolha política; e transexual como lugar identitário, oposto ao apagamento da especificidade acarretado pelo ideal utópico *queer* (STRYKER, 1998, p. 153).

Apesar de fazer ressalvas às limitações percebidas nas práticas *queer*, Stryker é receptiva à teoria da performatividade de gênero. Judith Butler (1990) promove este conceito em uma das obras fundadoras da teoria *queer*, *Gender Trouble* (“Problemas de gênero”) que, para Stryker (2017), tornou-se central à autocompreensão de muitas pessoas trans. Apesar disso, a ideia central de que “ser algo” é constituído por “fazê-lo” foi um conceito mal compreendido em muitos setores da comunidade transgênero, que o interpretaram como a afirmação de que gênero é meramente *performance* – e, portanto, não é real (STRYKER, 2017, l. 2364). Butler também foi criticada pelos *trans studies* por apropriar-se de pessoas transexuais, *drag queens* e *crossdressers* como um símbolo de transgressão, negligenciando os desejos legítimos de muitos sujeitos gênero-diversos de serem lidos como meramente homens ou mulheres (AIZURA, 2012, p. 144). Além disso, mostrou-se mais favorável à visão *queer* de transgênero, onde o gênero é um espaço inconstante, do que a versão da transexualidade, que exercita os operadores da binaridade e da adequação:

Embora o movimento transexual, que é internamente diverso, tenha clamado pelo direito aos meios cirúrgicos pelo qual o sexo pode ser transformado, é evidente (...) que também há uma séria e crescente crítica popular ao dimorfismo de gênero idealizado no próprio movimento transexual. Isto fica visível (...) no trabalho de Kate Bornstein, que argumenta que ir de mulher para homem, ou de homem para mulher, não é necessariamente permanecer no enquadramento binário do gênero, mas empreender a transformação em si como o significado do gênero. Em certa maneira, Bornstein agora carrega o legado de Simone de Beauvoir: se não se nasce mulher, mas torna-se uma, então o devir é o veículo do próprio gênero<sup>96</sup> (BUTLER, 2004, p. 65, tradução nossa).

---

<sup>96</sup> “Although the transsexual movement, which is internally various, has called for rights to surgical means by which sex might be transformed, it is clear (...) that there is also a serious and increasingly popular critique of idealized gender dimorphism in the transsexual movement itself. One can see it (...) in the work of Kate Bornstein, who argues that to go from female to male, or from male to female, is not necessarily to stay within the binary frame of gender but to engage transformation itself as the meaning of gender. In some ways, Bornstein now carries the legacy of Simone de Beauvoir: if one is not born a woman, but becomes one, then becoming is the vehicle for gender itself.”

No entanto, autoras como Bettcher (2014a) e Stryker (2017) afirmam que o voluntarismo do gênero nunca foi o argumento de Butler; ao contrário, o que está implicado é o fato que de todos, cis ou trans, “fazem” gênero; logo, os gêneros trans demonstram-se tão reais quanto quaisquer outros, e são alcançados da mesma maneira fundamental (STRYKER, 2017, l. 2372). Ao invés de uma teatralidade posicionada sobre um agente preexistente, Bettcher ressalta, a *performance* do gênero é constitutiva do próprio agente; e embora o *self* seja uma repetição destas *performances*, ele não é menos real, ainda que construído socialmente (BETTCHER, 2014a). Nesse contexto, é preciso notar que Stryker e Bettcher subscrevem à teoria original de Butler, para quem o gênero é citacional; não uma qualidade objetiva do corpo, mas algo constituído por atos de fala, de toque, de vestir e de parecer, entre outros. Esta noção é desafiada por outros autores dos *trans studies*, e também dentre os usuários dos fóruns trans do *Reddit*. Como vimos no subcapítulo 2.2, Butler expandiria o conceito de performatividade para evitar a leitura de que gênero é algo que se escolhe.

Stryker também ressalta os ecos de Butler nos *trans studies* ao analisar *Bodies that Matter* (“Corpos que importam”), de 1993. A obra indica que a categoria do sexo, convencionalmente considerada alicerce físico da diferença do gênero é, na verdade, criada pela forma como a cultura compreende o gênero. O recurso pelo qual o sistema de gênero aponta o corpo como uma prova de sua verdade é apenas um discurso, e mesmo os fatores que contam como “sexo” são contestáveis (STRYKER, 2017, l. 2376). O discurso produz a realidade ao ser continuamente citado na medicina, na lei, na psiquiatria, na mídia, nas relações cotidianas e assim por diante. Artefatos que, ao agirem em conjunto, tornam real a performatividade.

Para Stryker, esta maneira de pensar sobre sexo, gênero e realidade abriu aos teóricos do novo movimento transgênero a perspectiva de novas ontologias da experiência trans, e novas formas de narrar o relacionamento entre senso generificado de si, papéis sociais e corporificação – precisamente o que Sandy Stone havia clamado em seu manifesto pós-transsexual (STRYKER, 2017, l. 2380; STONE, 2014).

No entanto, *Bodies that Matter* problematiza o potencial da gênero-divergência como subversiva, uma vez que *performances* de subversão citam características existentes nos gêneros binários. Além disso, Butler lembra que a *performance* de gênero pode subverter e replicar simultaneamente as normas sexistas, racistas e heteronormativas (BETTCHER, 2014a). Tais perspectivas entram em choque com o ideal da identidade transgênero como imparável, fluida e revolucionária, central a autoras como Wilchins (2013 [1997]) e Bornstein (2004).

Bem menos receptiva aos conceitos de Butler, Vivian Namaste (2000) realiza um extenso mapeamento sobre os obstáculos às vidas trans em *Invisible Lives: The Erasure of Transsexual and Transgendered People* (“Vidas invisíveis: o apagamento das pessoas transexuais e transgênero”, tradução nossa). No primeiro capítulo deste livro a autora faz críticas às teorias *queer*, indicando que este campo testemunhou uma explosão de ensaios, pesquisas e livros sobre *drag*, gênero, performatividade e transexualidade – utilizando-os como objeto e sem valorizar as vivências dos indivíduos que vivem, trabalham e se identificam como *drag queens*, transexuais ou transgênero. Para Namaste, embora a violação do sistema compulsório sexo/gênero seja um dos tópicos mais ativos na teoria *queer*, seus estudiosos raramente consideram as implicações sobre as pessoas que o desafiaram e vivem fora dele (NAMASTE, 2000, p. 9); mais especificamente, a autora argumenta que Butler alegoriza as vidas trans no intuito de gerar suporte às suas teorias. A crítica nos parece pouco fundamentada, uma vez que é próprio aos textos iniciais de Butler a visão analítica, e eminentemente teórica, sobre processos sociais e culturais que envolvem o gênero. No entanto, se ressaltamos a perspectiva de Namaste – assim como a epígrafe deste capítulo –, mesmo percebendo certas generalizações, o fazemos no intuito de demonstrar os movimentos que ordenam as trajetórias iniciais dos *trans studies*.

Namaste (2000) também pontua que os contextos de exclusão de *drag queens* e pessoas trans, no ativismo e no circuito social e cultural, são ignorados pelas descrições acadêmicas que relatam os efeitos das transgressões do sistema sexo/gênero. No entanto, Bettcher (2014a) contrapõe que não fica claro, em Namaste, por que esses movimentos invalidam a leitura de Butler. Ainda assim, Bettcher considera o contexto de onde Namaste escreve, ressaltando as preocupações com uma teoria uniforme do gênero como imitação. Dado o grau de abstração das circunstâncias sociais concretas, Bettcher pondera se Butler omite, em suas análises, certos elementos cruciais do gênero, específicos às várias práticas sociais concretas (BETTCHER, 2014a).

Wilchins, na introdução atualizada da edição de 2013 de *Read My Lips: Sexual Subversion and the End of Gender*, também faz uma análise dos usos do pós-estruturalismo na teoria *queer*. A autora lamenta que, apesar de ter fornecido as ferramentas usadas por pessoas *genderqueer* para abrir espaço epistemológico para si mesmos, é incapaz de lidar com a experiência individual. “É como se os teóricos, tendo decodificado os sistemas de poder e de discurso que nos criam como tipos específicos de sujeitos, sejam relutantes em



olhar para nós como indivíduos que pensam e sentem”<sup>97</sup> (WILCHINS, 2013, p. 14, tradução nossa). Wilchins aponta um duplo vínculo onde descortinar o poder dos sistemas discursivos que formam as pessoas trans torna suspeita qualquer investigação de suas experiências de vida sob esse sistema: quanto mais poderoso e determinante for o sistema, mais poderosa será sua crítica; porém, quanto mais se mostra como os indivíduos podem escapar dos efeitos do sistema, menos persuasivos e importantes serão seus argumentos críticos sobre os sistemas discursivos (WILCHINS, 2013, p. 15).

Aizura (2012), ao analisar as narrativas de viagem<sup>98</sup> que ordenam parte das transições de gênero, notadamente no final do século XX e início do século XXI, oferece uma leitura possível da influência do *queer* nos *trans studies* ao afirmar que é a ideia da indeterminação de gênero, e não sua variação ou as pessoas trans em si, que pode ser teorizada como ameaçadora à norma dominante. A indeterminação aponta dois sentidos interconectados: um significa a existência de identificações corporais ou psíquicas que complicam ou extrapolam a correlação entre macho/masculino e fêmea/feminino; o outro é a impossibilidade de determinar completamente a correlação entre sexo biológico e identidade de gênero (AIZURA, 2012, p. 144). Aizura ancora esta correlação em Butler (2004) ao indicar que a variação de gênero revela sua performatividade, e Garber (1992), ao argumentar que a variação de gênero indica um nó epistemológico que desestabiliza o conforto da binaridade e desloca o desconforto resultante em uma figura que já habita, e mesmo encarna, a margem (AIZURA, 2012, p. 145). Para o autor, a indeterminação do gênero também pode ser compreendida como um espectro: a possibilidade aterrorizante de que o gênero de qualquer pessoa pode não ser uma equivalência estável e estática entre macho e masculino, ou fêmea e feminino, persiste mesmo que a lógica binária e normativa do gênero diga que tal fato é impossível. Esta indeterminação não é necessariamente transexualidade ou variação de

---

<sup>97</sup> “It is as if our theorists, having decoded the systems of power and discourse, which create us as specific kinds of subjects, are then unwilling to look at us as thinking and feeling subjects.”

<sup>98</sup> A partir da análise de autobiografias de mulheres transexuais, Aizura demonstra que, para tornarem-se inteligíveis e não-ameaçadoras, as transições de sexo e gênero devem se dar através de uma jornada para fora do espaço público, em privado ou em lugares distantes; e então um retorno para casa, já com a transição concluída. A viagem retrata as transexuais dos EUA que viajavam ao exterior para realizar as cirurgias transgenitais a que não tinham acesso em seu país de origem: iam como sujeitos desajustados ou degenerados, voltavam como indivíduos sãos e de gênero alinhado. A narrativa de viagem persiste em locais propícios ao turismo médico e de saúde, notadamente neste contexto a Tailândia, que concentra ampla oferta de cirurgias transgenitais de diversos níveis – desde os de reputação altamente questionável e baixo custo, a dois dos mais reconhecidos cirurgias transgenitais da atualidade. O local é atraente para pessoas trans dos EUA e da Europa por oferecer preços comparativamente menores, burocracia reportadamente flexível, e filas de espera mais curtas.

gênero, mas uma categoria generificada do *unheimlich*<sup>99</sup>: uma forma de diferença radical que influencia as compreensões epistemológicas do gênero (AIZURA, 2012, p. 145).

Nesse raciocínio, Aizura entende a transexualidade como um conceito que domestica a indeterminação de gênero, através da ação normativa que regula quem tem acesso às tecnologias de redesignação de gênero ou ao reconhecimento social; uma domesticação que toma lugar precisamente através do deslocamento geográfico da indeterminação. Sendo assim, o paradigma de que o gênero é biológico – determinado através do exame genital no nascimento – dá lugar, de forma provisória e inconsistente, a uma nova ideia: indivíduos podem mudar de sexo, mas desde que conformados à restrições particulares acerca do que é ou não permitido. A lógica de uma desordem da identidade de gênero como indeterminação patologizada, então, imputa que o desconforto persistente da disforia de gênero existe em contraposição a uma identidade normal, apropriada, e sempre disponível; sendo assim, o diagnóstico clínico da transexualidade operacionaliza que um indivíduo encontre sua identidade correta e determinada. Aizura aponta em Butler que a patologização de certas identidades busca normalizar o indeterminável – sem questionar a própria estrutura, que torna inaceitável a existência de um desequilíbrio.

[O diagnóstico de transtorno de identidade de gênero] não pergunta se há um problema com as normas de gênero que são consideradas fixas e intransigentes, se estas normas produzem angústia e desconforto, se elas impedem a habilidade funcional de alguém, ou se elas geram fontes de sofrimento para algumas ou muitas pessoas<sup>100</sup> (BUTLER, 2004, p. 95, tradução nossa).

A transexualidade, na versão que Aizura inscreve nos *trans studies*, é informada pelas teorias *queer* por indicar a ficção de um gênero natural, ocupado por pessoas não-trans que atravessam suas vivências sem encontrar problematizações ou explorações de gênero – em contraste com pessoas trans que precisam domesticar a indeterminação de seus gêneros para tornarem-se socialmente inteligíveis. Apesar de incluir as possibilidades de que pessoa alguma corporifica normas de gênero de maneira fixa, ou que o gênero não é tão estável como se assume, a indeterminação usa a transexualidade como um operador restrito da tolerância sociocultural de gênero, em escopo limitado, desde que ela esconda a possibilidade

<sup>99</sup> A figura psicológica delineada por Freud como “o inquietante”: algo estranha ou sinistramente familiar, que na definição de Lacan, nos coloca em um lugar onde não conseguimos distinguir o mau do bom, o prazer do desprazer, e resulta em uma ansiedade irreduzível que acena ao Real (LACAN, Jacques. *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005).

<sup>100</sup> “[A GID] diagnosis does not ask whether there is a problem with the gender norms that it takes as fixed and intransigent, whether these norms produce distress and discomfort, whether they impede one’s ability to function, or whether they generate sources of suffering for some people or for many people.”

de que o gênero não é binário e se apresente como um caminho de mão única de homem a mulher ou de mulher a homem.

Um dos autores centrais aos *trans studies* que realiza uma abrangente leitura crítica da teoria *queer* é Jay Prosser (1998). Em *Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality* (“Segundas peles: as narrativas corporais da transexualidade”, tradução nossa). O autor argumenta que o sujeito trans é utilizado pela teoria *queer* como um tropo que delineia as formas de desafiar o binário do sexo, do gênero e da sexualidade – mas com o objetivo de institucionalizar a homossexualidade como *queer* e, através do foco na ambivalência do gênero, afrouxar a rigidez das identidades de gênero o suficiente para permitir a associação e a identificação entre homens *gays* e mulheres lésbicas (PROSSER, 1998, p. 5). Como o título de seu livro indica, Prosser vê limitações na teoria *queer* por sua aprovação ao indivíduo que cruza as fronteiras do gênero, mas não do sexo: para o autor, a teoria *queer* valoriza as narrativas transgênero, *drag* e *butch* ao cruzar as linhas do gênero, mas problematiza as mudanças corpóreas transexuais por indicarem uma adequação normativa. Enquanto “epítome da corporalidade da transição de gênero (...) o transexual revela os limites da teoria *queer*: o que está além, ou entre, é terreno favorecido da performatividade de gênero”<sup>101</sup> (PROSSER, 1998, p. 6, tradução nossa). Em análises de textos *queer* como as realizadas por Prosser, é possível perceber que os acadêmicos trans questionam se as estruturas da sexualidade *queer* são capazes de dar conta do fenômeno transgênero, ou se um novo arcabouço analítico é necessário. Como exemplo, Prosser cita a forma como sujeitos transgênero, *butch* e *drag* aparecem em “Problemas de gênero” (BUTLER, 2002): estes indivíduos têm sua corporalidade negada ao serem usados para demonstrar empiricamente e enfaticamente a performatividade de gênero, e os desafios de suas buscas por subjetividade são dissolvidos em transgressões operacionalizadas para ilustrar tanto o não-essencialismo do sexo, quanto a não-naturalidade da heterossexualidade (PROSSER, 1998, p. 26).

O autor também refuta a teoria butleriana de que a aquisição de uma identidade de gênero (e o correspondente desejo heterossexual) parte de uma erotização do corpo, de forma que a experiência subjetiva de um corpo sexuado não passa de fantasia literal. O autor contrapõe essa visão a partir de Didier Anzieu e sua noção de *skin ego* (“ego da pele”, tradução nossa), da experiência interna que emerge das sensações corporais e que serve como *interface* entre a psique e o corpo (BETTCHER, 2014a). Para Prosser, em sua representação

<sup>101</sup> “[...] epitomizing the bodiliness of gender transition (...) the transsexual reveals queer theory's own limits: what lies beyond or beneath its favored terrain of gender performativity.”

do sexo como efeito figurativo de uma *performance* constativa do gênero hetero, Butler (2002) não comporta um desejo transexual pela corporificação sexuada como *telos*<sup>102</sup> (PROSSER, 1998, p. 33). Se, nesta obra, a pessoa transgênero é usada para des-literalizar a questão do sexo, no livro seguinte de Butler, “Corpos que importam” (BUTLER, 2004), Prosser afirma que o transexual simboliza uma ambivalência cuidadosamente sustentada ao redor do sexo – que o percebe como uma ruptura conceitual entre transexual e *queer*, demonstrando a incapacidade da teoria *queer* em sustentar o corpo como uma categoria (PROSSER, 1998, p. 27).

Um mecanismo importante do ativismo gay e lésbico ressaltado na teoria *queer*, e que é questionado por Prosser, é o *coming out* – “sair do armário”, ou tornar visível a condição da diferença de gênero e/ou sexualidade, com a intenção de aumentar a visibilidade e a representatividade desses sujeitos e, assim, promover maior presença e atuação política. Este chamado, que pode ser encontrado nos *trans studies* em textos fundamentais como o manifesto pós-transexual de Sandy Stone (2014) ou *Gender Outlaw*, de Kate Bornstein (1994), é recebido por cautela por Prosser. O autor afirma que, apesar de ser um movimento necessário para estabelecer e reforçar as identidades trans, a visibilização das pessoas transexuais é um ato intrinsecamente ambivalente. Para Prosser, ao optar pela representação, o objetivo convencional de uma transição é desfeito, com retorno da narrativa às complexidades e dificuldades que inevitavelmente acompanham as experiências de transgressão de gênero. “Em relatos de vidas individuais, fora da atual figuração teórica, essa transição se mostra como uma zona dificilmente habitável”<sup>103</sup> (PROSSER, 1998, p. 12, tradução nossa).

De fato, Butler também já havia alertado sobre o potencial exclusivista da visibilidade ao analisar os sujeitos que se nomeiam e são nomeados *queer*:

Para quem a visibilidade é uma opção historicamente disponível e acessível? Há uma categoria não percebida na demanda por visibilidade universal? (...) Para quem o termo [*queer*] apresenta um conflito impossível entre filiações raciais, étnicas ou religiosas e política sexual? Que políticas são possibilitadas por quais tipos de usos, e quais são colocadas em segundo plano ou apagadas do cenário? Neste sentido, a crítica genealógica do sujeito *queer* será central para a política *queer*, na medida em que constitui uma dimensão autocrítica dentro do ativismo; uma lembrança persistente

<sup>102</sup> *Telos*, para Aristóteles, se refere ao objetivo final de uma pessoa ou algo; seu potencial, ou propósito inerente. FALCON. Andrea. Aristotle on Causality. ZALTA, Edward (ed.). *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. 2019. Disponível em <<https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/aristotle-causality/>>. Acesso em: 11 nov. 20.

<sup>103</sup> “In accounts of individual lives, outside its current theoretical figuration transition often proves a barely livable zone.”

para considerarmos a força exclusivista de uma das premissas contemporâneas mais preciosas do ativismo<sup>104</sup> (BUTLER, 2011, p. 173, tradução nossa).

Prosser, através da crítica à teoria *queer*, também problematiza argumentos do manifesto de Sandy Stone. Para o autor, a pós-transexualidade precisa ser compreendida como uma configuração da identidade transgênero, e não uma extensão da transexualidade. “Se (...) a inclusão transgênero constituiu o limite entre lésbico/gay e *queer* no início dos anos 1990, o movimento transgênero, por sua vez, se tornou uma tentativa de tornar *queer* a transexualidade”<sup>105</sup> (PROSSER, 1998, p. 173, tradução nossa). De fato, Stone celebra, no pós-fácio de 2000 ao Manifesto pós-transexual, que os *trans studies* estejam dialogando de forma atrativa e mutuamente produtiva com os discursos da teoria *queer* (STONE, 2014, p. 17). Citando o chamado à visibilidade, o orgulho na posição marginal, e a política de desconstrução da identidade, como ecos de Judith Butler em Stone, Prosser afirma que tal teoria transgênero é, na verdade, *queer* – o que resulta na configuração do “passar por”, que percebe como intrínseco à transexualidade, como um marcador de abjeção cultural entre pessoas transgênero *queer*. Estas posições, portanto, buscam firmar uma dicotomia entre o conforto do pertencimento sexuado e uma plataforma de subjetividade política (PROSSER, 1998, p. 173-174).

Riddell está entre as autoras trans que compartilham desta visão. Para ela, pessoas transexuais não buscam desafiar ou mudar de sexo, mas modificar uma anomalia biológica para que seja possível a existência humana genuína enquanto homens ou mulheres que já são (RIDDELL, 2006, p. 155). Prosser também se opõe à visão de Stone a respeito da narrativa do “corpo errado”. O autor expande a teoria de ego da pele enfatizando as sensações do corpo, a consciência proprioceptiva, a agnosia<sup>106</sup> e a síndrome de membro fantasma<sup>107</sup> para

<sup>104</sup> “For whom is outness a historically available and affordable option? Is there an unmarked class character to the demand for universal ‘outness’? (...) For whom does the term present an impossible conflict between racial, ethnic, or religious affiliation and sexual politics? What kinds of policies are enabled by what kinds of usages, and which are backgrounded or erased from view? In this sense, the genealogical critique of the queer subject will be central to queer politics to the extent that it constitutes a self-critical dimension within activism, a persistent reminder to take the time to consider the exclusionary force of one of activism’s most treasured contemporary premises.”

<sup>105</sup> “If, as I have argued, the embrace of transgender constituted the threshold between lesbian/gay and queer in the early nineties, the transgender movement has in turn entailed an attempt to queer transsexuality.”

<sup>106</sup> Condição neurológica que causa a incapacidade de processar informações sensoriais, acarretando a perda da habilidade de reconhecer objetos, pessoas, sons, formas ou aromas – embora os sentidos respectivos permaneçam funcionais e, também, não seja um caso relacionado a algum tipo de perda de memória.

<sup>107</sup> Sensação de possuir membros ou partes do corpo inexistentes, ou de não possuir membros ou parte do corpo existentes. Há estudo que relacionam o efeito em pessoas trans, afirmando-o como evidência de uma imagem corporal gênero-específica no cérebro (RAMACHANDRAN; McGEACH, 2008; KRUIJVER *et al.*, 2000; CASE *et al.*, 2017). Nos fóruns trans do *Reddit*, há relatos nesse sentido – tanto em pessoas trans que ocasionalmente sentem os genitais que não possuem, quanto em pessoas transexuais que passaram pela cirurgia

demonstrar as formas como um corpo pode, de fato, estar errado dentro da dimensão perceptiva de um indivíduo (PROSSER, 1998, p. 78-85; BETTCHER, 2014a).

Apesar da sua visão crítica, Prosser observa que resistir a incorporações *queer* das identidades trans e de parte dos *trans studies* não significa recusar o valor institucional de coalizões acadêmicas. No entanto, aponta que alianças sugerem uma união estratégica entre partes cujos interesses distintos não devem nem podem ser amalgamados. Para o autor, é exatamente o cerco *queer* à figura transgênero, no processo de sua própria institucionalização, que tornou possível articular a pessoa transexual como sujeito teórico – principalmente nos cruzamentos metodológicos e categóricos oferecidos por Butler (PROSSER, 1998, p. 60). Sendo assim, alianças entre as teorias *queer* e os *trans studies* são promissoras, mas precisam de constante atenção para evitar a cooptação de identidades em prol de um projeto unificado que se torne hegemônico e, em si, opressivo.

## 2.5 Identidades em disputa

Os diálogos que os *trans studies* estabeleceram com as teorias *queer* e os feminismos, como buscamos ressaltar, passaram pelas teorias de Judith Butler – ora como aliada, ora sendo problematizada ou criticada. Embora algumas das evoluções de seus conceitos já tenham sido discutidas em subcapítulos anteriores, julgamos relevante examinar outras respostas que a autora deu às problemáticas levantadas por acadêmicos trans, bem como suas contribuições ao campo. Em *Undoing Gender*, Butler (2004) buscou mitigar algumas das críticas que recebeu dos *trans studies* e estabelecer maior diálogo com as vivências trans. Enquanto a perspectiva de “fazer o gênero” foi central em seus primeiros trabalhos, nesta obra o conceito de “desfazer o gênero” toma a frente: para a autora, na medida em que desfazemos o gênero, retiramos-lhe a legibilidade, e o corpo resultante passa a ser considerado como menos humano, ou não-humano (BUTLER, 2004, p. 2). Usando esse enquadramento para orientar as análises realizadas no livro, Butler reconhece as tensões entre a teoria *queer* – que busca enfraquecer a “ilusão” de identidades estáveis e argumentar contra a viabilidade de uma política baseada em categorias identitárias – e os ativismos transexual e intersexo, que são centrados na legitimidade de suas identidades (BETTCHER, 2014a). De imediato, Butler afirma que o desejo de uma pessoa trans em se tornar uma mulher ou um homem não deve ser acusado de mero desejo pela conformidade de categorias identitárias

---

de redesignação sexual e sentem os membros pré-cirurgia por algum tempo, até adaptarem-se à nova forma do corpo.

fixas. Embora cite Kate Bornstein (1994) para exemplificar que tal intenção binária não é universal, e a subjetividade pode se manifestar como um desejo identitário pela transformação em si, Butler concede que, mesmo nos casos onde há o desejo explícito por uma identidade estável,

[...] parece crucial reconhecer que uma vida habitável requer vários graus de estabilidade. Da mesma forma que não é habitável uma vida para a qual não existam categorias de reconhecimento, uma vida para a qual essas categorias constituam uma impossibilidade restritiva de viver também não é uma opção aceitável<sup>108</sup> (BUTLER, 2004, p. 9, tradução nossa).

Respondendo às acusações de, em suas análises, dissociar sujeitos teóricos de sua experiência subjetiva e relacional, Butler afirma que a crítica às normas de gênero devem ser situadas no contexto das vidas como elas são vividas, e devem ser guiadas em direção ao que maximiza as possibilidades de uma vida habitável – e minimiza as possibilidades de uma vida insuportável, ou ainda, a morte social ou literal (BUTLER, 2004, p. 9). Nesta direção, a autora analisa as tensões políticas entre o ativismo trans antimedicalista, que se opõe à patologização da condição transgênero, e ativistas trans que ressaltam a importância dos diagnósticos como estratégia para assegurar o acesso às tecnologias médicas. Para Butler, os mecanismos institucionais que permitem admissão através de regulações clínicas e avaliações psicológicas são parte de um acesso à autonomia circunscrita pela cultura, mas apenas quando um sujeito está disposto a desfazer-se de sua autonomia individual (BETTCHER, 2014a). A autora indica que é preciso fazer parte de um amplo tecido social existencial para criar a própria individualidade, um paradoxo intensificado pelas regulações que buscam paralisar a agência sobre o gênero em diversos níveis. “Até que as condições sociais mudem, a liberdade irá requerer a não-liberdade, e a autonomia estará implicada em sujeição”<sup>109</sup> (BUTLER, 2004, p. 101, tradução nossa).

Butler (2004) também se posiciona ao lado dos *trans studies* na crítica ao feminismo radical antitransgênero, ressaltando que suas teorias ignoram os riscos de discriminação, desemprego, assédio e violência que pessoas trans visíveis sofrem. A autora caracteriza o feminismo radical como contestado pelos feminismos que compreendem o gênero como uma categoria histórica – portanto, os enquadramentos para entender como o gênero opera são múltiplos, e mudam através do tempo e da geografia (em contraposição a uma visão

<sup>108</sup> “[...] it seems crucial to realize that a livable life does require various degrees of stability. In the same way that a life for which no categories of recognition exist is not a livable life, so a life for which those categories constitute unlivable constraint is not an acceptable option.”

<sup>109</sup> “Until those social conditions are radically changed, freedom will require unfreedom, and autonomy is implicated in subjection.”

essencialista que forma a base das críticas feministas às identidades trans). Para Butler, a acusação de que homens trans são mulheres motivadas por um repúdio à feminilidade pressupõe que toda pessoa nascida com anatomia feminina possui uma feminilidade intrínseca, que não pode ser possuída ou rejeitada, apropriada ou desapropriada – desconsiderando a agência do indivíduo e a performatividade sociocultural.

Já no caso das mulheres trans, a denúncia de que são homens que se apropriam da feminilidade pressupõe que esta pertence à anatomia de alguns corpos, como se a identidade de gênero pudesse ser inequivocamente derivada da presunção de um sexo. Para a autora, esta atribuição de feminilidade aos corpos das mulheres como uma propriedade natural, ou necessária, parte de um enquadramento normativo onde a designação de feminilidade é o próprio mecanismo para uma produção do gênero. Em ambos exemplos, Butler defende que compreender o gênero como uma categoria histórica significa aceitar que, enquanto maneira cultural de configurar um corpo, ele está aberto à contínua reinterpretação; e que anatomia e sexo não podem ser considerados fora de um enquadramento cultural – como o movimento intersexo demonstra claramente (BUTLER, 2004, p. 10).

Apesar de oferecer vieses teóricos que aliviem as tensões entre sua teoria de gênero, os *trans studies* e os ativismos trans, Bettcher (2014a) nota que a revisão de Butler não aborda a opressão específica às pessoas trans, nem oferece detalhes sobre possibilidades de resistência. Para Bettcher, sua discussão sobre a patologização das identidades trans é um exemplo: apesar de delinear um potente referencial teórico sobre autonomia, não oferece muito em termos de estratégias políticas concretas (BETTCHER, 2014a). Não obstante, Butler continuaria a dar suporte às identidades trans ao longo de sua trajetória. Em “Corpos em aliança e a política das ruas” (BUTLER, 2018), a autora demonstra ter adquirido familiaridade com as temáticas gênero-divergentes, observando a possibilidade de um projeto de contraopressão feminista sob a rubrica da *precaridade* – “que une as mulheres, os *queers*, as pessoas transgêneras, os pobres, aqueles com habilidades diferenciadas, os apátridas, mas também as minorias raciais e religiosas” – como fator comum que atravessa essas categorias e produz alianças potenciais (BUTLER, 2018, p. 39).

Para Butler, a reivindicação da transexualidade está ligada ao direito de aparecer em público, de exercer uma liberdade; e, sendo assim, está implicitamente conectada a todas as outras lutas para exercer a escolha de serem visíveis nas ruas sem a ameaça de violência (BUTLER, 2018, p. 37). A condição de precariedade nas identidades minoritárias, para a autora, tem base na criminalização e na patologização destes sujeitos, considerados os contextos de opressão particulares que atuam em cada sociedade.



E se minorias sexuais e de gênero são criminalizadas ou patologizadas pelo modo como aparecem, pela forma como reivindicam o espaço público, pela linguagem por meio da qual entendem a si mesmas, pela forma como expressam amor ou desejo, aqueles com quem se aliam abertamente, de quem escolhem estar próximas, ou com quem se envolvem sexualmente, ou como exercitam a sua liberdade corporal, então esses atos de criminalização são violentos; e nesse sentido, são também injustos e criminosos (BUTLER, 2018, p. 37).

Atualmente, Butler (2020) se posiciona de forma bastante clara no embate entre feminismo, identidades trans, e o feminismo radical trans-exclusivista. Para a autora, a maioria das feministas apoia os direitos das pessoas trans e se opõe a todas as formas de transfobia; o feminismo antitrans ocupa uma posição marginal, embora busque parecer que fala em nome da maioria, e é preocupante que este seja retratado como aceito ou significativo. Williams (2016) procura demonstrar que feministas radicais notáveis como Andrea Dworkin e Catharine McKinnon ocupam posições trans-inclusivas (WILLIAMS, 2016, p. 256-257); nesse sentido, Butler alerta que uma problemática da mídia é demonstrar estas tensões como um debate amplo entre feminismo e ativistas trans, quando se trata de um fenômeno isolado e restrito a um pequeno número de feministas conservadoras. Dar representatividade a essas visões, além de intensificar o ataque à humanidade das pessoas trans, significa um retrocesso para o feminismo:

Nós [feministas] vemos o gênero como uma categoria histórica; isso significa que ainda não sabemos todas as formas como ele pode vir a significar, e estamos abertas a novas compreensões de seus sentidos sociais. Seria um desastre para o feminismo retornar a um entendimento estritamente biológico de gênero, ou reduzir conduta social a uma parte do corpo, ou impor fantasias de medo, suas próprias ansiedades, em mulheres trans... Seu senso permanente e muito real de gênero deve ser reconhecido social e publicamente como uma questão relativamente simples de conceder dignidade a outro humano. A posição feminista radical trans-exclusionária ataca a dignidade das pessoas trans<sup>110</sup> (BUTLER, 2020, documento eletrônico, tradução nossa).

A construção de um transfeminismo que se distancie do essencialismo biológico e seja potencialmente agregadora às identidades trans foi articulada a partir da transfobia como conceito operador e imediato da diferença entre pessoas trans e não-trans. Para Halberstam

---

<sup>110</sup> “We depend on gender as a historical category, and that means we do not yet know all the ways it may come to signify, and we are open to new understandings of its social meanings. It would be a disaster for feminism to return either to a strictly biological understanding of gender or to reduce social conduct to a body part or to impose fearful fantasies, their own anxieties, on trans women... Their abiding and very real sense of gender ought to be recognised socially and publicly as a relatively simple matter of according another human dignity. The trans-exclusionary radical feminist position attacks the dignity of trans people.”

(1998a), o preconceito particular às pessoas, identidades e potencialidades trans não pode ser assimilado sob a bandeira *queer*, uma vez que homofobia ressalta a discriminação praticada especificamente contra pessoas gays e lésbicas. As pessoas trans, além de sofrerem preconceitos interseccionais, necessitam de direitos legais distintos, incluindo tratamentos médicos (HALBERSTAM, 1998a, p. 288). Mais tarde, Serano (2016 [2007]) usaria a transfobia como nó central de seu *Trans Women Manifesto* (“Manifesto das mulheres trans”, tradução nossa), afirmando que, por ser tão desenfreada em nossa sociedade, a transfobia reflete o fato de que colocamos uma pressão extraordinária nos indivíduos para que se conformem a todas as expectativas, restrições, pretensões e privilégios associados ao sexo designado no nascimento (SERANO, 2016, p. 11). A autora também ressalta a especificidade da transfobia através do cissexismo – a crença de que os gêneros trans são inferiores aos das pessoas cissexuais, e puníveis por habitarem espaços fora do sexismo oposicional (SERANO, 2016, p. 12) – e da transmisoginia, forma específica do ódio às mulheres e ao feminino, que emerge da ridicularização e do repúdio da expressão identitária de mulheres trans.

Quando a maioria das piadas sobre pessoas trans focam em ‘homens usando vestido’, ou ‘homens que desejam cortar fora seus pênis’, isso não é transfobia; é transmisoginia. (...) Quando espaços e eventos de mulheres ou de lésbicas abrem suas portas para homens trans, mas não para mulheres trans, isso não é transfobia – é transmisoginia<sup>111</sup> (SERANO, 2016, p. 14-15, tradução nossa).

Assim como Halberstam, também Serano alerta sobre a inadequação do movimento *queer* em relação ao ativismo trans. Para a autora, uma vez que a transfobia é baseada no sexismo tradicional, não é o suficiente desafiar as normas binárias de gênero; é preciso combater a ideia de que a feminilidade é inferior à masculinidade – e, sendo assim, um ativismo das mulheres trans precisa ser, em seu cerne, um movimento feminista (SERANO, 2016, p. 16). Caberia às mulheres trans, então, se juntarem a aliados legítimos para forjar um novo tipo de feminismo – um que compreenda que a única forma de conquistar a verdadeira igualdade de gênero é abolir tanto o sexismo tradicional quanto o oposicional (SERANO, 2016, p. 17). Nesse enquadramento, Serano alerta que a desigualdade entre feminilidade e masculinidade resiste às conquistas do feminismo, que concentra forças em abolir a hierarquia entre mulheres e homens. Assim, esta nova aliança do feminismo deve se opor aos que julgam a feminilidade como um sinal de fraqueza, submissão ou passividade. Para

<sup>111</sup> “When the majority of jokes made at the expense of trans people center on “men wearing dresses” or “men who want their penises cut off,” that is not transphobia—it is trans-misogyny. (...) When women’s or lesbian organizations and events open their doors to trans men but not trans women, that is not transphobia—it is trans-misogyny.”

Serano, ao combater o sexismo tradicional e oposicional simultaneamente, é possível “fazer o mundo mais seguro para aqueles de nós que são *queer*, que são femininas, e que são mulheres – assim empoderando pessoas de todas as sexualidades e gêneros”<sup>112</sup> (SERANO, 2016, p. 18-19, tradução nossa).

Como procuramos demonstrar, os *trans studies* não representam uma visão monolítica, nem em si nem nos diálogos com o feminismo e as teorias *queer*. De fato, as discussões e discordâncias entre acadêmicos associados ao campo também são formantes do *corpus* teórico, modulando o debate ao redor das identidades e suas taxonomias. Um exemplo claro é o debate sobre as terminologias e identidades trans. Halberstam (1998b) oferece uma crítica à perspectiva de Prosser (1998), para quem “transgênero”, e não “transexual”, está relacionado ao *queer*. Para Halberstam, as possibilidades são múltiplas: por vezes, ambos os termos são sinônimos e em oposição a *queer*, uma vez que este último mantém a mesma relação entre identidade de gênero e morfologia do corpo que é reforçada pela cultura heteronormativa; no entanto, em outros casos, “transgênero” e *queer* são sinônimos cujas reconfigurações disruptivas de corpos e desejos estão em oposição às práticas transexuais, que capitulam à heteronormatividade ao buscar o alinhamento entre corpo e identidade (HALBERSTAM, 1998a, p. 291).

É interessante notar que Halberstam gera um sistema onde a identidade transexual só pode obter legitimidade subjetiva através da oposição ao *queer*; e quanto confronta a falta de especificidade do termo “transgênero”, torna-se imediatamente inferior. De fato, Halberstam, desde seu artigo *F2M: The Making of Female Masculinity* (1994), foi criticado por demonstrar a identidade *butch* como pós-moderna e subversiva, e a transexualidade como datada e ilusória (HALBERSTAM, 1998b, p. 289). Em sua defesa, o autor afirma a intenção de criar um espaço teórico e cultural que sustente a identidade *butch*, baseado na pessoa transgênero – enquanto corporalidade sem o desejo por cirurgias transgenitais, ou seja, em oposição à epistemologia transexual –, mas ao mesmo tempo desafiando a percepção *queer* de que a fluidez e a flexibilidade são sempre desejáveis (HALBERSTAM, 1998b, p. 290). Aqui, “transgênero” opera como um desafio à “transexual” e à *queer*, mas simultaneamente, em outros contextos, procura dar abrigo a ambas (e todas) as identificações gênero-divergentes. Stryker e Currah afirmam que tais disputas emergem do fato que o termo “transgênero” carrega suas próprias antinomias: “Ele ajuda a criar, ou a subverter identidades e expressões de gênero? É uma forma de ter gênero ou de fazer gênero? É uma identificação

---

<sup>112</sup> “[we] can make the world safe for those of us who are queer, those of us who are feminine, and those of us who are female, thus empowering people of all sexualities and genders.”

ou um método? Uma promessa ou uma ameaça?”<sup>113</sup> (STRYKER, CURRAH, 2014, p. 1, tradução nossa).

Valentine (2007) descortina algumas perspectivas destas tensões a partir da etnografia que realizou. O autor afirma que, embora o indicador “transgênero” seja utilizado com finalidade descritiva por assistentes sociais, instituições médicas e pelo ativismo, seus sujeitos não a conhecem ou não a usam, preferindo outros termos – às vezes mais precisos como transexual, e em outros casos, usando definições que remetem à sexualidade. Entre estas últimas, Valentine menciona pessoas de apresentação completamente feminina, mas com genitália masculina, que rejeitam os rótulos trans com veemência (VALENTINE, 2007, p. 16), de forma análoga ao que observamos na identidade brasileira das travestis.

Para o autor, a diferença reside na interseccionalidade com classe e raça, e nas diferenças entre níveis educacionais – contornos que podem modificar o sentido de gênero e sexualidade (VALENTINE, 2007, p. 17-18). Sendo assim, Valentine percebe os significados e as políticas transgênero como uma construção cultural, de profundas raízes na cultura dos EUA e da Europa, que reproduz de forma não-intencional hierarquias de opressão baseadas em classe e raça/etnia. Além disso, o autor ressalta que a noção de uma comunidade transgênero global e unificada é um imaginário político, sendo que sua fragmentação é maior do que representada.

Essas tensões internas também podem ser observadas nos fóruns de temática trans do *Reddit*. No *AskTransgender*, principal comunidade trans da plataforma<sup>114</sup>, notamos críticas ocasionais e persistentes levadas a cabo tanto por homens trans quanto por pessoas não-binárias, que clamam por maior visibilidade no fórum, uma vez que julgam supervalorizadas as experiências transfemininas – o que decorre do fato de que mulheres trans binárias são majoritárias na composição do público que frequenta aquele espaço.

Outra resistência é articulada por pessoas de menor poder econômico diante das narrativas que sobrevalorizam a “passabilidade”, em si uma técnica que envolve investimentos em tecnologias médicas de acesso restrito (por exemplo, terapia hormonal, cirurgias e tratamentos com *laser*). Além disso, também verificamos comunidades marginais que atuam como linhas de fuga aos conceitos ontológicos que orientam o fórum principal. Se no *AskTransgender* a autoidentificação de gênero é base inquestionável e justificativa suficiente à uma reivindicação identitária, os fóruns *Truscum* e *Transmedical*, por exemplo,

<sup>113</sup> “Does it help make or undermine gender identities and expressions? Is it a way of being gendered or a way of doing gender? Is it an identification or a method? A promise or a threat?”

<sup>114</sup> O *AskTransgender*, bem como outros fóruns relevantes a este trabalho, serão melhor apresentados no terceiro capítulo.

afirmam a disforia de gênero como modelo prevalente à autoidentificação. Dessa forma questionam, ou mesmo rejeitam, a legitimidade de pessoas trans que testemunham não sentir disforia – e manifestam desconfiança diante das hibridizações percebidas nas identidades não-binárias. Há ainda outros pontos de fricção que denunciam dissensos nas políticas comunitárias: por exemplo, entre visibilidade e invisibilidade, entre “passar” e “não passar” (por cisgênero), e entre oposição ou apoio às práticas *drag*. Alguns desses temas serão abordados no capítulo três.

Apesar destes embates, a comunidade *AskTransgender* tem demonstrado relevância, popularidade e longevidade, construídas ao redor da troca de experiências e da disseminação de informações vitais a respeito das identidades, dos questionamentos, das descobertas e aceitações de si, das estratégias de resistência política e das transições. Nesse sentido, Valentine nota que inconsistências e contradições são centrais a qualquer sistema social, e não invalidam as formações nele contidas. Disputas à parte, o autor propõe que o termo “transgênero” produziu efeitos positivos e tangíveis nos campos acadêmicos, médico-legais, e sociais (VALENTINE, 2007. p. 247).

Os tensionamentos a respeito das potencialidades das identidades trans, bem como os diálogos que emergem da resistência à assimilação por teorias que se alternam entre o político e o subjetivo, são analisadas a seguir, observando como o contexto brasileiro se relaciona ao projeto político do guarda-chuva transgênero.

### 2.5.1 Breve panorama das identidades gênero-divergentes no Brasil

É produtivo relacionar ao contexto brasileiro a discussão das identidades transgênero. As particularidades socioculturais encontradas em nosso país não apenas diferem dos *trans studies* e do público do *Reddit* em diversos fatores, como também resistem à apropriação de conceitos por perceber potenciais de colonização teórica e prática – riscos que, como ressaltamos anteriormente, são percebidos pelos autores dos *trans studies*. Sendo assim, buscamos, de maneira breve, entrelaçar perspectivas locais e externas para delinear as relações entre as identidades travesti, transexual e transgênero no Brasil.

Como viemos demonstrando, as formas de identificação gênero-divergentes causam confusão e disputa. Por conseguinte, também o são suas nomenclaturas, signos e definições linguísticas. Para Bento (2017), essas discussões estão em “tensa negociação com as normas de gênero” e “longe de um consenso na academia e na militância” (BENTO, 2017, l. 383). Os significados dos termos que se referem ao gênero não são estáveis, mas variáveis e

contestados – o que se agrava na medida em que os conceitos são misturados e confundidos pela mídia, pela cultura popular e pela racionalização burocrática (LEITE JR., 2008, p. 210). Nesse sentido, objetivamos demonstrar como as identidades travesti e transexual configuram uma dicotomia e rejeitam as perspectivas transgênero.

No Brasil, travesti é o termo mais popular e frequente para se referir às identidades gênero-divergentes (LANZ, 2014, p. 148). Ao indicar o uso corrente do termo, Devides (2018) afirma que “travesti” passa a representar uma categoria identitária somente nos anos 1970. Antes disso, era utilizado para referir-se a homens homossexuais que apareciam “em travesti” (com vestimentas e características ditas femininas) no carnaval, em bailes e em clubes *gay*.

Na década de 1970, as travestis passaram não só a aparecer em clubes fechados como também nas calçadas das capitais, havendo um aumento da prostituição e da visibilidade estigmatizada da categoria. Foi por meio do movimento homossexual, que apesar de discriminarem as travestis porque não queriam associar o estigma da efeminação ao movimento, que as travestis surgem como uma identidade e como sujeitos políticos, na década de 1980. (DEVIDES, 2018, p. 24)

As travestis vivenciam papéis de gênero femininos sem se reconhecerem como homens ou como mulheres, pertencendo a um terceiro gênero, ou a um não-gênero (JESUS, 2012, p. 17). Em contraste com mulheres transexuais, as travestis desprezam a cirurgia transgenital e não querem ser mulheres, apenas parecer-se com, através da construção de uma feminilidade constantemente negociada (BORBA; OSTERMANN, 2007, p. 133).

No Brasil, “transexual” costuma fazer par binário oposicional com “travesti”. Se a identidade travesti tem marcado viés constitutivo através da sexualidade (BARBOSA, 2013), a transexual é ligada a uma falta de investimento na sensualidade e no erotismo pessoal (LEITE JR., 2008, p. 204). Socialmente, a identidade travesti é agressivamente estereotipada. Jesus (2012) aponta que seus signos linguísticos têm “quase sempre um sentido pejorativo, como sinônimo de ‘imitação’, ‘engano’, ou ‘fingir ser o que não se é’” (JESUS, 2012, p. 16), e indicam uma pessoa “delinquente, indecorosa, imoral, obscena, anticonvencional, antissocial e escandalosa” (LANZ, 2014, p. 148). Já a identidade transexual, através de sua criação e reforço pelo saber médico, carrega o estereótipo de uma doença mental. Assim, se as mulheres transexuais são estigmatizadas como “loucas e depressivas”, as travestis são “prostitutas e pobres” (BARBOSA, 2013, p. 375).

Para Lanz (2014), ao ser classificada como portadora de distúrbio mental, a pessoa transexual encarna o “bom desvio”, em contraponto com o “mau desvio” personificado pela

travesti que insiste no desvio da norma. “Embora também seja estigmatizado, o status de ‘doente mental’ é muito mais favorecido socialmente do que o status de ‘delinquente’” (LANZ, 2014, p. 161). A partir da patologização da identidade, que oferece tratamento médico em troca de uma adequação à normatividade, sobretudo genital, como aponta Bento (2017), “é como se a categoria médica ‘transexual’ fizesse o trabalho de limpeza, assepsia de uma categoria da rua” (BENTO, 2017, l. 572). Nesse sentido, Leite Jr. (2008), percebe “transexual” como um termo mais valorizado que “travesti”, e que pode ser mais facilmente convertido em capital social. Dessa forma, a mulher transexual, em especial quando apresenta uma “feminilidade burguesa”, apresenta um aumento de capital simbólico – “e esta forma de distinção pode ser o passaporte para a transição entre grupos sociais” (LEITE JR., 2008, p. 211). Essa hierarquia pode ser percebida no depoimento sarcástico de uma travesti: “Acho que sou um *Pokémon*. Quando era novinha me chamavam de viado, depois virei uma bichinha pintosa, depois travesti. Agora, para chegar ao topo da evolução, tenho que virar transexual” (CARVALHO, 2018, p. 3).

Apesar dessa hierarquização, no campo ativista a identidade travesti é acionada com orgulho. A despeito dos estigmas, o termo demonstra potencial de resistência e contrapressão – ao contrário de “transexual”, relacionado à doença, como atesta o depoimento de uma ativista:

Eu uso o termo travesti para me definir, e pra mim isso é uma questão política. Eu poderia me definir como transexual, mas prefiro ser travesti e isso é uma questão de militância, porque o estigma associado à palavra “travesti” é muito maior do que “transexual”. O peso social da condenação das travestis é muito mais pesado que para as transexuais. Se eu digo que sou transexual, a sociedade diz ‘pobrezinha!’ porque eles pensam que estou doente e não escolhi esse caminho. Não, eu não quero isso! Eu sou travesti e pra mim isso é uma posição política. Pra mim não tem diferença entre ser travesti ou transexual, mas tecnicamente falando eu sou travesti porque uma transexual tem problemas em aceitar seu corpo, e eu não tenho qualquer problema em ter um pênis. Mas eu vejo que ser transexual é mais fácil porque você é perdoada pela sociedade; você está se prontificando a ser corrigida. Isso não é se travestir! Ser uma travesti significa contradizer a tudo, lutar, e ser quem você é sem a aprovação de ninguém! (SILVA; ORNAT, 2016, p. 223).

A valorização política da identidade travesti, para Lanz (2014), gera uma ostensiva recusa ao uso de um termo aglutinador de identidades gênero-divergentes (LANZ, 2014). Em diálogos etnografados por Barbosa (2015) num evento de ativistas, suas informantes exemplificam essa resistência. Rafaelly, que defende a palavra “trans” como alternativa unificadora das identidades, salienta que a rigidez de “travesti” não informa a multiplicidade

de experiências: “[algumas] falam que são travestis e são femininas, outras que são mulheres, outras que dizem que são homossexuais pois se relacionam com homens e seriam homens, e outras que utilizam todas estas categorias” (BARBOSA, 2015, p. 150). Rebeca rechaça a hipótese com veemência: “Pra mim trans é transexual”. Já Fernanda demonstra uma contestação identitária a partir da anatomia: “Eu sou trans e pronto. Sou uma mulher muito feminina, mas eu sei que sou também travesti, porque me chamam disso e eu não quero [cirurgia transgenital]” (BARBOSA, 2015, p. 151; 167). Por fim, Alessandra diz não acreditar que existem diferenças entre travestis e transexuais, mas defende “o uso da categoria travesti para não se esquecer da história do termo no Brasil” (BARBOSA, 2015, p. 171).

O viés político da identidade travesti ocasionou um movimento de retomada e ressignificação desse termo, enunciando essa identidade como cultural e que necessita ser preservada, sobretudo na valorização de sua especificidade geográfica (BARBOSA, 2015, p. 167). Barbosa (2015) nota que as travestis constroem suas identidades “como culturais ou como algo que beira o étnico para se contrapor ao discurso trans universal. Além disso, o culturalismo travesti produz a possibilidade de se constituir uma identidade com orgulho” (BARBOSA, 2015, p. 168). Essa perspectiva pode ser problematizada por privilegiar uma identidade que tem características bem definidas e, assim, ofusca as especificidades de outras identidades de gênero. Ao mesmo tempo, é necessário perceber que as identidades travesti, tanto quanto transexual ou transgênero, não são monolíticas; as experiências particulares resistem à uniformização e ao próprio rótulo, e características diversas dialogam em corporalidades que excedem as perspectivas acadêmicas e ativistas.

No Brasil, o termo “transgênero” é pouco conhecido, e ainda menos utilizado. Este fato é indicado por Lanz (2014): “aqui ainda se reconhecem apenas dois rótulos básicos para pessoas gênero-divergentes: travesti e transexual, embora o universo gênero-divergente vá muito além dessas duas entidades” (LANZ, 2014, p. 85). Conforme Barbosa (2015), há uma oposição ao termo “transgênero” relacionada ao fato de que, se em outros países os movimentos sociais relacionados à identidade de gênero se organizam em torno de categorias como transexual e transgênero, a base deste movimento no Brasil é a identidade coletiva travesti (BARBOSA, 2015, p. 167).

A visão de Barbosa é compartilhada com Lanz, que indica o ativismo trans brasileiro em oposição ao termo “transgênero” por julgar que se trata de um colonialismo que “pode esvaziar suas demandas identitárias, fazendo com que percam a presença já conquistada junto aos meios públicos do país” (LANZ, 2014, p. 88). A autora aponta que, à exceção da travesti,



houve, ao longo do tempo, a invisibilização de outras identidades trans nos relatos acadêmicos brasileiros, “como também persiste uma enorme lacuna de registros sistemáticos a respeito do perfil e da conduta das diversas identidades transgêneras na sociedade brasileira” (LANZ, 2014, p. 185). Lanz percebe a dualidade das identidades transexual e travesti como uma tentativa de “estabelecer sua supremacia sobre as demais, criando e mantendo uma hierarquia e um sistema de exclusão dentro do próprio gueto transgênero” (LANZ, 2014, p. 187). É possível perceber um exemplo desse apagamento no depoimento de Carla, informante da pesquisa de Bento (2006): “Um cara chegou para mim e falou assim: ‘Deixe eu te perguntar: você é travesti?’ Eu falei: ‘Não, eu não sou um travesti’. ‘Você é mulher então?’ Eu fiquei pensando: ‘O que eu sou?!’” (BENTO, 2006, p. 202).

Nas comunidades trans do *Reddit*, de público majoritariamente dos Estados Unidos, o signo hegemônico é o “transgênero”. Esta identidade se firma como ampla e independente da repulsa, tolerância ou aceitação da anatomia sexual de nascimento – em contraste com as identidades travesti e transexual no Brasil, informadas na dicotomização pela genitália. Já a palavra “transexual” é rechaçada por remeter ao estigma que formula a identidade através de uma orientação sexual, e aos seus sentidos medicalizados (HIRD, 2002, p. 579). No *AskTransgender*, usar a palavra “transexual” para dirigir-se a outra pessoa pode ser visto como insulto – entretanto, a autoidentificação como tal é tolerada. Mais recentemente, os subgrupos transmedicalistas (como, por exemplo, as já citadas comunidades *Transmedical* e *Truscum*) passaram a adotar o termo como identidade principal, a fim de reforçar o caráter patologizado de sua condição através da disforia de gênero, e se opor à falta de especificidade do termo “transgênero”.

Sendo assim, é possível estabelecer que nos *trans studies* e nas comunidades trans do *Reddit*, há complementaridade, mas também oposição, entre os construtos identitários transgênero e transexual. No Brasil, essa relação se dá entre travesti e transexual. Poderia-se, então, supor que transgênero e travesti são, então, similares em uma constituição mais próxima ao modelo *queer*, e contra uma visão medicalizada. Essa conexão, no entanto, não ocorre na realidade: no Brasil, a polarização é entre travesti e transexual contra transgênero. Ao rejeitar a identidade transgênero como potencialmente colonizadora ou meramente inadequada, os ativismos travesti/transexual valorizam o histórico social e a luta política dessas identidades no Brasil. No entanto, estabelecem uma polarização que reprime outras identidades de gênero, e abre mão de um projeto político de ampla diversidade. Não tratamos, aqui, de apontar a alternativa mais correta, mas de salientar os pontos onde um diálogo com os *trans studies* pode ser considerado.

### 2.5.2 Potencialidades e riscos dos trans studies

Ao analisar o papel alcançado pelos *trans studies* na contemporaneidade, Martínez-San Miguel e Tobias (2016) definem o campo como vanguarda do conhecimento interdisciplinar: ao subverter o sistema binário oposicional do sexo/gênero em prol de fluidez e maleabilidade da identidade e da expressão de gênero, os *trans studies* desestabilizam e complexificam os debates sobre a construção social, biológica e cultural do gênero e da sexualidade, e envolve perspectivas como as da psicanálise, o desejo, a filosofia e a teoria do sujeito, o direito e a cidadania, e os estudos culturais e sociais (MARTÍNEZ-SAN MIGUEL; TOBIAS, 2016, p. 3).

Para as autoras, além das discussões sobre as identidades trans, outros tópicos são cada vez mais presentes, como as análises dos impactos sociais, psicológicos e legais da cirurgia transgenital, e os ativismos que buscam promover a proteção dos direitos de pessoas trans em espaços públicos (MARTÍNEZ-SAN MIGUEL; TOBIAS, 2016, p. 2). As autoras também indicam como fértil o estabelecimento das categorias cisgênero e transgênero para explicar como a corporificação, a identificação, e as experiências de vida que levam o gênero além dos limites das oposições binárias entre homem e mulher. Nesse contexto, o prefixo “cis” aprimora e dá precisão a termos como sexismo, homofobia e heterossexismo ao se referir de maneira específica à negação, patologização e difamação de identidades de gênero não-normativas, e ao questionar a categoria dicotômica do sexo designado no nascimento (MARTÍNEZ-SAN MIGUEL; TOBIAS, 2016, p. 6).

No que tange às relações com os feminismos, as autoras notam que, embora ainda subsistam tensões e resistências institucionais e epistemológicas em certos segmentos, a formação de alianças tem sido mais significativa. A continuidade da colaboração entre os *trans studies* e o feminismo, então, deve explorar as formações identitárias específicas que surgem a partir da des-essencialização da feminilidade, trazendo novas complexidades e maior profundidade às identidades cis e trans enquanto experiências corporificadas e sociais (MARTÍNEZ-SAN MIGUEL; TOBIAS, 2016, p. 7).

Chu (2019), no entanto, não compartilha o mesmo otimismo. Para a autora, os *transgender studies* já terminaram – e, se não acabaram, deveriam ter acabado. Na visão dela, o campo fracassou em estabelecer um conjunto de robustas e convincentes teorias, métodos e conceitos que o diferencie dos estudos *queer* ou de gênero, tornando-se redundante: “Susan Stryker uma vez escreveu que os *trans studies* são um ‘gêmeo malvado da teoria *queer*’. Ela

estava errada. Os *trans studies* são um gêmeo que a teoria *queer* comeu no útero. (O útero, como de praxe, era o feminismo)”<sup>115</sup> (CHU; DRAGER, 2019, p. 103, tradução nossa).

Pode ser tentador observar o comentário de Chu pela lente da ironia; no entanto, a acadêmica trans afirma uma posição de amargura – a negação de um otimismo político que se impõe sobre os *trans studies*, e uma mordacidade baseada no desapontamento de perceber que a sociedade persiste na opressão das pessoas trans, notadamente em seus desejos políticos (CHU; DRAGER, 2019, p. 106). A alternativa que Chu pondera é a de uma nova teoria transexual, que abarque uma compreensão inédita a respeito do que significa estar ligado à normatividade – por desejo, por hábito, por sobrevivência (CHU; DRAGER, 2019, p. 108).

As críticas de Chu foram preconizadas por Valentine (2007), que fez um alerta e uma crítica a respeito da institucionalização proveniente do surgimento e da formação dos *trans studies*. Para o autor, a formulação do campo de estudos é legítima, mas ao mesmo tempo não dá conta da complexidade das experiências de vida de seus sujeitos – e, ao partir da separação universal entre gênero e sexualidade como ontologicamente estabelecida, gera hierarquias através destas distinções. “Esta é, de fato, a problemática central dessa institucionalização; e sendo assim, argumento que a própria constituição dos *transgender studies* deve permanecer como uma questão central do campo”<sup>116</sup> (VALENTINE, 2007, p. 171-172, tradução nossa).

Essa circularidade também é ressaltada por Stryker (2014), que percebe entre os aspectos críticos dos *trans studies*: a) considerar as formas do termo “transgênero” e sua história enquanto categoria; b) documentar e debater as consequências de sua rápida ascensão em contextos diversos; e c) interrogar as formas como o campo pode funcionar, às vezes simultaneamente, como modo de resistência/liberação e/ou vigilância/controlado (STRYKER, 2014, p. 6). Nesse sentido, um projeto transgênero pode ser relacionado a atos de violência epistemológica em relação a identidades gênero-divergentes, fora do eixo anglófono, como *mahu*, *bakla*, *hijra*, *two-spirit* e travesti, entre outros (STRYKER, 2014, p. 7). Da mesma forma, Haefele-Thomas (2019) aponta que tanto a identidade transgênero quanto outros termos componentes da sigla agregadora LGBT+, também têm potencial colonizador (HAEFELE-THOMAS, 2019, p. 115).

<sup>115</sup> “Susan Stryker once wrote that trans studies was ‘queer theory’s evil twin.’ She was wrong: Trans studies is the twin that queer studies ate in the womb. (The womb, as usual, was feminism)”

<sup>116</sup> “This is, indeed, the central problematic of institutionalization, and so I would argue that the very constitution of the field of transgender studies as a field must remain a central question in the field.”

Seguindo Stryker (2014), concordamos com a necessidade de observar “transgênero” como atrelado ao contexto eurocêntrico e estadunidense, e considerar seu potencial colonialista em medir a gênero-divergência a partir deste paradigma, suas práticas e seus vieses – colonialismo que, para autores como Jarrín (2016) e Franklin (2018), já produz efeitos no Brasil, onde travestis não têm acesso aos mesmos tratamentos clínicos disponíveis a pessoas transexuais por serem invisíveis aos protocolos médicos anglófonos de identidade de gênero, importados para orientar o processo transexualizador do Sistema Único de Saúde (SUS) (FRANKLIN, 2018 IN TSQ 5.2, p. 190).

Não obstante, “transgênero” traz em si o potencial de unir, de forma produtiva, essas identidades em prol da mudança social e política, necessária para reduzir a marginalização desses sujeitos em diversas partes do mundo. De fato, é preciso dar atenção ao paradoxo onde “transgênero” tem o potencial de descolonizar identidades e abrir novas possibilidades para uma mudança social radical e necessária, mas também de colonizar e apagar as particularidades culturais de contextos específicos. O interesse por este diálogo parece existir de ambos os lados: Galarte (2019), na introdução à edição especial da *Transgender Studies Quarterly* sobre *trans studies* na América Latina<sup>117</sup>, nota que o número de submissões recebidas para publicação no dossiê foi recorde, e que os ensaios, narrativas e produções culturais indubitavelmente demonstram como e porque os *trans studies* em contexto latino-americano são oportunos, prementes, e indicam a necessidade de novas plataformas dedicadas a essas discussões (GALARTE, 2019, p. 141).

Para o autor, promover um modo de investigação travesti/trans-analítico, marcado pelo potencial em colocar subjetividades, estratégias ativistas e teorias *latin/x-americanas* em conversação com os *trans studies* dos EUA, destaca como corporificações, mobilidades, sexualidades, corporalidades, políticas e léxicos trans informam redes micropolíticas de resistência social nas Américas – que reapropriam-se e intervêm firmemente em palavras como mulher, identidade, liberdade e igualdade para disseminar revoluções vivas (GALARTE, 2019, p. 142). Sendo assim, Galarte indica como urgente a necessidade de considerar que tipos de alianças micropolíticas e formas de resistência corporificadas podem ser possíveis entre os *trans studies* dos EUA e as formas de produção de conhecimento *latin/x-americanas* e travesti/trans (GALARTE, 2019, p. 143).

Como alternativa às disputas, desafios e confusões que o termo “transgênero” acarreta, Valentine (2007) busca reestabelecer a conexão entre sexualidade e gênero. No

---

<sup>117</sup> “Trans Studies en las Américas”. *Transgender Studies Quarterly*, v. 6, n. 2, mai. 2019. Disponível em <<https://read.dukeupress.edu/tsq/issue/6/2>>. Acesso em: 27 set. 20.

entanto, nos fóruns de temática trans do *Reddit*, a associação é evitada por completo. De fato, o estabelecimento de transgênero como categoria, e a simultânea rejeição de transexual, se dá pelo fato de remover a menção implícita à sexualidade: inscrever atração sexual à identidade de gênero é visto como uma forma de desvirtuar o intuito da transição, e retornar aos modelos médicos iniciais que apontavam a experiência transgênero como fetiche ou parafilia. Apesar disso, é possível conceder que o público do *Reddit* em 2020 não é o público que Valentine encontrou, em 2007, em sua etnografia (que parece mais relacionado com as experiências tornadas visíveis através das etnografias com travestis no Brasil). Nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, a legitimidade identitária é uma pauta tão importante quanto reativa aos constantes questionamentos de sua validade. Seja como for, não se pode ignorar que tal parcela do público existe, é significativa (principalmente no potencial multiplicador de informação) e apresenta uma demanda (a separação entre gênero e sexualidade) razoável, uma vez que o modelo unitário provocou e provoca compreensões discriminatórias. As divergências informam, portanto, certos pontos cegos dos *trans studies* em relação à multiplicidade de experiências trans. Embora o público do *Reddit* – assim como o etnografado por Valentine – rejeite a medicalização excessiva, compreendida como forma de controle, ele não se alinha às visões *queer* de uma identidade que se consolida através da sexualidade.

Outro ponto de contenção entre o ideário *queer* e as comunidades trans do *Reddit* é a questão da visibilidade. Enquanto o primeiro a defende como essencial força disruptiva dos sistemas opressores sexo/gênero, no *Reddit* o tema carrega nuances, como as de jamais colocar o político sobre o pessoal – reconhecendo como legítimo o desejo de “passar” por cisgênero e desarmar a alteridade da condição trans em nome de uma experiência de vida semelhante à percebida em pessoas cis (e, por consequência, tornando-se potencialmente invisíveis em sociedade). Ou seja: a visibilidade é uma bandeira valorizada no *Reddit*, e indivíduos visíveis, ou abertamente trans, costumam ser vistos com admiração por essa postura. Ao mesmo tempo, o público do *Reddit* também ressalta que nem todas as pessoas podem dar essa contribuição, seja por desejo, seja por segurança. Nesse sentido, Butler (2018) lembra que “é importante não impor normas de hipervisibilidade baseadas nas normas norte-americanas àqueles que têm outras maneiras de construir uma comunidade política e de lutar por sua liberdade” (BUTLER, 2018. p. 38).

Se no *Reddit* o direito à invisibilidade é prevalente à alternativa, os processos da mudança social necessitam de sujeitos. Halberstam (1998), por exemplo, defende que as políticas identitárias precisam dar lugar a certas formas de coalizão para que um movimento

político tenha sucesso (HALBERSTAM, 1998b, p. 159). Nesse sentido, Davies (2018) desenvolve uma proposta de aliança entre o feminismo e as pessoas transgênero que parte do abandono da busca por etiologia em favor de um apoio à diferença, indo de encontro às críticas feministas que veem no gênero uma cortina de fumaça ideológica do patriarcado – sendo então “transgênero” um resultado pernicioso dessa política (STRYKER; BETTCHER, 2014, p. 6). Davies sugere recorrer à categoria (*genre*), e à genealogia. Estas seriam ferramentas capazes de destacar conexões relacionais como um desafio às formações do gênero, em especial o essencialismo biológico, e proporcionar às pessoas trans o reconhecimento e a aceitação de suas identidades (DAVIES, 2018, p. 225). A categoria da gênero-diversidade também precisaria ser institucionalizada na academia, nos ativismos e na esfera legal. Para Davies, apenas dessa forma a subjetividade sexual pode ser reposicionada como processo identitário, configurando-se como uma alternativa abrangente ao sistema de transição atual: *variação* de gênero, ao invés de *redesignação*; reconhecimento ao invés de “passabilidade”. Pessoas gênero-variantes poderiam, então, ter mais tempo para descobrirem a si mesmas, sem a pressão da conformidade a certos padrões biológicos e de comportamento (DAVIES, 2018, p. 226). Essas estratégias poderiam, então, demarcar a busca por uma ética participativa ao invés de uma ética de integração; a primeira compreendendo pessoas gênero-diversas como cidadãs reconhecidas, ao invés de “imigrantes” do gênero, cujas características de diferença são rejeitadas ou atenuadas no acesso ao novo território. A partir desse paradigma, as pessoas gênero-variantes poderão ocupar posições de articulação social a partir das quais as complexidades reais do gênero, reveladas pelas epifanias pessoais das experiências de gênero dessas pessoas, serão instrumentais para desafiar o sistema que cria esquemas de gênero normativos e os enforma como senso comum (DAVIES, 2018, p. 228).

Tal projeto, no entanto, necessita de apoio governamental que se engaje e promova a igualdade de gênero, baseada na autoidentificação, não da assimilação, e busque prevenir todos os tipos de preconceito e discriminação. De qualquer maneira, é relevante o conselho de Elliot (2010) a feministas não-trans em busca de alianças: um projeto político deve ser abrangente e inclusivo, evitando se deixar levar pela lógica sutil, mas poderosa, que reforça oposições binárias entre as narrativas trans mais visíveis – e busca arregimentar apoio a um lado enquanto estabelece distinções desnecessárias e que diminuam os desejos, necessidades e objetivos do outro grupo, custando vidas, como em um campo de batalha literal (ELLIOT, 2010, p. 54; 150). Para a autora, a incapacidade em resolver as tensões entre transgêneros e transexuais, mais do que o apagamento das tensões e conflitos, não é um fracasso; pelo contrário, ela constitui as possibilidades críticas de um feminismo acadêmico solidário

(ELLIOT, 2010, p. 149). Tal solidariedade, tema frequente nas associações trans/feministas, é indicada por Ahmed (2016) na forma de uma potencial *afinidade de martelos* – uma vez que tanto feministas quanto pessoas trans lascam, desbastam, escavam e gravam suas experiências e reivindicações nas paredes do mundo que acomoda seus corpos (AHMED, 2016, p. 32-33).

Neste capítulo, procuramos demonstrar o nascimento dos *transgender studies* a partir dos estudos da sexualidade e do feminismo. Buscamos delinear as formas como o conhecimento sobre as pessoas trans foi construído, e indicar que, mais do que uma área restrita, é parte de um diálogo crítico e significativo com as ciências humanas e a pesquisa biomédica (ELLIOT, 2010; STRYKER, 2006). De fato, o campo de estudos procura envolver as humanidades, as ciências sociais, as ciências naturais, a psicologia e a arte em investigações acerca daquilo e daqueles que rompem, des-naturalizam, rearticulam e tornam visíveis as configurações da normatividade sexo/gênero, os papéis sociais designados de corpos particulares, os relacionamentos vivenciados subjetivamente entre um senso generificado de si e as expectativas sociais da performance de gênero, e os mecanismos culturais que trabalham para sustentar ou prevenir configurações específicas de personalização do gênero (STRYKER, 2006, p. 3). Para tanto, tensiona certos discursos predominantes de forma inquieta e produtiva, mesmo (ou principalmente) por suas contraditoriedades e debates internos.

Neste sentido, percorremos alguns embates teóricos dos *trans studies* com os feminismos e com as teorias *queer*, em direção a uma autonomia epistemológica e à produção de um espaço onde seja possível estabelecer conhecimento sobre as experiências resultantes da resistência ao sistema sexo/gênero normativo. Buscamos também informar brevemente alguns pontos de contato entre o cerne do seu projeto político, a identidade transgênero, e o cenário brasileiro das identidades gênero-diversas. Em comum entre os *trans studies* e o ativismo travesti/transsexual brasileiro, percebemos a presença de uma polarização entre dois projetos identitários distintos; e atentamos que tais sistemas binários impõem riscos. Nesse sentido, concordamos com Lane (2016) ao afirmar que

O campo da etiologia trans é atormentado pelo pensamento dicotômico (...) o desenvolvimento histórico do conhecimento sobre pessoas trans produziu dicotomias múltiplas que dificultam a pesquisa e a comunicação interdisciplinar: fêmea/macho, patológico/normal, trans/cisgênero, transgênero/transsexual, e subverter/manter a conformidade de gênero. O saber construído nessas linhas frequentemente leva a becos sem saída. Na academia, suposições injustificadas e incomensuráveis são construídas

dentro de estruturas de pesquisa. No ativismo, a unidade política é fraturada<sup>118</sup> (LANE, 2016, p. 187-188, tradução nossa).

De fato, talvez o desafio seja preservar as identidades trans, e dar a elas inteligibilidade, humanidade e cidadania, e, ao mesmo tempo, observar a diversidade de gênero sob um prisma abrangente. Para Stone (2016), os *trans studies*, enquanto linguagem acerca de uma epistemologia dos corpos como instrumentalidade para envolvimento, ou consciência tentando evoluir para uma linguagem rica e profunda, ainda estão na fase *pidgin*, ou crioula<sup>119</sup>; é preciso passar para o próximo estágio, com sua gramática e sintaxe próprias, e com conjuntos de significados ricos e intensos (STONE, 2016, p. 304).

---

<sup>118</sup> “The field of trans etiology is plagued by dichotomous thought (...) the historical development of knowledge about trans has produced multiple, nested dichotomies that hinder research and interdisciplinary communication – female/male, pathological/normal, trans/cisgender, transgender/transsexual, and subverting/maintaining gender conformity. Knowledge constructed along such lines often leads to blind alleys. In research, unwarranted and incommensurable assumptions are built into research frameworks. In activism, political unity is fractured.”

<sup>119</sup> Pidgin: língua resultante de contato entre línguas, usada como língua de comunicação, não sendo língua materna de nenhum falante. Crioula: língua originada pelo contacto intenso de uma língua europeia com as línguas, nativas ou não, faladas numa região, que combina e transforma traços dessas línguas e que se tornou língua materna de uma comunidade. Definições do Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2020. Disponível em <<https://dicionario.priberam.org/pidgin>> <<https://dicionario.priberam.org/crioula>>. Acesso em: 03 out. 2020.



### 3 O REDDIT COMO PLATAFORMA DE COMUNIDADES DIGITAIS

Esta pesquisa qualitativa foi configurada a partir da observação de inquietações recorrentes e discussões insistentes nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, que utilizávamos desde 2015 e que veio a se tornar objeto de estudo desta dissertação. A incursão etnográfica que realizamos neste capítulo tem início muito antes do ingresso no mestrado. Não seria exagero dizer que tais comunidades foram fundamentais durante o processo de reconstrução que atravessamos durante a transição de sexo/gênero. Seus tópicos, temas e personagens, pouco a pouco, em incursões diárias, forneceram uma miríade de informações que proporcionaram estabelecer nossa autocompreensão, empreitada fundamental para entender como nós, pessoas trans, podemos construir paradigmas e perspectivas que façam sentido diante do dilema proposto pelas incongruências entre nossas subjetividades e nossos corpos.

Em espaços como o das comunidades analisadas descobrimos a multiplicidade de experiências trans, descritas e testemunhadas em primeira pessoa; e também encontramos rupturas ideológicas, hierarquias insistentes, embates internos e externos. Tendo vivenciado essas comunidades por tanto tempo, percebemos os ciclos de seus usuários e reproduzimos essa trajetória: uma fase inicial, de aproximação ao espaço, apenas observando; uma fase intermediária, com intensa participação e solidificação de aprendizados; uma fase avançada, com conhecimentos bem estabelecidos e no papel principal de informar e apoiar – devolvendo à comunidade o que foi recebido; e uma fase pós-transição, com maturidade identitária e diminuição na frequência da participação.

É a partir desse último ponto da trajetória que escrevemos: tendo absorvido o objeto de estudos a ponto de identificar as situações recorrentes, e usando essa familiaridade como auxílio para decodificar os discursos observados. A presente dissertação procura ser, sobretudo, um processo de escuta das narrativas encontradas nos fóruns do *Reddit*, reconhecendo a importância de uma escuta atenta a essas experiências e, ao mesmo tempo, procurar compreender as divisões que emergem de públicos heterogêneos e que resistem às configurações teóricas, acadêmicas e ativistas. Não menos importante é também demonstrar a função das comunidades *online*, em particular as que se encontram no *Reddit*, como ferramenta da comunicação social e como espaço de resistências micropolíticas – na confluência entre pessoas isoladas e uma sexopolítica cissexista que resiste a elas, promovendo seu apagamento ou assimilação. Se no primeiro capítulo consideramos as formas como as teorias acadêmicas veem as pessoas trans, aqui buscamos observar o que as

regularidades encontradas nas comunidades trans do *Reddit* têm a informar sobre o projeto dos *transgender studies*.

A construção de saberes acerca de pessoas trans, no campo dos *trans studies* ou em outras áreas de conhecimento, inclui a compreensão da etiologia, as vivências, os obstáculos e as contribuições desses sujeitos. Com maior ou menor sucesso e em propostas sob os mais diversos prismas, as narrativas, tipologias e taxonomias descritas pelo labor acadêmico têm buscado analisar o acontecimento transgênero e seus indivíduos, notadamente a partir dos anos 1990, com a emergência da teoria *queer*, dos *trans studies*, e das crescentes reivindicações dos públicos e ativismos trans. No entanto, como observamos no capítulo anterior, a multiplicidade de identidades e experiências têm proposto novos desafios e demonstrado as limitações dos modelos utilizados. A visão médico-psiquiátrica, a investigação sociológica e antropológica, o projeto contraopressor dos feminismos e a desconstrução das teorias *queer* não foram suficientes para dar conta do fenômeno trans em sua complexidade, o que originou a criação dos *trans studies*.

Nesse sentido, temos o intuito de investigar as adequações, as dissidências e os pontos cegos das teorias acadêmicas relacionando-as com o público trans concentrado nos fóruns do *Reddit*. Tais comunidades digitais<sup>120</sup>, que unem pessoas em torno de interesses comuns como *hobbies*, educação, etnicidade e crenças, são uma fonte de dados que, quando analisados, podem providenciar valiosos *insights* sobre as experiências sociais de seus participantes (ZAPHIRIS; ANG; LAGHOS, 2007, p. 604).

A fim de observar as narrativas que emergem no *Reddit*, utilizaremos a etnografia digital – entendida como uma descrição de indivíduos, grupos ou culturas em seu próprio ambiente, em um longo período de tempo (SKÅGEBY, 2010, p. 411) – como método crítico para realizar a escuta das discussões em torno das problemáticas dos paradigmas trans, em especial o transgênero, central nos *trans studies*; e verificar regularidades temáticas, desafios e dilemas que se apresentam a estes sujeitos.

### 3.1 Definindo as comunidades digitais

---

<sup>120</sup> As comunidades na internet são costumeiramente referidas como comunidades online, comunidades virtuais, cyber comunidades, cyber sociedades, webgrupos, webcomunidades, redes sociais virtuais, e-comunidades, entre outros (ZAPHIRIS et al., 2007, p. 604). Na presente dissertação, preferimos o termo comunidades digitais, por informar imediatamente o meio de interação, e porque sua presença já se torna parte do dia a dia de seus usuários (BOYD, 2011). No entanto, por respeitar a historicidade das nomenclaturas, não aplicaremos o termo “comunidade digital” retroativamente, mantendo nas citações as designações originais dos seus autores.

Com a ascensão dos espaços de convivência e discussão situados na internet, a noção de comunidade vem sendo expandida para além do domínio físico. Daniel (2010) aponta que já em 1968 se previa a emergência de sistemas sociais aprimorados pela tecnologia: comunidades virtuais onde indivíduos fisicamente distantes agrupar-se-iam espontaneamente para trabalhar juntos em determinados temas – ou seja, ocupando espaços não orientados pela geografia, mas por interesses comuns (DANIEL, 2010, p. 2).

Nas últimas duas décadas, a popularização da internet e seu acesso, bem como a aceleração da comunicação mediada por computador, proporcionaram a criação de ambientes digitais que trouxeram novas formas de interação e possibilitaram a expansão das trocas de conhecimento e informação em alta velocidade. Esse cenário impulsionou um novo paradigma de comunidade, que passa a ser compreendida pelo viés da cultura: locais específicos que congregam ideias e exibem tanto conexões quanto afetos interpessoais – com ênfase nos vínculos sentimentais que os usuários criam com a própria comunidade (PARKS, 2011, p. 107). Dessa forma, as comunidades virtuais podem ser definidas como agrupamentos sociais que emergem da internet quando um número razoável de pessoas mantém discussões públicas, por longos períodos de tempo, e com envolvimento emocional suficiente para formar redes de relacionamentos no ciberespaço (RHEINGOLD, 2000). Perpassa essas perspectivas a compreensão fundamental de comunidade enquanto pessoas em rede, relegando a localização geográfica a segundo plano, como nota Wellmann:

Eu defino ‘comunidade’ como redes interpessoais que provêm sociabilidade, suporte, informação, um senso de pertencimento e identidade social. Eu não limito meu pensamento a bairros e vilas. Este é um bom conselho para qualquer época, e especialmente pertinente no século XXI. [...] Embora nem toda rede seja uma comunidade [...] toda comunidade de pessoas é uma rede. Se tais comunidades são encontradas em – ou estão confinadas a – bairros, ou não, essa é de uma questão secundária<sup>121</sup> (WELLMANN, 2001, p. 228, tradução nossa).

As pessoas reestruturadas pela conectividade, propõe boyd (2011), são “públicos em rede”. Esses públicos formam comunidades digitais, que são simultaneamente os espaços construídos através da tecnologia, e o imaginário coletivo que desponta como resultado das intersecções entre pessoas, tecnologia e prática social. Públicos em rede, para a autora, têm as mesmas finalidades de outros tipos de público: eles permitem que seus usuários se encontrem

---

<sup>121</sup> “I define ‘community’ as networks of interpersonalities that provide sociability, support, information, a sense of belonging and social identity. I do not limit my thinking about community to neighbourhoods and villages. This is good advice for any epoch and especially pertinent for the twenty-first century. [...] Although not every network is a community [...] every interpersonal community is a network. Whether such communities are found in – or confined to – neighbourhoods is a secondary question.”

através de temáticas sociais, culturais, cívicas, etc., ajudando a conectá-los com um mundo além de seus amigos próximos e família (BOYD, 2011, p. 38). Por suas características próprias, assim como as relativas aos seus meios, dos públicos conectados emergem novas dinâmicas que moldam o pensar e o fazer de seus participantes. Na medida em que as redes e mídias sociais se tornam cada vez mais difundidas e utilizadas, as distinções entre públicos em rede e públicos localizados é cada vez menor; sendo assim, suas dinâmicas não permanecem restritas ao domínio digital, e passam a ser parte da vida cotidiana (BOYD, 2011, p. 55).

Dessa forma, influenciemos e somos influenciados pelas comunidades digitais em que atuamos, trazendo delas (e levando para elas) informações, experiências e narrativas – que podem ser compartilhadas de maneira instantânea, e consumidas em graus variados de participação e engajamento. De fato, ao observar o envolvimento crescente na multiplicidade de comunidades em plataformas como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *Twitch* e *Reddit*, e também em grupos criados em ferramentas de comunicação como *WhatsApp*, *Discord* e *Telegram*, é possível especular que, para muitos indivíduos, as comunidades digitais são utilizadas com mais frequência do que aquelas vinculadas à presença física.

Em comunidades geográficas, a interação surge a partir da presença dos corpos, sendo, portanto, limitada pelo espaço e pelo tempo, uma vez que a comunicação ocorre em locais determinados e de forma síncrona e múltipla. Por outro lado, nos espaços *online* as pessoas podem se conectar umas às outras ignorando distâncias físicas, e se engajar com conteúdos produzidos de maneira assíncrona, com disponibilidade ampliada. Tais características permitem que os públicos em rede contornem barreiras à troca de conhecimentos, e reduzam as dificuldades e os custos associados à interação pessoal em locais distantes (BOYD, 2011, p. 53). As comunidades locais e digitais, portanto, configuram contrastes entre si: se uma é restrita à geotemporalidade, a outra é continuamente acessível; se na primeira a mediação se dá entre os corpos, e com expressões mais amplas, a segunda é realizada através de dispositivos tecnológicos, e de forma circunscrita aos limites da rede. A relação não é de oposição, mas de complementaridade; para Wellmann, comunidades físicas e no ciberespaço penetram uma na outra, na medida em que seus sujeitos ativam redes tanto *offline* como *online* (WELLMANN, 2001, p. 248).

Seguindo Daniel (2010), sugerimos que uma comunidade digital é formada por membros que dividem interesses, interagem repetidamente, geram recursos compartilhados, demonstram reciprocidade, desenvolvem políticas de governança e partilham de normas culturais específicas (DANIEL, 2010, p. 3). A partir desses eixos, o autor formula 15

características que são formativas às comunidades virtuais, em oposição às geográficas. No quadro abaixo, apresentamos esses atributos, e analisamos sua aplicabilidade ao *Reddit*.

**Quadro 3** - Características formativas das comunidades virtuais e sua relação com o *Reddit*

Características fundamentais das comunidades virtuais	Descrição	Aplicável ao <i>Reddit</i> ?
Filiação/associação	Membros podem ser de qualquer identidade, cultura, nacionalidade, etc. A filiação não é vinculativa (sair da comunidade é uma operação possível e simples).	O público do <i>Reddit</i> é globalizado, embora concentre conteúdo em comunidades baseadas em língua inglesa. A desfiliação é imediata, desde a simples interrupção de uso até a remoção da conta de usuário.
Anonimato	Algumas comunidades virtuais permitem o anonimato, enquanto outras encorajam uma postura aberta.	Facultativo ao usuário. O <i>Reddit</i> permite anonimato, com contas de usuário associadas a nomes fictícios, sem requerer comprovação ou validação por <i>e-mail</i> .
Focada no domínio do conhecimento	Comunidades virtuais são construídas a partir de interesses e objetivos específicos, e são particulares ao seu domínio de conhecimento.	Qualquer usuário pode criar um sub-fórum no <i>Reddit</i> , e este pode se tornar uma comunidade. Em geral, estas são agrupadas em assuntos ou públicos específicos.
Comunicação	Há continuidade temporal da comunicação e das interações <i>online</i> .	A participação nas comunidades é, em geral, aberta e a critério do usuário. Comunidades do <i>Reddit</i> costumam ter grupos de usuários regulares, de participação contínua e frequente.
Protocolos sociais	Há convenções formais ou informais de comportamento, estilo e linguagem <i>online</i> . Estas são explicitamente estipuladas ou são implícitas.	Há regras gerais da plataforma <i>Reddit</i> , e também regras opcionais e específicas de cada comunidade. Além disso, podem haver normas implícitas que emergem a partir das interações na comunidade.
Espaço-tempo	A comunicação é espacialmente des-corporalizada, e temporalmente síncrona ou assíncrona.	A participação no <i>Reddit</i> é totalmente <i>online</i> e assíncrona.
Significados compartilhados	Significados são comunicados e compartilhados entre membros. Novos significados são negociados.	A transferência e a troca de informações e experiências é uma das funções principais dos fóruns do <i>Reddit</i> .
Voluntariedade	A interação em comunidades virtuais é voluntária, e as pessoas são livres para acompanhar sem participar, contribuir, e se retirar conforme desejarem.	Interações são totalmente voluntárias a qualquer momento.
Velocidade	Relacionamentos podem se tornar intensos mais rapidamente <i>online</i> .	A proximidade com as comunidades pode acelerar conexões, seja com o fórum em si, ou seus participantes.
Comportamento	As pessoas se sentem mais corajosas <i>online</i> que <i>offline</i> porque podem encerrar	Tais características são observadas no <i>Reddit</i> – tanto em atitudes negativas e

	uma conversa mais facilmente; porque há potencialmente menos consequências para ações em um espaço simbólico ao invés de físico; e porque têm mais tempo para pensar antes de responder e discutir.	nocivas, quanto pela oportunidade positiva de se abrir honestamente em um espaço anônimo. A temporalidade da reflexão também ocorre, enquanto característica das formas de comunicação assíncrona.
Pistas visuais	A falta de presença física e contexto visual na comunicação pode diminuir inibições à participação.	Observável no <i>Reddit</i> . As comunidades trans da plataforma são, muitas vezes, o primeiro contato desse público com o tema.
Reflexão aprofundada	Em uma comunidade virtual as pessoas podem responder em seu tempo, podem recuperar o que outros contribuíram, e sintetizar ideias apresentadas.	Aplicável ao <i>Reddit</i> , embora em comunidades com maior volume de discussões, a velocidade de renovação destas module o tempo das participações.
Virtualização e realização de relacionamentos	Em comunidades virtuais, os membros primeiro se conectam no ciberespaço para iniciar relacionamentos (virtualização) e, mais tarde, continuar o relacionamento em espaços físicos (realização). Da mesma forma, eles podem mover relacionamentos do espaço físico para o <i>online</i> .	Observável no <i>Reddit</i> , de forma mais geral, e menos pronunciada nas comunidades trans.
Estrutura	A comunidade virtual, como qualquer outra, tem uma estrutura distinta com papéis e responsabilidades bem definidas.	Divisão entre papéis de usuários, moderadores (responsáveis pelo fórum, e com poderes específicos) e administradores (responsáveis pela plataforma, com amplos poderes).
Identidade	Em algumas comunidades virtuais, há um diretório que contém uma listagem de todos os membros, sua área de experiência, ou o que elas podem contribuir à comunidade. Este diretório proporciona a habilidade de identificar e acessar recursos que irão aprimorar o processo de compartilhamento de conhecimento.	Não observável no <i>Reddit</i> , embora muitos fóruns possuam páginas em formato <i>wiki</i> que trazem conceitos importantes e/ou pertinentes àquela comunidade. Da mesma forma, muitos espaços contêm <i>links</i> para comunidades similares e/ou afins.

Fonte: elaboração própria de análise a partir do modelo de DANIEL, 2010. Tradução nossa.

No âmbito acadêmico, as comunidades digitais e espaços virtuais formam um campo de investigação que oportuniza o encontro entre pesquisadores, suas temáticas, seus sujeitos e suas histórias. Como nota Darwin (2017), estes são recursos particularmente importantes para aqueles que estudam populações de difícil acesso, incluindo (mas não se limitando a) pessoas LGBT+. As comunidades *online* proporcionam um espaço seguro para que indivíduos marginalizados possam compartilhar informações, formar redes de apoio, e desenvolver um senso de identidade coletiva (DARWIN, 2017, p. 5). Essas características podem ser percebidas no *Reddit*, onde os moderadores das comunidades têm o papel de criar regras para os subfóruns e mesmo impor punições (como banimentos temporários ou permanentes) para

reforçá-las. Desse modo, moderadores e membros da comunidade podem promover espaços seguros onde seus participantes sintam-se confortáveis para dividir narrativas, trocar informações e oferecer apoio. No caso dos fóruns de temática trans do *Reddit*, é possível, inclusive, fazer uma relação entre os comentários, depoimentos e testemunhos encontrados (e construídos ao longo da participação na comunidade) com as autobiografias publicadas por pessoas trans, que foram instrumentais à formação do *trans studies*. Ou seja, ao tomarem voz para evidenciar suas experiências e conhecimentos, públicos trans em rede ocupam o *Reddit* como um espaço semianônimo e seguro, onde se manifestam abertamente – e contribuem para a criação, o estabelecimento e a manutenção de um saber coletivo a respeito das narrativas, transições e subjetividades gênero-diversas.

Dessa forma, julgamos que os fóruns de pessoas trans do *Reddit* configuram comunidades digitais adequadas às discussões e problematizações do gênero que atravessam seus usuários. Sendo assim, procedemos à investigação a respeito da adequação da etnografia como um método pertinente e produtivo para a colheita de dados qualitativos nesses espaços.

### **3.2 A etnografia digital como metodologia de pesquisa adequada ao *Reddit***

Enquanto modo de relação entre o pesquisador e seu campo, e como ferramenta de investigação dos espaços digitais de convivência, a etnografia *online* é um dos métodos qualitativos que amplia o leque epistemológico dos estudos em comunicação e cibercultura (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008). Surgida do campo de saber da Antropologia, a etnografia baseia-se numa perspectiva que contempla a “reconstrução analítica de cenários e grupos culturais que traz as crenças, práticas, artefatos e conhecimentos compartilhados pela cultura que está sendo estudada” (MONTARDO; PASSERINO, 2006). Para produzir leituras e relatos acerca dos locais pesquisados e seus sujeitos, o etnógrafo observa de forma participante e crítica – aproximando-se de comunidades para conhecê-las, mas mantendo o autoquestionamento a respeito do que absorve. Hine (2015) atesta que a etnografia nos permite compreender ampla e profundamente como as pessoas constroem sentido na narrativa de suas vidas – inclusive nos ambientes que se formam na internet. A autora inicia a introdução de *Ethnography for the Internet* (HINE, 2015) com questões que dialogam diretamente com nossa pesquisa:

A internet mudou nossas vidas? Mudou, fundamentalmente, a nós? Equilibrou o campo da igualdade social, ou novas formas de privilégio emergiram? Nos conformamos mais, ou menos, às normas sociais na era da

internet? A internet fortaleceu, enriqueceu ou desafiou nosso senso de comunidade? Produziu novas formas de identidade ou nos permite que sejamos nós mesmos?<sup>122</sup> (HINE, 2015, p. 1, tradução nossa).

A consolidação da etnografia realizada em espaços *online* surge dos múltiplos questionamentos e críticas que a metodologia recebeu. Hine (2000, p. 42) aponta, em meados dos anos 1990, uma crise tríplice: de críticas à representação (a etnografia como inadequada para transmitir a realidade dos fatos do mundo), à legitimação (a validação da pesquisa qualitativa é sempre insuficiente) e à práxis (o pesquisador como autor, dotado de subjetividade, polui os dados). A reprimenda mais incisiva enquadrava o relato etnográfico como inevitavelmente contaminado pela reflexividade, uma característica necessariamente seletiva – e que estaria gerando uma “instituição da contação de histórias mais ou menos convincentes” (HINE, 2000, p. 44) e que não deveriam ser avaliadas como a verdade de uma cultura real preexistente.

A resposta da autora é aceitar e acolher as críticas, percebendo nelas a possibilidade de rever e reimaginar a etnografia – principalmente a que usa a internet como campo. Nessa reinvenção, transformar as suspeições em pontos fortes, inclusive usando a reflexividade a pleno potencial. Para Hine, “a crise etnográfica é uma oportunidade para criar uma etnografia adequada à internet [...] Esta abordagem significa compreender a etnografia como prática textual e atividade viva”<sup>123</sup> (HINE, 2000, p. 43, tradução nossa).

Hine argumenta que os ataques à legitimidade da metodologia não são um *problema*, mas um *tópico* para a etnografia: uma mudança de paradigma que, ao invés de combater a acusação de falta de autenticidade, propõe trazê-la para o cerne da análise, incluindo-a na esfera de compreensão dos estudos. Ao assumir que a legitimidade de um relato pode ser contestada ou insuficiente, o etnógrafo assume que seu recorte é parcial e influenciado pelo seu contexto – sem que estas características invalidem a importância ou a contribuição do esforço investigativo.

Nesse sentido, a adequação da internet à etnografia é por vezes vista com desconfiança adicional. No entanto, Dicks et al. (2005) ressaltam que esta é uma metodologia que, desde seus primórdios, foi rápida ao explorar as tecnologias disponíveis: a fotografia e o

<sup>122</sup> “Has the Internet changed our lives? Has it, fundamentally, changed us? Has it levelled the playing field of social inequality, or have new forms of privilege emerged? Are we conforming more, or less, to social norms in the age of the Internet? Has the Internet strengthened, enriched, or challenged our sense of community? Has the Internet engendered new forms of identity or enabled us to better be ourselves?”

<sup>123</sup> “[...] the ethnographic 'crisis' as an opportunity for making a form of ethnographic enquiry suited to the Internet, involving a different kind of interaction and ethnographic object from those with which ethnography has traditionally been concerned, This approach involves embracing ethnography as a textual practice and as a lived craft, and destabilizes the ethnographic reliance on sustained presence in a found field site.”



filme, para captar imagens de terras remotas, a gravação de som, para registrar narrativas orais. Recentemente, a etnografia também incorporou os avanços na captação de imagens não-intrusivas e em alta qualidade, entre outros (DICKS et al., 2005, p. 2). Para os autores, a pesquisa etnográfica historicamente adota uma variedade de técnicas e artefatos tecnológicos, e seria contraditório que não explorasse também a internet – que tem sido propícia à criação de ambientes sociais e múltiplas culturas (HINE, 2000; FLICK, 2009).

Hine é categórica ao rejeitar a noção de que a comunicação mediada por computador não é apropriada ou suficiente, como meio, para conduzir um estudo etnográfico (HINE, 2015, p. 2). Somente em casos específicos, em que a pesquisa *online* se mostra insuficiente, a etnografia virtual pode ser complementada por esforços *offline* (encontros presenciais), ou ser utilizada como parte de abordagens multimétodo (HINE, 2015, p. 4).

Da mesma forma, Kozinets (2010) afirma que a inexistência de uma âncora no plano físico configura “comunidades virtuais puras”; nesse caso, a etnografia digital é adequada como método único, por ser “adequada, exaustiva, e completa em si mesma” (KOZINETTS, 2010, p. 65). Em nossa dissertação, optamos por manter a colheita de dados restrita à internet, uma vez que nossa observação recai sobre uma comunidade globalizada e existente apenas no âmbito *online*. Sendo os fóruns de temática trans do *Reddit* espaços de troca abrangentes, velozes, múltiplos e imediatamente acessíveis, é possível verificar as dinâmicas entre os saberes e as vivências que pessoas de lugares distintos do mundo expõem.

As nomenclaturas utilizada nesta atualização da etnografia vêm se sucedendo ao longo dos anos. Inicialmente, “etnografia virtual” (HINE, 2000) e “netnografia” (KOZINETTS, 1997), entre outros. Hoje vemos a expressão “etnografia digital” sendo adotada (UNDERBERG; ZORN, 2013; PINK et al., 2016; HJORTH et al., 2017), impulsionada, e, ao mesmo tempo, fomentando uma antropologia digital (HORST; MILLER, 2012). Nesta dissertação, preferimos evitar o termo “virtual” uma vez que, em sua concepção mais cotidiana, o termo é colocado em oposição a um suposto “real” – dicotomia que vem perdendo sentido na medida em que as tecnologias da informação e a comunicação mediada por computador tornam-se onipresentes e corriqueiras. Da mesma forma, a netnografia ressalta a infraestrutura (*net*, ou “rede”), que vem desvanecendo como uma faceta invisível e integrada à vida cotidiana, e se tornando simplesmente uma forma de realizar tarefas (HINE, 2015, p. 46). Sendo assim, optamos pela expressão “etnografia digital”, que enfatiza a forma de sua realização, em contraste com os aspectos físicos e geográficos da etnografia tradicional. Não obstante, os estudos desenvolvidos sob outros nomes permanecem úteis para a construção de bases teóricas deste método de pesquisa.

Como demonstra Hine (2015), é possível traçar paralelos diretos entre a etnografia tradicional e a digital, comprovando a adequação do meio à estratégia de pesquisa. A autora ressalta que a característica da viagem – que demonstra o contexto inicial, o deslocamento a um lugar pouco conhecido, e o retorno reflexivo do pesquisador – se mantém ao navegar pelas redes. É possível ao etnógrafo explorar, de sua mesa, os espaços sociais da internet, trazendo relatos e traduzindo as manifestações culturais encontradas. De fato, Hine aponta que “estar lá” é o mais significativo aspecto da orientação metodológica do etnógrafo, pois é isso que garante uma experiência de campo protegida contra a utilização de relatos simplificados, de segunda mão. Nesse sentido, pouco importa se a comunidade é digital ou presencial (HINE, 2015, p. 19).

Outro aspecto essencial preservado pelas etnografias em espaços *online* é o princípio da simetria: tanto pesquisador como pesquisados (informantes, participantes ou simplesmente indivíduos sendo observados) devem possuir os mesmos recursos e meios de comunicação necessários para habitar a comunidade *online*. Os fóruns do *Reddit* analisados em nossa dissertação são hospedados na *web*, baseados em páginas HTML, e seu conteúdo primário é o texto escrito. Por essas características o *Reddit* não exige *software* específico nem apresenta barreiras de *hardware* significativas para seu acesso; computadores que acessam páginas *web* comuns são capazes de proporcionar o uso da plataforma. Além disso, o *Reddit* é de uso gratuito. Também cabe ressaltar que pode ser acessado através de *smartphones*, em aplicativo próprio do *Reddit* ou em outros aplicativos.

Entre as vantagens, com relação à etnografia tradicional, oferecidas pela etnografia digital em fóruns na internet, além dos já mencionados baixo custo e oportunidade de aproximação a populações de difícil acesso, está o fato de que os textos – enquanto pacotes de interação deslocados no tempo (HINE, 2000, p. 50) – são produzidos e consumidos de forma independente. Esta característica produz um duplo efeito. Para os usuários dos fóruns, os diálogos se mantêm vivos por mais tempo, possibilitando o desenvolvimento de discussões mais longas e a entrada na conversa em momentos diversos – o que aumenta a participação dos membros e a longevidade do tópico e suas informações. Para o etnógrafo, esses textos permanecem disponíveis para além das circunstâncias em que foram gerados, deixando um legado na forma de arquivos que serão consultados na colheita de dados – ampliando radicalmente sua acessibilidade, em contraste com a etnografia tradicional, e proporcionando novos escopos e abordagens analíticas. Os fóruns do *Reddit*, como em outras páginas *online*, registram conversações assíncronas, muitas vezes revisitadas na construção do nosso relato – a partir de referências no diário de campo ou utilizando a ferramenta de busca da plataforma.

Além disso, através de *websites* externos que arquivam as páginas do *Reddit*, foi possível resgatar comentários apagados por usuários ou removidos por moderadores, o que permitiu recuperar trechos de eventos e conversas relevantes à pesquisa e que, de outra forma, estariam incompletas.

Hine (2008) ressalta que a participação direta do etnógrafo, e sua presença visível no campo, são abordagens técnicas indispensáveis à etnografia tradicional. A transposição desses preceitos para os espaços *online* recomenda um nível semelhante de envolvimento, a fim de que o etnógrafo influencie e seja diretamente influenciado pelo campo. No entanto, com o desenvolvimento de práticas de pesquisa que exploram as texturas da vida social contemporânea em formas que só existem na internet (HINE, 2008, p. 526), passa-se a outorgar a possibilidade do etnógrafo desde a posição de *lurker* – um visitante que apenas observa, sem manifestar sua presença ou interferir no campo (HINE, 2008, p. 530).

Em nossa dissertação, ocupamos, alternadamente, ambas as posições. Inicialmente chegamos aos fóruns de temática trans do *Reddit* pelo interesse pessoal no tema, e na condição de *lurker*: buscando conhecer as comunidades, suas regras, seus humores, suas normas implícitas e seus participantes mais ativos; e, principalmente, consumindo e apreendendo informações. Alguns meses depois, passamos à participação ativa, integrando as conversações e eventualmente criando tópicos de discussão – causando um incremento no uso dos fóruns. Esta postura se manteve até recentemente, quando decidimos pela etnografia digital como metodologia. Neste momento, já tendo quatro anos de imersão no campo de pesquisa, decidimos empreender a viagem de volta do etnógrafo – primeiro retornando à posição de *lurker* para as colheitas finais, e então interrompendo o acesso aos fóruns. O intuito do distanciamento foi revitalizar a “postura inicial de estranhamento do pesquisador em relação ao objeto” (AMARAL; NATAL; VIANA, 2008, p. 38): recalibrar as percepções e o olhar que busca a recorrência e o inusitado é uma das premissas da tradição etnográfica – e facilita a observação dos fenômenos culturais objetivos e subjetivos.

A inserção nas comunidades de temática trans do *Reddit* produziu uma trajetória bastante rica, que oportunizou a identificação de crenças, hábitos, temáticas, pessoas, narrativas, normas, diversidades, polêmicas e embates, além de dinâmicas intragrupo e extragrupo. Ademais, essa trajetória coincidiu com o arco do nosso processo de transição de sexo/gênero. Nesse sentido, o diário de campo da nossa etnografia é mais do que as notas que colhemos, os *posts* que salvamos, os comentários que fizemos, as contribuições e o apoio que recebemos e deixamos: para além do que foi escrito, esse é um diário *inscrito* em nosso próprio corpo.

Todo método tem suas desvantagens, e também é preciso considerá-las. Nesse sentido, os principais pontos apontados por Flick (2009) e Kozinets (2010) são a impossibilidade de inferir a comunicação não-verbal dos participantes; a perda da espontaneidade que emerge das interações faladas, efêmeras e locais, e a dificuldade em estimular o diálogo. É possível ainda adicionar desafios inerentes aos espaços *online*, como casos de baixo comprometimento com a comunidade que resultam em comportamentos negativos e/ou agressivos. Esses últimos emergem mais facilmente por conta da distância física dos meios *online*, e são amplificados pela possibilidade de participação em anonimato.

Na presente pesquisa, julgamos que tais dificuldades não são um entrave, mas parte do contexto dessas comunidades; e ressaltamos que essas experiências também ocorrem entre os membros dos fóruns do *Reddit*, ou seja, também aqui existe simetria entre pesquisador e participantes. É o que aconselha Hine: “quando o etnógrafo vive incertezas sobre onde ir, ou quem as pessoas realmente são, é importante refletir se essa experiência é compartilhada pelos participantes que estamos buscando entender”<sup>124</sup> (HINE, 2017, p. 26, tradução nossa).

Na etnografia digital, a análise dos dados muitas vezes inicia antes da colheita desses dados estar completa. Em parte, isso ocorre porque os limites planejados do campo podem modificar-se durante a pesquisa. Julgando-o menos como um local e mais como um domínio de relações, inclusive em seus *hyperlinks*, conexões significativas podem surgir, indicando derivas e novos caminhos. De fato, o espaço de pesquisa é constituído através da agência do etnógrafo, ao escolher que conexões seguir, ao invés de locais previamente traçados (HINE, 2017, p. 26). Sendo assim, o campo passa a ser limitado pelo vetor do tempo e, portanto, é desejável iniciar as reflexões primárias sobre o material enquanto ainda se está no campo (BOELLSTORFF *et al.*, 2012, p. 161).

Em nossa investigação, a fase de análise inicial ocorreu no primeiro ano do mestrado, e culminou na qualificação. Ao longo desse período, passamos do uso assíduo para a posição de *lurker* nos fóruns. As considerações iniciais foram úteis para fazer um extenso mapeamento das problemáticas encontradas no campo, identificar suas potencialidades e regularidades, e selecioná-las para a redação final da pesquisa. Tal seleção também informa as limitações do recorte apresentado. Não se pretende aqui reduzir as comunidades de pessoas trans do *Reddit* às temáticas analisadas, mas ressaltar alguns dos aspectos mais inquietantes e de difícil conciliação que foram identificados em suas recorrências.

---

<sup>124</sup> “Where the ethnographer experiences uncertainty about where to go, or who people really are, it is important to reflect on whether this experience is shared by the participants whose way of life we are hoping to understand.”

No que concerne à construção do relato, a etnografia digital vem sendo caracterizada por uma ênfase na reflexividade. Para Dicks *et al.* (2005), essa deve ser a posição epistemológica dominante em um trabalho etnográfico, em oposição ao positivismo cru e ao naturalismo ingênuo (DICKS *et al.*, 2005 p. 32). Os autores entendem que não é possível descrever o mundo social de forma totalmente independente do observador; o pesquisador está sempre incluído no universo que pesquisa, sem que haja neutralidade de visão ou linguagem.

Skågeby (2010) e Hine (2015) também lembram que toda etnografia é necessariamente parcial, e um relato holístico de qualquer cultura é impossível de alcançar; logo, as análises devem ser baseadas em ideais de relevância estratégica. Hine reforça este fator, indicando que a atenção reflexiva às escolhas feitas pelo pesquisador – bem como ponderar as escolhas que não foram feitas – são chave na construção da etnografia (HINE, 2015, p. 81). A autora ainda aconselha que o etnógrafo aceite e acolha as mesmas incertezas que os participantes do campo pesquisado vivenciam em suas explorações: “Tanto nós, como etnógrafos, quanto os participantes, podemos apenas desenvolver perspectivas parciais, constritos pelos caminhos particulares que escolhemos percorrer e pelas especificidades do nosso próprio posicionamento”<sup>125</sup> (HINE, 2015, p. 183, tradução nossa).

Para dar forma e voz a estes relatos, a reflexividade é a técnica que provoca uma transformação criativa no projeto etnográfico, sendo necessária para engendrar os textos em seus contextos, significados e repercussões (HINE, 2000, p. 56). No entanto, além de refletir sobre os dados coletados, etnógrafos digitais devem questionar a formação e a constituição desses saberes, “tentando adquirir nossa própria experiência autêntica desses fenômenos como etnógrafos inseridos, incorporados, e refletindo constantemente sobre o que sabemos e como o sabemos” (BRAGA, 2012, p. 4).

Mais do que uma isenção utópica, o que a etnografia digital almeja é um posicionamento aberto e consciente de si em relação ao campo. Nesse sentido, Skågeby (2010) oferece algumas pistas para esse questionamento: a) de que forma os fenômenos pesquisados são percebidos inicialmente e por quê? b) há outras formas de delimitar/categorizar o fenômeno pesquisado? c) quais são as experiências pessoais em relação ao estudo? d) quais são os pré-conceitos sobre os relacionamentos entre fenômenos

---

<sup>125</sup> “[...] both we as ethnographers and the participants themselves can only develop partial perspectives, constrained by the particular paths we choose to travel on and the specificities and constraints of our own positioning.”

pesquisados? e e) quais são os valores pessoais em relação ao fenômeno pesquisado? (SKÅGEBY, 2010, p. 413).

Essas indagações atravessaram o processo de confecção da presente dissertação, e são referidas, direta ou indiretamente, ao longo do trabalho. Os questionamentos modularam os olhares pessoal e acadêmico sobre as questões estudadas, influenciando uma empreitada analítica que é ao mesmo tempo familiar (pela proximidade ao campo, às linguagens e aos desafios) e complexa (por demonstrar problemáticas de difícil conciliação). As situações descritas no relato etnográfico imprimem marcas em nossa vivência, em uma conexão tão inquietante quanto produtiva. Consideramos que, como preconizado pelos *trans studies*, nos situamos em um campo onde os pesquisadores também são os pesquisados. Grosso modo, pesquisadora e pesquisados pertencem à mesma comunidade, à mesma margem do sistema normativo de gênero e estão unidos por desafios, experiências e conquistas frequentemente similares.

Por fim, é preciso abordar as questões ética e de privacidade ao utilizar dados disponíveis na internet. Skågeby (2010) aponta que a necessidade de obter consentimento de uso é debatida, seja para pesquisadores participando ativamente de discussões, seja acessando dados de arquivo (SKÅGEBY, 2010, p. 418). Além disso, o autor nota que em fóruns populares e de larga escala, a dúvida recai sobre quem teria a prerrogativa de negar acesso, uma vez que os dados são públicos (SKÅGEBY, 2010, p. 419). Essa é também a nossa visão: todos os depoimentos colhidos e apresentados podem ser acessados por qualquer pessoa, e, ademais, no *Reddit* não há conexão explícita entre identidade no fórum e identidade real (ao contrário de casos frequentes em redes sociais como o *Facebook*). Ainda assim, suprimimos ou alteramos os nomes originais de usuários<sup>126</sup>, a fim de proteger esses informantes.

Os textos que compõem a internet tornam-se etnograficamente significativos quando temos um contexto cultural em que se pode situá-los e analisá-los. A partir desse contexto é que o etnógrafo pode determinar se esses textos relatam a realidade e/ou que realidade esses textos criam. O pesquisador não deve nem aceitar os textos como verdade direta nem dispensá-los como relatos distorcidos. Ao contrário, precisa usar sua competência para interpretar os textos como artefatos culturais pertencentes a um contexto (HINE, 2000, p. 51). De fato, cada vez mais torna-se redundante apontar a importância de se pesquisar as culturas que se desenvolvem nas comunidades digitais. Acreditamos que a etnografia digital

---

<sup>126</sup> Os nomes de usuário originais foram substituídos por outros, aleatórios, utilizando a ferramenta *Fantasy Name Generator*. Disponível em <<https://www.fantasynamegenerators.com/username-generator.php>>. Acesso em: 13 nov. 20.

configura-se como um método tão adequado quanto rico para a colheita de dados das comunidades de pessoas transgênero do *Reddit*. Adotamos o olhar etnográfico com mesmo entusiasmo, inspiração e curiosidade dos etnógrafos tradicionais que, outrora, desembarcavam em territórios pouco conhecidos, e julgamos que esse olhar enriqueceu o nosso estudo.

### 3.3 Entrada no campo de pesquisa etnográfica: a plataforma *Reddit*

No estágio empírico de nossa pesquisa, optamos por realizar uma etnografia digital em algumas comunidades de pessoas trans no *Reddit*. Embora existam outros espaços para a discussão das temáticas transgênero na internet, o campo foi escolhido por reunir alguns aspectos: a) é um fórum aberto, de acesso simples e instantâneo; b) mobiliza um grande número de participantes, o que proporciona grande volume de conteúdo e pontos de vista; c) permite interações e discussões polívocas e aprofundadas, como ressalta Darwin (2017); d) é semianônimo, incentivando a participação e a honestidade; e) dá acesso a múltiplas narrativas da experiência trans, e em diversos contextos geográficos; f) possibilita ao pesquisador acompanhar a comunidade como observador e/ou participante, oferecendo dados imediatamente disponíveis através do arquivo do fórum. Por agrupar tais qualidades, estes fóruns são espaços vibrantes, movimentados, informativos e etnografáveis – formando a maior comunidade aberta *online* sobre o tema. Sendo o *Reddit* ainda uma plataforma pouco utilizada para investigações etnográficas, e a fim de registrar as circunstâncias do *website* no momento em que realizamos nossa pesquisa, julgamos relevante apresentar brevemente suas características gerais e modo de funcionamento básico.

A plataforma de fóruns e comunidades *online* *Reddit* foi criada em 2005. Hoje, é o 17º *website* mais acessado do mundo e o sétimo nos Estados Unidos. Cerca de 40% de sua audiência é proveniente daquele país<sup>127</sup>. De acordo com informações disponibilizadas pela empresa, o *website* conta com mais de 430 milhões de usuários por mês, possui mais de 130 mil subfóruns ativos e recebe mais de 30 bilhões de visualizações por mês<sup>128</sup>. A companhia é avaliada em três bilhões de dólares<sup>129</sup>, e seu modelo de negócio inclui veiculação de publicidade, na forma de anúncios geridos por sindicância terceirizada – além de oferecer

<sup>127</sup> De acordo com o ranking *Alexa*, que disponibiliza dados de tráfego na internet. Informações disponíveis em <<https://www.alexa.com/siteinfo/reddit.com>>. Acesso em: 04 out. 2020.

<sup>128</sup> REDDIT. *Press*. Disponível em <<https://www.redditinc.com/press>>. Acesso em: 04 out. 2020.

<sup>129</sup> REUTERS. *Reddit valued at \$3 billion after raising \$300 million in latest funding round*. 11 fev. 2019. Disponível em <<https://www.reuters.com/article/us-reddit-funding/reddit-valued-at-3-billion-after-raising-300-million-in-latest-funding-round-idUSKCN1Q020W>>. Acesso em: 10 out. 2020.

uma assinatura opcional chamada *Reddit Premium*, cuja principal funcionalidade é remover esses anúncios. A modalidade custa mensalmente 5.99 USD (equivalente a R\$ 33,13<sup>130</sup>), e, além de eliminar publicidade, oferece por mês 700 *coins* – moedas que podem ser usadas para comprar “troféus”, uma forma simbólica de premiação de *posts* ou comentários. Não é preciso ser assinante para utilizar a plataforma, e não há quaisquer restrições ou limitações à participação, seja de assinantes ou não-assinantes.

Em sua estrutura, o *Reddit* é um fórum agregador que hospeda um grande número de subfóruns, que chama de “comunidades”, no sentido mais corriqueiro do termo: espaços que tendem a ser centrados em um tema e reúnem participantes regulares envolvidos em conversações. As formas usuais de participação, detalhadas a seguir, compreendem a criação de *posts* (ou “tópicos”), a leitura desses *posts*, a realização de comentários nesses *posts*, e uma mecânica de votos positivos ou negativos em *posts* e comentários. Cada *post* pertence a um subfórum.

Algumas dessas comunidades são amplas e cotidianas, e por isso recebem um expressivo número de visitantes. Essas comunidades incluem fóruns como *Music*, *Movies* (sobre música e cinema, respectivamente, com mais de 23 milhões de assinantes cada), *Food* e *Sports* (sobre comida e esportes, com mais de 18 milhões de assinantes cada)<sup>131</sup>. Outros temas são mais específicos (como, por exemplo, comunidades sobre seriados de tevê, pizza, esgrima ou croché) e podem ser ainda mais microespecializados, voltados a grupos restritos, ou mesmo de uso pessoal. Alguns subfóruns recebem maior engajamento (manutenção de comunidade, criação de *posts*, discussões) do que outros. A popularidade entre subfóruns não é uniforme, bem como a natureza do conteúdo e das interações. Os fóruns podem ser abertos (qualquer pessoa pode ler, postar, comentar e votar), restritos (o fórum pode ser lido, comentado e votado por qualquer usuário, mas apenas convidados podem criar *posts*), ou fechados (membros precisam ser convidados por administradores para qualquer participação).

É raro encontrar comunidades restritas ou fechadas. A criação de um fórum é prerrogativa de qualquer membro do *Reddit*. Muitas comunidades populares foram criadas e são geridas por usuários comuns, sem vínculo institucional com a empresa responsável pelo *website*. Por sua configuração colaborativa singular, Massanari (2015) indica que o *Reddit* é uma plataforma única, propensa à observação de questões sobre a natureza da cultura participativa e das comunidades, na era das redes sociais (MASSANARI, 2015, p. 5).

---

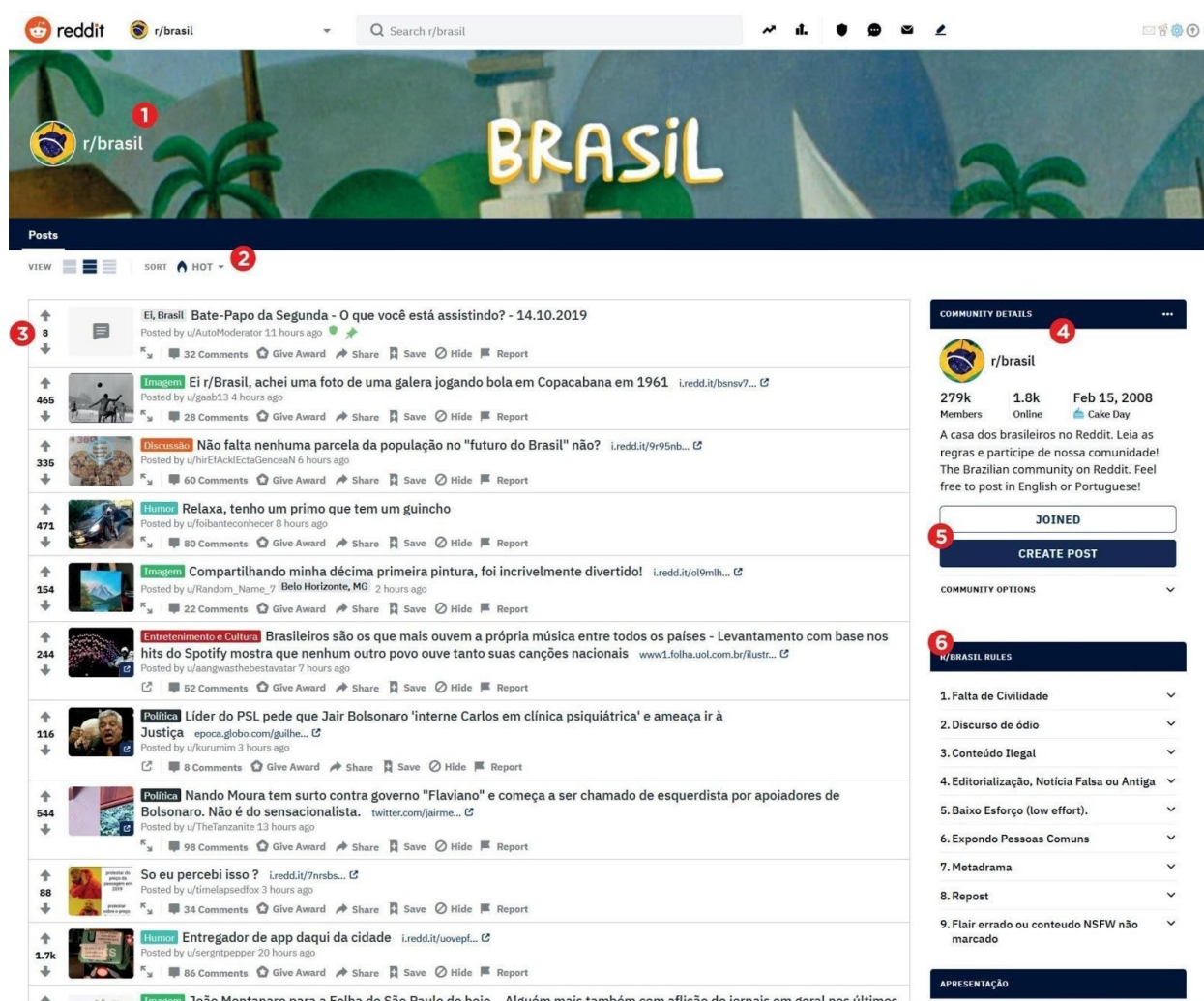
<sup>130</sup> REDDIT. *Reddit Premium*. Disponível em <<https://www.reddit.com/premium>>. Acesso em: 10 out. 2020. Preço em reais conforme cotação verificada em 10 out. 2020.

<sup>131</sup> O número de assinantes é um dado disponibilizado na página principal de cada subfórum. Acesso em: 09 out. 20.



As interações no *Reddit* partem dos *posts* e ocorrem em suas páginas. Esses tópicos são criados por membros de uma comunidade e necessariamente abertos a comentários<sup>132</sup>. Os *posts* podem ser um texto, uma imagem, um vídeo ou um *link*. Cada subfórum pode restringir um ou vários tipos de *post* conforme suas políticas internas de conteúdo. Os comentários realizados em um tópico podem receber respostas sucessivamente e em cadeia, gerando discussões, conversas e debates. Nas figuras abaixo, exemplificamos algumas das estruturas básicas de navegação e utilização das comunidades no *Reddit*.

Figura 2: Exemplo de página principal de um subfórum no *Reddit*.



Fonte: elaboração nossa sobre captura de tela<sup>133</sup>. Legendas numeradas da imagem: 1) Nome/endereço da comunidade sobre banner ilustrativo. 2) Botão para alternar entre visualizações de conteúdo, por padrão na classificação *hot* (“popular”). 3) Área de listagem de posts. 4) Barra lateral, contendo no

<sup>132</sup> Moderadores podem fechar os comentários de um *post* em casos específicos, como, por exemplo, para encerrar discussões agressivas que partem para ataques *ad hominem*.

<sup>133</sup> Disponível em <<http://reddit.com/r/brasil>>. Acesso em: 14 out. 2019.

topo o nome/endereço da comunidade, número de inscritos, número de usuários *online* no momento do acesso, data de criação do subfórum, e sua descrição. 5) Botões para tornar-se membro da comunidade, e para criar um *post*. 6) Regras da comunidade.

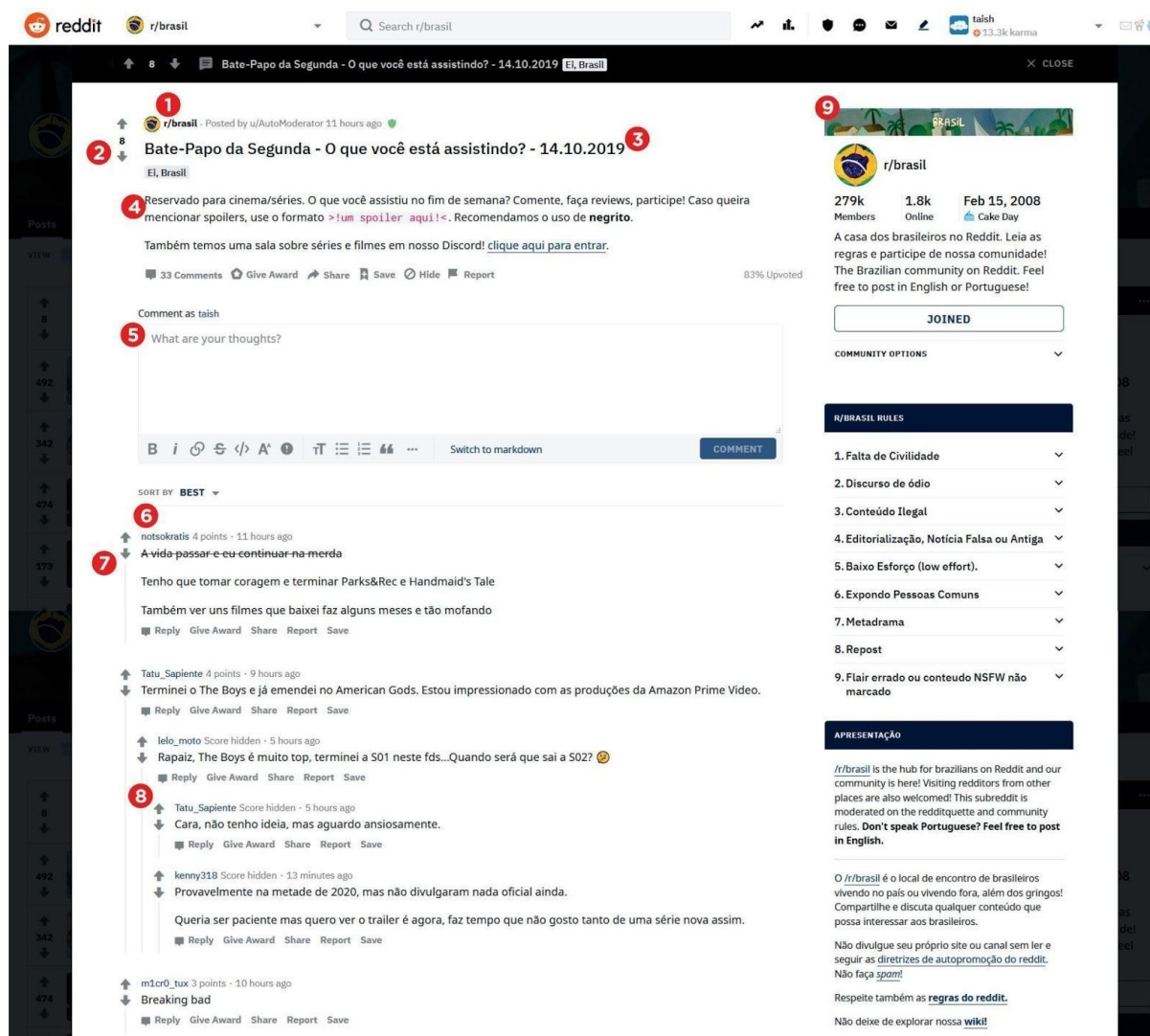
**Figura 3:** Exemplo de pré-visualização de um tópico no *Reddit*.



Fonte: elaboração nossa sobre captura de tela<sup>134</sup>. Legendas numeradas da imagem: 1) Visualização em miniatura da imagem do *post*, quando disponível. 2) *Flair*, uma etiqueta que pode ser utilizada para classificar e indicar o assunto do *post*. 3) Título do *post*. 4) *Link* direto ao conteúdo deste *post*. 5) Setas para voto positivo e negativo, e escore do *post* no momento do acesso. 6) Autor e horário do *post*. 7) Barra de ações, da esquerda para direita: comentar (mostrando o número atual de comentários), premiar, compartilhar, salvar, remover post da visualização pessoal, e reportar.

<sup>134</sup> Disponível em <<http://reddit.com/r/brasil>>. Acesso em: 14 out. 2019.

Figura 4: Exemplo de página de um *post* no *Reddit*.



Fonte: elaboração nossa sobre captura de tela<sup>135</sup>. Legendas numeradas da imagem: 1) Nome da comunidade, autor e horário do *post*. 2) Setas para voto positivo e negativo e score do *post* no momento do acesso. 3) Título do *post*. 4) Conteúdo do *post*. 5) Formulário para escrever um comentário em resposta ao tópico principal. 6) Comentário, mostrando autor, score e horário no topo, conteúdo no meio e barra de ações na base. O primeiro botão, *reply* (“responder”), abre um formulário para responder ao comentário em questão. 7) Setas para *upvote* e *downvote* do comentário. 8) Comentários encadeados em resposta a um comentário ao *post* principal. 9) Barra lateral, a mesma da página principal do subfórum.

Podemos dividir os usuários de cada fórum em dois tipos básicos. Os membros comuns e os “moderadores”<sup>136</sup>, são responsáveis pela manutenção geral da comunidade, pela

<sup>135</sup> Disponível em <<http://reddit.com/r/brasil>>. Acesso em: 14 out. 2019.

<sup>136</sup> Há ainda um terceiro grupo, os “administradores” – funcionários da empresa *Reddit* que possuem poderes soberanos sobre todos os outros usuários. Estes não costumam ser membros de comunidades e, no mais das vezes, atuam sem aparecer, banindo fóruns ou usuários que quebram as regras gerais da plataforma.

aparência da página *web* e pelo estabelecimento e aplicação das regras particulares do fórum. Em geral, moderadores procuram manter o bom funcionamento de suas comunidades e usam seus poderes como ferramenta de autoridade para tal – fechando ou removendo *posts* e comentários que estejam em desacordo com as regras e banindo de forma temporária ou permanente os usuários que cometem infrações.

A estrutura hierárquica de um subfórum é vertical e cronológica: o criador da comunidade pode convidar outros usuários para o papel de moderadores, e cada moderador só pode remover um outro caso tenha maior senioridade, ou seja, se estiver acima na hierarquia. Dessa forma, nenhum moderador novato pode remover um sênior, e ninguém pode destituir o criador do fórum. Esse sistema, que busca impedir o roubo de comunidades, gera dinâmicas de poder específicas – uma vez que os membros de uma comunidade pouco podem fazer em caso de descontentamento com políticas de moderação. Em nossa etnografia, presenciamos discussões controversas em que usuários pediram punição aos moderadores. Em um desses casos, membros solicitaram a expulsão de uma moderadora por considerar que havia agido de forma contrária ao *ethos* da comunidade. A moderadora foi removida do quadro, e imediatamente readmitida – sua punição simbólica foi perder a senioridade sobre outros moderadores, solução que foi considerada insuficiente pelos que pleiteavam sua retirada da comunidade. Esse e outros casos de descontentamento semelhantes costumam ser trazidos à tona em discussões sobre o estado da comunidade (metadiscussões, ou, simplesmente, “meta”, no jargão do *Reddit*).

Pessoas cadastradas no *Reddit* são identificadas através de um nome de usuário. Esses nomes são geralmente fictícios, a fim de proteger a identidade real de seus participantes. A plataforma não exige, mas solicita e encoraja o registro de um endereço de *e-mail* relacionado a uma conta de usuário. Dessa forma, permite, e mesmo incentiva, a participação anônima e a criação de contas alternativas ou temporárias. De acordo com as normas do *site*, é proibida a divulgação de informações privadas de outrem – não apenas dados como endereço ou telefone, mas perfis em outras redes sociais, como o *Facebook*. Consta de maneira explícita nas regras: “postar as informações pessoais de alguém fará com que você seja banido”<sup>137</sup> (tradução nossa). Essa política mostra-se útil nos fóruns de temática trans do *Reddit*, uma vez que muitos membros testemunham o desejo ou a necessidade de anonimato ao buscar informações sobre o assunto e/ou escrever sobre si. Ou seja, embora este

---

<sup>137</sup> “Posting someone's personal information will get you banned”. *Reddit: account and community restrictions*. Disponível em <<https://www.reddithelp.com/en/categories/rules-reporting/account-and-community-restrictions/posting-someones-private-or-personal>>. Acesso em: 09 out. 2020.

anonimato permita um certo descompromisso com a persona *online* (bem como contas de usuário criadas com o propósito de causar disrupção e/ou comportamentos tóxicos), ele também oportuniza que seu público opere com mais liberdade.

Diferente das páginas pessoais, o “perfil” em redes sociais como o *Facebook*, focadas na personalidade ou nas características de um indivíduo, no *Reddit* cada membro tem uma página pública onde ficam registrados os seus *posts* e comentários. Essa área costuma ser visitada menos para conhecer o usuário, como em geral ocorre nas redes sociais, e mais como uma forma de inspeção e controle. A prática é frequentemente utilizada para identificar *trolls* e outros visitantes indesejados à comunidade, e com ela se tenta aferir as contribuições e o capital social de um membro através de seus *posts* e comentários, bem como investigar os fóruns em que essa pessoa participa. Nos fóruns de temática trans do *Reddit*, eventuais comentários que se opõem às pessoas trans costumam levar à averiguação da página do usuário. Essa prática pode demonstrar, por exemplo, que a pessoa participa de fóruns conservadores ou antitransgênero e/ou já fez outros comentários negativos às populações trans. Nesses casos, é comum que os membros que realizaram a checagem informem que se trata de um *troll* e solicitem a remoção do comentário e o banimento do usuário (o que é muitas vezes atendido, caso seja percebida malícia ou a quebra de regras). Todos os *posts* e comentários tem um botão específico para reportar casos como estes, seja em rompimento das normas gerais da plataforma ou das regras explícitas ou implícitas de um subfórum. Reportar uma participação envia uma mensagem e um *link* para os moderadores da comunidade, que podem então decidir remover o conteúdo, punir o usuário reportado ou mesmo não tomar atitude alguma. Uma vez que o volume de *posts* e comentários é grande em fóruns populares e bastante acessados, reportar contribuições que violem regras é uma tarefa realizada pelos usuários da comunidade que costuma ser incentivada pelos moderadores. Nos fóruns de temática trans do *Reddit*, que recebem comentários transfóbicos com frequência, os moderadores repetidamente orientam a reportar o caso e aguardar a moderação, sem engajar discussões com usuários que quebrem as regras.

O conteúdo do *Reddit* chega a seus membros através de visitas individuais e voluntárias a cada comunidade ou, mais frequentemente, pela página da “linha do tempo” disponível a cada usuário. Essa página traz, de forma agregada e em visualizações personalizáveis os *posts* de todas as comunidades em que o membro está inscrito. Essa funcionalidade, em geral, facilita a leitura dos tópicos, o que pode levar à participação ativa, sem a necessidade de visitar as páginas individuais de cada fórum para se engajar em seus conteúdos. A inscrição em uma comunidade é realizada através de um botão em sua página

principal, e sua utilidade restringe-se à praticidade de consumo. Na maioria dos casos é possível participar (ler, comentar, criar e votar) sem estar inscrito na comunidade. Sendo assim, o número de inscritos, embora seja um valor usado para medir e informar a popularidade de cada fórum, demonstra apenas parcialmente a quantidade efetiva de pessoas que se engajam com eles.

Tanto a linha do tempo do usuário quanto as páginas principais de cada subfórum do *Reddit* podem ter seus tópicos mostrados em ordenamentos variados. Por padrão, a página inicial de cada comunidade é a visualização chamada *hot*, que classifica os *posts* através de sua popularidade no momento do acesso. Outras visualizações incluem *new* (que classifica e mostra todos os tópicos na ordem em que foram postados, sendo o mais recente primeiro) e *top* (que classifica e mostra os *posts* mais populares em um período de uma semana, um mês, um ano, ou desde a criação da comunidade). Os *posts* de maior popularidade em toda a plataforma são agregados e mostrados na página principal do *Reddit*.

A popularidade que orienta e classifica essas visualizações de conteúdo é aferida através de um score chamado *karma*. Na plataforma, cada *post* e cada comentário pode receber votos positivos ou negativos. Esses votos são anônimos, realizados a qualquer momento, e cada membro pode dar apenas um voto a cada tópico ou comentário, sendo possível mudar de ideia a qualquer momento. Geralmente simbolizados por flechas apontando para cima e para baixo, os votos são conhecidos respectivamente como *upvote* e *downvote*. O saldo entre votos positivos e votos negativos resulta no índice *karma*. Como as visualizações no *Reddit*, por padrão, são ordenadas por popularidade – tanto na linha do tempo de um usuário como dentro de uma comunidade –, *posts* com *karma* alto têm mais visibilidade, ou seja, são mais rapidamente acessíveis ao público.

De forma análoga, tópicos com *karma* baixo ou negativo tendem a ficar “soterrados” e podem não ser vistos pelos usuários. Embora a medição exata de popularidade dependa de um algoritmo que leva em conta fatores além do *karma* (MASSANARI, 2015), a mecânica de votação busca dar à comunidade o poder de escolher quais conteúdos são mais pertinentes, interessantes ou relevantes, e destacá-los daqueles menos desejados ou incorretos. Essa lógica também se aplica a comentários deixados em um tópico: aqueles com *karma* mais alto aparecem na área próxima ao topo da página, sendo mais rapidamente percebidos, enquanto os de *karma* negativo ficam mais próximos à base. Assim, infere-se que o *karma* influencia no consumo de contribuições e também na percepção subjetiva de valor dos *posts* e comentários. Em nossa investigação, os tópicos analisados foram lidos e acompanhados na

íntegra. Como buscamos as regularidades nas conversas, demos o mesmo peso e interesse às contribuições, ignorando seus escores específicos.

O *karma* é um índice aplicado não apenas aos conteúdos, mas aos membros do *Reddit*. Todos os votos recebidos por um usuário, seja em comentários ou em tópicos postados, são contabilizados no seu escore particular, gerando um dado que é obrigatório e universalmente acessível na plataforma. Membros com alto *karma* positivo e longo histórico de participação tendem a ser percebidos como integrantes valiosos de uma comunidade, enquanto aqueles com *karma* baixo ou negativo e contas criadas recentemente podem ser vistos com desconfiança. Através do valor simbólico que o *karma* agrega, usuários do *Reddit* são incentivados a contribuir positivamente e a criar relações longevas com suas contas de usuário. Pelo uso dessa mecânica de regulação interna em seu público e suas comunidades, Massanari (2015) ressalta que o *Reddit* forma um espaço pseudoanônimo e persistente, onde indivíduos ganham reputação e reconhecimento ao longo do tempo (MASSANARI, 2015, p. 7).

Por fim, além de suas características estruturais, apresentadas aqui de maneira resumida, também é necessário ressaltar alguns aspectos subjetivos dos usuários da rede. Para Massanari, o público que se engaja nas comunidades do *Reddit* é, em geral, generoso e interessado em compartilhar o que sabe, sendo orientado por um desejo de diminuir ou romper as barreiras entre *experts* e iniciantes (MASSANARI, 2015, p. 9). Um exemplo notável são as populares comunidades onde usuários podem fazer perguntas para membros identificados como especialistas em determinado assunto. Esses fóruns costumam levar em seu nome o prefixo *Ask*, ou “pergunte”, como, por exemplo, o *AskHistorians* e o *AskScience* (respectivamente “pergunte aos historiadores” e “pergunte à ciência”, tradução nossa). Seguindo um formato de perguntas e respostas, fóruns como esses procuram disseminar informação e conhecimento, em discussões avançadas ou meramente curiosas.

Em nossa etnografia, a maior parte da colheita de dados foi realizada no *AskTransgender*, o principal fórum de temática trans da plataforma. Se em alguns espaços, como vimos, os *experts* precisam demonstrar alguma credencial que os habilite, no *AskTransgender* as respostas provêm da comunidade como um todo, de forma horizontal – incentivando discussões colaborativas, a multiplicidade de perspectivas, e deixando a cargo dos usuários a tarefa de identificar, através do uso continuado do fórum, os membros mais participativos e que compartilham informações de forma mais correta, clara e/ou interessante.

Massanari (2015) também nota que as múltiplas formas como os usuários do *Reddit* negociam seus relacionamentos com outros participantes sugere um desejo de autenticidade e

de conexões pessoais individuais e específicas com membros mais experientes, mais novatos, e em nível semelhante de conhecimento e integração no fórum (MASSANARI, 2015, p. 63). Em nossa pesquisa, foi possível notar estes comportamentos nas comunidades de pessoas trans da plataforma: seus membros, em geral, não se furtam a dividir suas vivências, dar conselhos, indicar estratégias, oferecer apoio, e criam laços com a comunidade e com seus participantes. A própria natureza dos temas que envolvem o fenômeno trans – geralmente um território com escassas referências disponíveis, e que geram mais dúvidas do que respostas concretas – influencia a participação dos usuários desses fóruns, que conhecem em primeira mão os desafios de navegar a experiência trans com acesso limitado às informações, das mais simples e corriqueiras às mais vitais. No entanto, é preciso ressaltar que, se focamos nos aspectos positivos e transformadores, não buscamos estabelecer o *Reddit* como um espaço perfeito, ideal ou utópico. De fato, suas problemáticas – tanto em nível institucional como aquelas relacionadas ao anonimato, à multiplicidade de intenções de uso e atitudes pessoais, e as barreiras para o uso (como acesso à internet ou a língua) – existem e permeiam o uso da plataforma. Apesar disso, as iniciativas bem-sucedidas, como as encontradas nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, constituem um *locus* comunicacional capaz de provocar profundas alterações objetivas e subjetivas em seus membros e, portanto, são merecedoras de exploração. No subcapítulo a seguir, descrevemos como se configuram essas comunidades.

### **3.3.1 As comunidades transgênero no *Reddit***

Nosso contato inicial com o *Reddit* ocorreu em 2015, a partir da crescente popularidade da plataforma e suas menções em redes sociais – como o *Twitter*, que usávamos à época. A chegada ao *Reddit* através da sua página principal é um tanto confusa. O *site* mostra o conteúdo de uma série de comunidades populares que nem sempre se alinham aos interesses dos usuários. É a partir da ferramenta de busca interna que se pode encontrar os subfóruns com os assuntos desejados e, então, através do uso contínuo, descobrir se a comunidade é útil, interessante e/ou alinhada ao que o usuário procura.

Nos inscrevemos em uma série de fóruns relacionados a três temas principais: música, assuntos trans e discussões locais. Desde então, visitamos duas comunidades diariamente: Metal (sobre o gênero musical) e Brasil (maior fórum em língua portuguesa da plataforma), além de outras com acesso mais esporádico. Como informado no subcapítulo anterior, também frequentávamos diariamente os fóruns de temática trans. Entre eles, o que



fizemos uso mais assíduo, e o mais importante em nossa etnografia, é o *AskTransgender* (descrito a seguir).

A participação em fóruns de outras temáticas também foi importante, para estabelecer quais são, em geral, os comportamentos de usuários do *Reddit*, e quais são os aspectos particulares às comunidades de pessoas trans – para então averiguar o que é singular e característico a estas. De fato, percebemos que a experiência na plataforma é inteiramente dependente dos locais em que se participa, sendo influenciada em especial pelos aspectos da moderação e suas regras, que mantêm a coesão temática do fórum, bem como evitam comportamentos antissociais, tóxicos ou indesejados, e pelo elenco de membros que criam tópicos e participam regularmente das conversações.

As comunidades de temática trans do *Reddit* são numerosas, e atendem a propósitos e/ou públicos distintos. A fim de definir os ambientes mais propícios à nossa etnografia, classificamos estes fóruns nos seguintes eixos:

a) Bate-papo: tópicos geralmente mais corriqueiros e cotidianos, desabafos, conquistas pessoais, etc.

b) Discussão: conversações sobre temas mais sérios, ou de forma mais aprofundada.

c) *Selfies*: fóruns baseados em fotografias de si, sem tema definido ou orientadas a alguma finalidade específica.

d) Identidades: fóruns de assuntos dedicados ao público de uma identidade trans em particular.

e) Específicos: fóruns que têm foco em assuntos determinados, como terapia hormonal, cirurgias, humor, *memes*, *links* para notícias, música feita por artistas trans, *hobbies* (como jogos de *videogame* e computador), etc.

As categorias informam a orientação geral para a criação de *posts* em uma comunidade, mas, em certos casos, as caracterizações não são excludentes. Por exemplo, alguns fóruns de bate-papo podem conter eventuais discussões mais sérias; fóruns de *selfies* podem trazer *posts* de texto, embora infrequentes; fóruns de discussão podem permitir temas mais leves, se incentivarem conversações inclusivas. Além disso, é preciso considerar que, nos diálogos que ocorrem nas áreas de comentários dos *posts*, derivas temáticas são corriqueiras. Para demonstrar como os espaços de temática trans do *Reddit* se configuram, descrevemos brevemente, no quadro abaixo, as vinte principais comunidades que percorremos em nossa etnografia, bem como sua frequência de visitação (onde o marcador “alto” significa acesso diário, ou várias vezes ao dia; “médio” significa acesso semanal; e “baixo” e “muito baixo”, acessos ocasionais). Não se trata de uma lista exaustiva das

comunidades de pessoas trans no *Reddit*; há ainda outros fóruns específicos, que foram detectados e mesmo visitados, mas não acompanhados durante nosso percurso investigativo.

**Quadro 4** - Lista de comunidades de temática trans do *Reddit* visitadas em nossa etnografia, classificada por frequência de visitação e número de assinantes.

Nome do fórum	Número de assinantes	Temática	Frequência de visitação na etnografia
<i>AskTransgender</i>	145.638	Discussão: comunidade baseada em perguntas e respostas de, para e sobre pessoas trans.	Alta
<i>TransBR</i>	1.112	Bate-papo: comunidade brasileira de pessoas trans no <i>Reddit</i> .	Alta
<i>TransTimelines</i>	114.722	<i>Selfies</i> de linha do tempo, comparando antes e depois da transição.	Média
<i>MtF</i>	88.916	Bate-papo e discussão: comunidade específica para mulheres trans e temas afins.	Média
<i>FtM</i>	88.500	Bate-papo e discussão: comunidade específica para homens trans e temas afins.	Média
<i>NonBinary</i>	72.795	Bate-papo e discussão: comunidade específica para pessoas não-binárias e temas afins.	Média
<i>TransgenderCirclejerk</i>	52.432	Específico: autoperódias e sátiras a respeito de temas, experiências, narrativas e linguagem trans.	Média
<i>GenderCynical</i>	43.299	Bate-papo e discussão: comentários satíricos sobre <i>posts</i> antitrans no <i>Reddit</i> e em redes sociais.	Média
<i>Traaaaaaannnnnnnnns</i>	192.181	Específico: fórum para postar <i>memes</i> relacionados aos temas trans.	Baixa
<i>TransPositive</i>	85.861	<i>Selfies</i> .	Baixa
<i>TransPassing</i>	75.816	<i>Selfies</i> , pedindo opiniões e conselhos estéticos para “passar por” cisgênero.	Baixa
<i>TransLater</i>	20.997	Bate-papo: comunidade específica para pessoas trans acima dos 40 anos.	Baixa
<i>Transgender_Surgeries</i>	17.841	Específico: cirurgias da transição de gênero.	Baixa
<i>Truscum</i>	7.203	Discussão: comunidade específica para pessoas trans que advogam a medicalização das identidades trans.	Baixa
<i>Transgender</i>	113.725	Específico: <i>links</i> para notícias sobre temas trans na mídia.	Muito baixa
<i>TransVoice</i>	56.318	Específico: treinamento de voz para pessoas trans.	Muito baixa

<i>TransAdorable</i>	45.971	<i>Selfies</i> .	Muito baixa
<i>Genderqueer</i>	35.622	Bate-papo: comunidade específica para pessoas <i>genderqueer</i> , não-binárias e temas afins.	Muito baixa
<i>Genderfluid</i>	34.868	Bate-papo: comunidade específica para pessoas generofluidas e temas afins.	Muito baixa
<i>TransSpace</i>	25.027	Específico: <i>links</i> para conteúdos (reportagens, vídeos, etc) de temática trans.	Muito baixa
<i>Agender</i>	9.941	Bate-papo: comunidade específica para pessoas agênero e temas afins.	Muito baixa

Fonte: elaboração própria, com dados colhidos no *Reddit*. Acesso em: 11 out. 2020.

Estes espaços constituem um ecossistema digital amplo, e seus usuários frequentemente participam de mais de um fórum, de maneira complementar. Por exemplo, um homem trans binário pode tirar dúvidas e participar de discussões no *AskTransgender*, bater papo no *FtM*, postar *selfies* de sua transição no *TransPositive*, ler memes no *Traaaaaaannnnnnnnnnns* e buscar informações sobre cirurgias no *Transgender\_Surgeries* (bem como utilizar outros fóruns do *Reddit*, com ou sem ligação à temática trans).

Em nossa etnografia, percorremos os fóruns listados regularmente, visitando suas páginas principais, lendo tópicos postados, participando de discussões, salvando *posts* interessantes<sup>138</sup>, e buscando regularidades. Permitindo a *flânerie* etnográfica, seguimos *links* que nos levaram ainda a outros fóruns, de públicos trans e também cis. Alguns desses espaços apresentam potencialidades analíticas na observação das dinâmicas do acontecimento trans – como, por exemplo, a comunidade *ActualLesbians*, um fórum de bate-papo lésbico-feminista trans-inclusivo<sup>139</sup>, onde ocorrem ocasionais embates envolvendo, de um lado, feministas cis e trans e, de outro, feministas radicais trans-exclusivistas. Outro espaço feminino que se demonstrou trans-inclusivo e abertamente anti-trans-exclusivista<sup>140</sup> é o *MakeupAddiction*, popular comunidade para *selfies*, tutoriais e bate-papo sobre maquiagem. No entanto, pela necessidade de restringir o escopo de nossa dissertação, mantivemos o foco em algumas

<sup>138</sup> Na barra de ações em cada *post* ou comentário no *Reddit* há um botão “salvar” – que guarda um link para o conteúdo salvo na área pessoal de cada conta de usuário. Essa função foi utilizada sempre que encontramos textos pertinentes à pesquisa, curiosos, polêmicos e informativos, entre outros, gerando um total de 696 notas salvas. Também foi útil o fato de que o *Reddit* salva o *link* mesmo que o conteúdo seja removido; nesses casos, usamos o *site* de arquivamento externo *Removedit* para recuperar esses textos.

<sup>139</sup> ACTUALLESBIANS. 2020. Disponível em <<https://reddit.com/r/actuallesbians/>>. Acesso em: 10 out. 2020.

<sup>140</sup> A distinção ocorre uma vez que diversas comunidades encontradas se pretendem e se anunciam inclusivas às pessoas LGBTQ+, mas sua moderação não reforça estas regras. Fóruns anti-trans-exclusivistas operam como espaços seguros às identidades trans, fazendo oposição aberta à transfobia. MAKEUPADDICTION. 2020. Disponível em <[https://reddit.com/r/MakeupAddiction/comments/euyzeb/reminder\\_this\\_sub\\_is\\_completely\\_gender\\_inclusive/fftxfkv/](https://reddit.com/r/MakeupAddiction/comments/euyzeb/reminder_this_sub_is_completely_gender_inclusive/fftxfkv/)>. Acesso em: 14 out. 2020.

questões recorrentes encontradas no *AskTransgender*, e verificamos suas recorrências e caracterizações em outros fóruns.

O *AskTransgender* foi criado em 2009, e em sua descrição afirma ser um espaço para “questões e discussões sobre, para, ou da comunidade transgênero do *Reddit*. Aberto a qualquer pessoa com uma pergunta”<sup>141</sup>. O fórum conta com cerca de 145 mil inscritos (sendo potencialmente maior seu público real e alcance efetivo, uma vez que não é necessária inscrição para ler ou participar) e recebe dezenas de *posts* e centenas de comentários todos os dias. Durante nossa estadia, percebemos o *AskTransgender* como uma espécie de fórum central para as discussões mais importantes dos temas trans. Embora eles sejam bastante variados, o espaço proporciona a ocorrência de debates sobre paradigmas identitários e ativismos – encontrados em escala menor ou insignificante em outras comunidades – e, além disso, possui membros bastante engajados em responder às perguntas que chegam, o que torna as discussões ricas e múltiplas. Em parte, essa caracterização resulta da aplicação de regras específicas da comunidade, que dão forma ao ambiente e a suas interações. Estas regras são:

1. Seu *post* deve encorajar a discussão e ser inclusivo. Preferimos títulos em forma de questão, mas se isso não for possível, certifique-se de que ou o título ou o conteúdo providenciem um ponto de partida para a discussão. Use linguagem inclusiva: por exemplo, não use “como vocês meninas escolheram seu nome feminino?”; prefira “como você escolheu seu novo nome?”.
2. Tenha respeito, especialmente com a forma como as pessoas se identificam. Não são permitidas: discriminação (transfobia, homofobia, sexismo, racismo, etc); discurso de ódio; comentários desrespeitosos; ataques pessoais; termos depreciativos; invalidação; policiamento do gênero alheio; constrangimento por passar, por ser visível, ou por estar no armário.
3. Agendas pessoais não são permitidas. Este fórum é um lugar para discussão, e não um palanque. Se um *post* ou comentário indicar uma agenda pessoal, ou se estiver claro que o participante não tem a mente aberta, seus *posts* serão removidos.
4. Não são permitidas provocações. Não faça *posts* ou comentários com a intenção de criar drama, ou que ataquem ou encorajem ataques a outro subfórum.
5. Menores de 13 anos de idade não são permitidos no *Reddit*. É exigido que reportemos os membros que se identifiquem como tal aos administradores da plataforma.
6. Solicite aprovação prévia dos moderadores antes de postar um questionário, pesquisa, promoção ou anúncio. Nós vamos revisá-los antes da postagem.

---

<sup>141</sup> As informações gerais sobre o *AskTransgender* foram retiradas de sua página principal. A descrição e as regras, que ficam sempre visíveis na barra lateral da página, são apresentadas aqui em tradução nossa. ASKTRANSGENDER. Disponível em <<https://reddit.com/r/asktransgender>>. Acesso em: 11 out. 2020.

7. *Posts* com conteúdo *NSFW*<sup>142</sup> devem ser marcados. Tópicos que tenham por temática genitais, seios, sexo, ou conteúdo que você não discutiria com seus colegas de trabalho ou sua avó, devem ser marcados como *NSFW*.

8. Fetichização ou *chasers*<sup>143</sup> não são permitidos. Nós iremos remover quaisquer *posts* tratando corpos trans como fetiches ou objetos, e quaisquer *posts* que indiquem que sua atração sexual é mais importante do que a disforia de quem está com você. (ASKTRANSGENDER, 2020).

Além dessas restrições, notamos uma regulação no formato dos *posts* publicados. Em seu formulário de submissão, o *AskTransgender* permite que sejam criados somente tópicos em texto; ou seja, fotos, imagens, vídeos não podem ser postados (a não ser como *hyperlink* no contexto de uma pergunta). Dessa forma, os moderadores buscam acionar um engajamento específico: *posts* em texto que façam perguntas ou tencionem gerar discussões. Percebemos que essa opção favorece a reflexividade nos tópicos publicados, e mantém a página principal da comunidade (sua lista de *posts*) com foco na temática que a ordena.

De fato, em fóruns onde todos os conteúdos são permitidos, usuários assíduos do *Reddit* costumam fazer distinção entre tópicos de “baixo esforço” (*low effort*) e “alto esforço” (*high effort*). Em geral *memes*, *selfies* e *links* para conteúdo encontrado na internet são percebidos como contribuições de menor valor do que *posts* em texto e/ou conteúdo original, que potencialmente trazem maior esmero e cuidado na elaboração. Sendo assim, é corriqueiro que comunidades do *Reddit* voltadas a discussões restrinjam os tipos de tópicos que podem ser criados. Como efeito dessa restrição, surgem fóruns derivados e específicos para os conteúdos não permitidos. No ecossistema de temática trans da plataforma, discussões ficam no *AskTransgender*, *memes* pertencem ao *Traaaaaaannnnnnnnnnns*, e *selfies* ao *TransPositive* e *TransAdorable*; tópicos que falam de si sem propor uma discussão imediata pertencem aos subfóruns gerais dos grupos identitários, como *MtF*, *FtM* e *Non-binary*.

É importante notar que, embora seja comum que as regras de um fórum sejam ocasionalmente discutidas e questionadas pela comunidade, o público do *AskTransgender* concorda com as normas, as reconhece como importantes, as apoia e as aciona para responder a comentários que quebram essas regras. Um exemplo são os usos das regras 2 e 3 em discussões: ambas acolhem os casos em que perguntas ou comentários busquem negar ou questionar a legitimidade das identidades trans (a “invalidação”) ou em que usuários, em uma

<sup>142</sup> “*Not Safe for Work*”, ou “não seguro para o ambiente de trabalho” (tradução nossa). Usuários do *Reddit* podem optar por obscurecer conteúdos marcados como *NSFW* para evitar constrangimentos ao visitar a plataforma em locais públicos. Há um botão específico para marcar um conteúdo como *NSFW* no formulário de criação do *post*.

<sup>143</sup> *Chasers* são aqueles que têm fetiche pela genitália original de pessoas transexuais (entendidas como pessoas trans que sentem disforia genital e têm como objetivo a cirurgia transgenital), objetificando os corpos desses sujeitos e buscando, através de manipulação emocional, desincentivar ou impedir que realizem a cirurgia.

conversação, demonstrem não respeitar os argumentos das pessoas trans (a “agenda pessoal”). Muitas vezes os membros da comunidade podem cessar o engajamento com o debate (ou dar respostas sarcásticas), citar o número da regra sendo quebrada, e reportar o comentário em questão. Quando os moderadores recebem o aviso do comentário reportado, analisam se a regra é aplicável e, em caso positivo, o removem.

As regras 2 e 3 também são o cerne que configura o *AskTransgender* como um “espaço seguro” (DARWIN, 2017), uma comunidade que coloca o bem-estar das pessoas trans acima dos questionamentos sobre a legitimidade de sua identificação de gênero e as experiências práticas e subjetivas desses sujeitos. Na ênfase da frase “Tenha respeito, especialmente com a forma como as pessoas se identificam”, está implícito que questionar a autoidentificação de gênero de uma pessoa trans não é tolerado. Embora o fórum seja um espaço de discussão, a premissa inicial estabelecida é a de que a identidade trans é inegociável e não-debatível. Da mesma forma, a frase “Agendas pessoais não são permitidas” procura estabelecer que as perguntas devem ser feitas a partir de curiosidades, interesses genuínos e boa fé – e não apenas como provocação aos membros da comunidade ou para marcar uma posição cética.

Como percebemos, essas regras básicas estão conformadas ao mesmo ideário dos *trans studies*, que partem da legitimidade das experiências das pessoas trans enquanto sujeitos capazes de conhecer, e de produzir saber, a respeito de si mesmos (O’BRIEN, 2016, p. 319). De fato, a recorrente ênfase na validade da autoidentificação de gênero busca proporcionar que os debates partam de um campo onde as subjetividades trans têm o mesmo peso daquelas cis; tanto nos *trans studies* quanto no *AskTransgender*. Essa é a perspectiva encontrada, de forma geral, nos outros fóruns pesquisados.

Por ser uma das mais antigas comunidades de temática trans do *Reddit*, as regras do *AskTransgender* costumam ser a base, ou utilizadas *ipsis litteris*, em outros espaços. Comunidades não-trans, mas trans-inclusivas, como o *ActualLesbians*, também partem de definições semelhantes para proteger as identidades e pessoas trans.

Isso significa que o *AskTransgender* não é absolutamente aberto e permissivo a todas as discussões. Por isso, os debates críticos às formações identitárias trans no *Reddit* ocorrem em outros fóruns, não nos de pessoas transgênero. Alguns membros que chegam à comunidade veem nessas regras um tipo de censura improdutiva, como exemplificamos em um *post* que discute a regra 2:

Squidol: É uma pena que estas regras não permitam uma discussão saudável com pessoas que podem ser céticas. Nada se ganha dessa censura inútil e ela reflete mal nessa comunidade.

Geckoco: Não existe o intuito de impedir discussão. As regras permitem que as pessoas possam estar confortáveis seja como for que se identifiquem [...].

Squidol: Tem o efeito de impedir a discussão, porque qualquer pessoa que expresse ceticismo a qualquer coisa relacionada à identidade de gênero é banida ou ao menos notificada. Censura ridícula.

Parece claro que algumas questões não estão abertas para debate. No entanto, é preciso conceder que, para que a comunidade transgênero possa se sentir respeitada e valorizada, é necessário partir de uma perspectiva em que suas experiências sejam consideradas legítimas. De outra forma, o espaço seguro é quebrado, uma vez que as invalidações propostas por usuários cis conservadores questionam o cerne da identidade trans. Ou ainda: não fossem as regras e o trabalho de moderação, membros de fóruns conservadores ou trans-exclusivistas ocupariam o *AskTransgender* e outras comunidades trans, desviando discussões, desrespeitando seus usuários e impedindo que um ambiente propício ao compartilhamento de vivências ocorra. Como nota boyd (2011), públicos em rede tendem a reproduzir preconceitos que existem em outros contextos; discriminações baseadas em estratificações sociais ao redor de etnia, gênero, sexualidade e idade são reproduzidas *online* (BOYD, 2011, p. 54).

Em se tratando especificamente do *Reddit*, Massanari (2015) aponta que a plataforma, como muitos outros espaços *online*, cria um ambiente discursivo onde *bullying*, ódio e preconceito são tacitamente aceitos sob a premissa da liberdade de expressão (MASSANARI, 2015, p. 164). Além disso, a autora indica que parte substancial de seu público pode ser misógino e antifeminista; e ressalta que o *website* também é utilizado por grupos de ódio, que utilizam as linguagens do humor e dos memes como forma de recrutamento (MASSANARI, 2015, p. 169). No entanto, notamos que as manifestações belicosas que ocorrem na esfera digital não estão restritas ao *Reddit*: discursos de ódio são verificados em espaços diversos da internet, impulsionados pela distância física entre os participantes das conversações – o que reduz tanto a empatia quanto as barreiras e consequências às expressões mais hostis e provocativas. “Por isso, a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e, mesmo, pela propagação da violência” (RECUERO, 2013, p. 62). Dessa forma, ressaltamos a importância do perfil de público de cada comunidade, em especial no *Reddit*,

bem como suas normas específicas. São os comportamentos desejados e incentivados, permitidos e proibidos, e o trabalho dos moderadores em desenvolver e aplicar regras, que permitem a criação de espaços afirmativos, construtivos e/ou positivos na plataforma.

Outro aspecto importante na constituição do *AskTransgender* é o direcionamento requerido aos tópicos postados. Seguindo a linha de outros subfóruns com prefixo *Ask*, a regra 1 solicita que os *posts* sempre contenham uma pergunta à comunidade. No entanto, há tolerância nesta caracterização, e *posts* descritivos podem ser permitidos – desde que convidem explicitamente a discussões públicas, ao invés de meros relatos de si. A regra ainda solicita que a linguagem dessas perguntas seja inclusiva, a fim de proporcionar que pessoas trans de várias identidades possam se engajar nessas conversações.

Além do exemplo de linguagem inclusiva descrito nas regras, outros, frequentemente mencionados no *AskTransgender* são as seguintes perguntas: a) “Mulheres trans, seus seios doeram quando começaram crescer durante a terapia hormonal?”, que exclui desnecessariamente pessoas transmasculinas – uma vez que muitos homens trans também passaram pela fase de crescimento dos seios; e b) “Homens trans, quais são suas melhores dicas para fazer a barba?”, que desnecessariamente exclui pessoas transfemininas – já que muitas mulheres trans também lidam ou lidaram com esse aspecto. Embora essas experiências sejam contrastantes, nos exemplos dados (a primeira é positiva para mulheres trans, negativa para homens trans; a segunda, o inverso), tanto um grupo quanto o outro pode contribuir com a discussão, inclusive nos aspectos práticos das respostas. Sendo assim, retirar a especificidade de gênero dessas perguntas torna o convite à interação abrangente, e essa postura é preferida e incentivada pelos membros; um tópico pode receber críticas ao desrespeitar essa regra. A inclusividade é compreendida como necessária na regulação da comunidade, uma vez que 58% de seu público é formado por identidades trans femininas<sup>144</sup>. Cabe ainda ressaltar que nas comunidades para públicos específicos, como *MtF*, *FtM* ou *Non-binary*, esse acionamento não é necessário, uma vez que os fóruns são, desde seu conceito, voltados a grupos particulares.

Pelas características informadas, estabelecemos que o *AskTransgender* é um fórum onde pessoas trans ou cis podem fazer perguntas para serem respondidas pela comunidade; é

<sup>144</sup> De acordo com a ferramenta de análise *Subreddit Gender Ratios*, usando uma amostra de 2.805 usuários. A ferramenta tem limitações claras, como, por exemplo, indicar apenas identidades binárias em um fórum plural e diverso; e suas informações foram extraídas de forma aleatória, sem necessariamente indicar representatividade do todo. Apresentamos o dado porque, grosso modo, é também nossa percepção ao participar das comunidades trans do *Reddit* – e um entendimento manifestado pelos usuários. A título de comparação, no perfil de público de outros fóruns que frequentamos, o *Metal* tem público 85,3% masculino, com amostra de 5.094 usuários; e, no Brasil, 82,1% masculino, com amostra de 591 usuários. Disponível em <<http://bburky.com/subredditgenderratios/>>. Acesso em: 29 out. 20.



um espaço seguro, onde o respeito irrevogável às identidades trans é reforçado; é um ambiente que busca valorizar a multiplicidade das experiências trans em suas discussões; e não é o local adequado para postar *memes*, *selfies*, ou textos que não busquem engajar a participação dos membros – funções que são compreendidas por outros fóruns, e que incentivam a complementaridade de seus usos. É também importante, no entanto, considerar as barreiras de acesso ao *AskTransgender* – e às comunidades de temática trans do *Reddit* em geral –, que conformam as possibilidades de participação.

Um aspecto que configura o uso dos fóruns que congregam pessoas trans do *Reddit* é o fato de ocuparem uma plataforma internacional, de público globalizado (mas predominantemente dos EUA), onde a grande maioria das comunidades utiliza a língua inglesa. Essa característica demonstra ser um obstáculo de acesso e participação e pode implicar um recorte educacional e/ou de classe em relação a usuários de países onde o Inglês não é a língua nativa.

Também é necessário considerar que o *Reddit* só pode ser acessado via computador, *tablet* ou *smartphone*, o que pode acarretar entraves financeiros, de infraestrutura e/ou de alfabetização digital. Em que pesem estas limitações, a decisão por este campo de pesquisa ocorre a partir de uma soma de fatores: a) a adequação às comparações dos enquadramentos informados pelos *trans studies*; b) o volume, a frequência e a abrangência de conversações; c) o volume e a longevidade de arquivos disponíveis para consulta; d) a multiplicidade de pontos de vista, a partir da diversidade de identidades trans presentes nas comunidades; e) a nossa intensa familiaridade com o campo, e a intersecção com a trajetória pessoal, que, entendemos, oportuniza o olhar etnográfico e o surgimento de *insights* específicos durante a investigação.

Há, ainda, em nosso contexto social específico, o desafio e as problemáticas de etnografar um espaço ainda pouco utilizado por pessoas trans brasileiras – o que pode causar tensionamentos em relação à adequação do projeto. No entanto, ao buscar o campo de pesquisa empírica percebemos que, no Brasil, as comunidades digitais de pessoas trans estão concentradas em grupos, muitos deles privados, na rede social *Facebook*. Tais grupos podem ter barreiras de acesso à inscrição e participação, e estão em uma rede social não-anônima – o que gera um entrave à franqueza e ao engajamento nos debates (DARWIN, 2017). Além disso, a estrutura desses grupos, embora ressalte outros aspectos, apresenta um formato menos propício a discussões do que o sistema de fóruns (MASSANARI, 2015).

Sendo assim, julgamos que o *Reddit* se configura como plataforma apropriada para uma incursão aprofundada e adequada ao arcabouço teórico que orienta nossa investigação. A

renovação constante das conversações, a facilidade de acesso, o público crescente e os testemunhais abundantes fornecem uma rica e espontânea base de dados para verificar regularidades e estabelecer uma escuta dessas vivências e seus desafios.

Não obstante o recorte de público que leva essas discussões a cabo, notamos os temas discutidos no próximo subcapítulo como experiências que ocorrem, se não de maneira universal, em amplos e diversos contextos sociais das pessoas trans. Parte dessa correspondência, no que tange ao público trans local, pôde ser notada na comunidade brasileira TransBR, de que participamos ativamente durante nossa pesquisa. O único ambiente para pessoas trans em língua portuguesa no *Reddit* tem número bem menor de inscritos em comparação à maior parte dos espaços etnografados. Sendo um fórum de conteúdo geral, muitos de seus tópicos são de pouco apelo a discussões; por isso buscamos, ao longo da etnografia, criar *posts* que oportunizaram conversações nessa comunidade. Além disso, também exercemos o papel de moderadora desse fórum desde sua fundação, em 2018, até nossa saída do campo.

Embora com menor frequência e diversidade, pudemos observar recorrências entre os temas discutidos no TransBR e no *AskTransgender*. A função de moderadora nos permitiu maior envolvimento com as questões contextuais brasileiras trazidas pelos usuários da comunidade, e reforçou a necessidade de escuta dessas vivências – que com frequência obtiveram um entendimento de si através do conceito de transgênero que emerge no *Reddit*, mas têm dificuldades em encontrar o mesmo espaço no contexto brasileiro, dividido pela dicotomia travesti/transsexual, como aponta Lanz (2014):

A busca obstinada por hegemonia absoluta das identidades travesti-transsexual, as únicas que esses movimentos efetivamente reconhecem e legitimam dentro dos seus cânones altamente dogmáticos, não só invisibiliza quanto ostensivamente desqualifica todas as inúmeras outras identidades gênero-divergentes que são sistematicamente negadas, esquecidas e, não raro, conspurcadas por esses movimentos. [...] Por causa desse ‘paroquialismo’, um dos efeitos mais perversos e nefastos das políticas de afirmação identitária no Brasil foi a naturalização de identidades de gênero como categorias descritivas autoevidentes. O discurso identitário – arbitrário, contingente e ideologicamente motivado, com suas nítidas, ainda que inconscientes, pretensões hegemônicas – intencionalmente ou não produziu exclusões, deslegitimação e um falso senso de universalidade das identidades de travesti e transsexual que, na contramão do esforço universalizante, acabaram se tornando cada vez mais ‘entidades locais’, de contornos diferenciadores cada vez menos nítidos entre elas mesmas (LANZ, 2014, p. 88-89).

Nesse sentido, notamos que, se nos *trans studies* a dualidade entre os projetos transgênero e transexual divide as visões a respeito das temáticas trans, no Brasil, a resistência e o apagamento da alternativa transgênero produz identidades que se manifestam como linhas de fuga diante das formações políticas do nosso contexto. Embora essa problemática permeie as inquietações levantadas em nossa pesquisa, julgamos que necessite e mereça estudos dedicados e detalhados, seguindo as pistas de Lanz e tensionando as construções dos paradigmas das identidades gênero-variantes no Brasil – respeitando e levando em conta a historicidade e as conquistas promovidas pelos ativismos travesti e transexual em nosso país.

#### 4 O PERCURSO ETNOGRÁFICO NAS COMUNIDADES DE TEMÁTICA TRANS DO REDDIT

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (FREIRE, 1974, p. 92).

Durante nossa participação nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, percebemos a insistência de certos temas que provocam controvérsias resistentes a qualquer apaziguamento ou resolução. Essas disputas se demonstraram bastante divisivas e, às vezes, irreconciliáveis, exigindo a atuação dos moderadores na regulação dos ambientes. Inicialmente, nos propusemos a identificar as situações paradoxais que emergem dessas comunidades e causam rupturas paradigmáticas, práticas e ativistas entre os públicos trans do *Reddit*. No entanto, ao longo do percurso, tais enquadramentos dilemáticos se mostraram restritivos à dissertação que almejávamos produzir. Sendo assim, utilizando o mapeamento do campo empírico empreendido durante o primeiro ano de nossa pesquisa, ajustamos o curso para investigar, nos *trans studies*, as correlações, os acolhimentos e os pontos cegos das teorias que falam sobre os sujeitos que observamos. Com isso, acreditamos que se realiza o potencial da nossa contribuição à Comunicação, aos estudos de gênero e às populações trans.

Nosso percurso parte de três regularidades encontradas durante nossa estada no campo etnográfico: as dinâmicas instáveis do “passar por”; a dicotomia entre alteridade/risco e representatividade provocada pela visibilidade trans; e o território impossível que os banheiros públicos propõem às pessoas trans. Não são as únicas situações recorrentes e disputadas que emergem das comunidades de pessoas trans do *Reddit*. O recorte inerente à pesquisa exige que uma seleção seja feita, e selecionamos apenas algumas das doze situações de conflito identificadas e descritas abaixo:

- 1) A centralidade de “passar” e seus sentidos divisivos na comunidade.
- 2) Os acionamentos políticos das in/visibilidades.
- 3) O território indecidível dos banheiros públicos.
- 4) As negociações e as controvérsias acerca da presença do pênis das mulheres trans em vestiários femininos.
- 5) *Stealth*: a intensificação da persistência de “passar” sob o viés de cura da condição trans, mas também do apagamento e da negação da variação de gênero.

6) As hierarquias causadas pelas transnormatividades dos ativismos transexual e não-binário.

7) Os limites da linguagem para descrever as experiências trans de disforia de gênero, euforia de gênero, sentir-se como (uma determinada identidade de gênero).

8) As contradições das terminologias como impossibilidades da autodeterminação de gênero: problemáticas que emergem a partir dos termos “passar”, “transgênero”, “transexual”, “trans”, “*post-op/operada*”, entre outros.

9) Fotografias antes-e-depois da transição: contrastes indecíveis entre conscientização e inspiração trans, e fetichização e alteridade cis.

10) A negação de legitimidade identitária das mulheres trans *versus* sua sexualização e fetichização na pornografia.

11) A caracterização de um sexismo inevitável das mulheres trans nos embates entre as comunidades de públicos trans e as comunidades *gender critical* do *Reddit*.

12) A identidade feminina inatingível das mulheres trans diante das contestações *gender critical*.

As pré-análises realizadas ainda no campo de pesquisa, como orientado pela metodologia utilizada, oportunizaram reconhecer as situações mais persistentes e salientes, bem como orientar a investigação teórica de nossa dissertação. Sendo assim, selecionamos os desejos e deslocamentos de “passar” (item 1), que indicam tanto a produção de cisgeneridade como a internalização de um limite a uma existência idealizada, livre da alteridade da gênero-divergência. Nesse eixo, foi absorvida a questão do *stealth* (item 5), que é um acionamento específico de “passar”.

Também escolhemos as disputas entre as visões políticas e ativistas da visibilidade trans, e as realizações de si através da assimilação e da invisibilidade, tanto por sua recorrência como por sua relação com o primeiro eixo. Não é possível falar de “passar” sem falar de visibilidade, e vice-versa. A separação se dá uma vez que, embora sejam fenômenos correlatos, seus deslocamentos têm acionamentos específicos: no primeiro eixo falamos de subjetividade, no segundo, dos contextos relacionais e dos efeitos sociais. Aqui também inserimos as disputas trans-ativistas do item 6.

Por fim, selecionamos o espaço negado e irresolvível que os banheiros públicos apresentam às pessoas trans, por enfatizar certos efeitos descritos nas outras duas situações escolhidas. Além disso, a problemática dos banheiros ocupa espaço destacado nas repressões normativas e nas resistências trans, sendo um território onde esse embate se materializa de

forma clara em sociedade. Nesse eixo trazemos também o item 4, por julgarmos que os vestiários públicos, como em clubes e academias, intensificam a controvérsia dos banheiros.

Durante nosso mestrado, algumas outras situações foram exploradas em congressos e seminários, como as disputas nominalistas entre as terminologias que orientam as identidades trans e as fotografias antes-e-depois da transição, que apresentam tanto os sentidos da inspiração e do testemunho das possibilidades de mudança como servem ao olhar fetichizado dos que percebem as pessoas trans como abjetas — em especial em certas caracterizações midiáticas. Embora prolíficas, tais questões ficaram de fora do escopo de nossa pesquisa. Permanecem, no entanto, como pistas para futuras investigações.

Em nossa etnografia, os depoimentos colhidos em língua inglesa são apresentados a partir de nossa tradução. Seguindo Valentine (2007) e as etnografias no *Reddit* produzidas por Massanari (2015) e Darwin (2017), citamos os testemunhos de maneira livre, apontando o fórum em que o comentário ou discussão ocorreram, e a data do *post*. Como indicado anteriormente, os nomes de usuários foram trocados. Tal como o fazem os autores consultados, salientamos aqui a importância de resguardar a privacidade desses informantes, em especial pelos depoimentos extraídos de espaços considerados seguros ao compartilhamento de informações.

Embora autores dos *trans studies*, públicos trans do *Reddit* e ativismos trans alternem-se em apontar perspectivas e movimentos que seriam mais corretas e proveitosas – e divirjam também por haverem múltiplos pontos de entrada para compreender essas questões –, pretendemos nos colocar em uma posição de observação, a realizar um trabalho de escuta. Embora nos oriente a busca pelo equilíbrio narrativo, compreendemos que pesquisador e pesquisa não são jamais cindidos e apartados (GOLDENBERG, 1997), nem pretendemos ignorar que descrições puramente objetivas, supostamente livres de vieses pessoais, são muito difíceis, se não impossíveis (SKÅGEBY, 2010, p. 413). A seleção dos eixos temáticos de análise também ocorre por estes se mostrarem resistentes a qualquer resolução, entre os públicos trans do *Reddit* e também em nossa experiência pessoal. Se usamos com parcimônia nossa narrativa e posicionamentos – que, de outra forma, fariam deste trabalho uma autoetnografia – é por termos como objetivo inequívoco, ao evidenciar alguns desses lancinantes desafios que persistem entre os públicos trans, ressaltar as vozes da comunidade que nos deu voz.

#### 4.1 Recorrência #1: “passar”

*A picture held us captive. And we could not get outside it, for it lay in our language and language seemed to repeat it to us inexorably*<sup>145</sup>  
(WITTGENSTEIN, 1986, p. 48e).

Mais do que qualquer outro tema, as pessoas trans binárias do *Reddit* debatem incansavelmente os dispositivos do “passar”. “Passar por cisgênero” é o desejo mais frequente, e a maior inquietação, presente em parte significativa nas discussões do *Asktransgender* e em fóruns afins. O conceito de identidade transgênero acionado por essas comunidades parte da autoidentificação enquanto inegociável, e rejeita as etiologias patologizantes que conformaram as identidades trans no século XX. Ao mesmo tempo, esse conceito está calcado em uma narrativa que pressupõe a inevitabilidade neurológica e congênita do sexo/gênero.

Esse enquadramento delinea uma “condição trans” que exige resolução: o processo de transição de gênero que, em sua consequência ideal, permite à pessoa trans conquistar a vivência legítima no grupo correspondente à sua identidade. As tipologias consolidadas pelos *trans studies* aproximariam esses acionamentos ao paradigma transexual. No entanto, como descrevemos no capítulo dois, “transexual” é um termo rejeitado com veemência pela maioria das pessoas trans no *Reddit*. “Transgênero” é adotado como uma alternativa incontestavelmente mais plural, estabelecido através da consolidação de um discurso em que a cirurgia transgenital é uma opção, entre tantas outras, na transição – ou seja, a cirurgia não tipifica uma identidade de gênero.

De forma geral, o espaço identitário transgênero no *Reddit* indica um liberalismo individualista que orienta essas pessoas a reconstruírem a partir de si, e somente para si, a vivência e a expressão do gênero informadas pela subjetividade. É esse caráter, a multiplicidade de alternativas, que permite que “passar” seja um objetivo opcional e flexível às diversas identidades sob o guarda-chuva transgênero.

Apesar de respeitar a pluralidade de vivências e experiências, parte significativa do público trans do *Reddit* vê “passar” como resultado ideal da experiência de uma transição, e é possível perceber uma hierarquia de valores através dos *upvotes*, especialmente em comunidades de *selfies* como *TransAdorable* e *TransTimelines*. Nesses fóruns, as pessoas trans que “passam” com mais efetividade recebem a maior quantidade de votos positivos em

---

<sup>145</sup> “Uma *imagem* nos manteve presos. E não podíamos sair dela, pois ela estava na nossa linguagem, e a linguagem parecia repeti-la a nós inexoravelmente.” Tradução nossa. Grifo no original. WITTGENSTEIN, L. *Philosophical Investigations*. 3 ed. Oxford: Blackwell, 1986.

seus *posts*. Além disso, a preocupação com “passar” gerou a criação, em 2011, do *TransPassing*<sup>146</sup>: um fórum exclusivo para que seus membros postem *selfies* e obtenham as opiniões da comunidade sobre o quão bem estão “passando” em seu gênero e/ou recebam conselhos para passar melhor.

A inquietação, no entanto, não é nova nem restrita ao *Reddit*. As problemáticas de “passar” já vêm sendo estudadas desde o início do século XX. No que tange ao gênero, o registro histórico mais antigo data do ano 1394 (HENNINGSEN, 2019) e o dispositivo é observado com frequência a partir do século XVIII (FEINBERG, 1992). Em sua forma mais abrangente, “passar” é compreendido como o movimento de um grupo identitário a outro, em geral da marginalidade para o centro – simultaneamente provocando as leituras contraditórias a) de uma traição ética e/ou moral da própria identidade e/ou de uma cultura vigente; b) do desenvolvimento e da implantação de estratégias complexas de sobrevivência, que buscam resguardar contra discriminações e preconceitos; e c) de um deslocamento para um lugar ou situação que possibilita a verdadeira expressão e realização de si (MORIEL, 2005, p. 167). Além do gênero, “passar” é observado nas esferas da etnia, da sexualidade, da classe e da religião (HARRISSON; COOLEY, 2012; MORIEL, 2005), entre outros.

No intersecção com o gênero e a história das identidades trans, o efeito é descrito, acionado e problematizado desde os estudos sociológicos dos anos 1960, passando pelo manifesto pós-transsexual de Sandy Stone (2014) e sendo abordado por diversos autores dos *trans studies* (HALE, 1996; ELLIOT; ROEN, 1998; entre outros citados neste subcapítulo).

Um dos casos pioneiros e de destaque na academia é o de Agnes, mulher transexual retratada em estudo de caso etnometodológico de Harold Garfinkel (2006 [1967]). Em seu artigo *Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an “Intersexed” Person* (“‘Passar’ e a conquista do *status* sexual em uma pessoa ‘intersexo’”, tradução nossa), o autor analisa a história de Agnes, que “passava” tão bem que convenceu seus médicos que tinha uma condição intersexo. A jovem de 19 anos contou aos médicos que, apesar de ter nascido e crescido como menino, nunca se sentiu como tal; e que seu corpo começou a feminizar espontaneamente na puberdade. Por conta disso, passou a viver em uma identidade feminina e buscava a cirurgia transgenital para finalizar sua transição. A descrição de Garfinkel demonstra a impressão que Agnes causava:

A aparência de Agnes era convincentemente fêmea. Ela era alta, magra, com uma figura muito feminina. Suas medidas eram 38-25-38. Ela tinha cabelo longo, fino, loiro-escuro; um rosto jovem com traços bonitos, pele clara e

<sup>146</sup> TRANSPASSING. Disponível em <<https://reddit.com/r/transpassing/>>. Acesso em: 12 out. 2020.



maças do rosto rosadas, sem pelos faciais, sobrancelhas sutilmente definidas, e sem maquiagem, exceto batom. Em sua primeira visita, ela estava vestida com uma malha justa que marcava seus ombros pequenos, seios grandes e cintura fina. Seus pés e mãos, ainda que um pouco maiores do que o usual para uma mulher, não eram notáveis nesse respeito. Seu modo de vestir não era diferente de uma mulher típica de sua classe e idade. Não havia nada espalhafatoso ou exibicionista em suas roupas, nem qualquer pista de mau gosto, ou de que estivesse desconfortável em suas roupas – como é visto tão frequentemente em *transvestites* e em mulheres com distúrbios de identificação sexual. Sua voz, de registro alto, era suave, e ela falava com um ceceio ocasional, similar ao de homens homossexuais femininos. Sua conduta era apropriadamente feminina, com uma leve estranheza típica do meio da adolescência<sup>147</sup> (GARFINKEL, 2006, p. 60, tradução nossa).

No detalhado relato de Garfinkel, notamos que Agnes não apenas exibia sinais estereotípicos de feminilidade, mas também de heteronormatividade: não há nada fora do padrão, e o autor enfatiza como ela não remete aos clichês depreciativos que percebe em pessoas *queer* como as *transvestites*. De fato, o autor parece especialmente interessado (e satisfeito) em caracterizá-la em signos normativos e opostos à gênero-divergência, ressaltando-a, além de atraente, como natural.

Nas entrevistas com a equipe médica, Agnes testemunhou a experiência protocolar do transexualismo à época – informando se sentir como menina desde a infância, detestar seus genitais, ser heterossexual, e desejar a cirurgia transgenital para corrigir o fato anatômico que colocava em risco sua identidade. No entanto, mais do que seu histórico, foi a aparência de Agnes que possibilitou o acesso ao tratamento médico: sua figura, apresentação e maneirismos eram tão irretorquíveis que seus médicos – entre eles Robert Stoller<sup>148</sup> – lhe diagnosticaram com síndrome de feminização testicular<sup>149</sup>, ou seja, trataram-na como um caso intersexo, o que lhe permitiu acesso facilitado à cirurgia reconstrutiva. No entanto, cinco anos depois do procedimento, adaptada à vida em seu corpo e identidade, Agnes informaria

---

<sup>147</sup> “Agnes’ appearance was convincingly female. She was tall, slim, with a very female shape. Her measurements were 38-25-38. She had long, fine dark-blonde hair, a young face with pretty features, a peaches-and-cream complexion, no facial hair, subtly plucked eyebrows, and no makeup except for lipstick. At the time of her first appearance she was dressed in a tight sweater which marked off her thin shoulders, ample breasts, and narrow waist. Her feet and hands, though somewhat larger than usual for a woman, were in no way remarkable in this respect. Her usual manner of dress did not distinguish her from a typical girl of her age and class. There was nothing garish or exhibitionistic in her attire, nor was there any hint of poor taste or that she was ill at ease in her clothing, as is seen so frequently in transvestites and in women with disturbances in sexual identification. Her voice, pitched at an alto level, was soft, and her delivery had the occasional lisp similar to that affected by feminine appearing male homosexuals. Her manner was appropriately feminine with a slight awkwardness that is typical of middle adolescence.”

<sup>148</sup> Autor-chave na definição moderna de gênero, ao lado de John Money, como discutido no capítulo dois.

<sup>149</sup> Hoje conhecida como síndrome da insensibilização androgênica. É uma condição intersexo em que indivíduos do sexo masculino não respondem aos hormônios masculinos – resultando na composição genética de um homem, mas com características físicas de uma mulher.

Stoller que havia omitido/alterado um fato: usava hormônios femininos regularmente desde os 12 anos de idade, o que causou o desenvolvimento de seu corpo a partir de uma puberdade feminina. Agnes afirma que encobriu a verdade porque temia que a cirurgia lhe fosse negada caso fosse vista como apenas outro caso transexual. Sendo assim, Agnes não apenas “passou” por mulher, mas também por intersexo, para conquistar as tecnologias de gênero que considerava essenciais à realização de seu gênero e subjetividade.

Diante da revelação, Garfinkel percebeu a confirmação de sua teoria – de que o gênero é uma conquista e um resultado de processos interativos e sociais –, e a manobra de Agnes foi recebida como uma prova adicional de que ela era, de fato, mulher (O'BRIEN, 2016, p. 309). Por outro lado, os especialistas no campo da identidade de gênero consideram esse caso uma clara evidência de que transexuais buscam manipular profissionais de saúde para atingir seus objetivos (STRYKER; WHITTLE, 2006, p. 58).

Esse entendimento também se transfere para outras áreas. Como apontam Currah e Moore, é precisamente porque algumas pessoas transexuais conseguem passar em seu gênero e cruzar espaços sociais, econômicos e íntimos como “o outro sexo”, que o sistema jurídico/legal e as autoridades acreditam que o público em geral precise ser protegido dessa “fraude” (CURRAH; MOORE, 2009, p. 119).

Dando continuidade às ideias de Stone (2014), que clama às pessoas transexuais que abram mão de “passar” e assumam sua visibilidade, Bornstein (1994) – que assume, defende e propõe uma posição identitária sem gênero, ou contra o gênero – é bastante crítica à prática. Para a autora, o conceito de “passar” está embutido na acepção cultural da transexualidade, e, com isso, pessoas transexuais não questionam o sistema de gênero que suas existências poderiam debilitar. Pelo contrário: através do encargo de “passar”, a cultura usa as pessoas transexuais para reforçar o sistema binário de gênero (BORNSTEIN, 1994, p. 127). Definindo a prática como uma forma de fingimento e uma resposta subjugada ao imperativo cultural de que é necessário ser de um gênero ou de outro, Bornstein percebe que “passar”, com efeito, “se torna manifestação de vergonha e capitulação. Passar se torna silêncio. Passar se torna invisibilidade. Passar se torna mentiras. Passar se torna renúncia”<sup>150</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 125, tradução nossa).

Apesar dessa perspectiva, Bornstein admite que também procura “passar” – para evitar ser vítima de violência, para não ser vista como se fosse uma aberração, e para realizar o sonho de viver como mulher (BORNSTEIN, 1994, p. 126). De fato, apesar de adotar um

---

<sup>150</sup> “[In this case,] passing becomes the outward manifestation of shame and capitulation. Passing becomes silence. Passing becomes invisibility. Passing becomes lies. Passing becomes self-denial.”

posicionamento político e identitário que procura se desvencilhar da normatividade e da compulsoriedade do gênero, a autora descreve de maneira contundente os efeitos subjetivos de não “passar” – nesse caso, através dos afetos do pronome invertido:

Quando eu preparava a versão final desse livro, alguém que eu conheço apenas de vista veio à minha casa [...]. Em uma conversa casual, ele escorregou em um pronome e se referiu a mim como “ele”. Deixe-me contar o que aconteceu, da forma como se passou dentro da minha cabeça. O mundo desacelerou, como nos filmes em que alguém está levando tiros e o cineasta quer que você sinta cada bala entrando em seu corpo. As palavras ecoaram em meus ouvidos repetidamente. Anexo ao simples pronome estava a palavra ‘fracasso’, seguida imediatamente pela palavra ‘aberração’. Toda a alegria retirada da minha vida naquele instante [...] Ali estava alguém que jamais havia me conhecido como homem, se referindo a mim como homem. Ao invés de dizer ou fazer qualquer coisa, eu me fechei, e fui educada com ele o resto do tempo em que ele esteve em minha casa<sup>151</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 126, tradução nossa).

Dessa forma, o relato de Bornstein demonstra a contradição que reside no dispositivo de “passar”: conformidade e apagamento, mas também realização, inclusive pela invisibilidade. É interessante notar que a autora assume abertamente uma identidade que nega o gênero, mas não parte do corpo de características masculinas com que nasceu, e sim de um corpo transexual feminino que “passa”, conquistado com a transição. Sendo assim, Bornstein afirma uma identidade de gênero flexível, e manifestamente transgressora, a partir de uma posição onde o conforto de ser percebida no gênero desejado é estabelecido (e o desconforto do gênero designado no nascimento, apaziguado). Ou seja: a autora defende o combate à normatividade de gênero depois de obter o controle sobre sua própria narrativa, ao invés da vulnerabilidade social que o deslocamento de não “passar” provoca. Embora não invalide seu posicionamento, chama a atenção que Bornstein não faça essa autocrítica; a possibilidade de ocupar o local cis-binário do “passar”, ainda que não-permanente (como a citação indica), é a rede de segurança onde experimentar se torna um exercício salutar e com menos riscos. No entanto, cabe notar que, apesar de “passar”, Bornstein atende ao chamado de Stone (2014) ao ser artista e ativista abertamente trans.

---

<sup>151</sup> “As I was preparing the final draft of this book, someone I know only peripherally came over to my house [...] In casual conversation, he slipped on a pronoun and referred to me as ‘he’. Let me tell you what happened, the way it looked from inside my head. The world slowed down, like it does in the movies when someone is getting shot and the filmmaker wants you to feel every bullet enter your body. The words echoed in my ears over and over and over. Attached to that simple pronoun was the word failure, quickly followed by the word freak. All the joy sucked out of my life in that instant [...] Here was someone who'd never known me as a man, referring to me as a man. Instead of saying or doing anything, I shut down and was polite to him for the rest of the time he was in my house.”

Como indicado anteriormente, as comunidades de pessoas trans do *Reddit* também problematizam as propostas de abandonar o dispositivo de “passar”, ressaltando um bem-estar individual que se coloca como prioritário a qualquer convocação política. Além disso, percebemos que a prática é retratada como uma forma de acessar as experiências de vida “normais” e normativas, consideradas reservadas às pessoas cisgênero. Nesses fóruns, “passar” sempre significa “passar por cisgênero”: ter aparência indistinguível daquela de uma pessoa cis. Ou seja, as pessoas trans que “passam” não são vistas como trans, mas como cis, fazendo com que a própria condição gênero-divergente se torne invisível. Dessa forma, “passar” oferece uma proteção temporária do preconceito, e assegura que a pessoa trans seja percebida no seu gênero correto – ao contrário da pessoa trans que não “passa”, decodificada como gênero-divergente, e que pode ter seu gênero questionado ou negado, estando assim mais propensa a sofrer os efeitos da discriminação.

Nos relatos encontrados no *Reddit*, na ordem do discurso específico de seus fóruns de temática trans, cis e trans emergem como opostos diretos. Por força da hegemonia, e de uma idealização proporcionada pela naturalização do discurso normativo, o lugar cis é a cidadela murada onde habitam apenas os que se identificam com o gênero designado no nascimento – um processo existente mas, grosso modo, imperceptível a esses sujeitos que, em geral, nem mesmo ponderam o fato de que uma discrepância é possível. Nos depoimentos dos fóruns, “trans” é acionado como o que provoca um desvio: às vezes o especial, o único, o diferente, o belo; porém, mais frequentemente, a abjeção, o deslocamento, o insuportável, a dor. A esse respeito, cabe notar que grande parte do público do *AskTransgender* é formado por pessoas ainda na fase do questionamento do gênero, ou nos passos iniciais da transição. Sendo assim, ordenam o fórum os sentimentos relacionados ao temor de se descobrir/confirmar numa identidade gênero-divergente, às consequências psicológicas e sociais desse fato e às complexidades e incertezas relacionadas à transição.

Os movimentos resultantes desse atrito variam conforme a subjetividade, os objetivos pessoais e a força disruptiva com que o acontecimento trans irrompe continuamente nas trajetórias das pessoas trans no *Reddit*. Nessas comunidades, passar por cisgênero é percebido como o bilhete de ingresso ao espaço interdito e, para muitos, o objetivo da transição é conquistar a habilidade de atravessar de trans para cis. Uma vez que cis e trans se colocam como pares opostos que indicam congruência ou incongruência ao sexo/gênero designado no nascimento, e “passar” é um dispositivo temporário e revogável, os públicos trans do *Reddit* informam, com insistência, que “passar” por cis não é o mesmo que ser cis. No entanto, afora certos aspectos irrelevantes às relações cotidianas, os resultados e efeitos

são os mesmos. Ou seja: ao analisarmos a ordem do discurso encontrado nas comunidades de pessoas trans no *Reddit*, notamos que passar por cis é também produzir cisgeneridade, causando o apagamento da diferença e do histórico gênero-divergente – o que é majoritariamente ressaltado de forma crítica, e mesmo negativa, nos *trans studies*.

“Passar” é um dispositivo acionado por uma série de fatores, incluindo aparência física do rosto e do corpo; comportamento, postura, gestuais e maneirismos; tom de voz e padrões de fala; roupas e acessórios; entre outros. Seu objetivo, na versão mais vigorosa, é apagar, modificar e/ou substituir de forma completa os signos reconhecíveis do gênero designado no nascimento. No entanto, alguns fatores, como os imutáveis (altura, por exemplo), a confiança adquirida (que permite desvios), o desejo (que recebe incentivo para ser preservado) e o político (que influencia um encontrar a si, mais do que emular, ou mesmo rejeitar a emulação), entre outros, podem construir versões menos incisivas, idealizadas e binárias de “passar”.

O efeito é muitas vezes quantificado nas comunidades de pessoas trans do *Reddit* nos eixos da integralidade do efeito e do tempo de persistência. O primeiro refere-se a uma escala aproximada em que 100% significa “passando por completo”; o segundo diferencia interações sociais de forma incremental: “passar” ao caminhar na ruas, em diálogos corriqueiros (com caixas de supermercado ou garçons, por exemplo), em contatos de longo prazo (como amizades ou no ambiente de trabalho), durante relações sexuais e em relacionamentos amorosos. Nas comunidades do *Reddit*, quem “passa” de forma indetectável é chamado de *stealth* (“invisível ao radar”; alguém que encobre de maneira completa o seu passado e vive somente na identidade de gênero conquistada na transição). Alguns títulos de *posts* encontrados no *AskTransgender* demonstram as formas como essas medições são acionadas:

- É possível passar 100% do tempo?
- Como passar sem maquiagem?
- Quanto tempo você usou T[estosterona] antes de passar 100%?
- Dicas práticas de como saber se você está passando 100% ou passando apenas na primeira impressão?
- Existe alguma forma segura de saber quão bem se está passando?
- Passar e ser *stealth* são duas coisas completamente diferentes
- É possível passar completamente?
- Estou passando cada vez menos
- Qual é o tempo médio que leva até passar completamente?

Para além das características estereotípicas controláveis (como vestuário e gestuais, por exemplo), as pessoas trans que desejam “passar” geralmente contam com os resultados da

terapia hormonal, que é parte da transição clínica e substitui o hormônio do sexo designado no nascimento por aquele do gênero correto<sup>152</sup>. A ação hormonal ativa expressões genéticas que, ao longo do tempo, principalmente durante os primeiros três anos, alteram diversos aspectos do corpo – incluindo mudanças no odor do corpo e do suor, na textura da pele, no padrão de armazenamento de gordura corporal (que também modifica o formato do rosto), o desenvolvimento de mamas (em mulheres), o engrossamento da voz e o surgimento de barba (em homens), entre outros<sup>153</sup>.

Embora não haja garantia dos efeitos, uma vez que estes dependem da genética de cada pessoa, muitas vezes os efeitos da terapia de substituição hormonal – somados às mudanças controláveis da pessoa trans em transição – ocasionam as possibilidades para “passar”. Resultado de um processo que leva tempo variável e depende do acesso às tecnologias de gênero necessárias, a prática é relacionada a uma conquista, a uma vitória pessoal e um alívio dos temores e da ansiedade. Como aponta Stone (2014), “A coisa mais crítica que um transexual pode fazer, o que constitui sucesso, é ‘passar’. Passar significa viver com sucesso no gênero escolhido, ser aceito como membro ‘natural’ daquele gênero. Significa a negação da mistura”<sup>154</sup> (STONE, 2014, p. 14, tradução nossa).

No entanto, a definição da autora (bem como a de Bornstein, na abertura deste subcapítulo) ignora que “passar” é um processo que também se refere ao espelho, como êxito sobre a incongruência e a disforia. Muitas vezes, nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, o “passar para si” é tão importante quanto “passar” para a sociedade – pois indica reconhecer o próprio gênero ao olhar para si mesmo. Como exemplo, em duas conversações no *AskTransgender*, em 01/10/2019 e 17/05/2018, respectivamente, percebemos esse enfoque:

MammothMoth: Existe o momento em que você verdadeiramente passa para si mesmo? Três anos e eu ainda luto contra a depressão porque não sei até que ponto eu vou passar um dia – especialmente para mim mesma. E é esse o problema, não é? Eu nunca vou não-ver minha versão antiga. Meu médico me disse recentemente: o problema é que você se vê com sua cabeça, todo mundo vê você com os olhos.

<sup>152</sup> Ou mais aproximado, no caso da transição para pessoas não-binárias. Testosterona ativa características genéticas masculinas; estradiol ativa características genéticas femininas.

<sup>153</sup> Associação Mundial Profissional para a Saúde Transgênero. *Normas de atenção à saúde das pessoas trans e com variabilidade de gênero*. Versão 7. 2012. Disponível em <<https://www.wpath.org/publications/soc>>. Acesso em: 29 set. 20.

<sup>154</sup> “The most critical thing a transsexual can do, the thing that constitutes success, is to ‘pass’. Passing means to live successfully in the gender of choice, to be accepted as a ‘natural’ member of that gender. Passing means the denial of mixture.”

Supostamente eu passo pra todo mundo. Nunca fui ‘lida’, nem trocam meus pronomes. Eu postei *selfies* intencionalmente pouco lisonjeiras no *TransPassing* e aparentemente ninguém vê o ‘meu eu antigo’ como eu vejo. [...] E é isso que me preocupa: nunca passar para mim mesma. Eu sei que não sou louca. Tenho certeza de que eventualmente me percebem como trans, e isso me faz sentir muito mal e inadequada.

SwampRaspberry: Eu acho que você descreveu algo – o quê, um defeito? – comum em mulheres trans. Nós não acreditamos que o resto do mundo possa não estar vendo o que nós vemos.  
É o resto do mundo que está errado, ou é você?  
É você.

UnusualCrow: Desde que eu comecei a me apresentar no meu gênero, eu logo estava passando.  
[...] Mas o problema é o seguinte. Embora eu esteja contente (mas não feliz) com minha aparência, se eu olho por muito tempo em fotos recentes ou no espelho, eu penso: “Como diabos eu passo?”  
[...] Como é possível que eu passe tão facilmente para estranhos ou amigos pós-transição, mas se analiso minhas fotos, eu sinto que não passo?  
[...] Então, o que está acontecendo? E mais importante, vai passar? (sem trocadilho) Isso melhora à medida em que o tempo passa? Essas características [masculinas] que eu não quero são mesmo reais? As mudanças da terapia hormonal podem ajudar?

Pixelf: Eu me identifico [com o seu relato]. Eu comecei a passar no primeiro ano da transição, mas não para mim mesmo. Recentemente, no entanto, eu estou passando também pra mim mesmo.  
Na melhor das hipóteses, é apenas o seu corpo e rosto mudando, e leva tempo até que a percepção das suas próprias características se atualize. No pior caso, é o resultado de nós sermos nossos piores críticos, e com a disforia misturada, o que dificulta as coisas.

Nos depoimentos acima, duas usuárias transfemininas<sup>155</sup> demonstram a dificuldade de reconhecer visualmente a si mesmas em seu gênero, mesmo quando as pessoas ao redor as caracterizam corretamente; e também mostramos duas respostas que ecoam esses enredamentos, adicionando as experiências pessoais. De forma semelhante, em *post* na comunidade TransBR, intitulado “Como saber se estou passável?”, a dificuldade de autorreconhecimento provoca dúvida sobre o resultado de interações sociais:

ChillSpecter: [...] Estou em transição faz aproximadamente 1 ano. Como as pessoas tratam vocês em situações tipo uber ou caixas de mercado? Como

---

<sup>155</sup> Nem sempre é possível detectar a identidade de gênero específica de um usuário no *Reddit*. Por este motivo, usaremos nestes relatos os termos “transfeminina” para indicar pessoas trans que fazem a transição para uma identidade feminina, e “transmasculino” para indicar pessoas trans que fazem a transição para uma identidade masculina. Os termos transfeminina e transmasculino, em geral, são utilizados por pessoas não-binárias, para desarticular as caracterizações binárias “homem” e “mulher”. Preferimos este formato nesta dissertação para acomodar melhor a multiplicidade de identidades presente no *Reddit*, sem procurar lhes imputar uma identidade quando não explícita.

saber se as pessoas são apenas politicamente corretas ou se de fato conseguem ser passáveis?

Esses relatos, entre outros, indicam os desafios de perceber a própria imagem, e a instabilidade em construir uma perspectiva de si, em especial nos momentos em que as mudanças ainda estão em curso. Em que pese a possibilidade desses olhares estarem calibrados por ideais normativos e estereotípicos da aparência de gênero, e de serem acionados através de uma análise excessiva que busca e ressalta qualquer desvio do padrão, é necessário considerar a dimensão subjetiva de ver a si mesmo no espaço corporificado/sexuado desejado – assim como o deslocamento disfórico do não-reconhecimento que persiste durante a transição. Esse é um sentido que não encontramos em nosso sobrevoo nos *trans studies*, que enfatizam “passar” através de suas problemáticas política e social. Ao falharem em considerar o aspecto da autoimagem, cometem o mesmo erro que apontam em estudos médicos e sociológicos que ignoram a subjetividade das pessoas trans. Não é apenas importante para esses indivíduos serem vistos no gênero correto, é preciso também verem a si mesmos nesta posição. Nesses casos, é curioso que a palavra e a ideia de “passar” persistam mesmo quando afetam apenas a si. Apesar das comunidades no *Reddit* insistirem e validarem o gênero de pessoas trans como real e legítimo, o esforço da transição parece persistir limitado a “passar”. Poderíamos conjecturar, então, que os *trans studies* não consideram o “passar para si” em suas análises por julgar que o dispositivo não se aplica fora de um contexto interacional.

No entanto, uma ansiedade ressaltada é a de que indivíduos trans que levam vidas reguladas por “passar” precisam manter seu histórico pessoal em segredo; por isso, quanto mais e melhor se “passa”, maior o medo de ser descoberto (BORNSTEIN, 1994, p. 128). Nesse sentido, Bettcher (2014b) vê em “passar” a ação de um dispositivo normativo e opressor que aprisiona as pessoas trans em um sistema inescapável onde ou se engana, ou se finge. Para a autora, as dicotomias estabelecidas entre aparência/realidade e expressão de gênero/corpo sexuado geram o paradoxo de uma realidade em que, qualquer que seja o intuito – “passar” ou não “passar” –, a pessoa trans será relegada à sua aparência e julgada como fraude. Assim, a própria pressão de “passar” é gerada, em parte, pelo desejo de não querer ser visto, ou perceber a si mesmo, como alguém que está apenas fingindo (BETTCHER, 2014b, p. 396). Para Bettcher, o duplo vínculo enganar/fingir demonstra que o mecanismo do “passar” se torna possível pelas tecnologias de gênero disponibilizadas, mas, ao mesmo tempo, é construído como inevitavelmente artificial pela mera existência e funcionamento dessas tecnologias. A autora nota nessa caracterização a força discursiva da



sexopolítica, que propicia a produção da abjeção para reforçar as regras do que é considerado normal e natural.

Uma vez que está ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente, ela então será confrontada por uma opção sem vitória: tentar passar (e correr o risco de ser exposta como fraude) ou revelar a si mesma (e admitir que estava fingindo ou enganando). E na medida em que não estiver ao alcance de uma pessoa trans gerar uma aparência convincente ou, se for preciso controlar a informação que circula e está disponível sobre seu gênero, ela ainda pode ser representada como quem finge. Com efeito, como a apresentação de gênero e o corpo sexuado são vistos dessa forma (uma correlação entre aparência e realidade), em todas as permutações possíveis, a pessoa trans terá sua identidade relegada à mera aparência, e se encontrará ou exposta a acusações de má-fé, ou relegada a alguém que brinca de faz de conta<sup>156</sup> (BETTCHEER, 2006, p. 183, tradução nossa).

Além de buscar a pacificação da percepção e da imagem de si, os motivos para “passar” informados pelas comunidades de pessoas trans do *Reddit* incluem evitar os preconceitos, as violências e as discriminações específicas dirigidas às pessoas trans e assegurar uma vivência cotidiana no gênero correto. Ao atingir grau de mudança ou correção suficientes para “passar”, a pessoa trans, em suas interações corriqueiras, torna invisível sua condição. Para todos os efeitos, diante da sociedade, deixa de ser trans. Pois é vista, percebida, decodificada e tratada como cis; interage com outras pessoas como cis; utiliza sem barreiras os espaços reservados ao seu gênero enquanto cis, como banheiros e vestiários de clube/academia; sofre sexismo/misoginia como cis; se relaciona romanticamente como cis; em casos em que foi realizada a cirurgia transgenital, se envolve sexualmente como cis; enfim, nestes e em outros acionamentos, recebe temporariamente o privilégio cissexista.

Tais efeitos de interagir socialmente de forma similar/idêntica à experiência cis, a partir do gênero correto como resultado da transição de gênero, podem ser percebidos em muitas discussões no *Reddit*. Em *post* de 29/10/2019, uma usuária pergunta no título: “Pessoas trans do *Reddit* que passam, fazer a transição lhes dá os ‘benefícios’ que o outro gênero diz ter?” Algumas respostas demonstram claramente a correspondência das vivências de pessoas trans que “passam” aos estereótipos cis:

---

<sup>156</sup> “To the extent that it is within the power of a transperson to generate a convincing appearance, then, they will be confronted by the no-win option of trying to pass (and running the risk of being exposed as a fraud) or else revealing themselves (and coming out as a masquerader or deceiver). And to the extent that it is not within the power of a transperson to generate a convincing appearance or, if it is to control the information that is circulated and available about their status, they may still find themselves represented as a pretender. In effect, because gender presentation and sexed body are viewed in this way (namely as correlated appearance and reality), in all possible permutations, they will have their identity relegated to a mere appearance and find themselves either open to charges of wrong-doing or relegated to somebody who plays at make-believe.”

TiredLemon: O mundo é definitivamente melhor pra mim após minha transição. No entanto, eu hesito em atribuir tudo isso a algo como ‘o mundo é melhor para as mulheres em geral’ ou ‘as coisas são mais fáceis para as mulheres do que para os homens’. Parte de o mundo ser melhor comigo poderia ser porque eu estou mais feliz habitando meu corpo agora, então eu projeto mais felicidade e abertura ao mundo com minha linguagem corporal, expressões faciais, etc, e as pessoas estão respondendo a isso.

NinjaOak: Eu sou um cara trans que passa, especialmente com homens cis. Uma coisa que eu percebi é que as mulheres me tratam melhor. Antes da transição, havia tanta chatice e julgamento, e depois de transicionar eu imediatamente ganhei respeito que as mulheres não dão a outras mulheres. Foi algo que eu não esperava. Com homens, [...] a única coisa que mudou é que eu agora estou integrado na cultura masculina, o que é incrível.

CandyClam: Em geral, quando você é aceita, [ocorre] maior intimidade natural entre as mulheres; e maior ocorrência de homens interrompendo quando você fala. Ou não ser levada a sério – opiniões de colegas homens são preteridas às suas porque eles são homens. Então, sim. Pessoas trans que passam são tratadas como seu gênero. Para o bem ou para o mal.

IckyIncubus: Homem trans aqui. Sim, as pessoas me escutam muito mais facilmente e parecem me levar mais a sério. Assédio pela internet praticamente desapareceu, exceto em lugares onde sou abertamente trans. Eu não sou mais seguido por homens. Eu posso me encontrar com professores homens na faculdade e não me sentir ansioso sobre mandar a mensagem errada ou ser despido com os olhos. Eu posso discutir com caras e não ser chamada de vadia, me sinto mais segura em elevadores e no transporte público, não me sinto desconfortável na presença de homens adultos como me sentia. Muitas coisas precisam de menos considerações sociais (não preciso mais me preocupar de alguém pensar que eu quero fazer sexo só porque eu sorri pra ele). Ninguém fica me dizendo pra sorrir, ou me convidando a entrar no carro, ou me assediando para pegar meu telefone.

FancyWarrior: O nível de intimidade emocional e apoio que as mulheres dão umas às outras enquanto amigas é tipo, gigantescamente maior comparado aos homens. Eu aproveito muito mais minhas amizades hoje, comparado a antes da transição.

Os depoimentos demonstram algumas experiências pós-transição e o contraste das vivências trans e cis. A usuária TiredLemon, transfeminina, diz que o mundo lhe trata muito melhor após a transição e ressalta que, em sua visão, não se trata de um “privilégio feminino” inerente, mas o reflexo de estar mais feliz e confortável consigo mesma. NinjaOak, transmasculino, afirma que as mulheres agora o tratam melhor e com mais respeito, em oposição ao que vivia pré-transição. CandyClam, transfeminina, cita participar da maior intimidade entre mulheres, e também testemunha os efeitos do machismo – com homens a interrompendo, não a levando a sério, ou sendo preterida em suas ideias. Esses pontos do sexismo são ressaltados por IckyIncubus, transmasculino, que confirma a vivência oposta: é ouvido com mais atenção e levado mais a sério. Ele também atesta se sentir mais seguro em

situações de constrangimento e risco de violência sexual, e não sofrer mais assédio “exceto em lugares onde sou abertamente trans” – o que reforça o contraste entre a experiência visível e a do “passar”. FancyWarrior ecoa o comentário de maior intimidade emocional entre as mulheres, e diz aproveitar muito mais suas amigas agora. Outros depoimentos repetem experiências cissexistas: Gibbonbon, transfeminina, diz que é interrompida por homens a todo momento, e às vezes sente que nunca vai ter a chance de terminar uma frase. ParallelRaider, também transfeminina, afirma o mesmo, mas contrapõe que todos a tratam muito melhor depois da transição. Wombattle, transfeminina, diz que os homens re-explicam o que ela diz e infantilizam suas opiniões (a prática do machismo discursivo, ou *mansplaining*<sup>157</sup>). MysterySparks, transmasculino, concorda afirmando a experiência oposta: que as pessoas em geral o escutam muito mais, e tendem a levá-lo mais a sério, depois da transição.

É particularmente sintomático o depoimento de CandyClam ao afirmar que “pessoas trans que passam são tratadas como seu gênero. Para o bem ou para o mal”. A frase, que resume os outros comentários, demonstra a) um efeito possível da transição binária de gênero, levando de um limite da fronteira ao outro; b) como “passar” habilita as mesmas vivências sociais das pessoas cis, sejam positivas ou negativas; e c) como os estereótipos de gênero absorvem da mesma forma pessoas cis e pessoas trans que “passam”, higienizando o desvio e naturalizando os papéis de gênero.

Como demonstrado, “passar” fornece privilégios cissexuais. No entanto, estes são temporários, ou condicionais, uma vez que podem ser retirados no momento em que se descubra que essa pessoa percebida como cis é, de fato, trans:

Como eu sou uma transexual, o privilégio cissexual que eu experiencio não é igual ao de uma pessoa cissexual, porque ele pode ser questionado a qualquer momento. Ele é talvez melhor descrito como um privilégio cissexual condicional, porque ele pode ser retirado de mim (e frequentemente é) tão logo eu mencione, ou alguém descubra, que eu sou transexual<sup>158</sup> (SERANO, 2016, p. 169, tradução nossa).

---

<sup>157</sup> “O *mansplaining* consiste em um modo de explicação tipicamente machista, em que os homens costumam explicar algo às mulheres de forma infantilizada, como se elas fossem incapazes de compreendê-los em uma linguagem formal e erudita” (BARROS; BUSANELLO, 2019).

<sup>158</sup> “However, because I am a transsexual, the cissexual privilege that I experience is not equal to that of a cissexual because it can be brought into question at any time. It is perhaps best described as conditional cissexual privilege, because it can be taken away from me (and often is) as soon as I mention, or someone discovers, that I am transsexual”.

Além disso, como afirma Bettcher (2004b), o privilégio da aceitação coexiste em contraste com as práticas de gênero dominantes subjacentes, ou seja, sob restrição e subordinação ao modelo da não-aceitação que pode ser invocado a qualquer momento:

Pode haver situações em que uma mulher trans vive uma vida rica e vibrante como mulher, tem amizades como mulher, é amada como mulher, habita um ambiente social em que é uma mulher, [...] e talvez sofra violência sexual como mulher, enquanto simultaneamente seja vista como um homem que vive como uma mulher numa cultura dominante. Nessa cultura, por exemplo, se ela fosse presa, ela seria colocada na cadeia como um homem, com outros homens; sua vida inteira como mulher poderia ser desfeita<sup>159</sup> (BETTCHER, 2004b, p. 389, tradução nossa).

Nesse sentido, Harrison (2013) propõe que uma análise ética sobre “passar” precisa considerar os contextos e as condições de opressão em que o dispositivo é mobilizado (HARRISON, 2013, p. 34). Serano (2016) aponta que na palavra “passar” está embutido um sentido repressivo, sendo um artifício que transfere a culpa do preconceito do grupo majoritário para as intenções e ações presumidas do grupo minoritário – “o que explica porque as pessoas que ‘passam’ são frequentemente acusadas de estar enganando ou se infiltrando, no caso de serem descobertas”<sup>160</sup> (SERANO, 2016, p. 177, tradução nossa). O ato, muitas vezes julgado ofensivo, já foi crime. Feinberg (1992) aponta que, no século XVII, homens trans – e mulheres se disfarçando de homens para escapar da desigualdade e opressão – que “passavam” eram sentenciados à morte, queimados ou arrastados por uma carroça. No entanto, o fenômeno era corriqueiro: “Passar era tão comum durante os séculos XVII e XVIII que foi tema de romances, biografias ficcionalizadas e memórias, arte, peças de teatro, óperas e canções populares”<sup>161</sup> (FEINBERG, 1992, p. 17, tradução nossa).

Nos anos 1970, o potencial para “passar” por cis era critério não-oficial<sup>162</sup> na seleção de mulheres trans para as transições clínica (terapia hormonal e cirurgia transgenital) e legal (mudança de nome e documentação). “Passar” se tornava obrigação ao final do processo – que incluía mudanças compulsórias de cidade e emprego, além do compromisso de manter o

<sup>159</sup> “There can be situations in which a trans woman lives a rich and vibrant life as a woman, has friends as a woman, is loved as a woman, inhabits a social milieu in which she is a woman, [...] and perhaps experiences sexual violence as a woman while simultaneously being viewed as a man who lives as a woman in dominant culture. In that culture, for example, if she were incarcerated, she would be housed in jail as a man, with other men; her entire life as a woman could be obliterated.”

<sup>160</sup> “[...] the word ‘pass’ is used to shift the blame away from the majority group’s prejudice and toward the minority person’s presumed motives and actions (which explains why people who ‘pass’ are often accused of ‘deception’ or ‘infiltration’ if they are ever found out)”.

<sup>161</sup> “Passing was so widespread during the 17th and 18th centuries that it was the theme of novels, fictionalized biographies and memoirs, art, plays, operas and popular songs”.

<sup>162</sup> “‘Eu agora admito candidamente que... nas fases iniciais nós estávamos declaradamente procurando candidatas que teriam mais chance de sucesso.’ Na prática, isso significava que as candidatas para a cirurgia eram avaliadas com base em sua *performance* no gênero escolhido” (STONE, 2014, p. 10). Tradução nossa.

passado em segredo. Serano (2016) ainda indica que “passar” era confundido com “ser atraente” e, assim, eram poucas as mulheres trans consideradas femininas, bonitas e convincentes o suficiente para serem agraciadas com a cirurgia transgenital (SERANO, 2016, p. 116-125).

Esses requisitos eram claramente prejudiciais às pessoas transexuais, uma vez que limitavam sua possibilidade de obter alívio da dissonância de gênero e isolavam essas pessoas umas das outras, tornando-as invisíveis. De fato, esses objetivos foram determinados principalmente para proteger o público cissexual de sua própria ansiedade de gênero, assegurando que a maioria deles jamais estaria frente a frente com alguém que soubessem ser transexual<sup>163</sup> (SERANO, 2016, p. 120, tradução nossa).

A alta frequência dos *posts* sobre “passar” provoca reações no *AskTransgender*. Alguns membros criticam o que percebem como uma ênfase insistente, desagradável, imatura e/ou pouco saudável sobre o assunto. Como resposta, outros usuários pedem que suas preocupações com “passar” não sejam diminuídas ou questionadas. Como exemplo, em discussão postada no *AskTransgender* em 21/06/2019, intitulada “Será que podemos NÃO subestimar o fato de não passar?”, a usuária WaxHydra faz uma reclamação. Ela aponta que parte da comunidade subestima a dor e as dificuldades vividas por quem “não passa”, e relata ansiedade em suas interações sociais – demonstrando que, mais do que qualquer autoidentificação ou genitália, é a aparência do gênero que define a *interface* com o mundo.

WaxHydra: [...] Digo isto como uma pessoa que começou transição e terapia hormonal há cinco anos e ainda não passa de nenhuma forma. Dizer que minha vida está parada é a melhor maneira de me descrever, ainda que faça esforço para expressar quem eu sou aos outros. Todo dia alguém me puxa pra baixo ao interagir comigo me tratando como alguém que eu não sou. É um problema que me empurra para o suicídio.

Parascythe: Isso tudo de passar/não passar é algo tão complicado de navegar. Em um nível pessoal, passar pode ser super importante. Em um nível mais amplo, o fato de que a sociedade exige que a gente passe é uma merda. É assim que eu vejo. Não deveríamos exigir que nenhuma pessoa passe para ser tratada com dignidade e respeito em seu gênero. Mas também devemos providenciar bons tratamentos para ajudar as pessoas a passarem sem que acabem falidas com custos médicos.

Eu não acho que seja contraditório dizer que ninguém deveria passar para ser aceito, e que passar é absolutamente importante para muitas pessoas trans; e elas não devem ser constrangidas por causa disso.

---

<sup>163</sup> “These goals were clearly disadvantageous to transsexuals, as they limited trans people’s ability to obtain relief from gender dissonance and served to isolate trans people from one another, thus rendering them invisible. Rather, these goals were primarily designed to protect the cissexual public from their own gender anxiety by ensuring that most cissexuals would never come face-to-face with someone they knew to be transsexual”.

Entre os comentários que o tópico recebeu, destacamos a ponderação de Parascythe, transfeminina, demonstrando uma das dualidades que envolvem o “passar”: um nível pessoal, onde a aparência do gênero correto tem importância na confiança e na autoestima; e um nível relacional, sendo escudo ao preconceito e à violência. Este último atrela o respeito, ou mesmo capital social, à compulsoriedade do “passar”: seja no apagamento da condição trans, que concede privilégio cissexista condicional, seja atingindo as pessoas abertamente trans que “passam”. Nesses casos, ao não misturar expressões de gênero nem confrontar a normatividade, “passar” caracteriza uma pessoa transexual assimilável ou domesticada, que se ajusta à binariedade, configurando uma pessoa trans que não se parece com seus pares, como apontou Garfinkel (2006).

Parascythe critica a exigência de “passar” em sociedade, mas também defende a ampliação de tratamentos médicos para que a prática seja mais disponível e indica que “passar” não deveria ser obrigação, mas também que não se deve condenar quem tem esse objetivo. Ao demonstrar algumas das dicotomias dessa situação, a usuária evita um julgamento unilateral, e prefere deixar a cargo de cada pessoa trans, em sua transição, a decisão por “passar” ou não – ao mesmo tempo condenando a postura higienista do cissexismo.

Em outros casos, a questão parece mais peremptória. A resposta da usuária Pignite, transfeminina, rechaça uma alteridade inerente à condição trans, afirmando o desejo de apagamento da diferença:

Pignite: Eu quero ser tratada como uma mulher. Não uma mulher trans; uma mulher. E a maioria das pessoas não consegue fazer isso naturalmente com alguém que não passa, elas precisam fazer um esforço. Eu não quero que elas façam esforço. Eu quero que seja natural.

Além disso, ser trans é perigoso. Se você não passa, você pode ser estuprada ou assassinada ou espancada até a morte, ou ser encurralada em um banheiro ou qualquer outro lugar, ou mesmo apenas sofrer a boa e velha agressão verbal. Passar é uma questão de segurança. Poder passar por cis faz com que viver seja muito mais seguro para nós.

A autora do comentário ainda ressalta que não é suficiente ter seu *status* de mulher acomodado por uma compreensão política que legitime seu gênero: ela quer “que seja natural”, marcando no termo essencialista a visão de uma normalidade da qual não faz parte, e que só pode ser acessada através do passar por cisgênero. Esse viés é indicado por Ekins e King (2006), ao apontar que muitas pessoas trans procuram apenas uma confirmação de seu gênero: “Para estas, foi o processo social que as identificou e classificou erroneamente. Elas

meramente buscam o que, para elas, é a identificação correta”<sup>164</sup> (EKINS; KING, 2006, p. 28-29, tradução nossa). O reforço do tema da segurança é também frequente em outros comentários – notadamente naqueles ainda questionando seu gênero ou pré-transição, que têm seus temores amplificados tanto pelas hostilidades direcionadas às pessoas trans quanto pelos desafios de navegar as experiências de variação de gênero com poucas referências e informações.

Em outro depoimento no mesmo *post*, Misteroid, transfeminina, sugere uma análise crítica do desejo por “passar” – oferecendo resistência ao tema do *post* de WaxHydra, que pede que o dispositivo não tenha sua legitimidade e importância questionadas. O depoimento da usuária sugere uma reflexão a respeito da ansiedade em “passar”, apontando que esta é induzida por uma sociedade discriminatória que jamais está satisfeita:

Misteroid: Se você acha que passar é importante, seus sentimentos são completamente válidos. Eu sugiro que você dedique um pouco de tempo a examinar porque, exatamente, você se sente dessa forma; porque pode ser apenas resultado de pressão externa e ansiedade.

[...] No fim das contas, no entanto, esse não é um problema *nós*. É um problema *elas*. Nós existimos, não importa como as pessoas cis nos vejam. É contraproducente continuar normalizando essa atitude, de que nós precisamos agradar pessoas que irão nos tratar como merda de qualquer forma, ou quando descobrirem quem nós realmente somos. E fica muito próximo de justificar o escárnio dirigido a aqueles de nós que são incapazes de passar, ou não se interessam por isso.

A usuária oferece uma perspectiva na qual “passar” é uma questão majoritariamente externa; e a define em termos de um apaziguamento temporário, ressaltando empiricamente a condicionalidade do privilégio cissexista concedido. Além disso, ressalta o “passar” como vetor que amplifica o tratamento hostil dado aos que “não passam”, quase condenando o ato como um desserviço à comunidade trans como um todo.

Embora Misteroid inicie o comentário demonstrando respeito ao desejo de “passar”, suas palavras são uma crítica clara a ceder à ansiedade pela assimilação, ao invés de questionar os motivos que causam este desejo. Em outro comentário, Cyronious, transfeminina, busca dar equilíbrio às duas perspectivas: para ela, é possível coocorrer a existência política e ativista com o desejo de “passar”. Remetendo à crítica que apontamos sobre Bornstein (1994), SupremeApple caracteriza o dispositivo como uma forma de tomar o protagonismo de sua vida e evitar os efeitos da transfobia:

---

<sup>164</sup> “[Many transsexual people see themselves not as trans-anything, but as misidentified. What they seek is gender confirmation.] For these people, it is the social process that has misidentified and classified them. They merely seek what is, for them, the correct identification.”

SupremeApple: Eu sou uma ativista trans visível e vocal. Eu estou no rádio, faço palestras, organizo eventos na comunidade, etc. Sou abertamente trans nas conversas diárias. Normalizar a experiência trans é um dos meus maiores objetivos de vida.

Eu também quero, desesperadamente, passar – para que eu possa me parecer com outras mulheres, para estar no controle da minha própria narrativa e, apesar de viver em um local tolerante, para que eu não precise lidar com pessoas transfóbicas.

Por fim, ainda nesse mesmo *post*, um comentário de FrostyQuail, transfeminina, aponta como a normatividade e o efeito de “passar” não estão restritos às pessoas trans:

FrostyQuail: Não consigo imaginar uma única razão para me importar com o quanto eu pareço com outras mulheres. (E talvez sejam meus anos trabalhando com o público, mas eu já vi muitas mulheres que presumo serem cis e que passam menos do que eu num dia bom.)

Nas discussões do *Reddit*, a experiência de “passar” é percebida como uma forma de alcançar vivência semelhante à da grande maioria cisgênero<sup>165</sup>. A perspectiva é apontada por Stryker (2017), ao afirmar que “ser percebido ou ‘passar’ como pessoa cis gênero-normativa permite um tipo de acesso ao mundo que é frequentemente bloqueado diante da percepção ou identificação como trans”<sup>166</sup> (STRYKER, 2017, l. 84-85, tradução nossa). A alteridade da gênero-divergência, então, além de indesejada, é inevitável. Ao ser percebida como trans, essa pessoa se torna alvo de reações que incluem desconfiança, curiosidade, ostracismo e violência – em suma, carregam o potencial de configurar um “outro” aberrante. Essa disparidade parece clara na angústia que permeia os tópicos sobre “passar” no *Reddit*. Se parte do intuito é conquistar as condições equivalentes às das pessoas cis, também o temor da desumanização se faz presente. Como afirma Preciado (2019a), ao atravessar a fronteira, tal qual um migrante, o corpo perde tanto cidadania quanto humanidade:

Há corpos que nesta mudança são censurados politicamente. Por exemplo, me interessa o estatuto não apenas da transexualidade, mas também do migrante – os comparo sem querer fazer uma equivalência política exata, mas são duas figuras-chave dessa transformação planetária. Porque quando você passa de uma certa fronteira, perde o estatuto da cidadania política, e

<sup>165</sup> Nos EUA, uma pesquisa em 2016 apontou que a população trans do país corresponde a 0,6% do total (FLORES et al., 2016). No Brasil não há dados disponíveis. A ONG ativista ANTRA estima que 1,9% dos brasileiros sejam trans. (MAIA, Diego). SP terá levantamento para saber quantas são e como vivem as pessoas trans. *A Folha de São Paulo*. 11 dez. 19. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/12/sp-tera-levantamento-para-saber-quantas-sao-e-como-vivem-as-pessoas-trans.shtml>>. Acesso em: 20 out. 20.

<sup>166</sup> “Being perceived or ‘passed’ as a gender-normative cisgender person grants you a kind of access to the world that is often blocked by being perceived as trans or labeled as such”.



passa a ser um corpo que já não é reconhecido como um corpo humano<sup>167</sup> (PRECIADO, 2019a, tradução nossa).

Tais efeitos de desumanização surgem nos subfóruns de temática trans do *Reddit* através de afirmações como “é passar ou morrer”. Embora o contraponto recorrente seja de que “passar” não é o objetivo da transição (e sim a retomada e/ou melhoria da qualidade de vida a partir da diminuição da disforia de gênero), fica claro que o efeito é comumente percebido como única forma de resolver a própria condição trans – permanecer no corpo desumanizado surge como insuportável, reflexo da visão de si e do efeito supressor da cisnormatividade.

Um exemplo da postura “tudo ou nada” pode ser encontrado nos comentários de um *post* de 22/04/2018 no *AskTransgender*, intitulado “Sobre passar”. A usuária VagueFish, transfeminina, coloca o dispositivo como algo transitório, incerto, variável, relativo e não-absoluto; e defende que “passar” na maior parte das interações é um meio-termo aceitável e suficiente:

VagueFish: [...] Agora eu estou há pouco mais de quatro meses em terapia hormonal. Se eu passo? Essa é uma pergunta difícil. Qualquer um procurando sinais de que sou trans vai encontrá-los com facilidade. A estrutura óssea. A linha do cabelo. O nariz. Mas a verdade é que a maioria das pessoas não está prestando tanta atenção. Eu tenho certeza que uma boa porcentagem das pessoas com que eu interajo jamais irão considerar que eu poderia ser trans. Tenho certeza que, com outras, esse não é o caso.

Se eu adoraria ser totalmente não-identificável como trans, capaz de passar por uma mulher cis 100% do tempo, se assim escolhesse? Claro. Eu também gostaria de ganhar na loteria, ter meu livro publicado, e ganhar superpoderes. Mas em geral, estou satisfeita. Eu sou eu mesma em tempo integral, e a maior parte do mundo me trata como a mulher que eu sou.

Isso é muito. E é o suficiente.

MountainSeaUrchin: Isso é ótimo e eu sinto o mesmo. Eu evitei a ideia de ser trans por um tempo, porque eu sabia que nunca iria passar. Mas eu descobri que, desde que comecei [a transição] eu nunca fui tão feliz. Eu posso finalmente me ver como sou, e não a máscara que eu costumava usar. E honestamente, eu passo na maior parte das vezes. Nós somos nossos piores críticos.

A visão moderada do *post* é compartilhada por MountainSeaUrchin, ao afirmar que, apesar de ter reprimido sua identidade de gênero por “saber que nunca iria passar”, descobriu uma vivência legítima consigo mesma ao abandonar o ideal e iniciar a transição mesmo

---

<sup>167</sup> “Hay cuerpos en que este cambio son censurados políticamente. Que se tu cambias, por ejemplo, me interesa el estatuto no solo de la transexualidad pero también el del migrante – los comparo sin querer hacer una equivalencia política exacta, pero para mi son dos figuras de esa transformación planetaria que son claves, porque cuando pasas de una cierta frontera, pierdes tu estatuto de ciudadanía política, y pasas a ser un cuerpo que ya no es reconocido como un cuerpo humano.”

assim. Essa perspectiva, no entanto, é desafiada por outra usuária: CarefulMoose, transfeminina, rejeita a possibilidade de conciliação com um nível menor que absoluto de “passar”, e reforça que a alternativa é a não-existência:

CarefulMoose: Pra mim esse post é insano, comigo é estritamente passar ou morrer. Digo, que bom pra você, e não me entenda errado, mas essa ideia é totalmente alienígena pra mim.

IdleEel: Eu acho que nós todos queremos passar. Eu só não sei por que você está tão determinada a morrer caso não passe. Você pode viver uma vida boa como uma mulher trans que não passa. Apenas exige um pouco mais de força.

CarefulMoose: Não, obrigada. Minha disforia me paralisa, e especificamente a disforia social me destrói. Se eu não vou passar, prefiro não estar aqui.

Como demonstrado nos diversos vieses que surgem acerca do tema, o jogo de absolutos delineado acima não é um sentimento universal. De fato, outros comentários agradecem o *post* inicial de VagueFish, entendendo-o como inspirador e admitindo a falibilidade em “passar” como uma solução suficiente, possível, e mesmo bem-vinda:

KeyboardOrange: Obrigada por postar isso. Você está me dando muita esperança, e eu precisava disso nesse momento.

GorgeousPalm: Que post maravilhoso e positivo. Obrigada.

Toucancan: Obrigada por postar isso. Eu acho que nunca irei passar, mas eu ainda realmente quero transicionar socialmente.

Na discussão desse *post*, pode-se perceber a diferença entre as visões de transição. VagueFish contenta-se em passar na maioria das vezes; IdleEel defende a possibilidade de uma boa vivência mesmo sem passar; CarefulMoose rejeita ambas as alternativas e leva em si o desafio de “passar” ou desistir de viver; outras usuárias pré-transição percebem, agradecidas, esperança nos meios-tons da “passabilidade”. Não é possível saber se a usuária de visão mais radical levaria/levará a cabo a decisão confessada; no entanto, se não majoritária, essa opinião é percebida em outros depoimentos – demonstrando que parte dos usuários do fórum não admite outra resolução da transição, e percebe a visibilidade como pior do que a morte.

Nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, “passar” é entendido como um privilégio que precisa ser sempre levado em consideração ao articular posicionamentos. Dessa forma, pessoas que “passam” podem se sentir constrangidas em falar sobre as

problemáticas que o fenômeno acarreta (como a síndrome de impostor ou as políticas de se revelar trans em relacionamentos fraternos, românticos e sexuais) – uma vez que “passar” é considerada a resolução ideal. Em geral, quem “passa” não pode compartilhar da mesma dor de quem não “passa”, pois ascendeu a um nível social em que seus problemas são menores. Por ser considerada uma conquista determinante no destino da pessoa trans em transição, a prática muitas vezes cria rixas e abismos na comunidade, como demonstrado em tópico intitulado “Discriminação contra pessoas trans que passam bem”, de Pygmeanie, em 27/02/2018:

Pygmeanie: Eu sou bastante passável e tenho uma voz de registro bastante alto e feminino. Quando cheguei [no evento], notei muitas mulheres trans mais velhas, por quem fiquei triste porque elas devem ter passado suas vidas inteiras sentindo a dor da disforia. Meu pai ouviu um grupo delas dizendo “Nós não gostamos das bonitas, porque elas acham que são melhores do que nós, e não são”. O resto do final de semana eu recebi olhares atravessados de quase todo mundo. Algumas garotas legais conversaram comigo, mas eu me senti bastante excluída.

Gorillamp: Discriminação entre pessoas que passam e que não passam definitivamente acontece. Não é conspiração.

UnusualFoal: Eu sou jovem e passo 100% [...]. Uma vez eu fui a um grupo de apoio LGBT e me disseram que eu não sei o que é ser trans (claro, porque o abuso sexual e o bullying na escola, que sofri no começo da transição, era tãaaaaa bom). [...] Não é minha culpa se não passam, não lhes dá o direito de serem hostis só porque eu sou bonita.

Sailord: Mulheres trans mais velhas que não passam frequentemente desprezam as garotas mais jovens que passam bem. [...] Nem todo mundo na comunidade trans oferece apoio.

CandyHare: Elas têm ódio, inveja, são amargas. A maioria de nós é. Vou ser completamente honesta, é impossível pra mim não me sentir incrivelmente invejosa quando vejo mulheres trans que passam perfeitamente, especialmente se elas são jovens e têm a chance de viver como elas mesmas durante os anos mais importantes e formativos de suas vidas.

Mas eu nunca permito que a inveja vire raiva e amargura dirigida a elas. Eu prefiro voltar esses sentimentos pra mim mesma, em mais ódio de mim por ter sido muito covarde pra fazer alguma coisa quando eu tive chance.

Como demonstrado, diversos comentários ecoaram a experiência do *post* inicial. UnusualFoal compartilha uma experiência semelhante, enquanto Gorillamp e Sailord ressaltaram que “passar” configura grupos distintos e que podem articular animosidades. CandyHare aponta que as pessoas trans que não “passam” são invejosas, e se inclui no grupo. No entanto, afirma impedir que esse sentimento se materialize em atitudes hostis. Pessoas

trans admitindo inveja por mulheres trans que “passam” também foi descrito em outros testemunhos desse tópico, demonstrando a idealização, mas também o desejo angustiante de fugir da alteridade, seja ela social ou subjetiva. Outros depoimentos procuram oferecer nuances ao caso:

BlandDwarf: Ser jovem ou passável deixa alguma dessas pessoas com raiva. Tenho certeza de que muitas delas são boas pessoas, mas as maçãs podres fazem [eventos como esse] não valerem a pena.

Rhinosaur: Vou dar a real. Não são pessoas trans mais velhas... são apenas pessoas. Pessoas têm uma tendência a excluir quem é diferente delas. Sejam diferenças positivas ou negativas. Todo mundo ama acreditar que aquilo que elas são, é a melhor maneira de ser.

Emufasa: [...] Ser atraente e passar coloca muitas mulheres trans inseguras na defensiva.

Champeon: Honestamente, mulheres cis se sentem ameaçadas por outras subjetivamente mais atraentes o tempo todo. Pessoas trans só têm uma camada adicional de disforia em cima da inveja.

LoudLarva: Homem trans aqui [...] eu passei 30 anos fingindo ser uma mulher e essa história me soa muito familiar. Quando uma garota era muito bonita, ela era assediada incessantemente pelas outras. Quando uma garota era feia, também. [...] Então... parece que você vivenciou a política das garotas. Elas não são apenas arrogantes, elas estão falando sério, e pode ser bem dolorido. Mas muito disso vem da misoginia internalizada, então é útil se todas tentarem olhar para si e suas próprias opiniões sobre como a aparência das mulheres ‘deve’ e ‘não deve’ ser [...] A sociedade coloca as mulheres umas contra as outras ao forçá-las a aderir às normas sociais de beleza, e imputar relevância desnecessária nos atributos físicos das mulheres. [...] Eu odeio que vocês, mulheres, têm que lidar com essa merda, mas eu sou tão feliz por ter escapado disso.

Percebemos a tentativa de desfazer uma generalização nos comentários de BlandDwarf e Rhinosaur, que apontam que não se trata de uma questão classista, mas de simples diferença entre caracteres pessoais. Já Champeon e LoudLarva enfocam a situação através de dinâmicas consideradas do universo feminino, sendo que este último indica a ação de uma normatividade que orienta as aparências e gera rusgas entre as mulheres, buscando enfraquecer uma união coletiva. LoudLarva ainda indica alívio por, com sua transição, ter saído desse sistema. Por fim, outros usuários reagiram percebendo desrespeito no *post* original:

Calamarauder: Será que a gente pode não rebaixar mulheres trans mais velhas só porque somos privilegiadas e fizemos a transição jovens? Essa atitude é mesquinha pra caramba.

CruelOlive: Bem vindo ao *AskTransgender*, onde transfobia contra mulheres trans que não passam é totalmente *okay* e qualquer lembrete de que passar é um privilégio resulta em uma multidão enfurecida.

Knighthawk: Não existe discriminação contra garotas que passam bem só porque elas passam bem. Isso simplesmente não existe. Existe, no entanto, o privilégio de passar, e você deveria checar o seu. Lembre-se de que, caso elas realmente passem menos do que você, então elas lidam com mais discriminação nos seus cotidianos do que você.

AttackLime: Então você tem pena de mulheres maduras e presumidamente não passáveis, e vem falar com a gente sobre discriminação? [...] [A autora do *post*] não apenas foi condescendente com pessoas trans, mas pessoas maduras ainda por cima. Mas isso não deveria ser surpresa, é assim que a nossa sociedade trata as pessoas idosas, com deficiência, com problemas de saúde mental, e mais. [...] [A autora do *post*] não tem nenhuma ideia da realidade daquelas mulheres, vidas que ela facilmente rotulou como trágicas. Ela não sabe se isso é verdade. [...] Ao invés de retratá-las com respeito e dignidade, ela criou uma narrativa negativa baseada em dois indicadores: idade e gênero. Por quê? Se você vai presumir, por que uma coisa e não a outra? Porque de acordo com algumas pessoas, e com a sociedade, a não ser que você se encaixe em uma estética física bastante restrita, você só merece pena e comiseração. Me causa perplexidade que as pessoas não percebam, principalmente pessoas LGBTQI, que esse tipo de condescendência alimenta a discriminação.

CruelOlive vê a atitude da autora do *post* como transfóbica e aponta que a comunidade compactua com a noção de que pessoas que “passam” têm mais valor. Knighthawk indica que a autora não verificou seu próprio privilégio ao fazer sua crítica, e AttackLime percebe uma condescendência nas palavras do relato, ainda ressaltando a repetição de um juízo orientado pela aparência. Dessa forma, percebemos que “passar” causa uma hierarquização entre parte das pessoas trans do *Reddit*, gerando dinâmicas específicas que salientam distinções e embates internos. Em outro *post* de temática semelhante, intitulado “Passar é uma prioridade para mim. Por que isso é tóxico?”, de 04/12/2018, um dos comentários indica que, apesar de legítima, a prática gera desigualdades entre as pessoas trans – e também forma um padrão normativo que orienta o valor desses indivíduos:

PeaceShifter: Há duas formas em que a preocupação em passar pode ser um problema: porque você usa [esse critério] para definir uma hierarquia entre pessoas trans, e porque você usa [esse critério] como uma maneira de determinar sua própria legitimidade e valor. Passar não faz de você melhor em nenhum desses aspectos. [...] O conceito de passar, e a palavra, são meio tóxicos também. [...] Eu estou usando esse termo em meu comentário, mas eu acho que a própria terminologia dá suporte a esses dois problemas, criando uma hierarquia e encorajando que você julgue a si mesma. Mas esse é um problema com a terminologia, e não com o desejo de ser vista e aceita e compreendida como uma mulher.

A autora do comentário também demonstra uma resistência ao uso da palavra “passar”, um questionamento também presente em outros depoimentos. Essa objeção provoca termos alternativos como “misturar” (*blend*, agregar-se socialmente à maioria cis) ou ser corretamente generificado (*correctly gendered*, percebido no gênero correto). No entanto, percebemos tais usos como linhas de fuga nas discussões do *Reddit*; apesar de resistências pontuais, o termo “passar” é utilizado de forma frequente e inquestionada. É também relevante a leitura que PeaceShifter faz sobre o julgamento do valor próprio que se baseia na habilidade de “passar”. Como percebido nas comunidades onde *selfies* são postadas, seus membros valorizam, através de maior quantidade de *upvotes*, as transições que têm sucesso em apagar a diferença causada pela corporalidade trans. Dessa forma, na medida em que alguns sujeitos se envolvem com os fóruns, assumem para si os vieses e as hierarquias transnormativas do *Reddit* – o que pode gerar ansiedades específicas, relativas ao perfil de público dessas comunidades.

Como demonstrado, muitas das problemáticas do “passar” informadas pelos *trans studies* também emergem nas dinâmicas conversacionais das comunidades de pessoas trans do *Reddit*. No entanto, algumas nuances parecem não ser percebidas pela academia, notadamente os afetos subjetivos que circundam a prática – em especial o reconhecimento à legitimidade do desejo de viver no gênero correto, mas também as incertezas, os temores e as ansiedades relacionadas ao desafio de conquistar uma aparência que concilie um saber/sentir de si, e que ofereça proteção (contra a alteridade e a violência) em sociedade. De fato, os *trans studies* nascem de um chamamento à resistência contra a assimilação contida em “passar”, aceitando e valorizando um local não-estável. Como propõe Stone (2014), desconstruir a obrigatoriedade de “passar” é um movimento necessário, que demanda que as pessoas trans se responsabilizem por seu histórico e rearticulem suas vidas não como uma série de apagamentos, mas como uma ação política que começa pela reapropriação da diferença – e pela retomada do poder contido em um corpo reconfigurado e reinscrito (STONE, 2014, p. 16). Para a autora, o potencial de mudança social reside na ocupação do espaço irrepresentável da multiplicidade de corpos não-normativos:

O rompimento de velhos padrões de desejo que as dissonâncias múltiplas do corpo transexual implicam produz não uma alteridade irreduzível, mas uma miríade de alteridades, cujas justaposições inesperadas contêm o que Donna Haraway chamou de promessas de monstros – fisicalidades que constantemente mudam de figura e constituição, e que excedem qualquer representação possível. [...] Eu peço a todos nós que usemos a força que nos conduziu durante o esforço de reestruturar nossas identidades, e que também nos ajudou a viver em silêncio e negação, para uma revisão de nossas vidas.

Eu sei que vocês sentem que a maior parte do trabalho ficou para trás, e que o preço da invisibilidade não é grande. Mas se a mudança individual é a fundação de todas as coisas, ela não é onde tudo acaba<sup>168</sup> (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa).

Ao acionar o expediente da solidariedade política e da renúncia ao conforto pessoal em nome da transformação sociocultural, Stone reconhece a importância do pertencimento, mas busca ativamente evitar a assimilação e o apagamento. No entanto, essa visão alinhada aos ideais *queer* não é favorecida pelo público trans majoritário do *Reddit*, que ressalta, acima de tudo, a angústia do deslocamento do gênero. Nesse sentido, as identidades não-binárias parecem oferecer uma resposta mais adequada ao chamado de resistência à normatividade. Conforme Darwin (2017), alguns procuram evadir as atribuições binárias de gênero, objetivando refletir visualmente sua androginia; outros desejam “passar” por um gênero num dia, e por outro no dia seguinte, alinhados à sua identidade gênero-fluida; outros simplesmente não veem necessidade em demonstrar visualmente seu gênero não-binário (DARWIN, 2017, p. 10). De fato, segundo a autora, a transnormatividade binária limita a habilidade de não-binários de produzir gênero autenticamente, o que inclusive faz com que muitos desses indivíduos rejeitem o rótulo trans (DARWIN, 2017, p. 14). As diferenças entre as perspectivas identitárias podem ser lidas através dos envolvimento com “passar”, como indicam alguns comentários em um *post* de 24/03/2018 na comunidade *NonBinary*:

DesertSeal: ‘Passar’ foi herdado da linguagem trans binária, o que é completamente relevante; mas no contexto não-binário, o significado da expressão ‘passar’ é *invertido*. Podemos ver isso [em um modelo geral] se complementarmos ‘passar’ com ‘ser lido’ como sendo seu oposto:

Pessoas trans binárias querem passar: elas querem ser percebidas como pertencentes à mesma categoria de gênero que um indivíduo cis de um gênero binário particular.

Pessoas trans binárias não querem ser lidas: elas não querem que seu caso particular de variação de gênero seja inferido a partir de sua aparência externa.

Pessoas trans não-binárias não querem passar: elas não querem ser percebidas como pertencentes à mesma categoria de gênero que um indivíduo cis de um gênero binário particular (ou não completamente, ou de forma estável ou consistente, etc).

Pessoas trans não-binárias querem ser lidas: elas querem que seu caso particular de variação de gênero seja inferido de sua aparência externa.

---

<sup>168</sup> “The disruptions of the old patterns of desire that the multiple dissonances of the transsexual body imply produce not an irreducible alterity but a myriad of alterities, whose unanticipated juxtapositions hold what Donna Haraway has called the promises of monsters-- physicalities of constantly shifting figure and ground that exceed the frame of any possible representation. [...] I ask all of us to use the strength which brought us through the effort of restructuring identity, and which has also helped us to live in silence and denial, for a revisioning of our lives. I know you feel that most of the work is behind you and that the price of invisibility is not great. But, although individual change is the foundation of all things, it is not the end of all things.”

CheeryLlama: O conceito de ‘passar como não-binária’ não faz sentido pra mim. Não existe um jeito de ‘parecer’ uma pessoa não-binária.

[...] Se você quer saber se você parece ter um gênero ambíguo, então faça a pergunta dessa forma. Mas honestamente, basta sair e perceber a maneira como as pessoas se dirigem a você; isso vai lhe dar uma resposta muito melhor, se você se sentir seguro para botar isso em prática. Muitas pessoas evitam lhe dar um gênero (sinal de que elas estão incertas ou preocupadas em errar seu gênero)? Algumas pessoas acham que você é de um gênero, e acontece o oposto em outros casos? Então você não está se encaixando nos padrões binários de gênero dos outros. Mas isso não tem nenhum peso no fato de você ser ou não não-binária.

No sistema proposto acima, DesertSeal coloca as perspectivas trans binárias e não-binárias como contrárias e complementares, indicando que as políticas de visibilidade operam de formas opostas. Em outro comentário, CheeryLlama rechaça o conceito de “passar” como não-binária, mas apenas de forma nominalista – pois, a seguir, demonstra que existe um tipo de efeito que regula as identidades não-binárias a partir de sua aparência, configurando-se de forma relacional. Darwin (2017) aponta que no “passar” enquanto prática interacional, pessoas não-binárias só podem ter sucesso em “fazer gênero não-binário” se este for reconhecido pelos outros (DARWIN, 2017, p. 15). De fato, em outro depoimento no mesmo *post*, uma pessoa agênero demonstra que as vigências normativas do “passar” não-binário também são, em certa medida, um mecanismo presente e notável:

Emutant: Eu postava fotos e me preocupava constantemente se minha aparência era não-binária o suficiente para estar aqui [nesta comunidade], mas felizmente fui muito bem-vinde.

Uma crítica semelhante foi notada no fórum TransBR, onde um usuário ressalta regulações intragrupo que demonstram a identidade como necessariamente atrelada a uma subjetividade que só se completa em uma forma específica de apresentação:

Spookworm: Eu sou não-binária (eu acho), e já aconteceram coisas parecidas comigo, como: Ah, se vc é enby<sup>169</sup>, então vc TEM QUE SER ANDRÓGINO, e só pode ser assim. Se puxar mais pra o lado masculino, ou mais pro feminino, tá errado.

Embora Spookworm não estivesse falando de “passar”, podemos fazer a leitura de que, sem ser andrógino, tem dificuldade em “passar” por não-binário; e por não “passar”, tem sua identidade questionada. Em comentário semelhante, no mesmo *post*, Infergnome afirma que sua identidade não-binária foi questionada por usar roupas masculinas e barba. Nesse

<sup>169</sup> O mesmo que não-binário. Gíria afetuosa recorrente no *Reddit*, *enby* é palavra homófona à pronúncia das iniciais NB em inglês.



sentido, em *post* de 03/06/2017 no *AskTransgender*, é possível perceber que existem representações não-binárias que ativam “passar” por gêneros binários. Por exemplo, quando o ideal andrógino não pode ser acionado, um dos pontos binários é mais desejado (ou indesejado) do que o outro. MagicalPalm e VioletHamster ressaltam que uma das opções é mais incômoda, e isso orienta um “passar” que busca uma resolução suficiente, ainda que não ideal:

MagicalPalm: Eu não quero que me vejam como homem. Na prática, isso significa que a maioria das pessoas vai acabar me vendo como mulher, e eu meio que vou nessa direção porque é mais fácil. ‘Ela’ não está certo, mas é muito melhor do que ‘ele’.

VioletHamster: Eu gosto quando as pessoas me veem como homem, mais do que mulher. Eu também gosto quando me tratam como homem, dão uma segunda olhada, e mudam para pronomes femininos. Para além disso, não me importo muito com passar. Eu acho que passar é ceder muito da minha autoconfiança às opiniões de outras pessoas.

Hippopotamouse: [...] Eu me identifico como homem não-binário. Mas meu ideal de passar é tipo as pessoas ficarem em dúvida sobre meu gênero, mas acabarem optando por homem.

Falconjre: Em um mundo perfeito, eu poderia passar como nenhum/ambos gêneros binários. Eu tenho disforia com minhas características femininas e a maneira como as pessoas me veem, e eu sei que sem T[estosterona] eu nunca vou ficar perto de passar por qualquer coisa que não uma mulher [...] Eu acho que preciso de mais características masculinas como sombra de barba e uma voz mais grave para equilibrar a balança e chegar no ‘meio’. Eu acho até que deve ser legal passar por um homem afeminado às vezes.

Nos relatos acima, podemos perceber que muitas estratégias não-binárias de “passar”, ainda que possam ser questionadas, residem nas formas de mistura e subversão do binário. Hippopotamouse aponta que, além de não-binário, se identifica como homem. Falconjre contrasta um ideal de multiplicidade com a disforia com as características do gênero designado. No entanto, grande parte das contribuições ao tópico indicam que o anseio é escapar de ambas as caracterizações binárias, às vezes ao longo de múltiplas interações conflitantes, ou no desconforto causado por não serem facilmente compreensíveis:

HumbleSoldier: Eu definitivamente quero ser percebido como andrógino e na metade [da escala binária]. Eu quero que as pessoas não tenham ideia do que eu sou. É difícil, no entanto.

PrettyStitches: Sinceramente, pra mim ‘passar’ seria alguém olhar pra mim e ver um rapaz muito feminino. Androginia! Impossível nesse momento porque [tenho seios grandes] mas talvez eu chegue lá um dia.

WriterYew: De vez em quando, ao interagir com um estranho ou uma pessoa que recém conheci, eu vejo que eles têm dificuldades e evitam usar pronomes para se referir a mim. Saber que estou os deixando incertos ou confusos a respeito do meu gênero é o que passar significa pra mim, já que incerteza e confusão é frequentemente a minha própria experiência com meu gênero.

FeistyWraith: Pra mim ‘passar’, se dá pra chamar assim, é receber mais pronomes femininos do que masculinos. E um monte de olhares do tipo “que gênero é aquele”? [...] Então sim, eu quero mais é confundir as pessoas.

SteelFlash: Eu não tenho um conceito de ‘passar’, porque não há nada que eu possa fazer para que as pessoas que me veem saibam instantaneamente que eu sou não-binária [...] No que se refere aos meus objetivos de transição, eu idealmente gostaria de parecer gênero-ambíguo, mas aceito ser percebido como levemente andrógine.

Thortoise: Eu não quero me parecer com nada. Eu sou eu.

ExpertSkeleton: Em geral, passar não faz sentido pra mim. Se a ideia é que os outros sejam capazes de olhar para mim e saber meu gênero... Eu sou gênero-fluido, metade do tempo nem eu sei qual é o meu gênero.

Como notamos, nas comunidades de públicos trans do *Reddit*, o “passar” nem sempre se aplica às pessoas não-binárias. Nos casos em que o conceito é acionado, ele apresenta complexidades únicas, múltiplas, e que não demonstram as mesmas ansiedades das pessoas trans binárias. Isso não significa, no entanto, que esse público necessariamente esteja alinhado com os ideais *queer*, que orientam distanciamentos e perturbações no sistema sexo/gênero vigente. Como notam alguns informantes na etnografia digital de Darwin (2017), resistências à aliança ocorrem: “Meu gênero não é *queer*. Eu simplesmente não tenho um”<sup>170</sup> (DARWIN, 2017, p. 8, tradução nossa). Da mesma forma, outro depoimento rechaça a inferência política do termo em detrimento do viés individual: “Eu sinto que *genderqueer* é quase um manifesto político contra o gênero, o que é legal e eu super dou apoio, mas a minha identidade é algo que eu estou explorando e desenvolvendo para o meu próprio conforto e autopercepção”<sup>171</sup> (DARWIN, 2017, p. 8, tradução nossa).

Procurando estabelecer as diferenças entre as práticas, Prosser (1998) vê “passar” como manifestação distinta nos projetos identitários transexual e transgênero – sendo o segundo modelo mais adequado às identidades não-binárias. Na perspectiva do autor, e como encontramos no *Reddit*, para a pessoa transexual “passar” é um alívio e um lugar de conforto

<sup>170</sup> “My gender is not ‘queer.’ I just don’t have one.”

<sup>171</sup> “I feel genderqueer is almost like a political statement against gender, which is cool and I can totally get behind, but my own identity is something I’m exploring and developing for my own personal comfort and sense of self.”

que alinha a identidade interna com a social – e permite que o mundo veja essa pessoa da mesma forma que ela própria se vê e sente. Já para a pessoa transgênero, no desdobramento mais alinhado à teoria *queer*, “passar” é o oposto: um fenômeno que deontologiza o sexo e o gênero, e este fazer do gênero desestabiliza profundamente a realidade de um “ser” (PROSSER, 1998, p. 184-185).

Se o autor demonstra flexibilidade ao considerar ambos objetivos – “passar” e desestruturar – como legítimos, ele não leva em consideração que o segundo possa ser orientado por uma subjetividade não-binária, percebendo as manifestações principalmente como uma permuta do conforto do pertencimento sexuado por uma plataforma de subjetividade política (PROSSER, 1994, p. 174). Essa também é uma caracterização ressaltada por Bornstein (1994), que iguala “passar” ao pertencimento a um gênero, espaço cuja exclusão provoca uma série de contratempos e desumanizações:

O sucesso em passar significa tornar-se membro, e passar inclui todos os privilégios de ser membro de um gênero. Certamente há privilégio em ter um gênero. Basta perguntar a alguém que não tem gênero, ou que não pode passar, ou que não passa. Quando você tem um gênero, ou quando você é percebido como tendo um gênero, não riem de você na rua. Você não toma uma surra. Você sabe que banheiro público usar, e quando você usa, as pessoas não ficam olhando fixo pra você, ou fazendo coisa pior. Você sabe como preencher formulários. Você sabe que roupas usar. Você tem heróis e modelos de comportamento. Você tem um passado<sup>172</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 127, tradução nossa).

É importante ressaltar que, à época em que esses textos fundadores dos *trans studies* foram escritos, ainda não havia um modelo identitário não-binário desenvolvido. De fato, “gênero não-binário” não aparece em textos acadêmicos até 2008, e o tema só começaria a ganhar atenção pública em 2014 (BARKER, 2017, p. 32). Isso não significa, no entanto, que os *trans studies* e os ativismos trans não se posicionassem de forma crítica contra o sistema binário oposicional – acionando um viés político com mais ênfase do que o identitário. Com efeito, é possível perceber em Bornstein, de forma clara e manifesta, acionamentos que hoje são compreendidos através dos paradigmas não-binários. A autora indica que sua transição de fronteira de gênero não foi motivada por ter sido designada homem e compreender-se mulher: “pelo contrário, foi [por] minha convicção inabalável de que eu não era um garoto ou

---

<sup>172</sup> “Passing emphatically equals membership, and passing includes all the privileges of gender membership. There is most certainly a privilege to having a gender. Just ask someone who doesn't have a gender, or who can't pass, or who doesn't pass. When you have a gender, or when you are perceived as having a gender, you don't get laughed at in the street. You don't get beat up. You know which public bathroom to use, and when you use it, people don't stare at you or worse. You know which form to fill out. You know what clothes to wear. You have heroes and role models. You have a past.”

um homem. Foi a ausência de um sentimento, e não sua presença, que me convenceu de mudar meu gênero”<sup>173</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 24, tradução nossa). No entanto, diferente do que informam as pessoas não-binárias encontradas durante a etnografia no *Reddit*, Bornstein rejeita a androginia por perceber que esta mantém os binários opostos firmes em sua posição (BORNSTEIN, 1994, p. 115). Ainda que essa leitura seja adequada à visão desconstrutivista reforçada pelas teorias *queer*, chama a atenção que a autora proponha que o ideal trans seja baseado na compreensão de que seus indivíduos não são nem homens nem mulheres, mas ocupam um terceiro espaço – que, de forma análoga, também vem a circunscrever e reafirmar o espaço normativo, como já havia apontado Stone (2014).

Ao invés de chafurdar na autocomiseração ou ferver em um caldeirão de raiva e injustiça, eu acho que é hora das pessoas transgênero se unirem sob uma bandeira comum: uma bandeira que inclui todos os que se admitem suas próprias ambiguidades de gênero, uma bandeira que inclui todas as sexualidades, raças e etnias, religiões, idades, classes e estados do corpo, uma bandeira do Terceiro. Eu acho que é tempo de usarmos nosso status como Terceiro para trazer alguma harmonia ao mundo<sup>174</sup> (BORNSTEIN, 1994, p. 98, tradução nossa).

Dessa forma, Bornstein avança a perspectiva – não-assimilável, transgressora – pós-transsexual de Stone (2014), retratando-a e renomeando-a como um espaço transgênero, que se posiciona além do binário e, assim, proporcionaria a inclusividade necessária às diversas manifestações não-normativas de sexo e gênero. Como notamos nas comunidades do *Reddit*, de fato ocorreu a solidificação da identidade transgênero como este guarda-chuva amplo, em especial através da rejeição dos estigmas associados à alternativa transexual. No entanto, isso não significa que as identidades gênero-diversas binárias tenham deixado de existir – o que também fica claro através dos acionamentos do “passar” em nossa etnografia, durante a qual percebemos que, sob a configuração ampla do paradigma transgênero, “passar” ou não é uma opção disposta aos desejos e às subjetividades desses indivíduos de identidades múltiplas e específicas.

Nesse sentido, Darwin (2017) aponta que a unificação das identidades sob o guarda-chuva transgênero acarretou que a maioria de seus sujeitos busque “passar”, levando o modelo médico para o viés *queer*; assim, “passar” teria se tornado uma prática

---

<sup>173</sup> “[...] rather, it was my unshakable conviction that I was not a boy or a man. It was the absence of a feeling, rather than its presence, that convinced me to change my gender.”

<sup>174</sup> “Rather than wallow in self-pity or boil in some cauldron of rage and injustice, I think it's time for transgendered people to come together under our own banner: a banner that would include anyone who cares to admit their own gender ambiguities, a banner that includes all sexualities, races and ethnicities, religions, ages, classes, and states of body, a banner of the Third. I think it's time for us to use our status as Third to bring some harmony into the world”.

transnormativa que causa o apagamento da diversidade de gênero (DARWIN, 2017, p. 4). De forma análoga, Halberstam (1998a) é contrário ao projeto político que se restringe à dicotomia passar/desestruturar, como delineada por Prosser (1998). O autor critica a falta de reconhecimento das pessoas transexuais que habitam territórios fora das fronteiras binárias. Halberstam lembra que muitas mulheres trans que fizeram a cirurgia transgenital permanecem nesse “entre” dos gêneros normativos por não “passarem”, que muitas pessoas transexuais não têm recursos para realizar todos os procedimentos estéticos envolvidos no dispositivo de “passar” e que, principalmente, muitas pessoas trans não acreditam que existe um lar nos polos binários da fronteira, seja de forma metafórica ou literal. “Alguns corpos nunca estão em casa, alguns corpos simplesmente não podem cruzar do ponto A para o B, alguns corpos reconhecem e vivem com a instabilidade inerente da identidade”<sup>175</sup> (HALBERSTAM, 1998a, p. 305, tradução nossa).

Entre essas perspectivas, alguns autores buscam desarmar a dualidade. Moriel (2005) afirma que “passar” rompe a suposição subjacente de que estereótipos de gênero espelham traços identitários inerentes, e nos liberta para examinar um espectro amplo de possibilidades (MORIEL, 2005, p. 168). Da mesma forma, Overall (2012), falando a partir de uma posição cis-feminista, argumenta que “passar” não é fraude ou mentira porque tais interpretações são baseadas em uma deturpação da representatividade que não ocorre em pessoas trans. Ao contrário, as “aspirações de gênero são, de fato, bastante públicas: ele/ela manifestam o gênero com que se identificam. Gênero é o que o gênero faz. A pessoa trans está fazendo gênero, da mesma forma que a pessoa cisgênero”<sup>176</sup> (OVERALL, 2012, p. 207, tradução nossa).

Se, na forma como é compreendida nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, para “passar” é preciso “não ser”, a prática demonstra que a aparência e a expressão de gênero são capazes de produzir as condições necessárias para estar inserido na cisnormatividade – gerando a invisibilidade diante do cissexismo que rege as práticas sociais e procura desumanizar as populações trans. De fato, muitos depoimentos encontrados no *AskTransgender* dão conta de que a experiência cis engloba não apenas o não-trans, indo mais além – significando todo o conjunto do que é considerado normal e natural.

---

<sup>175</sup> “Some bodies are never at home, some bodies cannot simply cross from point A to point B, some bodies recognize and live with the inherent instability of identity.”

<sup>176</sup> “Far from being deceitful, her/his gender aspirations are in fact quite public; s/he is manifesting the gender with which s/he identifies. Gender is what gender does; the trans person is engaged in doing gender, just as the cisgender person is.”

Alguns usuários demonstram compreender que o dispositivo de “passar” é frequentemente idealizado e provoca a ansiedade de uma perfeição inalcançável, que é configurada pela romantização do oposto, normativo e hegemônico, que ressalta a abjeção do desvio ao invés de valorizar as vivências excepcionais:

PrimeRaspberry: A exigência interna cresce conforme avançamos, é assim que isso funciona. Nenhuma medida de passabilidade irá nos dar a verdadeira experiência de vida que merecemos.

IslandDrummer: Eu não sei como é ser cis porque eu não sou. Mas penso que a ideia de ser cis é romantizada em nossos cérebros porque é algo que nós nunca poderemos ser.

A partir do comentário de IslandDrummer, podemos questionar o motivo pelo qual se romantiza o cis, e insistir em uma oposicionalidade conceitual ao invés de rejeitar a âncora normativa que polariza os sentidos de cis e trans. No entanto, sendo as populações trans marginalizadas e sujeitas a discriminações interseccionais, também é preciso considerar que a posição de outro é imputada a esses indivíduos, e continuamente reforçada, através de violências específicas. Os aspectos apresentados neste subcapítulo podem ser resumidos nas respostas de um *post* de 24/02/2018, cujo título pergunta “O que passar significa para você?”:

Spillager: Me olhar no espelho sem maquiagem e não querer arrancar minha cara com as unhas.

SwiftSmile: Passar é bom, não me entenda errado. Eu acho que as pessoas têm a ideia errada e acham que, quando elas passarem, não vão ter problemas nunca mais. Eu venho passando já há algum tempo e ainda tenho toneladas de disforia por não ser cis.

FactHydra: Pra mim, enquanto mulher trans, passar significa rolar pra fora da cama, botar um par de jeans e uma camiseta larga, e ainda assim ser percebida como mulher. Eu admito que passar é muito importante pra mim, tanto que hoje eu passo 95% do tempo, mas ainda considero uma cirurgia de feminização facial, para conquistar esse aborrecido 5% que falta. Mas estou certa de que não vou fazer, porque os riscos são maiores do que a recompensa.

Hamsteroids: Pra mim, passar significa que as pessoas não sabem que eu nasci como homem quando olham pra mim de biquíni ou numa *lingerie*.

MushySpirit: Significa que estranhos não sabem que eu sou trans e não ser que eu ou outra pessoa conte para eles. Não quer dizer que eu acredite que me pareça cis no espelho, ou em fotos. Nem significa que eu ache que meu corpo e rosto sejam femininos o suficiente.

DesertPygmy: [Passar significa] não sofrer assédio por ser trans.

LandElf: Não existe passar como agênero, eu acho – pelo menos, não da forma que eu defino passar. Pra mim, ‘passar’ significa que estranhos vão ler você como o gênero que você é, em oposição ao seu gênero designado; mas é bem pouco possível que estranhos vão me ler como não-binária. Se alguém olha pra mim e não me coloca imediatamente em nenhum dos gêneros binários, bem, aí eu acho que estou no caminho certo. Mas isso não me parece que é exatamente passar, haha.

VirtualIdol: Passar é um conceito tendencioso, que infelizmente se tornou uma enorme parte das vidas das pessoas trans.

Spiderby: Eu odeio essa ‘cultura da passabilidade’, que permite que as pessoas façam julgamentos de valor constantemente sobre a aparência dos outros, que faz pessoas se sentirem inseguras sobre qualquer defeito porque ele pode não se adequar a um padrão cis idealizado, que faz com que alguns digam para pessoas trans vulneráveis que, para ser ‘completo’ em sociedade, você precisa suprimir sua própria identidade, e fazer o menos barulho possível.

Loghost: Quando eu comecei a transição social, todo mundo na escola sabia que eu era [trans]. Eu sofri abusos horríveis. [...] Na mesma semana, um garoto psicótico me ameaçou com uma faca, dizendo que faria minha ‘cirurgia’, e um dos professores tentou me estuprar, dizendo que faria de mim um homem *gay*, não uma mulher trans. Meus pais me tiraram daquela escola depois disso, e desde então minha política é não contar pra ninguém. Quando você é *stealth*, se uma pessoa trans está nas notícias ou alguém no trabalho começa a transição, você pode ouvir o que as pessoas cis dizem sobre nós quando não estamos por perto. Quase sempre justifica minha decisão em permanecer invisível. Há pouquíssima aceitação verdadeira ou aliados para pessoas trans lá fora.

Passar faz a vida muito mais fácil. Sim, você ainda tem que lidar com as lutas internas. Não faz a disforia ir embora automaticamente [...] Ser invisível é solitário, muito solitário às vezes, mas é melhor que assédio constante, ter que defender sua própria existência, encarar o abuso que vem junto a ser trans e mais o abuso por simplesmente ser mulher.

[...] Passar não é o objetivo da transição -- é algo que é imposto sobre nós pela sociedade. É algo que tem um custo. Tenho esperança de que haverá um dia em que [passar] não vai importar muito. Duvido que eu vá viver pra ver isso, no entanto. Espero que veja, mas sou meio cínica. Há tanto ódio.

Na escuta e nas análises que realizamos neste subcapítulo, procuramos ressaltar que “passar” toma a centralidade nas discussões dos públicos trans do *Reddit*. Dispositivo amplamente debatido e problematizado também pelos *trans studies*, percebemos nos acionamentos de “passar” o apagamento da gênero-divergência através da assimilação normativa, e, nos depoimentos no *Reddit*, o potencial de escape de uma alteridade que não é apenas relacional, mas internalizada. Nesse sentido, a construção de perspectivas a partir do reforço das identidades binárias provoca contradições: “passar” produz cisgeneridade, mas quem “passa” é submetido ao risco de um desvelamento que pode lhe destituir a legitimidade. A identidade, então, permanece subjugada ao radar normativo. Mas também notamos que

“passar” é a forma como muitas das pessoas trans no *Reddit* percebem a possibilidade de uma realização de si no gênero que sentem internamente. Assim, as contradições dos *trans studies*, nas oposições entre seus paradigmas transexual (em busca do apagamento de uma gênero-divergência congênita) e transgênero (objetivando erodir e remodelar o sistema de gênero), não parecem suficientes para apaziguar as múltiplas complexidades retratadas pelos usuários trans do *Reddit* nos acionamentos de “passar”.

#### 4.2 Recorrência #2: in/visibilidade

A visibilidade das pessoas trans, enquanto modelo de presença social e ação política, é um dos principais operadores dos *trans studies* – e que marca a mudança do paradigma transexual para o transgênero (e suas resistências). Intimamente ligado ao “passar”, é pela recorrência do tema entre os públicos trans do *Reddit*, e pela especificidade de seus acionamentos, que apresentamos as problemáticas da in/visibilidade como um recorte particular. No entanto, as compreendemos como inextricáveis aos acionamentos tratados no subcapítulo anterior, afetando e sendo influenciadas pelas dinâmicas complexas de presença e ausência em “passar”. Para interpretar os diálogos encontrados no campo de pesquisa, é preciso inicialmente descortinar os acionamentos contraditórios que os regimes de visibilidade suscitam.

Bettcher (2006) aponta que os *trans studies* e suas políticas contemporâneas tomam emprestado muitos temas-chave da teoria e dos ativismos *queer*, incluindo um ataque aos binários do sexo/gênero, a perspectiva de que todo gênero é socialmente construído, e uma ênfase na importância da visibilidade – adotando, por exemplo, termos como “sair do armário” (BETTCHER, 2006, p. 177). Essa perspectiva de visibilidade política, como demonstramos, é encontrada desde os textos iniciais do campo teórico. Ao caracterizar a deslegitimação das pessoas transgênero através de um enquadramento marxista, Feinberg (1992) postula laços genuínos de solidariedade entre as classes trabalhadoras, incluindo as pessoas trans, para revolucionar e libertar a todos da opressão de gênero. “A luta contra condições intoleráveis está em alta pelo mundo todo. E o papel militante da mulher, do homem, e da juventude transgênero, no movimento atual, já está ajudando a moldar o futuro”<sup>177</sup> (FEINBERG, 1992, p. 22, tradução nossa).

---

<sup>177</sup> “The struggle against intolerable conditions is on the rise around the world. And the militant role of transgendered women, men and youths in today’s fight-back movement is already helping to shape the future.”



Se a visibilidade foi e tem sido um operador destacado nas conquistas dos ativismos *gay* e *lésbico*, sua aplicação não é universal ou isenta de complicadores – em especial sua compulsoriedade, que gera hierarquias de valor entre seus sujeitos. Como afirma Borges (2019), “a nossa época, o século XXI, está sendo marcada por embates na ordem do imaginário, por uma guerra de imagens e signos, por uma sede de representação e visibilidade” (BORGES, 2019, p. 7). Para a autora, a indissociabilidade entre política e representação gera regimes de visibilidade que podem ser problemáticos. Dessa forma, percebe a necessidade de uma nova gramática ativista, que seja capaz de provocar uma ação transformadora que reinvente o mundo em suas perspectivas estética, ética e política.

Nesse sentido, Berberick (2018) aponta que as visibilidades *trans* tendem a ser normativas: considerada a multiplicidade de experiências e contextos interseccionais, ao evidenciar certos corpos e realidades materiais, outros são ignorados ou apagados. O efeito, para a autora, produz um paradoxo da visibilidade *trans*:

[...] um aparato que destaca algumas porções da existência enquanto obscurece outras, criando um ícone hiper-real de pessoas *transgênero* que não apenas é quase impossível de alcançar, mas que também é perigoso aos que não o atingem – seja por recusa ou inacessibilidade<sup>178</sup> (BERBERICK, 2018, p. 124, tradução nossa).

A partir desse sistema, Berberick aponta que as narrativas *trans*, principalmente as visíveis através da mídia e acionadas pelo olhar *cis-binário*, são demonstradas em duas formas possíveis e desfavoráveis: ou retratando a *gênero-divergência* como aberrante, desviante e/ou perigosa, ou assimilando e moldando vivências *queer* através de lentes ideológicas que espelham a normatividade (BERBERICK, 2018, p. 128). De fato, percebemos que esses operadores agem pela mesma intenção: o reforço e a imposição dos regimes *sexopolíticos*.

Também utilizando a formação de paradoxos para abordar as questões da presença *queer*, Barnhurst (2007) aponta que há ganhos tangíveis no ato da visibilidade, mas enquanto forma semântica e semiótica, sua obrigatoriedade causa leituras contraditórias, que apagam as diferenças dos diversos substratos *queer*. O autor identifica, como dicotomias, a) estimular a tolerância através de estereótipos prejudiciais, b) reduzir o isolamento ao custo do ativismo, c) abrir mão da assimilação em nome da igualdade, e d) converter o radicalismo em um nicho de mercado (BARNHURST, 2007, p. 1).

<sup>178</sup> “[The paradox of trans visibility is therefore defined here as] an apparatus that highlights some portions of existence while obscuring others and creating a hyperreal icon of transgender people that is not only near impossible to achieve but also dangerous to those who do not achieve it – through refusal or inaccessibility.”

Para Barnhurst, na medida em que sujeitos *queer* progridem do interior de si para o exterior do mundo social, cultural e político, é possível notar benefícios e melhorias evidentes: “Para os indivíduos, assumir-se move o *self* da autoconsciência para o altruísmo, da duplicidade para a integridade, e do isolamento para a inclusão. Através da visibilidade, as representações da comunidade passam do marginal para o *mainstream*”<sup>179</sup> (BARNHURST, 2007, p. 3, tradução nossa). No entanto, a visibilidade faz emergir incoerências, causando resultados e expectativas incompatíveis: “sair do armário” é apresentado como alternativa que traz benefícios, mas frequentemente destrói relacionamentos pessoais e pode levar ao ocaso social ou à violência física. Além disso, sentimentos de invisibilidade social e política podem persistir mesmo com a popularidade de caracterizações *queer* na mídia; entre outros efeitos (BARNHURST, 2007, p. 2). Sendo assim, o autor propõe que teorias e ativismos LGBTQ+ adotem o pressuposto de que a diferença dos indivíduos *queer* diante da normatividade é inescapável, e a visibilidade não traz aceitação e união, mas continuamente reforça a alteridade. A partir desse entendimento, Barnhurst recomenda a rejeição da visibilidade como operador central e principal – deixando-a de lado para que outros argumentos, caracterizações e práticas de resistência, que não a diferença *queer*, possam emergir (BARNHURST, 2007, p. 18).

O entendimento da visibilidade trans como um paradoxo é amplamente notado nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, particularmente na dualidade entre o chamamento pela tomada produtiva de espaços sociais – que encontra eco na perspectiva transgênero dos *trans studies* – e seus efeitos negativos percebidos e/ou vivenciados. Em linhas gerais, as considerações desse público indicam a educação e a empatia como as bases para que a sociedade lhes respeite, acolha, e proteja sua cidadania e seus direitos, atendendo às suas reivindicações específicas. Com isso, a pessoa “visivelmente trans” que ocupa a esfera social influencia positivamente seu contexto pela simples presença: maior visibilidade indica coexistência, impulsiona a conscientização, evidencia resistências, e interfere nos saberes empírico e acadêmico.

No entanto, a pessoa que é percebida como trans enfrenta enquadramentos de marginalização, preconceito e maior exposição à violência. Além disso, precisa abrir mão de uma vivência “invisível” – a “experiência cis” que é idealizada nos fóruns do *Reddit* como “natural”, em oposição ao estranhamento e à discriminação. Por essas consequências, o

---

<sup>179</sup> “For individuals, coming out moves the self from self-consciousness to selflessness, from duplicity to candor, and from isolation to inclusion. Through coming out, representations of the community move from the marginal to the mainstream.”

objetivo do amálgama social costuma despontar nos testemunhos como prevalente. No entanto, quem “passa”, e através desse dispositivo se produz temporariamente como cisgênero em sociedade, abre mão de influenciar o ambiente com sua participação; de fato, pode ser coadjuvante dos sistemas de repressão ao invés de auxiliar a tornar as identidades trans mais perceptíveis, corriqueiras, e ordinárias.

Esse cenário permite inferir que as pessoas visivelmente trans serão as de maior atividade política, tanto em atos manifestos de conscientização, contraopressão e ativismo, quanto pela mera presença – que carrega a potência de rechaçar o apagamento das variações de gênero. No entanto, a visibilidade não é apenas operada através da escolha pessoal: tanto aqueles que não desejam “passar” quanto os que o desejam mas não conseguem, provocam o mesmo acionamento político. Esse reflexo da estrutura cissexista estabelece uma hierarquia em que as pessoas trans terão mais valor quanto menos pareçam trans – valor este que recompensa a invisibilidade, freia a demanda política e preclui o acolhimento social. Sendo assim, percebemos como o sistema cis-normativo resiste à mudança, dispondo indivíduos trans de objetivos dessemelhantes como antagonistas uns dos outros.

No cenário verificado a partir dos relatos encontrados no *Reddit*, notamos uma leitura da visibilidade social como tática e oportunidade que leva à aceitação e à normalização da condição trans na sociedade. Os fóruns, refletindo certa visão dos *trans studies*, também indicam que a invisibilidade pode levar ao apagamento das identidades trans, sobrecodificada pelos códigos cis, e dando continuidade à outrificação da gênero-divergência. Concomitantemente, ser invisível é uma estratégia de sobrevivência que reduz as chances das violências causadas pelo choque social – embora também possa produzir os efeitos psicológicos da culpa e do remorso ao isentar do papel político.

Há ainda uma contradição adicional, que afeta particularmente aqueles que compreendem sua experiência trans através da disforia, ou seja, como um deslocamento agressivo entre subjetividade e corporalidade, e que exige correção. Considerando a transição como método resolutivo, as biotecnologias são dispostas e utilizadas para atenuar/apagar os aspectos incongruentes; assim, ao solucionar a si, na reconstrução da identidade sexuada e corporificada também é produzido o desaparecimento da gênero-divergência – que é o objetivo dos estratos normativos e antitrans/anti *queer*. Ou seja: a resolução individual satisfatória de uma disparidade disfórica atende simultaneamente aos desejos das pessoas trans, mas também das pessoas antitrans.

Enfim, no atual contexto cissexista, tanto a visibilidade como seu oposto trazem consequências negativas e violentas – não sendo possível que nem um nem outro sejam

eticamente completos. Normalizar as vivências trans significa retirar destas seu aspecto abjeto e estigmatizado, oportunizando que a sociedade em geral lhes conheça, compreenda, receba e dê espaço em suas singularidades, aceitando-os como corpos humanos e cidadãos tal qual os corpos cis.

Ao mesmo tempo, normalização também indica uma adequação à normatividade: como aponta Heyes (2007), aplicando Foucault, impõe-se às identidades trans “um conjunto de mecanismos para classificar, taxonomizar, medir, gerenciar e controlar populações, que favorece a conformidade e gera modos de individualidade, e que está no centro de uma imagem alternativa de nossa história como sujeitos corporificados”<sup>180</sup> (HEYES, 2007, p. 16, tradução nossa). Nesse sentido, a conceituação da existência de um corpo ‘natural’ que sirva como modelo para a normalização é, ele mesmo, produto da disciplina em favor da docilidade servil dos sujeitos. Butler (2004) também ressalta que a normatividade governa a inteligibilidade, permitindo que certas práticas e ações se tornem reconhecíveis. Dessa forma, impõe um modelo de legitimidade social, e define os parâmetros do que irá, ou não irá emergir nesse domínio social (BUTLER, 2004, p. 42). Sendo assim, a normalização do corpo transgênero não significa sua aceitação – não antes de ser moldado e modificado para adequar-se às normas vigentes.

Nesse viés, é possível ler os corpos trans que “passam” por cisgênero, e as tecnologias que modificam a anatomia natal, como assimilados pela norma e trabalhando a favor da hegemonia normativa. No entanto, como responsabilizar os sujeitos trans que buscam eliminar a incongruência de gênero? Se a disforia – enquanto evento múltiplo e particular de cada indivíduo, podendo tanto ser externa e social quanto interna e da relação de um indivíduo com seu corpo – causa o sofrimento insistente do não-reconhecimento subjetivo, como advogar a presença na gênero-divergência se esta é a causa de um grave desconforto existencial em pessoas transexuais? De fato, o dilema não é novo. Stone (2014) já indicava essa dicotomia. “A essência do transexualismo é o ato de passar. [...] Ainda assim, transexuais sabem que o silêncio pode ser um preço extremamente alto a pagar por essa aceitação”<sup>181</sup> (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa).

O projeto político de visibilidade proposto por Stone (2014) e Bornstein (1994), e também suas oposições, encontram eco nos fóruns de temática trans do *Reddit*. Como

---

<sup>180</sup> “[In fact Foucault offers a more complex account of normalization, as] a set of mechanisms for sorting, taxonomizing, measuring, managing, and controlling populations, which both fosters conformity and generates modes of individuality, and which is at the center of an alternative picture of our history as embodied subjects.”

<sup>181</sup> “The essence of transsexualism is the act of passing. [...] Still, transsexuals know that silence can be an extremely high price to pay for acceptance.”

exemplo, em tópico de 04/12/2019 no *AskTransgender*, a usuária IdlePlum narra insatisfação sobre a percepção da invisibilidade como negativa à comunidade trans. Seu texto busca justificar a escolha, indicando que ser invisível não é um ato transfóbico, mas uma questão de saúde mental:

IdlePlum: Por que estamos excluindo aquelas pessoas que querem ser assimiladas [na sociedade cis]? Por que estamos excluindo quem deseja não ser visivelmente trans? É meio transfóbico em si, na verdade. E nós não apenas excluimos, nós constrangemos essas pessoas por não quererem ser visíveis; eu acho tão perturbador.

[...] Esse é o resumo da minha experiência trans: ser trans me cansa e exaure, e eu realmente quero não ser constantemente lembrada de que sou trans, porque isso é vital para minha saúde mental. É o que eu chamo de ser invisível. Isso não vem de uma posição de privilégio, mas de um histórico de dor.

E ainda assim, quando eu venho a comunidades como esta, eu me sinto excluída. Eu vejo pessoas discutindo que pessoas como eu, que são ou querem ser invisíveis, são transfóbicas por não participar de círculos trans-ativistas.

Os comentários do *post* contêm opiniões a favor e contrárias. Entre eles, a usuária ThunderBoar pede às pessoas trans que “passam” que tenham participação política e visibilidade. Em sua opinião, quem “passa” tão bem a ponto de ser invisível é o “bilionário” das pessoas trans. Ela pede visibilidade política dos que “passam”, mas admite que, se lhe fosse possível, também viveria na invisibilidade.

ThunderBoar: Eu penso que pessoas como eu, que passam terrivelmente mal, veem aqueles que podem ser invisíveis como os bilionários das pessoas trans. [...] Eu tive que aceitar ser alguém que passa muito mal, e que o mundo jamais verá como simplesmente uma mulher. Eu sempre serei uma mulher trans.

Parte de mim deseja que aqueles que passam levantem sua voz. Ao admitir e compartilhar serem trans, eles criam mais visibilidade para a comunidade. Ao passar e se tornarem invisíveis, eles fazem o resto de nós um pouco mais isolados. Mas como eu disse antes, se eu pudesse, faria o mesmo. Quem ousaria recusar a oportunidade de ser um bilionário?

CreativeSpike: Olha, eu ousaria, e eu recusei. Eu passo, mas mesmo assim faço questão de que as pessoas ao meu redor saibam que eu sou trans. Eu sou uma pessoa muito sociável e extrovertida, e esconder ser trans, pra mim, seria como esconder uma parte essencial de quem eu sou como mulher, e esconder algo que moldou uma enorme parte da minha experiência de vida. Eu também sinto que devo a todas as outras pessoas trans invisíveis, no armário, ou outras, ser tão visível quanto possível. Digo isso pessoalmente, sem querer implicar que outras pessoas precisem seguir meu exemplo.

Em resposta a ThunderBoar, CreativeSpike diz que apesar de “passar”, é abertamente trans. Além de afirmar que a opção é efeito da sua personalidade, ela diz que sente um dever pela visibilidade, em nome das outras pessoas trans; e o faz sem exigir que outras façam o mesmo, respeitando a reivindicação do *post* que inicia a discussão. Contrariamente a esse exemplo, outros comentaristas ecoam o sentimento que motivou o *post*, demonstrando compreensão pelo desejo de invisibilidade. Hippolice, transmasculino, diz já ter sido atacado por não querer ser visível, e RoomCobra, também transmasculino, ressalta a percebida hostilidade em seu país (não informado) como justificativa para seu desejo de invisibilidade.

Hippolice: Eu entendo você; essas são as razões pelas quais não participo muito aqui [nesse fórum]. Eu percebi a exclusão de que você fala; já fui atacado por não querer ser abertamente trans. É uma droga, e machuca.

RoomCobra: Eu vivo num país onde há poucos meses o governo processou a Coca Cola por veicular um anúncio com um casal gay... Eu nunca nem pensei em ser abertamente trans. Por sorte meu chefe é um homem estrangeiro, então ele me deixa usar meu nome escolhido no trabalho e eu pude começar a viver na invisibilidade mesmo antes de começar a usar testosterona. Eu ainda não posso mudar meu nome porque o governo parou de aceitar a papelada. Eu só quero viver como um homem normal e um dia esquecer que não nasci como um.

Se tópicos como esse apresentam uma defesa da invisibilidade, outros procuram testemunhar que as vivências trans visíveis são proveitosas, indicando que as alteridades da gênero-divergência são menos importantes do que ocupar uma existência legítima. É o que afirma ImaginaryTurkey, transfeminina, em *post* de 22/03/2018 na comunidade *MtF* intitulado “Não passar não é tão ruim assim”:

ImaginaryTurkey: Eu tinha tanto medo da transição. Eu sou incrivelmente tímida, e sempre odiei ser objeto de qualquer tipo de atenção. Para mim, é difícil passar – a sombra da minha barba é especialmente escura e os ângulos do meu rosto são particularmente masculinos – então eu tinha medo mortal de me apresentar socialmente como mulher.

No começo desse ano eu me candidatei a um emprego como eu mesma [...] e consegui a posição. Eu estava tão excitada. Mas também com muita ansiedade, já que isso significava que eu estaria saindo toda manhã, em plena luz do dia, e pegando o trem na hora do *rush*.

Então aqui estou eu, um mês depois. Sim, pessoas olham pra mim, mas só algumas, e só por um minuto. E o que acontece é que eu realmente não me importo. Qualquer desconforto que eu sinto por ser observada é suprimido pela alegria de ser eu mesma. E nunca esteve tão claro que, se alguém tem um problema comigo, é problema dele.

O depoimento da usuária do fórum demonstra um acionamento importante, que ressoa em nossa experiência: a dificuldade, ou mesmo a impossibilidade, de prever a escala dos efeitos psicológicos positivos da satisfação na tomada do corpo e da identidade. Podemos interpretar, nas palavras de ImaginaryTurkey, que a mera existência do dispositivo de “passar” a mantinha com medo de assumir sua identidade e formava um obstáculo potente à vivência legítima.

Cabe ressaltar que, em comunidades como o *Reddit*, há o risco da formação de uma *echo chamber*, ou “câmara de eco”: um efeito em que pontos de vista alternativos são rejeitados em favor da repetição das narrativas preferidas por um grupo, favorecendo a reiteração de conceitos populares ao invés do engajamento em diálogos significativos (MASSANARI, 2015, p. 21; 90). Assim, ponderamos que a retroalimentação dos discursos pode torná-los mais fortes por essa reverberação, e de forma contínua.

No caso em questão, os temores da visibilidade, ao serem discutidos continuamente (e também como reflexo de casos de discriminação ou violência retratados nos fóruns ou pela mídia), aumentam esses medos para além do que a realidade apresenta. Embora não seja possível verificar se e quanto Emmazee9009 foi influenciada pela câmara de eco dos medos e riscos de não “passar”, a autora também faz a ressalva de que vive numa metrópole progressista e liberal. Esse fator, que consideramos importante nas análises da visibilidade, indica que o sucesso da experiência visível da usuária talvez não se reproduza em cidades pequenas ou conservadoras, onde os policiamentos sexopolíticos podem ser mais intensos ou agressivos.

No entanto, especulamos que mais que o espaço geográfico, são as características políticas de um local e de seus habitantes que influenciam a permeabilidade à gênero-divergência – haverá tanto metrópoles conservadoras como pequenos vilarejos (ou mesmo bairros) mais progressistas, ou mesmo indiferentes ao tema<sup>182</sup>.

Outros comentários no *post* de Emmazee9009 trazem histórias positivas similares, e realçam a conversação como frutífera e inspiradora:

Troutlaw: Eu tive a mesma experiência. Quando eu saí do armário, passei a viver como mulher quase imediatamente. Não tinha nenhuma chance de

---

<sup>182</sup> Nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, é frequente a discussão sobre cidades favoráveis à possibilidade de viver de forma aberta e/ou visivelmente trans. Ao longo da permanência no campo, percebemos que não há quaisquer locais onde a aceitação é irrestrita. Mesmo em cidades institucional e historicamente ligadas à diversidade LGBT+, como San Francisco e Amsterdam, usuários dos fóruns reportaram casos de transfobia. Da mesma forma, outros membros testemunharam integração e acolhimento em cidades pequenas. Ou seja, notamos a ocorrência de histórias positivas e negativas em espaços geográficos de todos os tamanhos, sem garantia de tolerância e/ou segurança em nenhum deles.

passar. Com certeza eu recebi olhares estranhos, e riram de mim no ônibus algumas vezes, mas como um todo, a maior parte das pessoas realmente não dá a mínima.

Eventualmente parece que eu comecei a passar, ainda que eu realmente não acredite que eu passe. [...] Aos poucos, as pessoas começaram a usar os pronomes corretos, e hoje eu não consigo nem lembrar a última vez em que erraram meu gênero.

Não me arrependo de ter começado a viver em meu gênero de forma visível, nem por um segundo; não conseguiria continuar vivendo uma mentira. Passando ou não.

Ocelotus: Enquanto alguém que ainda está com medo de sair com maquiagem ou roupas muito femininas, isso aquece meu coração e me dá esperança :)

ThroneRock: Quando você finalmente sair, vai se perguntar por que esperou tanto tempo. Sim, é assustador antes do início. Eu tive medo também. Mas quanto antes você começar, mais rápido vai descobrir que não é um grande problema.

Eventualmente, as dificuldades da sua vida não vão ser assuntos trans; serão os problemas de uma mulher, ou de trabalho, ou seja o que for. Quanto antes a gente deixa pra trás a coisa ‘trans’ e simplesmente começa a viver como mulher, mais cedo somos felizes.

AgileJackal: Você é incrível, e mesmo vivendo em uma cidade progressista você está criando espaços e contribuindo para a visibilidade de outras pessoas trans. Eu estou na mesma situação, passei a viver no meu gênero há alguns dias atrás, mal tendo começado a terapia hormonal, com sombra de barba, cabelo curto e tudo o mais.

Eu acho que [...] estamos mudando os estereótipos sobre o que significa ser uma mulher. Não é fácil, mas até agora eu tenho achado que vale a pena.

Nesses depoimentos, percebemos outras pessoas trans que atravessam a mesma experiência: a de uma visibilidade possível, e uma alteridade menor do que a esperada. Embora tanto ImaginaryTurkey quanto TroutPi apontem serem ocasionalmente observadas com estranhamento, ambas ressaltam que os ganhos de ocupar o espaço identitário desejado superam os momentos em que a diferença normativa é saliente.

TroutPi ainda demonstra que, apesar de achar que não “passa”, eventualmente começou a ser percebida em seu gênero correto. O testemunho contrasta com outros relatos de estratégias encontrados nos fóruns do *Reddit*, demonstradas a seguir, em que pessoas trans esperam os efeitos da terapia hormonal para diminuir ou eliminar os riscos de não “passar”. De fato, sendo as preocupações com visibilidade tão frequentes na comunidade digital, alguns membros ressaltam o *post* e sua popularidade como acionamentos necessários e profícuos:

Alfairy: Eu amo sua atitude :) Eu realmente gostaria que ela fosse contagiosa aqui [no fórum]. Em minha opinião, o que você está fazendo é a



única maneira de ir adiante, e o que eu planejo fazer. Obrigada por compartilhar seus pensamentos.

ThroneRock: Eu não sei o que me deixa mais feliz: sua descoberta pessoal ou o fato de que seu tópico recebeu mais de 120 *upvotes* em quatro horas. Eu estou entusiasmada por você. Sim, passar não é o Santo Graal Trans que tantas pessoas fazem parecer. Nós somos todas mulheres, passando ou não; e eu acho que quanto mais rápido a gente se der conta disso, mais cedo podemos dispensar o duplo vínculo de passar como pré-requisito para a felicidade.

Como percebemos, alguns membros desejam que a postura demonstrada no tópico seja mais prevalente na comunidade. ThroneRock se posiciona de forma crítica, percebendo uma hegemonia da prática de “passar” na narrativa predominante; na expressão “Santo Graal Trans”, percebemos uma idealização mítica e esotérica dessa prática. Alfairy, que em outro comentário, no mesmo *post*, afirma também viver em uma cidade progressista, aponta o texto como um incentivo para conquistar seus objetivos; ou seja, não apenas em espaços públicos, mas também em testemunhos no fórum, a visibilidade surge como potencial de realização identitária. Além das questões geográficas, em outra conversação no mesmo *post*, a usuária GraciousCrane frisa que a segurança da visibilidade também precisa levar em conta os privilégios interseccionais de raça/etnia e classe social:

GraciousCrane: A transição me fez muito mais consciente do privilégio de ser branca. Em cidades progressistas você não vai ser ostracizado por ser visivelmente trans – se você for branco. O pior que me acontece é que algumas pessoas podem ficar um pouco tímidas ou desconfortáveis, mas na maior parte do tempo não percebo estar sendo tratada de forma diferente.

IdleEel: Concordo 100%. Eu sei que ser branca e de classe média faz uma enorme diferença [na minha experiência de visibilidade trans].

VenomFawn: Enquanto uma mulher trans, negra, e que não passa, acho isso bastante deprimente.

GraciousCrane: Desculpa. Eu não quis dizer que você está destinada a ter uma vida horrível se você é uma pessoa negra – apenas falei da minha experiência enquanto branca. Tem muito a ver com outros fatores também, como sua classe social percebida e seus círculos sociais.

Mas sim, eu acho que é por isso que as mulheres trans negras precisam ter a última palavra em assuntos *queer*, e nós precisamos fazer todo o possível para colocá-las em posições de liderança, porque vocês navegam racismo, transmisoginia, e as maneiras como um afeta o outro.

Tanto GraciousCrane como IdleEel informam que a visibilidade de gênero pode sofrer mais ou menos resistência na intersecção com raça e etnia. VenomFawn, que também comenta no tópico, era bastante conhecida nos fóruns à época de nossa etnografia. Nas

discussões que observamos, ela afirma não conseguir trabalho por não “passar”, por ser negra, e por viver em um estado conservador. Em um de seus *posts* no *AskTransgender*, ela testemunha:

VenomFawn: Apesar de ter um diploma universitário e muita experiência de trabalho, eu não consigo arranjar um emprego nem numa cafeteria. Eu já me candidatei em tantos lugares [...]. Eu quero desesperadamente me mudar pra outro lugar [...]. Eu estou disposta a dormir no seu chão, limpar a casa todos os dias, viver num barraco, dar tudo que eu tenho de valor, qualquer coisa pra ter uma chance de me mudar para um estado que não faça nossa existência mais difícil.

Eu estou tão desesperada. Eu faço qualquer coisa, por favor, me ajudem.

Os efeitos menos favoráveis da visibilidade, como os expressos por VenomFawn, também motivam tópicos nas comunidades de pessoas trans do *Reddit* com frequência. Muitos realçam temores e consequências negativas no encontro com o preconceito e com a discriminação. Em discussão de 27/12/2019, a usuária ChainBison afirma ter sido fisicamente agredida, e pede informações para não ser visível:

ChainBison: Como posso me esconder/não ser visivelmente trans? Eu acabei de tomar uma surra por ser trans, então agora quero me esconder e não ser visível até que eu esteja confortável. Qualquer ajuda será bem-vinda. Sou uma mulher trans.

Butterflux: Uma coisa que você pode fazer é se apresentar como homem até estar na terapia hormonal tempo suficiente para passar. Eu vivi como homem durante o primeiro ano de hormônios; foi muito ruim, mas é definitivamente preferível a ser atacada fisicamente.

ChainBison: Eu posso tentar, mas acho que posso ser agredida por parecer com um rapaz feminino.

VoyageBat: Eu não sei se isso serve de consolo, mas no momento desse comentário eu estou aos 15 meses de terapia hormonal e ainda me apresento como homem. Durante esse tempo eu venho trabalhando em formas sutis de feminização antes de me apresentar como mulher, incluindo treinamento de voz e deixar meu cabelo crescer, enquanto espero que os hormônios façam mais de sua mágica. Em outras palavras, está tudo bem em esperar, e continuar se apresentando como homem, até que você possa aparecer como mulher com segurança!

A maioria das respostas, exemplificadas no comentário de Butterflux, sugere que a autora do *post* permaneça mais tempo em terapia hormonal antes de se apresentar socialmente no seu gênero. A autora responde afirmativamente, mas teme ser atacada por então ser percebida como um rapaz feminino – ou seja, mudando a discriminação da transfobia para a homofobia, mas ainda sob a ameaça da violência potencial.

Assim como Butterflux, VoyageBat relata um estágio de espera pelos efeitos da terapia hormonal antes da transição social. Ela afirma investir nas tecnologias de gênero que a farão “passar” antes de se apresentar publicamente na expressão de gênero desejada, em nome da segurança. Um outro ângulo é oferecido por CannonWallaby, transmasculino, que relata as suas dificuldades com a expressão social e de gênero, e busca a alternativa de uma visibilidade, se não ideal, controlada:

CannonWallaby: Eu lamento, mas passar pode ser difícil. Eu tenho disforia dos meus seios grandes, mas mesmo com seios menores, que cara não tem nem 1m57cm? E tem um rosto de menina? Eu nunca poderia passar então eu nem penso nisso. Eu sou bigênero então eu foco em perder peso para diminuir meus seios que eu odeio. Então eu poderia tentar um visual mais andrógino.

Como percebemos, a invisibilidade prescrita pela hegemonia cissexista é, por vezes, também desejada e autoimposta. Para Ekins e King (2006), os diferentes tipos de narrativas trans estão na base das inflexões políticas desses indivíduos; as histórias de migração (sair, de forma permanente, de um gênero designado no nascimento para outro), oscilação (mover-se através das fronteiras do gênero, parando apenas temporariamente) e transcendência (ir “além do gênero”, conter todos os gêneros, ou não conter nenhum, entrar em um “terceiro espaço”) provocam estruturas oposicionais entre o “passar” e a ação política:

Enquanto as histórias de migração e oscilação colocam ênfase em ‘passar’ e assimilação (um escape na ‘obscuridade’ do gênero ‘oposto’), histórias de transcendência são mais comumente ligadas a algum grau de ativismo político. Este quase invariavelmente pressupõe assumir-se publicamente como transgênero; o pessoal e o político se tornam entrelaçados<sup>183</sup> (EKINS; KING, 2006, p. 182, tradução nossa).

Ekins e King (2006) também indicam que narrativas de migração e oscilação pressupõem a aceitação de uma estrutura binária natural. Assim sendo, aqueles que afirmam esses movimentos, mas também seus adversários, repetem os mesmos argumentos essencialistas. Tanto as pessoas trans que afirmam pertencer ao outro sexo, em sentidos biológicos e/ou psicológicos, como aqueles que rejeitam as migrações de gênero, entendendo que essas táticas são ilusões acerca de sexo/gênero imutáveis, acionam a normatividade binária.

---

<sup>183</sup> “Whereas migrating and oscillating stories place the emphasis on ‘passing’ and assimilation (an escape into the ‘obscurity’ of the ‘opposite’ gender), transcending stories are most usually linked with a degree of political activism. This political activism almost invariably presupposes being ‘out’ as transgendered; personally, the personal and the political become intertwined.”

Por outro lado, as histórias de transcendência, em granularidades particulares às diversas identidades baseadas nesse deslocamento, problematizam e questionam a estrutura binária de gênero e as inter-relações socialmente reguladas entre corpo, gênero e sexualidade (EKINS; KING, 2006, p. 183). Embora a caracterização faça sentido à luz dos *trans studies*, os autores falham em reconhecer que as narrativas de transcendência podem ser impostas a sujeitos que desejam a migração, mas que não “passam”: a pessoa transexual ou transgênero que deseja a vivência no gênero correto pode ser interpretada, em sociedade, como alguém que transcende o binário, mesmo que esse não seja seu intuito ou entendimento de si. E, da mesma forma, sua visibilidade terá o mesmo efeito político daqueles que o são por princípio, e por resistência normativa.

Com efeito, a inevitabilidade das dimensões políticas da in/visibilidade trans são apontadas como uma forma adicional de opressão sobre as pessoas trans. Em post de 04/02/19, a usuária SleepingGoddess relata dificuldades em veicular anúncios na rede social *Facebook* para divulgar seu grupo de apoio para pessoas trans. Esses anúncios são reportados aos administradores do *site* como violando as regras por serem “anúncios políticos”. O *post* gera uma discussão sobre a politização das identidades trans, e ela termina sua reclamação dizendo:

SleepingGoddess: Esse é o meu desabafo irritado sobre o privilégio de não ser político. Ao simplesmente existir como pessoas, nós somos julgados como manifestações políticas em nossa sociedade. Não nos é dada a simples liberdade de existir sem sermos tachados como uma declaração política.

Em outro comentário, Sirenforcer ressalta como a politização da identidade não se restringe apenas ao gênero – refletindo as alteridades de raça e etnia. Stenchanter relata conhecer quem julgue as pessoas trans como um mero fenômeno político, ignorando as subjetividades desses indivíduos (de forma que ecoa o discurso da “ideologia de gênero”):

Sirenforcer: Bem, primeiro teve a época em que eu tinha que explicar que não sou indígena; e então os anos de explicar que não sou muçulmano. E nenhum dos dois é ruim. Sei lá, dei longas explicações no Ensino Médio. E também sobre como os políticos brancos progressistas podem ser absolutamente inúteis. [...] o “privilégio de não ser político” me atinge com muito mais força e há mais tempo em formas que não a do gênero.

Stenchanter: Eu tive um amigo que nos vê simplesmente como um movimento político e ideológico. Ênfase no “tive”. [...] Ah, você sabe, o clássico: LGBT é uma invenção de feministas e liberais para efeminar os homens e permitir que as mulheres controlem a sociedade. O que irá levar ao declínio da civilização.

Por fim, o usuário *ImpulseHalfling*, transmasculino, aproxima a politização trans de outros vetores de dominação ao mencionar o fato de que ter um útero e não “passar” em sua sexualidade não-normativa acarreta implicações opressoras que se somam. Ele ressalta que as consequências permaneceriam mesmo que não fosse gênero-divergente:

*ImpulseHalfling*: É uma palhaçada. Mesmo se eu fosse cis, toda minha existência seria política – já que eu nasci em posse de um útero, eu não sou realmente uma pessoa, e sim um potencial receptáculo para os filhos de uma outra pessoa. Ser trans só adiciona outra camada de estranhamento, não apenas na polêmica dos banheiros, da transição infantil e da autoidentificação de gênero, mas também por estar ‘desperdiçando uma incubadora de bebês perfeitamente funcional’. Além disso eu não passo mais por heterossexual, e isso não é um problema onde eu vivo hoje, mas definitivamente não estou interessado em me mudar para a maioria dos outros lugares.

A partir desses depoimentos, podemos inferir que os dilemas da visibilidade trans não são apenas um efeito, mas também um acionamento específico que toma de assalto esses corpos. Como aponta Bettcher (2006), exigir visibilidade pode ser improdutivo ou mesmo inútil, já que as pessoas trans são imediatamente classificadas como fraudes assim que identificadas – um artefato que busca anular qualquer tentativa de manifestação legítima.

[...] um chamado por visibilidade trans falha em compreender o duplo vínculo onde temos sistematicamente negados nossos pedidos de autenticidade, por já sermos enquadrados como falsos desde o início. Ao ignorar que somos conceituados como pessoas que fingem, não se leva em conta que ser percebido como trans tem um poder desestabilizador para os conceitos prevaletentes e populares de gênero. Ainda assim, longe de desestabilizar qualquer coisa, mulheres trans são simplesmente decodificadas como ‘homens que se vestem como mulheres’, e homens trans, como ‘mulheres que se vestem como homens’<sup>184</sup> (BETTCHEER, 2006, p. 188, tradução nossa).

Ekins e King (2006) apontam que a natureza descorporalizada dos ambientes digitais proporcionou que as divisões entre pessoas trans que “passam” e que não “passam” se tornasse irrelevante, levando a uma maior inclusividade nas comunidades *online* (EKINS; KING, 2006, p. 186). No entanto, como demonstramos, não é o que percebemos no *Reddit*: a visibilidade é um operador divisivo, que gera hierarquias e tem sua importância ressaltada constantemente. Apesar disso, os autores também indicam que os espaços em rede

---

<sup>184</sup> “[However,] a call for trans visibility fails to appreciate the double-binded way in which we are systematically denied claims to authenticity by already being constructed as phonies in the first place. By ignoring the ‘pretender’ representation, one takes it for granted that ‘being read’ as ‘trans’ has an inherently de-stabilising power to prevailing, mainstream conceptions of gender. Yet far from de-stabilising anything at all, mtf’s are simply read as ‘men who dress up like women’ and ftms read as ‘women who dress up like men.’”

proporcionaram debater se “passar” é necessariamente desejável – o que de fato observamos. Nos subfóruns de temáticas trans do *Reddit*, a visibilidade pode ser inclusive combatida, e enquadrada como negativa. Ocasionalmente, pessoas trans que “passam” acusam aquelas que não “passam” de serem a insistente representação social do outro e do bizarro, reforçando estereótipos que dificultam a compreensão da experiência trans como uma condição congênita, e o acesso aos tratamentos médicos que daí surgem como um direito necessário.

Embora a invisibilidade normativa seja tolerada nos fóruns – pois seus membros entendem que nem toda pessoa tem os meios, ou a estrutura emocional, para ser abertamente trans e enfrentar os riscos das consequências –, a acusação de que a visibilidade prejudica a aceitação social provoca indignação na comunidade em geral. Quando essas discussões surgem, os moderadores costumam remover *posts* e comentários, e podem banir seus proponentes. No *AskTransgender*, a regra 2 proíbe especificamente o policiamento do gênero alheio e constranger tanto quem “passa” como quem não “passa”. Não obstante, durante a estada nas comunidades trans do *Reddit*, essas reações foram notadas. Em post de 28/02/2019, a usuária Pelicandy, transfeminina, pergunta se está causando danos a outras pessoas trans pelo fato de não “passar”:

Pelicandy: Eu estou fazendo mal às pessoas trans se eu me apresento como mulher mas não passo? Eu sabia que não iria passar antes de começar terapia hormonal. Eu achei que seria melhor não me preocupar muito e simplesmente tentar ser eu mesma de qualquer jeito. Eu não vou aguentar se eu me preocupar o tempo todo com passar. Existem tantas pessoas desistindo da transição porque elas não passam, e eu não quero terminar desse jeito. Mas minha voz é realmente ruim, eu tenho uma sombra de barba horrível, não sei nada sobre maquiagem e ninguém vai achar que eu sou mulher se não souber que sou uma mulher trans. Isso me faz mal às vezes.

Eu já fui chamada de uma pessoa de merda por outra mulher trans porque eu tenho dificuldades com treinamento de voz. Eu me pergunto se isso é porque ela pensa que minha imagem faz mal às pessoas trans. Eu sou realmente uma má pessoa?

E às vezes eu me preocupo se eu vou assustar as pessoas de volta para dentro do armário porque elas podem pensar que ficarão como eu.

De qualquer forma, eu não posso voltar pro armário. Aquele lugar é uma armadilha de morte e a transição é o único jeito que eu posso continuar vivendo. Espero que as pessoas não me odeiem por isso.

No texto, Pelicandy afirma que, mesmo não tendo esperanças de “passar”, insistiu na transição por julgar que permanecer no gênero errado é “uma armadilha de morte”. Ainda assim, se desculpa à comunidade por viver seu gênero da maneira que lhe é possível. Ela também afirma estar preocupada em “assustar” e influenciar negativamente as pessoas trans que ainda não iniciaram a transição, por não se julgar um exemplo adequado face ao padrão

estético cissexista. Aqui percebemos mais um duplo vínculo, uma vez que, caso alcançasse este padrão convencional e binário, também não poderia ter influência positiva – pois seria invisível.

As respostas, em sua maioria, são de compreensão e apoio; no entanto, há comentários que reforçam e acentuam as preocupações da autora. Embora esses últimos tenham sido removidos pelos moderadores do fórum<sup>185</sup> (e seus autores banidos da comunidade), os julgamos relevantes por fugirem às regulações internas, e por caracterizarem linhas de fuga que também surgem em outros grupos e comunidades onde tais regras não se aplicam. A prática de restringir a transição com base nas chances de “passar”, como indicado no subcapítulo anterior, remonta às narrativas patologizadas e aos estritos protocolos clínicos colocados em prática nos anos 1960 e 1970. Podemos perceber que esses vieses ainda resistem ao paradigma da autoidentificação de gênero, presente tanto nos fóruns do *Reddit* como nos *trans studies*:

Camperor: Eis o que acontece na realidade: em algum lugar, uma criança trans vai ver você passando, e ela vai ficar ainda mais enojada consigo, e perder as ilusões de fazer a transição por acreditar que vai acabar se parecendo com você.

SmallLeopard: Quando você não passa você está ativamente reforçando estereótipos negativos sobre mulheres trans, que são particularmente danosos a jovens trans que ainda tem uma chance de passar e viver uma vida autêntica. É por isso que sou contra a maior parte do ativismo trans, porque os ativistas que falam mais alto são tipicamente os que menos passam, e o resultado é que fazem mais mal do que bem.

Leprecocoa: A razão principal pela qual eu nunca fiz a transição social é porque eu tenho a obrigação moral de permanecer no armário. Quando eu era criança eu sabia que queria ser uma menina, mas os únicos exemplos de mulheres trans na mídia eram caricaturas extremamente não-passáveis. Se eu soubesse que era possível transicionar e parecer de fato com uma mulher eu poderia ter começado ainda jovem, quando teria chance. Ao ser visível e não-passável, eu estaria apenas contribuindo com o mesmo estereótipo que me manteve no armário quando criança. A última coisa que eu faria é assustar alguma jovem menina trans, fazendo ela pensar que vai ficar como eu, e continuar esse ciclo negativo.

A rejeição ao depoimento de Camperor realça o espectro do estigma transfóbico do “homem de vestido” (“*man in a dress*”). A expressão é uma forma recorrente de desqualificar as mulheres trans, imputando um aspecto grotesco ao encontro da aparência masculina com uma vestimenta feminina, denotando falsidade e reduzindo a identidade a uma escolha de

---

<sup>185</sup> Apesar de removidos do *Reddit*, esses comentários podem ser recuperados em *sites* que funcionam como um arquivo paralelo. Em nossa dissertação, usamos a ferramenta *Removeddit* para acessar comentários apagados tanto pelos moderadores como por seus autores.

roupas. Para Kailey (2006), a imagem do “homem de vestido” resume um estereótipo geral sobre a visibilidade das mulheres trans, aproximando-as à apresentação artificial ou caricata das *drag queens*, e demonstrando uma farsa ou um fingimento de gênero (KAILEY, 2006, p. 12).

A expressão *man in a dress* pode ser encontrada desde 1964, na coluna de conselhos amorosos de um tabloide escrita pela artista transexual Hedy Jo Star: “Querida Hedy, você diz ser mulher, mas eu não concordo; você não pode ter um bebê, então não é realmente uma mulher. Para mim você apenas se veste como uma mulher e tem genital feminino... Você é um homem pra mim, um homem de vestido”<sup>186</sup> (MEYEROWITZ, 2002, p. 199, tradução nossa). A caricatura permanece em uso: Beauchamp (2019) ressalta que ainda é a retórica transfóbica do *man in a dress* que representa mulheres trans visíveis como homens em tentativa de enganar e ludibriar, sendo usada como justificativa às resistências nas políticas sociais e para o endurecimento de legislações a respeito do acesso a banheiros públicos (BEAUCHAMP, 2019, p. 105).

De acordo com as respostas das usuárias Camperor, SmallLeopard e Leprecocoa, a visão do “homem de vestido” – e/ou o receio desse estigma – tem o poder de intensificar os temores das pessoas trans pré-transição. Essa perspectiva não parece prever a possibilidade de um desejo não-binário nem de visibilidade, representando um operador binário normativo onde não “passar” meramente produz rejeições abrangentes e em série. Camperor utiliza a palavra “nojo”, reproduzindo uma reação transfóbica à gênero-divergência. SmallLeopard posiciona-se contra o ativismo trans porque seus agentes tendem a ser visíveis e a rechaçar de forma veemente a assimilação social. Leprecocoa menciona que não “passar” produz a “obrigação moral” de não fazer a transição, apontando a visibilidade gênero-divergente como uma espécie de trauma que lhe impediu de buscar seu gênero.

Se essas opiniões são transfóbicas e cissexistas – tanto que esses comentários acabaram sendo removidos do *post* em questão –, elas também reproduzem medos e preconceitos recorrentes na comunidade, e que se repetem em outros espaços com moderação menos ativa ou estrita. O estigma do homem de vestido opera ameaças múltiplas: de não conquistar uma aparência normativa ou desejável, dos riscos de não performatizar uma transição bem sucedida, e da ridicularização e ostracismo social. Como aponta Serano (2016), a mulher transexual caracterizada como um homem de vestido é um acionamento frequente

---

<sup>186</sup> “Dear Hedy,” [a letter writer began], “you say you are a woman but I don’t think so because you cannot have a baby, so you are not really a woman. To me you just dress like a woman and have female sex... You are just a man to me, a man in a dress.”



no cinema e na televisão, e que se imprime na cultura; uma personagem que se mostra como inofensiva e risível, uma vez que suas reivindicações por uma identidade feminina são contrastadas e rechaçadas com base em sua aparência, notadamente no signo da sombra de barba (SERANO, 2016, p. 38). Na ocorrência de traços de masculinidade em uma mulher trans, afirma a autora, esta será lida como uma paródia, se age de modo feminino; ou como farsante, se age de maneira masculina – uma dicotomia entre os estereótipos da mulher trans como “patética” ou “mentirosa”, que buscam retirar-lhe a legitimidade identitária em qualquer forma de expressão (SERANO, 2016, p. 49).

De fato, embora reprimir essas opiniões transfóbicas intragrupo objetive manter o *AskTransgender* como um espaço seguro, as visões dos usuários que as expressam não necessariamente mudam; apenas transferem-se para outros fóruns ou *websites*. Nesse ponto, notamos os potenciais de desinformação que essas pessoas carregam, e o próprio valor das comunidades trans do *Reddit*.

Uma vez que as informações acerca dos temas trans ainda são rarefeitas, transnormatividades apresentadas como narrativa única e compulsória podem ser assimiladas como fatos – especialmente por pessoas trans que já carregam esses temores consigo, e os veem confirmados e amplificadas. Orientações transfóbicas como as demonstradas encerram grandes chances de dano ao buscar manter certas pessoas trans em repressão e silêncio, causando perda de tempo até a transição, e mesmo colocando as vidas dessas pessoas em risco, como ressaltado pela autora do *post* em questão: o armário é uma “armadilha de morte”. Ou seja: nessa dinâmica, percebemos tanto a importância de comunidades como o ecossistema do *AskTransgender* para uma educação de gênero mais ampla, que esclareça aqueles sujeitos trans que internalizam a transfobia, e para o incremento do acesso geral às informações corretas e de qualidade.

Nesse sentido, a maioria das respostas do tópico rejeita por completo a noção de que ser visível é prejudicial. Percebemos inclusive que *posts* com discussões transfóbicas intragrupo tendem a ter maior quantidade de comentários. Justamente, ponderamos, na tentativa de enquadrar a controvérsia como incorreta e/ou indigna, e assegurar a outros

membros da comunidade – em especial *lurkers*<sup>187</sup> – que as narrativas são múltiplas, e inclusivas.

MagmaPuppy: Se qualquer pessoa disser que você é uma má pessoa, ou que você dá má fama às pessoas trans, por não passar, você deveria se afastar dela. Ela está sendo lixo transfóbico, e não vale o seu tempo ou sua atenção.

SupremeApple: Visibilidade é a arma mais poderosa que temos! Cada um de nós que não passa, mas anda por este mundo honestamente como si mesmo, ajuda a normalizar nossa experiência e derrubar as barreiras de gênero que esmagam as pessoas cis e trans.

Essa pessoa trans que te agrediu? Ela é resultado da exposição às mesmas normas de gênero que você está atenuando. Quer ela perceba ou não, a mulher trans cisnormativa que passa continua tão amarrada quanto estava antes de sair do armário. Podem ter medo de você, podem ter ressentimento, mas você não está presa. Você está livre de um jeito que ela não está, e ainda mais importante, você está garantindo que as meninas trans que vierem depois de você estejam menos expostas às expectativas restritivas de performatividade, que não fazem nada além de nos machucar.

Limerse: Faz o que você quiser, seja o que for. ‘Passar’ é meramente cultural de qualquer forma, então se você não se parece com o que as pessoas acham que você deveria parecer, você pode ser parte da mudança dos padrões da sociedade para ‘mulher’. O problema são eles, não você.

O conjunto de respostas apresentadas dá conta das presentes contradições acerca da visibilidade. Se os comentários anteriores criticavam a visibilidade não-normativa, aqui vemos o oposto. MagmaPuppy chama quem critica a visibilidade de “lixo transfóbico”; Limerse relativiza o papel do “passar”, e ressalta a contribuição da visibilidade para uma nova construção social de “mulher”; e SupremeApple, além de afirmar a importância política da visibilidade trans, aponta que há mais liberdade ao ser visível do que “passar”. Outros depoimentos ainda demonstram faces diversas desta discussão, ressaltando, em geral, aspectos relativos à autenticidade:

FireOwl: Você é válida passando ou não passando. A única coisa com que você precisa se preocupar é ser o seu eu mais autêntico e trabalhar o mais que puder para ser quem você é de verdade. Se alguém tem um problema com isso, não é da sua conta.

---

<sup>187</sup> Em muitas comunidades do *Reddit*, *lurkers*, usuários que apenas leem e não colaboram, são ignorados ou menos valorizados justamente por não participarem. No *AskTransgender*, no entanto, ocorre o contrário: os *lurkers* são frequentemente considerados e lembrados como os usuários mais importantes, por serem, potencialmente, um grande número de pessoas confusas e questionando o seu gênero – tão desinformadas, ou mesmo assustadas, que não têm nem mesmo a coragem de tomar parte na comunidade, dividir seus temores e pedir auxílio. Por isso, membros regulares do *AskTransgender* não costumam deixar pontos de vista questionáveis sem resposta, uma vez que podem ser lidos como verdade ou reforçar as transfobias internalizadas de *lurkers* vulneráveis.

GummyDuckling: Não desista! Eu sei que passar é o sonho, mas eu pessoalmente vejo como uma vitória poder se misturar socialmente e ser aceita. Eu não passo e provavelmente nunca irei passar; mas as pequenas interações positivas, e quando acertam meus pronomes ocasionalmente, são maravilhosos.

Sukiyaking: Você não é a embaixatriz de todas as pessoas trans. Você é só uma pessoa tentando sobreviver. Sua única responsabilidade é fazer as coisas que lhe ajudam. Se há partes da transição que não funcionam pra você, ou que você ainda não pegou o jeito, tá tudo bem. Você pode escolher as partes que deseja, e pode aprender no seu ritmo. Muitas mudanças que precisamos são limitadas pela química e pela física – ninguém pode forçá-las a ir mais rápido do que as leis fundamentais do universo as permitem ir.

RustyApricot: Honestamente, os ignorantes vão odiar as pessoas trans de qualquer jeito. Transicionar mesmo sem passar é um enorme ‘foda-se’ para os transfóbicos, porque escolher ser e expressar quem você é (mesmo com os riscos que isso traz) os faz se mijarem de medo da forma como a sociedade ao redor deles está mudando.

Nesse grupo de comentários, percebemos algumas entre as diversas construções narrativas da identidade trans. FireOwl aciona a autenticidade como orientação identitária, ressaltando que é preciso esforço para conquistar o gênero. GummyDuckling reafirma “passar” como objetivo mais desejável, mas ressalta que a “mistura” social é uma conquista positiva. Sukiyaking enquadra a questão através do individualismo, reforçando a transição como estratégia de sobrevivência e lembrando que se trata de uma empreitada que exige a ação do tempo. Finalmente, RustyApricot ecoa os duplos vínculos da visibilidade, demonstrados nos *trans studies*, ao posicionar a transição como um ato de resistência – indicando que uma existência visível rompe os processos imobilizantes da repressão sexopolítica.

Um aspecto adicional das in/visibilidades que desejamos ressaltar é sua vinculação às narrativas médicas da identidade de gênero. Nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, a autoidentificação costuma ser embasada através da compreensão do gênero como inato, ou neurológico; ou seja, a experiência trans enquanto efeito de uma condição congênita que necessita de ajustes e, assim, pretendida mais como uma questão de saúde que política. Em *post* de 04/03/2020, cujo autor propõe no título que “Enquanto homem trans, eu acredito que nossa invisibilidade pode ser causada parcialmente pela nossa própria escolha em passar”, notamos uma conversação sobre enquadramento clínico da visibilidade:

Sealite: Eu realmente não me importo com a invisibilidade, faz com que eu me sinta mais seguro.

UpsetGnu: Isso, em si mesmo, é o problema. Você não deveria se sentir ‘seguro’ por esconder algo que é intrínseco de quem você é, você não deveria ter que esconder isso.

Sealite: [Eu passo e] sou *stealth*. Eu não quero que meu histórico médico seja público, especialmente por ser algo que eu já resolvi completamente. Ninguém merece ou precisa saber.

UpsetGnu: Essa é uma escolha completamente válida, e não estou tentando tirar isso de você. O problema é que as pessoas podem sentir que NÃO podem ser visíveis.

A resposta de Sealite concorda com a suposição inicial do tópico: a invisibilidade é um objetivo desejado, e ressaltado pelo viés da segurança. Na conversação que se segue, UpsetGnu aponta que se esconder por proteção é um vetor repressor, e que se deve resistir a ele; no entanto, Sealite entende que a condição trans é uma questão a ser resolvida na esfera clínica – um problema que ele dá como resolvido. Aqui se estabelece um contraste: para um, trans é um obstáculo biológico a corrigir; para o outro, é algo intrínseco à identidade, e que não pode ser removido. Essa noção é confrontada em uma conversação paralela:

Unbanshee: Porque é que ser trans é intrínseco a quem nós somos? Nesse momento, minha transição está mais ou menos terminada. Eu já segui adiante. Por que eu não deveria tratar minha transição como qualquer outra experiência médica do meu passado? Eu não saio por aí contando pras pessoas que eu removi o dente do siso, e eu não incorporo esse procedimento no meu senso identitário.

UpsetGnu: Mais uma vez, tudo certo com você, pessoalmente. Mas há pessoas presas em situações onde elas TEM que ser abertas e visíveis (especialmente se elas não passam). A cultura atual faz com que isso seja ativamente difícil a elas.

Unbanshee: Sim, eu sei disso, e é uma droga. Mas esse enquadramento constante do *stealth* como um tipo de sentença à prisão é tão cansativo. Muitas muitas muitas pessoas se tornaram *stealth* porque era o objetivo delas, e não de uma forma relutante.

Aqui, UpsetGnu é questionado por Unbanshee, outro usuário que se define como invisível. Dessa vez, trans como detalhe médico e secundário vem através de uma comparação com retirar um dente. UpsetGnu novamente demonstra respeitar as decisões individuais de seus interlocutores, mas insiste que devem ser consideradas as consequências que a prática acarreta a quem não tem a chance da invisibilidade trans. É outro membro da comunidade, SereneBoulder, que ataca a comparação da experiência trans com ir ao dentista:

SereneBoulder: A diferença é que as pessoas não são discriminadas por ter seus sisos removidos, e não existe uma cultura que divide as pessoas entre

aqueles com siso, e os sem. Dentes não foram politizados, mas o gênero sim. Você está inteiramente no seu direito de ser *stealth*, mas isso não é o mesmo que um outro procedimento médico porque esses outros não foram politizados.

Unbanshee: Pra mim é a mesma coisa, e pra uma grande parte da população trans, também. Claro que eu fui discriminado, e eu sei que acontece, mas isso não faz com que eu me identifique mais como trans. Pra mim, é literalmente tão estúpido como se alguém estivesse me discriminando por causa de uma cicatriz que eu tive. Tipo, tudo bem, aquela pessoa é uma idiota, essa situação foi péssima, mas agora eu vou continuar com o meu dia. É possível entender a realidade de como as pessoas trans são percebidas sem precisar internalizar ser trans como parte de sua identidade.

A réplica de Unbanshee insiste na analogia, e a estende comparando a experiência trans a uma cicatriz; e afirma que a discriminação sofrida, ainda que referente a um grupo identitário, não lhe impõe tal identidade. Notamos aqui um outro duplo vínculo: um modelo transexual que parte da autoidentificação de gênero para negar que a condição trans seja uma identidade, mesma visão oferecida por Prosser (1998); e um modelo transgênero que parte da negação do gênero mas estabelece essa posição enquanto identidade – como proposto por Bornstein (1994).

Com efeito, Roen (2001) aponta que os projetos identitários *queer* buscam desestabilizar as categorias homem, mulher e trans, enquanto a perspectiva transexual objetiva a aceitação desses sujeitos homens ou mulheres (ROEN, 2001, p. 503). Ambos os paradigmas apresentam visões distintas a respeito da necessidade de envolver o saber médico em suas transições. No *Reddit*, de forma geral, parece haver falta de separação entre tratamento clínico e patologização; notamos depoimentos que demonstram o temor de que qualquer perturbação à normatividade possa interromper os tratamentos oferecidos às pessoas trans. Assim, a patologização é um preço a pagar pela invisibilidade.

No entanto, a medicalização é também um aparelho que provoca hierarquias e normatiza certas narrativas ao custo de outras. Como indica Butler (2004), o sistema médico patologiza a transexualidade ao assumir a linguagem da correção, adaptação e normalização de que algo deu errado e precisa ser consertado. Além disso, se apresenta através de “um diagnóstico que tem sido aplicado a pessoas contra sua vontade, e que tem efetivamente violado os desejos de muitas delas, especialmente a juventude *queer* e trans<sup>188</sup>” (BUTLER, 2004, p. 77, tradução nossa). Esse viés, percebemos, é particularmente nocivo às pessoas não-binárias.

---

<sup>188</sup> “It is a diagnosis that has been given to people against their will, and it is a diagnosis that has effectively broken the will of many people, especially queer and trans youth.”

Da mesma forma, Bento e Pelúcio (2012) apontam que as diretrizes que guiam os saberes médicos são estabelecidas socialmente, portanto, em nível de dispositivo: “Não existe um só átomo de neutralidade nesses códigos. Estamos diante de um poderoso discurso que tem como finalidade manter os gêneros e as práticas eróticas prisioneiras à diferença sexual” (BENTO; PELÚCIO, 2012, p. 579). O sistema atua não somente na mediação de tecnologias clínicas, mas através da valorização de epistemologias psicanalíticas que podem falhar em compreender a multiplicidade de subjetividades trans em seu arcabouço teórico. Preciado ressalta que o acontecimento transgênero coloca em xeque o edifício psicanalítico, que precisa ser reavaliado à luz das descobertas que emergem das experiências e testemunhos das pessoas trans:

A psicanálise freudiana começou a funcionar, no final do século XIX, como uma tecnologia de gestão do aparelho psíquico confinada à epistemologia patriarcal e colonial da diferença sexual. Não há tentativa na psicanálise freudiana de superar essa epistemologia, mas sim de inventar uma tecnologia, um conjunto de práticas discursivas e terapêuticas que permitam normalizar as posições de “homem” e de “mulher”, e suas identificações sexuais e coloniais dominantes e desviantes. [...] Continuar praticando a psicanálise utilizando a noção de diferença sexual, e com instrumentos críticos como o complexo de Édipo, seria hoje tão aberrante como pretender continuar navegando pelo universo com um mapa geocêntrico ptolomaico, ou negando as mudanças climáticas, ou afirmando que a Terra é plana (PRECIADO, 2019b).

Se as perspectivas políticas entre visíveis e invisíveis parecem irreconciliáveis, Wilchins (2002) sugere uma abordagem que retira o campo de disputas da equação. Para a autora, um paradigma trans que parta de uma identidade organizada através da transgressão de gênero é falível e suspeito. Esse enquadramento fatalmente vai causar debates sobre quais pessoas trans têm mais valor – o que gera hierarquizações em um grupo já marginalizado (WILCHINS, 2002, p. 59). Esse viés também é informado por Roen (2001), que percebe uma transnormatividade específica que indica a transgressão como mais moderna, radical, excitante, e politicamente meritória do que “passar” (ROEN, 2001, p. 503; 508). Sendo assim, Wilchins propõe que nenhum movimento político deva ser baseado em identidades, e que o ativismo trans precisa abandonar o gênero e basear suas reivindicações em um enquadramento interseccional de direitos humanos: “Nunca é só sobre o gênero; é sempre sobre gênero e orientação sexual, ou gênero e raça, ou gênero e idade, ou gênero e classe social. Então sempre que houver um muro, nós devemos estar com aqueles do lado de fora

dele”<sup>189</sup> (WILCHINS, 2002, p. 296, tradução nossa). Esse ponto de vista, ao conferir maior granularidade às experiências trans, traz semelhanças a alguns comentários no *post* sobre in/visibilidade de homens trans – ao apontar que essas questões não devem ser analisadas como dicotomias.

GameTumbler: [...] Eu só quero lembrar que há uma enorme área cinzenta entre ‘visível’ e ‘invisível’, e quase todos os homens trans que eu conheço vivem nesse espaço, eu incluso.

Eu passo como um homem cis ligeiramente não-convencional a maior parte do tempo, e eu não me esforço em esclarecer que não sou cis. Isso não quer dizer que eu seja invisível. Eu sou abertamente trans para meus amigos próximos, meus médicos, parceiros românticos ou qualquer pessoa que realmente precise saber. Eu tenho muitos amigos e familiares que me conhecem desde antes da transição, e embora eu ache que eles tenham boas maneiras o suficiente para não sair por aí falando da minha história de gênero nas minhas costas, também não é um segredo profundo e ansioso.

AirMongoose: Sim, esse é o espaço que eu habito. Muitas pessoas na minha vida sabem, e eu não me importo nem um pouco de contar para as pessoas em que eu confio. Mas eu não vou sair do meu caminho, nem criar problemas para mim mesma, contando para pessoas transfóbicas, e arriscar perder meu emprego ou trabalho. Eu já cometi esse erro no passado.

CornyBloodElf: Eu poderia ser invisível quando eu quisesse. Já estou há mais de quatro anos na terapia hormonal, passo perfeitamente sem maquiagem e mesmo com roupas andróginas [...] Eu não tenho nenhum desejo de viver *stealth*, no entanto; a maioria dos meus amigos são algum tipo de *queer* e eu não quero atravessar o esforço emocional de esconder segredos [...] Eu não sou 100% ‘visível e orgulhosa’, no sentido de que ativamente busco trazer esse fato à tona, mas se eu faço algum amigo próximo novo, ou se os direitos das pessoas trans surgem em uma conversa, eu não escondo minhas experiências.

Nesses três depoimentos, observamos que as narrativas de visibilidade não são, necessariamente, oposicionais. Roen (2002) sugere que a polarização é causada pelo enquadramento de “passar” como o caminho politicamente incorreto das mentiras e negações de si, e questiona: “o que [esse paradigma] diz sobre pessoas transexuais que passam seletivamente, gerenciando cuidadosamente suas identidades masculinas, femininas e trans?”<sup>190</sup> (ROEN, 2001, p. 508, tradução nossa). A autora ainda indica que promover a diversidade não interfere nas desigualdades provenientes da discriminação e do preconceito, e que a opressão baseada no gênero não desaparece através da mera proliferação desses gêneros (ROEN, 2002, p. 510). Dessa forma, julgamos que há potencial exploratório na

<sup>189</sup> “So that it’s never just about gender, and always about gender and sexual orientation or gender and race or gender and age or gender and class. So that whenever there’s a wall, we should be with those outside of it.”

<sup>190</sup> “[If passing is cast as politically incorrect - as the path of lies and self-denial] What does this say about transsexuals who pass selectively, carefully managing their male, female, and trans identities?”

evolução e na separação entre as bases que oportunizam a formação dos *trans studies* e seu desenvolvimento enquanto projeto político transgênero (como ressaltamos em Stone, 2014; Bornstein, 1994; Feinberg, 1992; entre outros).

Se não percebemos pontos de contato suficientes para que um consenso seja alcançado nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, notamos que as invisibilidades produzem reações recorrentes, como admiração e, por vezes, inveja; já as visibilidades podem criar temores dos efeitos de discriminação e preconceito e de uma irrealização de si – mas também são amplamente vistas como as mais inspiradoras. Exemplificamos estes casos em um tópico no TransBR, de 11/10/2019, onde NimbleTea divulga a entrevista que deu a um jornal acadêmico. A autora, que é professora universitária e afirma a identidade travesti, adiciona ao título de seu *post* uma citação de si: “A genitália não define o meu gênero”. Os comentários ressaltam a importância política de sua postura e a contribuição, social e pessoal da visibilidade.

Jao99: Você virou minha heroína!!! Eu passei esse tempo todo com medo de que se eu fizesse a transição não poderia continuar na vida de docente. Já havia até largado mão desse sonho. Confesso que eu achava que só teria futuro com profissões que fossem mais “descoladinhas” ou que não tivessem muito contato direto com clientes e tal (atualmente eu sou designer e já fui tatuadora um tempo). Mas ler sua entrevista me enche de orgulho e de esperança! Parabéns pela sua jornada e muito obrigado por compartilhar ela conosco.

DanceRock: Parabéns! Posso dizer de boca cheia que você é uma baita inspiração para mim como professora, acadêmica e mulher!

Mandix: A sua história é inspiradora pra mim e me deixa extremamente feliz em saber que existam pessoas Trans no meio acadêmico. Eu sou estudante de doutorado em engenharia de computação e espero seguir a carreira de professora. A um tempo atrás parecia algo impossível pra mim ser Trans e ser aceita no meio acadêmico. Lendo a sua história e até mesmo observando melhor o mundo ao meu redor, vejo que isso era coisa da minha cabeça. Claro, dificuldade e preconceito sempre irão existir. Muito obrigado por compartilhar a sua história.

NanaAnana: Que lindo, parabéns! Me identifiquei muito com esse trecho: ‘As pessoas me viam como alguém inacessível, agora me sinto mais próxima de todo mundo’. Também me sinto uma pessoa muito mais aberta, é incrível o que ser uma pessoa completa pode fazer com a gente.

Nesse subcapítulo, procuramos ressaltar como a visibilidade das variações de gênero é percebida de formas contrastantes. Apesar de a identidade transgênero ser usada pela grande maioria dos públicos trans do *Reddit*, não ocorre o alinhamento uniforme à visão política que os autores dos *trans studies* firmaram para este projeto identitário. Se Stone



(2014), Bornstein (1994) e Feinberg (1992), entre outros, definiram transgênero como pós-transsexual – sujeito visível, liberto do enquadramento patologizante, e combatente às normatividades –, as comunidades de pessoas trans do *Reddit* demonstram resistências a essa perspectiva. Por outro lado, também notamos que, em nossa imersão nos *trans studies*, muitos dos acionamentos da invisibilidade que surgem no *Reddit* não são considerados, inclusive o desejo, e mesmo um direito à existência invisível. De fato, muitos usuários do *AskTransgender* afirmam que mesmo em uma sociedade que acolhesse de forma irrestrita e oferecesse segurança às pessoas trans, a invisibilidade seria seu objetivo. Embora compreendamos que a visibilidade acarreta efeitos sociais positivos, e mesmo fundamentais, ponderamos que a hierarquização, e mesmo uma transnormatividade informada por essa visibilidade, precisa ser analisada com cautela.

### 4.3 Recorrência #3: banheiros

Na máquina-capital-heterossexual não se desperdiça nada. Ao contrário, cada momento de expulsão de um dejetivo orgânico serve como ocasião para reproduzir o gênero. As inofensivas máquinas que comem nossa merda são em realidade normativas próteses de gênero. (PRECIADO, 2019c, documento eletrônico).

Isso deixando de lado inteiramente, por um momento, a raiva que me dá escrever sobre essas coisas – beber água e mijá-la – como se não fossem os tipos de liberdades *mais* básicas, como se mesmo prisioneiros políticos, aqui e no exterior, não tivessem mais e melhor liberdade de beber água e mijá-la do que a maioria das pessoas trans que eu conheço tem, ou tiveram em algum estágio<sup>191</sup> (BERGMAN, 2006, p. 30, tradução nossa, ênfase no original).

Como procuramos ressaltar, as discussões nos fóruns de temática trans do *Reddit* acerca dos desejos e resistências sobre “passar” e das políticas e riscos da in/visibilidade são debates que produzem consequências práticas e subjetivas aos seus sujeitos. Um dos efeitos mais imediatos e controversos que emergem desses dispositivos é a transformação dos banheiros públicos em um território de disputas e regulação social. O reforço das normatividades, ao invalidar e desumanizar as identidades trans, resulta em controles de significado, mas também fisiológicos, sobre esses corpos. De fato, os conflitos que despontam – especialmente nas objeções públicas ao uso de banheiros femininos por

<sup>191</sup> “This is leaving aside entirely, for the moment, how angry it makes me to write about these things – drinking water, and pissing it out – as though they were not the *most* basic kinds of freedom, as though even political prisoners both here and abroad didn't have more and better freedom to drink water and piss it out than most of the transfolk I know do, or did at some stage.”

mulheres trans visíveis – vêm a indicar que esses espaços, mais do que meramente funcionais, são usados como um dos operadores que alicerçam o cissexismo binário compulsório. Como afirma Preciado (2019a), o banheiro, mais do que espaço para as necessidades biológicas, é uma das mais discretas e efetivas tecnologias de gênero.

Considerados uma espécie de santuário que o gênero oposto não deve jamais invadir, os banheiros públicos (notadamente em instituições de ensino, empresas, restaurantes e *shopping centers*) revelam mecanismos estruturantes da sexopolítica que governam os corpos a partir de uma premissa visual.

A compreensão dos banheiros como cabines de vigilância de gênero precede a teoria *queer* e os *trans studies*. Connell (2011), ao pesquisar o histórico desse mecanismo, indica que Goffman, desde 1963, entende o banheiro como um componente significativo do sistema de hábitos que sustenta as crenças da naturalidade e da inevitabilidade do gênero. De forma análoga, Lorber, em 1993, também denuncia o local como engrenagem do sistema institucional normativo que sustenta o (falso) binário entre homens e mulheres (CONNELL, 2011, p. 176).

Com efeito, a gênero-divergência vem evidenciar as normas que regulamentam o uso dos banheiros. Embora esses espaços procurem enfatizar uma correspondência “natural” entre sexo, genitália e identidade, são as características sexuais secundárias (a aparência externa, visível e apreensível), e não as primárias (órgãos sexuais encobertos, mas subentendidos), que indicam quais tipos de pessoas podem acessá-los. Percebemos, portanto, que os banheiros públicos revelam o fato de que todos, em sociedade, estão submetidos às práticas e obrigações de “passar” – e não só as pessoas trans.

Preciado (2019c) assinala que esses locais, embora procurem indicar um ordenamento “normal” entre os corpos, são, em verdade, células públicas de inspeção, onde se avalia a adequação de cada corpo aos códigos vigentes de masculinidade e feminilidade. Esta visão é corroborada por Halberstam (1998b) ao lembrar que mulheres cis também são barradas em banheiros femininos quando sua expressão de gênero não corresponde ao estereótipo normativo. Tais restrições, que obrigam uma performatividade específica da categoria “mulher”, ficam ainda mais explícitas diante de identidades gênero-variantes.

Não-homem e não-mulher, o usuário gênero-ambíguo desse banheiro [feminino] também não é andrógino ou intermediário; essa pessoa é gênero-desviante. [...] E uma mulher biológica cuja expressão é *butch*, que passa como homem em algumas circunstâncias e é lida como *butch* em outras, e não se considera uma mulher, mas mantém distância da categoria ‘homem’? Para tal sujeito, a identidade pode ser melhor descrita como um

processo com múltiplos locais para tornar-se e ser. Para entender tal processo, nós precisamos fazer mais do que mapear as jornadas psíquicas e físicas entre homem e mulher, e dentro dos espaços *queer* e hetero; nós precisamos, de fato, pensar em termos fractais e sobre geometrias de gênero.<sup>192</sup> (HALBERSTAM, 1998b, p. 21, tradução nossa).

Não é apenas o aspecto social amplo e compulsório de “passar” que é explicitado pelos banheiros. Eles também informam construtos sexistas que ordenam papéis e permissividades de gênero. Através da *butch* que “passa” por homem, e tem seu acesso ao banheiro feminino questionado, Halberstam (1998b) aponta que, nesses espaços, as mulheres femininas policiam as mulheres masculinas – ou seja, a regulação da normatividade cissexista age através das identidades femininas que subjuga.

O banheiro masculino, no entanto, é mais propenso a formar potencialidades sexuais do que repressão de gênero. O local constitui ao mesmo tempo uma arquitetura de vigilância e uma incitação ao desejo, um espaço de interação homosocial e de interação homoerótica (HALBERSTAM, 1998b, p. 24). A diferença arquitetônica entre os banheiros masculino e feminino, então, é mais do que adequação aos corpos, é uma prótese de gênero, que produz e fixa diferenças culturais através de funções biológicas. No banheiro feminino, como sinaliza Preciado (2019a), os espelhos funcionam como “um mini-panóptico no qual as mulheres vigiam coletivamente seu grau de feminilidade heterossexual”; e as anatomias devem ser protegidas pelo reservado das cabines. Já no banheiro masculino, é a genitália exposta que provoca a asserção identitária, uma vez que “mijar-de-pé-entre-homens é uma atividade cultural que gera vínculos de sociabilidade compartilhados por todos aqueles que, ao fazê-lo publicamente, são reconhecidos como homens” (PRECIADO, 2019c, documento eletrônico).

Dessa forma, observamos que a controvérsia dos banheiros é fundada em uma perspectiva falocêntrica da cultura operada pela sexopolítica; um sistema que, ao ressaltar a necessidade de proteção das mulheres diante da ameaça do pênis, forma uma dualidade irregular entre um gênero privado e discretamente repressivo, feminino, e um sexo público e abertamente sensualizado, o masculino (HALBERSTAM, 1998b, p. 25).

A partir dessa perspectiva, os corpos que fogem à normatividade têm seus sentidos apreendidos e imobilizados: no banheiro feminino, mais do que a presença de características

---

<sup>192</sup> “Not-man and not-woman, the gender-ambiguous bathroom user is also not androgynous or in-between; this person is gender deviant. [...] What of a biological female who presents as butch, passes as male in some circumstances and reads as butch in others, and considers herself not to be a woman but maintains distance from the category ‘man’? For such a subject, identity might best be described as process with multiple sites for becoming and being. To understand such a process, we would need to do more than map psychic and physical journeys between male and female and within queer and straight space; we would need, in fact, to think in fractal terms and about gender geometries.”

masculinas, é a falha em performativizar a categoria “mulher”, de maneira imediata e inquestionável, que gera a desconfiança anatômica e identitária. Assim, inferimos que o acesso ao local é franqueado às pessoas de qualquer anatomia, mas que irrefutavelmente acentuam, na expressão e na apresentação de gênero, não a presença de uma vagina, mas a negação da posse de um falo – requisito que, descumprido, significa uma violência em potencial.

Já nos banheiros masculinos, é o fracasso em evidenciar a presença do falo, simbólica ou literal, que pode acarretar atos de hostilidade. Por deslindar as maquinações cissexistas e as incorreções ideologizadas da normatividade binária, Halberstam aponta que o banheiro representa a desintegração do edifício do gênero na contemporaneidade (HALBERSTAM, 1998b, p. 24).

Diante das reivindicações e resistências das pessoas trans frente aos obstáculos de admissão aos banheiros públicos, estes se revelam como espaços de vigilância institucional. Como aponta Beauchamp (2019), a regulação dos banheiros é apresentada como uma questão de segurança pública quando, na realidade, monitora a normatividade do gênero. O escrutínio racionalizado dos corpos permite que conceitos vagos e abrangentes como “o público em geral” e “segurança” permaneçam sem questionamento, tomados como senso comum, mas operados pela normatividade. Sendo assim, as identidades compreendidas como invasoras são desassociadas discursivamente das populações a que alegadamente apresentam risco. “A vigilância dos banheiros públicos ajuda a produzir ideais de boa cidadania, e determina seus parâmetros ao delimitar o acesso ao espaço público<sup>193</sup> (BEAUCHAMP, 2019, p. 81, tradução nossa).

A estratégia de desumanização busca representar pessoas trans como impostores perpetrando uma fraude perigosa a mulheres e crianças, acionando um pânico social – um ato naturalizado de segregação que, para Beauchamp, é similar ao racismo e à xenofobia, uma vez que operam sob a pretensa de proteger os “valores da família” e a segurança (cultural ou literal) da pátria. Dessa forma, mais do que ameaçar as estruturas do sistema sexo/gênero, as pessoas trans são usadas como subterfúgio para as regulações cis-heteronormativas dos banheiros, que procuram delimitar a cidadania através da criação e das respostas a ansiedades de gênero e sexualidade (BEAUCHAMP, 2019, p. 91).

Para as pessoas trans, as possibilidades de uso dos banheiros públicos alternam-se entre proibidas, desumanizantes e potencialmente perigosas. Às pessoas transfemininas é

---

<sup>193</sup> “[In this way] surveillance of public bathrooms helps produce ideals of good citizenship and determine the parameters of citizenship by delimiting access to public space.”

vedado o acesso ao banheiro feminino, nas bases de que falham em aparentar a pretensa normalidade entre sexo e gênero e, portanto, configuram um possível agressor sexual. Ao mesmo tempo, também lhes é impedido o uso do banheiro masculino, uma vez que, ao serem percebidas como gênero-divergentes, estão expostas às discriminações que acarretam riscos de agressão verbal, física e sexual.

Da mesma forma, às pessoas transmasculinas é vedado o uso do banheiro masculino porque, se percebidos como gênero-divergentes, estão expostos às violências consequentes dos preconceitos; mas também lhes é proibido o uso do banheiro feminino, pois sua aparência masculina representa invasão e as caracterizam como possíveis agressoras sexuais.

Assim, pessoas trans não podem ocupar banheiros nem femininos nem masculinos – e as tentativas de coexistência são enquadradas como uma ameaça à segurança pública.

Erickson-Schroth e Jacobs (2017) definem os argumentos contra o acesso das pessoas trans aos banheiros do seu respectivo gênero como uma questão cis-machista. Mais do que envolver sujeitos gênero-divergentes marginalizados, o cerne da disputa é a segurança de mulheres cis contra ataques sexuais de homens cis (ERICKSON-SCHROTH; JACOBS, 2017, p. 93). Para as autoras, este é o efeito de um mito comum a respeito de mulheres trans: a de que são predadoras sexuais em potencial, e fazem a transição motivadas pela busca de uma gratificação sexual abjeta em obscenidades e violências contra mulheres cis e crianças. Já em relação aos homens trans, o mito é de que fazem a transição para ter acesso aos privilégios masculinos da sociedade patriarcal e sexista. No entanto, muitos deles experimentam ansiedade ao usar o banheiro masculino, ou não o usam, por temer reações negativas caso descobertos em sua condição trans (ERICKSON-SCHROTH; JACOBS, 2017, p. 91).

De fato, o que ocorre na prática é o oposto do que ocasiona o pânico social propagado pelas regulações dos banheiros: “apesar de serem caracterizadas como perigosas, geralmente são as pessoas trans as vítimas de agressões verbais e ataques físicos ao tentar usar banheiros públicos”<sup>194</sup> (SCHUSTER; REISNER; ONORATO, et al., 2016, p. 101, tradução nossa). Essa contradição entre a construção de tabus da normatividade e o que se observa na realidade é levantada em discussões no *AskTransgender* – como exemplificado em tópico de 20/04/2019:

Classhopper: Ando pensando sobre isso. Já aconteceu de pessoas discutirem abertamente meus genitais e meu corpo, me chamarem por insultos e

<sup>194</sup> “Although transgender people have been characterized as dangerous, it is transgender people who have generally been the victims of verbal harassment and physical assaults when trying to use public bathrooms.”

palavrões, e literalmente gritarem comigo – e eu pessoalmente nunca molestei ninguém num banheiro, exceto por existir como pessoa trans.

StormJuniper: Em outubro passado, num banheiro, eu fui empurrada contra a parede, cuspiram em mim, e me chamaram de “viado transexual”. Eu nunca empurrei, cuspi ou chamei alguém de “viado transexual” antes, que dirá num banheiro. Então é 1 e 0 na minha contagem.

MudWasp: A melhor parte deste argumento é que, em geral, ele nem mesmo é sobre pessoas trans... é sobre homens cis se passando por trans. Ou seja, estamos sofrendo punição pela possibilidade de um comportamento nojento que se espera de homens cis.

A resposta de StormJuniper, transfeminina, manifesta uma experiência de agressão ao usar o banheiro masculino. Em outro comentário no mesmo *post* ela narra que, ao entrar no local, se deparou com um homem lavando as mãos; “Ele se virou pra mim e primeiro pareceu chocado, mas o olhar de choque se transformou em nojo”. Em seguida, o homem desferiu o ataque testemunhado acima. Ela também confirma ter evitado o banheiro feminino por não “passar” – ou seja, ao evitar ser percebida como um agressor no espaço feminino, sofreu agressão no masculino, indicando que nenhum dos espaços lhe oferece segurança ou reconhece os direitos. Também notável é a contribuição de MudWasp à discussão: ao opinar que os riscos dos preconceitos se transformam em ônus que recaem sobre as vítimas, a usuária demonstra um acionamento do sexismo misógino que, através de um leque de situações análogas, busca culpar as vítimas do próprio sistema. Esse duplo vínculo é expandido pelo usuário Flamingoal, que analisa a controvérsia através da macropolítica:

Flamingoal: A tática mais comum da direita é acusar a oposição de vários comportamentos asininos, enquanto eles próprios colocam estes comportamentos em prática. Outro método comum é usar o outro como bode expiatório e tática de distração.

O depoimento de PoshNestling, em *post* de 24/01/2020, também remete a este viés. Enquanto Flamingoal coloca a questão como um embate entre conservadores e progressistas, ela reivindica sua cidadania frente à política normativa e discriminatória, e incentiva a resistência ativa como ferramenta de retaliação contra os segmentos antitrans – que, em seu texto, são caracterizados pelo desrespeito aos seus pronomes (logo, à sua identidade):

PoshNestling: Eu sou uma mulher trans que não passa e não tem esperança de passar, mas nos últimos cinco anos eu nunca usei nenhum banheiro que não o das mulheres [...] porque eu estou exercendo meu direito legal de usar espaços femininos. Passando ou não, eu sou legalmente mulher (está escrito na minha carteira de motorista) e, até então, a única maneira que tenho de retaliar contra pessoas que me chamam pelos pronomes errados é de ir

muito visivelmente, na frente deles, aos banheiros femininos. Então o resumo é que se você não passa, mas é uma mulher de qualquer jeito (e especialmente se fez a cirurgia transgenital), você não deve abrir mão de usar espaços femininos de forma deliberada e proposital.

No comentário acima, a usuária expõe a contradição entre possuir documentos que comprovam seu gênero e ainda assim ser questionada ao usar o banheiro correspondente. A identidade é socialmente questionada porque seu sujeito falha em performativizar corretamente o grau de estereótipo necessário para ter acesso ao espaço regulado. Na ressalva de que o direito de uso do banheiro feminino é aplicável à mulher trans “*especialmente se fez a cirurgia transgenital*” (grifo nosso), PoshNestling ainda exprime a percepção de que há graus de cidadania variáveis, que correspondem a um espectro de transgressões, ordenando uma hierarquia entre sujeitos que pertencem e aqueles que, em maior ou menor intensidade, precisam resistir.

Ora, se o risco de agressão sexual masculina se dá a partir da presença de um pênis, sua ausência, então, interromperia a acusação de risco; com efeito, deveria colocar a vagina presente sob a mesma proteção que a regulação afirma oferecer às mulheres cis. Em que pesem leituras como essa estarem presentes na comunidade, isso não parece ocorrer na realidade. Como demonstramos, o risco de violência sexual tem pouco a ver com genitália real. Em verdade, a suposição da anatomia é usada como subterfúgio para encobrir os banheiros enquanto mecanismos de vigilância sexopolítica cis-binária. Bettcher (2014b) define esse mecanismo como sexo/genitália moral: um sistema em que a apresentação pública de gênero denota a genitália percebida pelo senso comum como correspondente. Dessa forma, pessoas trans que realizaram a cirurgia genital mas não “passam”, também estão sujeitas à coerção dos direitos que a anatomia teria que lhes dar; no entanto, a genitália moral se sobrepõe à real, o que pode provocar deslegitimações identitárias transfóbicas (BETTCHER, 2014b, p. 392-393).

Em seu comentário, MudWasp aponta que as mulheres trans são punidas por um comportamento potencial que se assume dos homens cis. Esse acionamento sexista também influencia a avaliação de riscos praticada pelas pessoas trans ao se depararem com as urgências fisiológicas. Em que pese o banheiro feminino ser o território sob maior vigilância, ele também pode ser percebido como a alternativa mais segura. É o que observamos nos depoimentos de dois homens trans no *AskTransgender* em 24/01/20 e 03/08/19, respectivamente:

TrainedStork: Eu sou um homem trans, na faixa dos 30 anos, sem hormônios, não fiz mastectomia, tenho menos de 1m52cm. Eu sou lido regularmente como um menino adolescente. Eu já fiz mulheres se sentirem visivelmente desconfortáveis, mas eu absolutamente não me sinto seguro de ir ao banheiro masculino. Por causa disso eu faço questão de me mostrar como não-ameaçador. Eu tiro meu boné se estiver usando, eu sorrio gentilmente sem fazer muito contato visual; se eu tiver oportunidade eu falo, porque minha voz não passa como masculina, então eu digo algo que mulheres diriam, como mencionar que eu gosto da cor do cachecol ou algo assim. Eu tento me incluir no “clube” delas (ainda que eu saiba que na verdade, eu não pertencço a ele). Se essa situação faz com que eu me sinta um lixo, ao menos elas se sentem seguras, e eu fico seguro.

Bambinosaur: Enquanto homem trans, eu frequentemente uso o banheiro das mulheres por esta razão [de segurança]. Eu não passo, de jeito nenhum. É simplesmente mais seguro. Uma mulher vai gritar com você ou olhar de forma desaprovadora, ou mesmo reclamar para a gerência do local, mas ela não vai agredir você. A menos que haja um banheiro unissex, ou eu saiba que estarei seguro no banheiro masculino, eu uso o feminino.

TrainedStork e Bambinosaur demonstram desconforto ao usar o banheiro feminino, mas admitem fazê-lo por questão de segurança – um risco tão significativo que acaba por suplantar a identidade de gênero ou uma reivindicação cidadã. O primeiro também salienta estratégias performativas mobilizadas caso encontre outra pessoa no banheiro feminino: para não ser lido como homem e invasor, o usuário elenca uma série de signos que buscam suavizar uma potencial ansiedade de gênero. Os comentários abaixo, de Spreest e Croccultist, transfemininas, em 03/08/19, corroboram que a escolha do banheiro se dá através do risco da violência machista:

Spreest: Quando eu ainda estava no entre-fases [de gênero], [...] eu usei o banheiro masculino pela última vez. Eu fui lá porque não sabia onde me encaixaria [...]. Fui recebida com muitos olhares duros e agressivos, e ameaça latente de violência.

Ao voltar do banheiro, relatei o ocorrido para minha amiga, e ela respondeu: ‘Por que você fez isso? Não se coloque em situações de risco. Use o banheiro feminino. É o lugar a que você pertence’.

Desde então, eu uso exclusivamente o banheiro feminino ou unissex. E eu nunca fui incomodada por uma mulher por estar no banheiro feminino. Eu escolhi a possibilidade de um incômodo ao invés de possível violência física.

Croccultist: Eu encorajo todos que se apresentam claramente como mulheres a usar o banheiro feminino. No meu ponto de vista, a maioria das mulheres não vai ser violenta se elas não aprovam a sua existência. Elas podem gritar e ser péssimas, mas a probabilidade de agressão física é menor.

A partir desses depoimentos, em que homens trans e mulheres trans julgam o espaço feminino como mais seguro, poderíamos especular que os banheiros são divididos não por



gêneros binários, mas entre potenciais agressores e possíveis vítimas. No entanto, esse viés é insuficiente porque pressupõe que um dos espaços seja seguro e estável; uma suposição que não se confirma, com ênfase, nos questionamentos e impedimentos de uso do banheiro feminino. Como exemplos, em *post* de 20/04/2019, Classhopper, transfeminina, conta que sua presença foi questionada verbalmente; já Armadillo e FuzzySwan demonstram como esses obstáculos podem criar sentidos múltiplos e complexos, uma vez que a interpelação de sua presença promoveu a validação da identidade de gênero.

Classhopper: Eu me lembro de um incidente em particular, quando eu estava na cabine [do banheiro feminino] e alguém do lado de fora ficou gritando pra mim coisas como “Você acha legal estar aqui? Está se divertindo brincando de faz de conta?”. Como se eu estivesse tendo algum tipo de prazer nisso.

Armadillo: Eu sou [um homem trans] pré-transição mas já gritaram comigo num banheiro feminino. Minha voz é andrógina, então eu não tinha certeza que poderia me “provar” [como mulher] pra ela. Nunca mais usei o feminino.

FuzzySwan: Eu sou tecnicamente um homem trans (mas me identifico simplesmente como homem hoje em dia) e quando eu estava nos estágios iniciais da transição, uma senhora de idade me expulsou do banheiro feminino por estar no banheiro errado. Eu não achava que passava naquela época, e estava no banheiro para vestir o uniforme do trabalho (numa cabine). Era estranho, naquele período, não saber qual banheiro era *ok* usar. O caso foi incrível, mas não divertido. Depois disso, eu tive que rapidamente passar a usar o banheiro masculino por medo de mulheres me agredirem, ainda que não tivesse legalmente mudado meu nome, etc.

Como notamos nos depoimentos de Armadillo e FuzzySwan, ser contestado ao usar um determinado banheiro também pode indicar a alteração de um corpo que já não informa o gênero designado no nascimento. Os deslocamentos da transição, no entanto, não comunicam, necessária e/ou imediatamente um local binário, e as mudanças podem ser difíceis de reconhecer diante do espelho (como no agenciamento de “passar para si”, que demonstra a dificuldade em atualizar a consciência da própria imagem e saber que gênero está sendo revelado em público). A dúvida sobre qual banheiro é o mais adequado ao uso, então, pode evidenciar uma desarticulação subjetiva entre identidade e expressão de gênero – indicando corpos que atravessam espaços de gênero de formas desiguais entre a percepção de si e a percepção social. Os comentários a seguir, de 24/01/2020 e 09/09/2019, respectivamente, dão mostras desses efeitos:

Wizart: Minha mulher? Ela está no começo da transição, e atualmente está no processo de passar a usar o banheiro feminino. Quando ela está no

masculino e algum homem entra e a vê, a maioria sai correndo do banheiro. Ela está meio que se divertindo com isso, e nós rimos bastante da situação.

MagmaPan: Eu [transfeminina] só troquei de banheiro quando a recepcionista do hospital que eu visitava regularmente me contou que havia recebido duas reclamações sobre uma mulher usando o banheiro masculino (ou seja, eu).

TimeCat: Eu sou não-binário, ainda tenho seios enormes, mas também tenho um corte de cabelo masculino e pelos faciais. Eu estou começando a receber olhares no banheiro feminino, mas também estou com medo de usar o banheiro masculino.

Em certos casos, como notamos, uma pessoa trans pode iniciar o uso do banheiro correto quando pessoas cis questionam sua presença no espaço oposto. No *Reddit*, esses casos servem como uma espécie de rito de passagem: quando o banheiro do gênero designado no nascimento se torna um risco, ou tem seu acesso questionado ou impedido, o reforço para usar o banheiro correto é celebrado. Um dos *posts* melhor votados do *AskTransgender* no tema dos banheiros, escrito pela usuária Blazebrá em 07/02/2018, é sobre um desses eventos. O texto demonstra uma dupla validação: o ato de ser percebida no gênero correto mesmo ao se apresentar publicamente usando características do gênero designado no nascimento, e o fato de que o banheiro desse gênero designado passa a ser proibido.

Blazebrá: Meu Deus, finalmente aconteceu! Eu fui expulsa do banheiro masculino!

(14 meses de terapia hormonal)

Eu estava vestida com roupas masculinas e sem maquiagem, e como não queria arranjar problemas, eu decidi usar o banheiro masculino.

Eu estava entrando quando alguém me chamou, “Ei, Ei! Você está entrando no banheiro errado! Esse é o banheiro masculino!”

Ele me deu um olhar do tipo - sua menina boba.

Uau, esse é o melhor sentimento de todos. Eu apenas sorri e disse obrigada e fui ao banheiro feminino, mas ele não tem ideia do que fez por mim.

MagicalPalm: Eu passei a usar o banheiro feminino quando homens ao entrar no banheiro masculino, e me ver lá dentro, voltavam pra checar a placa na porta.

ShortP: [Passei a usar o banheiro masculino] na primeira vez que alguém questionou o que eu estava fazendo no banheiro feminino.

Os comentários de MagicalPalm e ShortP, em *post* de 24/01/20, também exemplificam o momento em que o alerta vem como constatação de “passar” e franqueia o uso do espaço correto. Nessas situações, o uso do banheiro vem pela conquista do privilégio cissexista condicional. No entanto, em outros casos, o efeito pode ser de confusão e sinais contraditórios, quando ocorre resistência em ambos os banheiros – como vemos no

depoimento de Cal, transfeminina, em 20/04/2019, e nas ansiedades de Aggrobot, também transfeminina, em 03/08/2019:

Cal: Funcionários já me pediram para sair do banheiro feminino; enquanto isso, no banheiro masculino, os homens geralmente entram em pânico ao me ver, pensando que entraram no banheiro errado.

Aggrobot: Só recentemente eu fiquei confortável usando roupas obviamente femininas em público, e cada vez que vou a algum lugar sem banheiro unisex, eu entro no jogo assustador de ‘será que um homem vai me atacar, ou uma mulher vai brigar comigo?’

Diante das frequentes indecisões, alguns usuários optam pela reivindicação política como forma de resolver o impasse. No depoimento abaixo, encontrado em *post* de 09/09/2019, uma usuária afirma ser trans, *butch* e lésbica – representando transgressões cissexistas em série por se tratar de uma mulher trans homossexual e com expressão de gênero masculina. Na opinião da autora, demandar um direito humano e cidadão à identidade é a única forma efetiva de se posicionar contra a sexopolítica que marginaliza as gênero-divergências:

ForestGiraffe: Eu vou ir contra os comentários centrados em passar e dizer: use [o banheiro do seu gênero] quando você quiser. Eu sou uma mulher trans lésbica e *butch*, e eu não ‘passo’, mas ainda assim uso o banheiro feminino, porque é o lugar a que eu pertencço, como mulher. Se você se guiar apenas pelo que é socialmente aceitável, você nem mesmo estaria transicionando.

Esse testemunho parece esclarecer que o banheiro feminino não é um espaço para as mulheres, e sim para certos estereótipos específicos de feminilidade. A identidade *butch* – ponto de encontro e de disputas entre as teorias *queer* e os *trans studies*, analisada e descrita em profundidade por autores como Feinberg (2014 [1993]), Halberstam (1998b), H. Rubin (2003) e Bergman (2010) – mostra-se propícia para compreender os banheiros como restritas cabines de vigilância normativas. Com efeito, Halberstam pondera se a categoria “mulher”, quando usada para designar funções públicas, não está completamente antiquada – uma vez que mulheres andróginas e masculinas têm seu gênero continuamente questionado no banheiro feminino (HALBERSTAM, 1998b, p. 21). Para o autor, a pessoa *butch* é percebida como ameaçadora à segurança desses espaços por corporificar o encontro da masculinidade

feminina<sup>195</sup> com a identidade *queer*, ou seja, uma expressão de gênero que é caracterizada pelo desejo lésbico (HALBERSTAM, 1998b, p. 28).

Por estar fora dos eixos binários de sexo/gênero, a identidade *butch* salienta uma outra dicotomia: entre as pessoas cis e trans que “passam” e aquelas que não “passam” o suficiente para usar os banheiros femininos sem objeção. Nesse sentido, Bergman (2006) cogita que as objeções e interpelações no acesso a esses locais compõem uma parte fundamental da experiência trans, que é vivenciada também por pessoas cis:

Eu já ouvi o argumento de que as experiências com banheiros são a medida definitiva da experiência trans. Você já teve ansiedade, apreensão, ou problemas ao usar o banheiro que corresponde ao seu sexo designado no nascimento? Então, de alguma forma, você é trans. Essa não é a pior ideia que eu já ouvi. O banheiro é onde a *performance* de gênero encontra a percepção pública com uma pancada ressonante, uma que às vezes dói, e em outras reverbera na minha vida *butch* de maneiras inesperadas. É o local onde eu tenho de fazer uma declaração pública, e eu nunca posso ter certeza de qual irá corresponder ao que as pessoas estão esperando de mim; e as consequências de estar errado são sempre desagradáveis, porque esse é um erro tão básico. Eu estou errado no mundo, eles estão dizendo, errado por tê-los enganado, por ser um lobo entre cães e gatos, por estar assoviando na soleira da porta do gênero, e eles me farão pagar por isso enquanto estou com as calças abaixadas, se puderem.<sup>196</sup> (BERGMAN, 2006, p. 31, tradução nossa).

Seguindo Bergman, observamos como a gênero-divergência transforma as identidades que não podem ser imediatamente assimiladas como masculinas ou femininas em agressores passíveis de punição. De fato, mulheres visivelmente trans, em especial, são alvo de constrangimentos e violências ao serem percebidas usando o banheiro feminino – o que gera políticas públicas de inclusão e exclusão<sup>197</sup>, e provoca jurisprudências específicas<sup>198</sup>.

<sup>195</sup> Para Halberstam (1998b), a masculinidade feminina não é o oposto da feminilidade feminina nem uma versão feminina da masculinidade masculina. O autor rejeita os acionamentos binários da linguagem usada para descrever essas identidades, afirmando que a masculinidade feminina da lésbica *butch* produz resultados identitários múltiplos e imprevisíveis.

<sup>196</sup> “I have heard arguments made that bathroom experiences are the defining measure of trans-ness: have you ever had anxiety, apprehension, or problems using the restroom which corresponds to your assigned sex-at-birth? Then you're transgendered in some fashion. It's not the worst idea I've heard. The bathroom is where gender performance meets public perception with a resounding thwack, one that sometimes hurts and sometimes reverberates down my butch life in unexpected ways. It's where I have to make a public declaration and I can never be sure which one might match what people are expecting from me, and the consequences for being wrong are always so unpleasant, because the wrongness is so basic. I am wrong in the world, they're saying, wrong to have fooled them, to be a coyote among dogs and cats, to stand in gender's doorways and whistle, and they'll make me pay while my pants are down, if they can.”

<sup>197</sup> Correio Braziliense. *Deputado pede prisão de trans que usar banheiro de gênero que se identifica*. 2018. Disponível em <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/12/interna\\_politica,665602/deputado-pede-prisao-de-trans-que-usar-banheiro-publico.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/03/12/interna_politica,665602/deputado-pede-prisao-de-trans-que-usar-banheiro-publico.shtml)>. Acesso em 25 mar. 2019.

<sup>198</sup> G1. *Aluno transgênero poderá escolher o banheiro e o tipo de uniforme escolar*. 2015. Disponível em <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/2015/03/aluno-transgenero-podera-escolher-o-banheiro-e-o-tipo-de-uniforme-escolar.html>>. Acesso em 22 mar. 2019.

O temor da discriminação traz consequências objetivas às pessoas trans. Em pesquisa com mais de 27 mil pessoas trans nos EUA, 59% afirmaram evitar o uso de banheiros públicos; 32% já limitaram o consumo de alimentos ou bebidas para esse mesmo fim; 24% tiveram sua presença no banheiro questionada ou desafiada; e 12% sofreram agressões verbais (JAMES *et al.*, 2016).

Além dos direitos civis, as dificuldades no acesso aos banheiros afetam a saúde das populações trans por interferir em funções fisiológicas essenciais, aumentando o risco de infecções urinárias, renais, obstipação crônica e hemorroidas. Há ainda o risco de desidratação quando se evita beber água para conter a necessidade de urinar (VARELLA, 2016). Schuster et al. (2016) ainda apontam que os malefícios à saúde incluem as violências físicas e o agravamento de problemas de saúde mental – cujos efeitos são associados a aumentos de estresse, ansiedade, sintomas depressivos, transtorno de estresse pós-traumático, uso de drogas e suicídio.

Além disso, os efeitos psicológicos se dão também pelo viés institucional, em casos em que políticas empresariais, estudantis ou governamentais reforçam mitos e estigmas ao barrar as pessoas trans dos banheiros de seu gênero (SCHUSTER; REISNER; ONORATO, 2016, p. 101). Nas discussões sobre este recorte do tema no *Reddit*, observamos com clareza que a possibilidade de consequências negativas afasta muitas pessoas trans dos banheiros públicos. Como exemplo, em tópico de 19/09/2019 no *AskTransgender*, a usuária RoyalMaiden levanta essa discussão:

RoyalMaiden: Sou só eu, ou mais alguém fica tão desconfortável que tenta evitar banheiros públicos?

VainOwlet: Com certeza. Do verão de 2016 até esse verão eu não usei banheiros com gênero nenhuma vez. Eu estou no último ano do ensino médio e nunca usei nenhum dos dois gêneros de banheiro na minha escola. Banheiros são assustadores pra cacete.

VirtualSage: Eu absolutamente não uso banheiros públicos a não ser que literalmente não tenha como evitar.

DizzyApricot: Depende do lugar, e da minha percepção sobre com que gênero eu estou me parecendo. Mas às vezes, sim.

Vanillama: Já fazem uns cinco anos que eu não uso um banheiro público que não seja unissex.

Nos comentários abaixo, alguns usuários indicam efeitos práticos do impedimento de acesso aos banheiros: BubbleRose relata que fica nervosa, assustada e disfórica, assim

como WildPygmy, cuja ansiedade impede de acessar os espaços. Outra reação percebida, como apontam Fowlee e UniquePrince, é segurar a vontade de urinar – às vezes por longos períodos de tempo.

BubbleRose: Nesse momento, eu uso o banheiro unissex ou de deficientes. Essa é uma das coisas que eu realmente não gostaria de ter que lidar, porque caso não haja um banheiro unissex, ir ao masculino ou ao feminino quase me faz começar a chorar. Toda a minha disforia e medo vêm à tona, e eu congelo.

WildPygmy: Jamais [uso banheiros públicos]. Eu saio de onde estiver pra ir pra casa e usar o banheiro. Mesmo que eu tente, minha ansiedade não me deixa ir [a um banheiro público].

Fowlee: Se eu não consigo achar um banheiro unissex, eu seguro. Segurei por três horas hoje, inclusive. Minha barriga doi mas é melhor do que se submeter ao sistema ou a disforia que [ir ao banheiro do gênero oposto] causaria.

UniquePrince: Eu parei de usar banheiros públicos e na escola desde que eu tinha seis ou sete anos, e me encrenquei tanto nos banheiros dos meninos quanto no das meninas. Então dos seis aos vinte anos de idade, eu não usei nenhum banheiro público. Eu segurava por pelo menos dez horas ao dia, às vezes mais.

Nas respostas transcritas a seguir, notamos ainda outras estratégias. AuntTauren, transfeminina, indica que tem medo de usar os banheiros de ambos os gêneros, e solicita aos amigos que a acompanhem ao dos homens – ou seja, um pedido de proteção para acessar o espaço oposto à sua identidade, mas que lhe parece mais seguro. Já PerfumedFig, também transfeminina, afirma evitar tanto quanto possível mas, caso necessário, usa o masculino, por não se considerar no direito de ocupar um espaço feminino até que “passe”.

AuntTauren: Banheiros me estressam pra cacete. Eu comecei a pedir pros meus amigos homens a ir comigo nos banheiros masculinos. Eu tenho medo de usar o feminino, pois estou preocupada de ser expulsa, ou presa por invasão ou indecência.

PerfumedFig: Eu faço o meu melhor para evitá-los. Se eu preciso ir, eu tento me esgueirar em uma cabine no banheiro masculino. Eu prefiro correr perigo a me apropriar de espaços femininos, pelo menos até que eu passe bem o suficiente para não ser percebida como uma ameaça só por existir.

HappyThunder: Eu sou basicamente cis e mesmo assim não uso banheiros públicos.

Accentaur: Eu não evito [os banheiros públicos]. Estou cansado de não ter autoestima, confiança, ou de não ser eu mesmo, então eu cheguei no ponto onde eu simplesmente não dou a mínima. Eu digo ‘Foda-se, eu vou fazer isso. Eu não tô nem aí pro que as pessoas dizem’.

O depoimento de PerfumedFig contrasta com o de HappyThunder: se esse último se diz “basicamente cis” (donde se subentende, no mínimo, a aparência cis-binária adequada/normativa em “passar”, mas que pode também indicar a anatomia considerada adequada ao banheiro, através da cirurgia genital), PerfumedFig afirma não “passar” a ponto de ser considerada mulher o suficiente para usar o banheiro feminino. O efeito, no entanto, é o mesmo para ambos: nenhum usa o banheiro correspondente à identidade de gênero. Como linha de fuga nessa discussão, Accentaur, transmasculino, afirma que a exaustão que o tema lhe causa provocou a coragem para acessar o espaço que se alinha à sua identidade.

Nos comentários que atestam evitar banheiros públicos, fica subjacente o temor de reações violentas. Essas reações caracterizam os dois próximos depoimentos, encontrados no *AskTransgender*. A usuária Jollyphant, transfeminina, conta em 24/01/2020 que foi espancada em um banheiro feminino pelo namorado de uma mulher cis – e sugere que mulheres trans que não “passam” simplesmente não usem banheiros públicos que não sejam unissex.

Jollyphant: Eu passo desde o começo da transição, exceto pela voz. Eu fui arremessada contra a parede pelo namorado de uma mulher (porque ela identificou minha voz [como masculina] quanto eu respondi a pergunta de uma amiga), e apanhei a ponto de ter que ir pro hospital.

Eu sei que muitas pessoas acham que devem usar os banheiros do seu gênero, etc. Mas se você é uma mulher trans que não passa, eu realmente evitaria fazê-lo. Honestamente, segure [a vontade de urinar] e tente encontrar um banheiro unisex. Basta um ignorante para causar dano irreversível. E em muitos lugares, a polícia não vai fazer nada pra intervir ou te ajudar. Pelo contrário, eles podem se juntar [na agressão] ou prender você.

Desculpe não poder ser mais positiva. Eu sei que o mundo não gosta de pessoas trans em geral, mas ele tem uma camada extra de ódio direcionada a pessoas trans que não passam, especialmente mulheres trans. (Eu só agradeço às minhas estrelas da sorte que, para a maioria de nós, isso não é um fardo permanente; com esforço, dinheiro e tempo, eventualmente a maioria pode ser passável o suficiente para fazer xixi.)

Nesse depoimento, é acionado mais um vetor de “passar”, além da aparência física: a voz, que, nesse caso, expressou o gênero designado no nascimento. A voz é considerada um marcador crucial para a efetividade de “passar”: no *Reddit*, há pelo menos um fórum inteiramente dedicado às discussões, tutoriais, dicas e *feedback* sobre treinamento de voz, o *TransVoice*. A partir de sua experiência negativa, Jollyphant não aconselha que mulheres trans tentem usar o banheiro feminino se não “passam”. Esse fator será um divisor da

comunidade no relato a seguir, que teve grande repercussão pela violência gráfica – uma vez que o *post* trouxe fotos da pessoa agredida.

Em 26/08/2019, a usuária Monkiwi, transfeminina, criou um tópico intitulado “Eu fui atacada por usar o banheiro feminino”, onde narra o ataque sofrido em um parque. O testemunho começa com a descrição dos danos causados:

Monkiwi: Mandíbula quebrada em múltiplos lugares. Nariz quebrado. Estou me sentindo devastada nesse momento. Estou entrando em cirurgia em algumas horas.

Terapia hormonal - duas semanas.

[...] Eu fui surpreendida com um soco e então arrastada pelo chão pelo cabelo. Enquanto gritava em posição fetal, esse homem continuava a me socar na cabeça. Por sorte alguém ouviu meus gritos, correu e tirou o cara de cima de mim. Provavelmente salvou minha vida.

[...] Fico tão triste que humanos possam tratar uns aos outros assim. Eu não disse qualquer palavra a esse homem. Eu não levantei as mãos nem o toquei. Eu nunca tive uma chance de me defender.

[...] Eu ouvi estórias sobre violência contra pessoas trans mas nunca esperei que algo aconteceria comigo. Tenho me sentido tão livre ultimamente... venho me apresentando socialmente como mulher mesmo antes de começar a terapia hormonal.

Eu não quero viver minha vida com medo de como as pessoas vão reagir a mim. Eu só quero ser feliz e viver em paz.

[...] Este problema não é especificamente meu, e nem mesmo específico à comunidade trans. Nós somos uma comunidade global. Estamos nisso juntos. O que é diferente não é assustador. Eu me recuso a apagar o meu brilho. A odiar quem me atacou. Eu me recuso a ser qualquer outra coisa que não eu. Vamos celebrar nossas diferenças.

Em seguida ao texto, a usuária coloca dois *links* para fotografias: uma *selfie* antes da agressão e outra em uma cama de hospital, com a mandíbula quebrada e sangrando. Nas imagens, é possível identificá-la como uma mulher visivelmente trans, com sombra de pelos faciais. Por conta disso, emergiu uma controvérsia questionando se, por sua aparência, ela deveria realmente ter usado o banheiro feminino. Com a ajuda do *website* de arquivo *Removeddit*, notamos que o *post* teve cento e noventa e nove comentários, dos quais cinquenta e dois foram removidos pelos moderadores e dezenove deletados por seus próprios autores. Embora no *post* acessível através do arquivo do *Reddit* restem apenas os comentários de apoio à vítima da agressão, pelo *Removeddit* é possível reconstruir o debate de forma mais abrangente. Nosso intuito é ressaltar como parte dos usuários, mesmo sendo trans, permanece conectado à normatividade cissexista, e a reproduz e reforça. Em que pesem tais argumentos serem transfóbicos, a discussão demonstra que as perspectivas inclusivas às pessoas trans ainda não são conhecidas, compreendidas ou aceitas por parte significativa da comunidade.



Lemos a seguir alguns depoimentos que exemplificam oposições ao direito da vítima em acessar o banheiro feminino:

MusicalMango: Sem querer ofender, mas você deveria ter se dado conta de que, com a sua aparência, usar o banheiro feminino seria perigoso. A maioria das pessoas vendo você entrar lá vai pensar que você é um homem fazendo sabe Deus o quê. Dito isso, é claro que você não deveria ter sido espancada. Isso é óbvio. Seria o mesmo que se um homem tivesse entrado e apanhado. As pessoas concordariam que ele não deveria ter tomado uma surra, mas que ele também não deveria estar lá dentro. Eu sei que a grande maioria do *Reddit* vai discordar, mas se você tivesse deixado mais claro que é trans, isso poderia não ter acontecido. Pessoas provavelmente assumiram que você é um homem cis e agiram de acordo. Violência nunca é positiva, no entanto.

FarmMole: É... faça a barba da próxima vez e talvez isso não vá acontecer. Ainda melhor, faça remoção a *laser* antes de se apresentar como mulher na rua; usar o banheiro feminino é algo que você faz bem mais adiante na transição, não depois de duas semanas de terapia hormonal. Eu honestamente lamento que isso tenha acontecido com você, mas por favor use o bom senso. Como uma pessoa que também é trans, eu sei que é um mundo perigoso lá fora pra pessoas como nós.

AdviceSquab: Se você se parece com um cara, não vá [no banheiro feminino]. Você está há duas semanas na terapia hormonal, isso não faz de você subitamente uma mulher nem lhe dá permissão para ir lá, você nem mesmo fez a barba... Eu lamento que você tenha sido atacada, eu fui atacado também (sou intersexo) mas o que você fez foi simplesmente estúpido.

Nesses comentários fica evidente que a identidade pode ser suplantada pela aparência. A primeira opinião questiona um aspecto prático: se o público em geral não percebe Monkiwi como mulher, como poderia saber que é elegível ao banheiro feminino? MusicalMango sugere que se ela “tivesse deixado mais claro que é trans, isso poderia não ter acontecido”. Apesar disso, não há qualquer indicação de que o ataque teria sido evitado caso a ela fosse decodificada como mulher trans; e, de fato, como ficará claro mais adiante, a vítima estava usando roupas femininas. Ou seja, é possível que Monkiwi tenha sido compreendida e atacada exatamente por ser uma mulher visivelmente trans. De maneira geral, esses comentários desrespeitam a autoidentificação de gênero, indicando que, pela aparência, ela ainda não pertence ao banheiro feminino; talvez nem mesmo configure uma mulher.

Esse viés surge no que dizem FarmMole – “usar o banheiro feminino é algo que você faz bem mais adiante na transição”, e AdviceSquab – “você está há duas semanas na terapia hormonal, isso não faz de você subitamente uma mulher”. Notamos que estes membros da comunidade indicam condições, como tempo de transição e efeito dos

hormônios, para que se possa ter acesso ao espaço generificado. Nesse sentido, ressaltamos que nenhum dos comentários do *post* menciona a genitália da vítima; se pode ser uma questão de respeito à intimidade da pessoa, é também um indicativo de que essa anatomia é irrelevante para o caso. Ao contrário, são os pelos faciais da vítima que assumem papel destacado nos questionamentos, e funcionam como índice do signo masculino e antítese da feminilidade – trazendo maior potencial de barrar a identidade e o acesso ao banheiro do que a genitália. Esse entendimento ecoa e é potencializado nos comentários transfóbicos transcritos a seguir, escritos por *trolls*: eles ameaçam e condenam a vítima sem, no entanto, indicar o risco que ela representa. Enquanto o risco de ataque sexual é suposto, ele não é trazido à tona, e a aparência surge como suficiente para invalidar o acesso ao banheiro.

Dismister: Fique longe dos banheiros femininos, seu pervertido. Não é porque você botou um vestido e alguma maquiagem que isso muda o fato de que você é um homem no banheiro das mulheres. É nojento. Espero que você tenha aprendido uma valiosa lição.

Cariboobo: Você levou exatamente o que merecia. Fique longe dos banheiros das mulheres, seu viado doente mental. Na próxima vez você pode não ser tão sortudo.

Após os primeiros depoimentos criticando sua aparência e seu direito a usar o banheiro feminino, Monkiwi fez uma edição em seu texto original, adicionando mais detalhes sobre o ocorrido:

Monkiwi: Para aqueles dizendo que eu não deveria ter usado o banheiro feminino: eu nem mesmo urinei. Apenas lavei as mãos. Estive lá dentro por 45 segundos no máximo. Era cedo da manhã e não havia ninguém à minha volta. Eu tinha certeza que o banheiro estava vazio. Eu não vi ninguém lá dentro. Eu estava usando roupas femininas!

Aparentemente havia uma mulher dentro de uma cabine (eu não a vi). Ela disse ao marido que eu estava a perseguindo e assediando. (Eu só sei disso porque os policiais me contaram.) Além disso, o ataque ocorreu uma hora depois que eu usei a pia. Eu saí pra comprar comida, e voltei. Eu estava fazendo café da manhã e esse cara caminhou 180 metros através do parque pra vir me agredir. Não acredito que eu estou tendo de me defender pra vocês.

Embora manifestações de apoio já tivessem ocorrido, a comunidade passou a defender a autora com mais veemência depois da edição do tópico, e como consequência à afluência de comentários que culpam a vítima. Como vemos abaixo, PaleCrow ressalta que mesmo um homem lavando as mãos no banheiro feminino não teria causado tal agressão – indicando que o caso salienta uma violência específica, a transmisoginia.

De forma análoga, Rollmop pondera se o uso do banheiro foi realmente o motivo para a agressão; além disso, justifica o direito de Monkiwi ao espaço feminino baseando-se nos códigos normativos das vestimentas e do cabelo, em resposta direta ao questionamento dos pelos faciais:

PaleCrow: Independente das opiniões em ambos os lados: a mulher [cis] na cabine deveria ter tido o bom senso de perceber que não estava sendo perseguida. Eu odeio pensar que se você estivesse se apresentando completamente como homem, nada teria acontecido. Ela provavelmente contaria ao marido uma estória sobre ‘um pobre cavalheiro que entrou no banheiro errado’, e como foi incômodo esperar que ele saísse.

É a desinformação transfóbica, espalhada para o público, que eu vejo como a provável responsável por ela ter decidido chamar o marido em sua defesa. Quanto antes as pessoas aprenderem que ninguém se veste diferente ou faz transição só pra atacar pessoas no banheiro, mais rápido as coisas vão melhorar.

Rollmop: Ela não tem barba, apenas estava com a barba por fazer. Ela tem cabelo comprido e estava usando roupas femininas. Além disso, nós vamos acreditar que a mulher que disse que estava na cabine do banheiro poderia realmente ver, através da fresta da porta, a barba por fazer em alguém lavando as mãos na pia? Parece uma observação bizarra. Meu palpite é que ela está tentando dar cobertura para o ataque do marido.

A autora do *post* foi vítima de um crime de ódio. Isso jamais deveria ter acontecido; não é a hora de culpar a vítima, e não cabe a ninguém dizer quanto tempo ela precisa fazer terapia hormonal para lavar as mãos num banheiro feminino.

Apesar dessas opiniões (e, logo adiante, a própria vítima) ponderarem se o uso do banheiro feminino foi realmente o que motivou a agressão, “passar” toma protagonismo na discussão. A menção aos pelos faciais é insistente, e como vemos na opinião de SandOlive, transcrita a seguir, serve para compor o julgamento de que a vítima não “passa” e, por conseguinte, “não pode simplesmente usar o seu banheiro preferido”. Na continuidade do argumento da aparência, o “passar” heteronormativo é inferido como o mecanismo que franqueia o uso de um dado banheiro – perspectiva que ecoa em comentário que, embora de início tome uma posição de apoio, em seguida indica que, na impossibilidade de passar, “é melhor estar como homem do que arriscar sua vida”.

SandOlive: Você tinha aquela barba quando estava no banheiro feminino? Pelo que eu percebo pela foto antes da agressão, não parece que você passa. Eu sei que é difícil de ouvir e eu não estou tentando ser uma cretina, mas você não pode simplesmente usar o seu banheiro preferido se você não passa no respectivo gênero. O que aconteceu a você foi um comportamento abominável, mas talvez você devesse evitar banheiros públicos até mais adiante na sua transição.

Komodough: Essas pessoas dizendo que é culpa da vítima são nojentas paca. Casos como esse não deveriam ocorrer, independente de se alguém passa ou não! Isso não deveria acontecer com ninguém. Certamente precisamos tomar cuidado, e se você não passa e sabe que está numa área perigosa, é melhor estar como homem do que arriscar sua vida. [...] Mesmo em áreas com muita aceitação você pode ter o azar de encontrar um ignorante violento.

NaiveHooper: As pessoas dizendo aqui que ela precisa passar pra usar banheiros femininos podem ir se foder. Nem todo mundo vai, e nem todo mundo poderá passar; algumas pessoas trans não têm acesso ou não podem tomar hormônios, ou fazer cirurgias, e aquele que podem irão receber diferentes níveis de benefícios deles. Não é uma coisa ruim querer passar, de jeito nenhum, mas dizer que você precisa passar para qualquer outro motivo que não segurança, é palhaçada. Parem de culpar a vítima. O que aconteceu é inteiramente culpa da pessoa que a atacou.

MegKhajit: Eu espero que você se recupere logo, e que tudo se cure bem e não interfira com o resto da sua transição. Eu estou há três anos em tratamento hormonal e eu ainda não me sinto confortável de usar o banheiro feminino, ou me apresentar socialmente como mulher. Eu odeio tanto esse mundo, eu odeio que não passar significa colocar a nossa vida em riscos desnecessários. Eu odeio que não passar significa não poder ter uma vida normal.

Como percebemos, NaiveHooper se coloca em posição contrária à condicionalidade do “passar”, lembrando que nem toda pessoa terá acesso às tecnologias de alterações de gênero ou seus efeitos. Em contraste, MegKhajit, transfeminina, demonstra frustração por fazer terapia hormonal há três anos (em contraste às duas semanas indicada pela vítima da agressão) e, ainda assim, não ter coragem de se expressar publicamente em seu gênero ou usar o banheiro feminino. Apesar dos riscos e desafios, parte da comunidade se opõe à obrigação de “passar”, incluindo a própria vítima da agressão, ao defender que uma existência visivelmente trans é exequível. Essa perspectiva é demonstrada por Monkiwi em uma nova edição ao *post* original:

Monkiwi: Aqui estão algumas prerrogativas da minha vida, e que podem trazer contexto sobre porque eu escolhi fazer o que fiz:

[...] - Eu sou válida;

- Passar não faz de mim uma mulher. Ser uma mulher faz de mim uma mulher;

[...] - Ter sombra de barba não faz de mim um monstro assustador e perverso;

- Fazer a barba não me transforma em uma fadinha cis delicada;

- Você não precisa ter um certo nível de passabilidade para usar o banheiro.

A alternativa teria sido usar o banheiro masculino enquanto usava roupas femininas – o mesmo banheiro que o homem que me atacou estaria usando. Outra alternativa seria me esconder num armário pro resto da vida.

Eu entrei, lavei minhas mãos e saí... foi isso. Pessoas dizendo que eu deveria ter agido de outra forma, e que eu mereço o que aconteceu, realmente me magoam.

Obrigada a todos que estão me dando apoio. É por isso que eu vim aqui.

[...] Eu fiz um julgamento baseado em experiências passadas. Eu usei o banheiro feminino muitas vezes mesmo não passando, e tenho sido completamente aceita pelas mulheres dentro deles.

[...] Eu deveria ter agido diferente? Não. Por que eu deveria esconder quem eu sou, se não estou fazendo mal a ninguém, nem fazendo nada errado? Eu esperei 29 anos pra me aceitar. Eu vou me agarrar em cada oportunidade que tenho de ser eu mesma.

Pessoas que tem ódio, que são ignorantes, que não nos aceitam, que são violentas e nos julgam: são elas que devem agir diferente.

Além disso, a polícia me apoiou por completo, e está tentando enquadrar a situação no maior número de crimes... inclusive crime de ódio. Eles também acham que a esposa está mentindo e nada do que ela diz se alinha aos depoimentos das testemunhas.

A postura da autora, resiliente mesmo após a agressão, é inequívoca no que tange ao aspecto político de sua identidade e na busca de uma vivência autêntica, independente das aparências – ou seja, mesmo sem “passar”. Monkiwi ainda aponta que o cenário alternativo à agressão teria sido usar o banheiro masculino quando em roupas femininas, continuando ou aumentando o risco, e salientando a situação que torna ambos os banheiros inacessíveis. Algumas horas após sua publicação, o tópico foi trancado, impossibilitando novos comentários – uma estratégia usada pelos moderadores do *Reddit* quando as discussões, em suas comunidades, saem do controle e da civilidade. Julgamos importante ressaltar que, se os textos selecionados aqui demonstram as disputas de sentido que se configuram dentro da comunidade, a maioria dos comentários foi de apoio e empatia, como exemplificamos abaixo:

MarbleSaint: Lamento que isso tenha acontecido! Ser uma pessoa trans não é seguro como deveria ser, nem de longe. Eu ainda estou absolutamente apavorada de usar o banheiro feminino e, pra ser honesta, eu não sei quando eu conseguirei ter coragem pra usar.

ChangeSprite: Foda-se todo mundo questionando por que você fez o que fez. Nós vivemos em uma cultura que muito frequentemente culpa a vítima em crimes violentos. Infelizmente nossa comunidade carrega essa visão misoginista e transfóbica consigo. O que aconteceu não foi sua culpa. Nós não deveríamos ter de viver com medo e em modo de sobrevivência constantes.

Yahooligan: Eu lamento muito que tudo isso aconteceu com você. Você tem o direito de existir como você é. Você não fez mal a ninguém e não merece isso. [...] Você merece felicidade, e não ódio. Continue sendo forte e verdadeira, e preste queixa contra a pessoa que fez isso com você, ele não vale nada.

As disputas desse caso evidenciam acionamentos distintos e divisivos na comunidade de pessoas trans do *Reddit*. Caracterizações em que a aparência confirma ou suplanta a identidade, mobilizadas a partir de graus de visibilidade e adequação à norma, procuram ressaltar um aspecto prático. Nesse viés, a normatividade é percebida como imóvel, imutável e violenta. As estratégias de assimilação superam os riscos e desconfortos de uma experiência abertamente trans – às expensas de um projeto político amplo que busque assegurar direitos coletivos sem a necessidade de um apagamento.

Já as perspectivas que valorizam as reivindicações de humanidade e cidadania compreendem que ceder à busca de privilégios individuais frente às marginalizações causa, em si, ainda mais marginalidades. No entanto, a visibilidade encerra uma alteridade social que tanto pode minar as subjetividades como trazer riscos imediatos aos seus sujeitos.

Se mantivermos nosso olhar sobre as regras dos fóruns do ecossistema *AskTransgender*, percebemos que a deslegitimação dos direitos de pessoas trans visíveis é uma postura transfóbica, inclusive por denotar o apagamento de muitas identidades não-binárias. No entanto, as concessões ao dispositivo de “passar”, compreendidas como uma estratégia de sobrevivência e realização de si, impedem que um acionamento se sobressaia ao outro. A intensidade das contradições desses paradigmas pôde ser comprovada em uma discussão iniciada em 19/08/2018. O caso se estendeu por três semanas, motivando diversos tópicos e dividindo intensamente a comunidade *AskTransgender*. Acirrando os antagonismos que emergem nos banheiros públicos, a usuária ShadowTulip narra ter assumido sua visibilidade como mulher transgênero em um espaço ainda mais resistente e passível de controle normativo: o vestiário de uma academia de ginástica.

ShadowTulip: Eu passo muito tempo na academia, estou lá todo dia. Mas sempre vou pra casa pra tomar banho, ou então me enrolo numa toalha e me troco rapidamente num canto do vestiário.

Isso não é um comportamento típico pra mim; eu amo meu corpo e sou muito confortável com ele. E enquanto inúmeras garotas caminham pelo vestiário nuas, tinha a sensação de que não conseguiria fazer o mesmo, apesar da vontade, porque eu ainda tenho meu pênis.

Bem, hoje eu finalmente disse ‘foda-se’, tirei minhas roupas depois do treino, e caminhei nua até o chuveiro. Depois de tomar banho, me arrumei em frente ao espelho, ainda pelada. Eu definitivamente recebi um par de olhares desaprovadores, mas ninguém disse nada.

Foi tão incrível não me sentir envergonhada do meu corpo, e apenas cuidar da minha vida como faria normalmente em casa.

Eu moro em Manhattan [...] então julguei estar em um lugar seguro para uma ousadia como essa. Ainda não sei como essa história vai ficar, mas eu estou cansada de me comportar como se eu não

merecesse estar confortável num vestiário que eu pago pra usar, como todo mundo ali.

O tom do *post* é de comemoração: ShadowTulip celebra um momento em que sua identidade se sobrepõe à correspondência normativa entre anatomia e gênero. O evento exemplifica um operador potente nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*: o reforço de que a legitimidade identitária das pessoas transgênero independe da genitália. No entanto, as reações surgem imediatamente polarizadas. De um lado, as pessoas que se declaram politicamente orgulhosas e inspiradas a assumirem seus corpos não-normativos:

LittleSpike: Muito feliz de ler isso, e estou tão esperançosa para o futuro por causa da sua coragem. Eu nem consigo me imaginar fazendo o mesmo que você fez, apesar de também ter orgulho do meu corpo. Me preocupo em causar confusão. Mas você é demais!

Alfairy: Eu vou lembrar do seu *post* por muito tempo. Não acho que tenha visto nada igual. Além da coragem, é a mensagem que você manda que realmente me toca. Não há vergonha em ser trans. Eu vivo e acredito nisso... e você certamente vive isso também. Obrigada por compartilhar sua história, ganhei a noite.

Proccultist: Nós precisamos de mais mulheres como você.

Outras pessoas, no entanto, interpretaram a atitude como uma violência contra as mulheres daquele espaço, e um comportamento inadequado que fundamenta as restrições e marginalizações provocadas pelos segmentos antitrans. Tais opiniões foram prontamente combatidas, gerando uma controvérsia feroz que causou o fechamento do *post* a comentários.

MudRunner: Isso não é certo. Esse é o principal argumento que os conservadores usam contra nós no tema do acesso aos banheiros. Você foi em frente e fez outras pessoas ficarem desconfortáveis. Que diabos. Você já parou pra pensar que algumas pessoas podem ter sido estupradas e se sentiriam muito desconfortáveis vendo um pênis? Eu acho que você deve poder usar o vestiário, mas andar desse jeito pelada NÃO É CERTO.

Baroqueen: Mas por que, se todas as outras mulheres usando aquele local estão nuas. Por que ela deveria fazer diferente? Você é transfóbico, camarada.

TrustyHerring: Porque ela tem a merda de um pênis, e não uma vagina. Mulheres não deveriam ser forçadas a ver genitália masculina. Tudo o que ela conseguiu foi deixar o vestiário inteiro enojado com uma mulher trans, e dificultou a existência do resto de nós.

MemoryVampire: Eu fico extremamente desconfortável no vestiário masculino, e, no entanto, imbecis como você querem que eu continue

o usando. Estar nua, como uma mulher, no vestiário feminino, é exatamente a função desse lugar.

As alterações entre os membros da comunidade demonstram um embate ao redor da representação das mulheres trans. De um lado orgulho e positividade e, de outro, vergonha e desrespeito. Embora o tópico original tenha sido trancado, ainda havia o que dizer sobre o caso: dois dias depois ShadowTulip criou um novo *post*, atualizando sua posição após a controvérsia inicial. As discussões entre ambos os lados, no entanto, ressurgiram intensificadas. Este tópico também acabou sendo fechado para novos comentários, o que fez com que a autora deletasse tanto esse *post* como o anterior<sup>199</sup>.

ShadowTulip: Desde meu tópico há uns dias atrás, eu recebi muito apoio, tanto de homens e mulheres trans quanto cis. Eu também sofri assédio de indivíduos desses grupos, o que não me surpreendeu.

Pra ser clara, eu não vou mudar meu comportamento, e não vou me desculpar a ninguém por ser quem eu sou e por exercer meus direitos. [...] Sobre eu ter de alguma forma causado ‘dano’ à comunidade ou ao movimento, bem, esse é um argumento batido. E no que diz respeito a nós, recentemente vem sendo usado contra pessoas trans usando o banheiro do gênero que se identificam.

Sobre a mulher cis hipotética que pode ficar desconfortável ao ver meus genitais no vestiário, eu diria que sim, mudança é desconfortável, mas acontece de qualquer forma.

[...] Eu acredito em defender meus direitos, viver de forma verdadeira aos meus princípios e valores, e acredito em ser quem eu sou. Eu não tomo decisões julgando se os outros vão estar felizes comigo, e eu me recuso a fazer escolhas a partir do medo, mas sim da esperança. Sempre vai haver um contingente de pessoas que preferem viver suas vidas tentando diminuir as liberdades dos outros, mas eu não me curvo a elas, e elas vão perder essas batalhas, como sempre acontece.

Nós não recebemos a melhor mão de cartas com essa coisa trans, mas não vamos desistir do jogo simplesmente porque tem outros que não estão felizes que a gente está jogando.

CleanCherry: A sua situação é uma dessas histórias assustadoras que eu escuto de pais que não querem crianças trans usando vestiários nas escolas. Você está colocando mais lenha na fogueira da retórica antitrans. Muitos pais que apoiam crianças trans nos vestiários usam o argumento de que isso que você descreveu nunca aconteceria, porque essas crianças têm tato.

WorthyCod: [ShadowTulip] é uma mulher que vive sob uma jurisdição que respeita a humanidade das pessoas trans. Ela está apta legal e moralmente a usar o vestiário feminino. Eu não consigo ver como isso é falta de tato, ou como usar o vestiário que ela deve usar,

---

<sup>199</sup> Mais uma vez, a partir das notas e tópicos salvos em nosso diário de campo, usamos a ferramenta *Removeddit* para recuperar e expandir discussões e comentários deletados.



do mesmo jeito que qualquer outra mulher, pode botar lenha na fogueira dos argumentos transfóbicos.

CleanCherry: Os termos mulher/fêmea têm sido historicamente atribuídos à anatomia interna e externa. Se a definição agora está aberta a como alguém se identifica, então qual é o propósito de espaços separados por sexo?

Sunraider: Que argumento nojento. Então agora você só é uma mulher se você tem a anatomia externa correta? Vai te foder.

A atualização de ShadowTulip repete o caso ocorrido com Monkiwi, que foi agredida no banheiro de um parque por sua visibilidade. Ambas dividiram suas experiências, uma positiva e a outra negativa; ambas sofreram oposição na comunidade por romper a normatividade sexo/gênero; ambas precisaram reafirmar suas perspectivas identitárias frente às resistências intragrupo. Mais do que demonstrar uma duplicidade de opiniões, nossa intenção é ressaltar a insistência e a força com que essas polarizações ocorrem.

No evento do vestiário, enquanto parte da comunidade apoia a mulher transgênero em questão indicando que, sem a reivindicação de direitos, as liberdades cis-equivalentes não serão conquistadas, outros veem a presença da genitália como a invasão inquestionável de um espaço onde o pênis é proibido. CleanCherry lembra dos efeitos que a tais atitudes podem ter em relação a crianças trans nas escolas, menciona uma falta de tato, e defende uma essencialização da identidade através do corpo sexuado. Suas opiniões demonstram que o paradigma transgênero, que caracteriza uma pessoa trans que não deseja a cirurgia genital e rompe com a naturalização identitária anatômica, encontra firmes resistências internas.

Leoparty: Nem tudo gira ao seu redor. Tente entender como suas ações afetam os outros. Parte de ser mulher e feminina é cuidar dos outros. Sua atitude cheira a privilégio machista.

WorthyCod: Ao contrário, a atitude dela cheira a compreensão da verdade que mulheres trans são mulheres e merecem ser tratadas como tal. A sua atitude, por outro lado, cheira ao pior tipo de invalidação, e não cabe aqui ou em qualquer outro lugar.

Roverseer: Eu não pretendo fazer a cirurgia genital, e estou feliz com isso. Eu amo meu pau e tudo sobre ele. Sou mulher em tempo integral e uso espaços femininos em todo lugar que eu vou. Mas nunca me cruzou a cabeça caminhar pelada num vestiário feminino. Por múltiplas razões. Eu não quero disparar os traumas de ninguém. Não quero ser ameaçadora. E, francamente, eu não vou ao banheiro feminino pra ver pênis. Então é meio que uma regra de ouro pra mim. Eu também não quero dar um mau nome às outras mulheres trans. Eu não sei quantas vezes eu discuti com transfóbicos, e o argumento deles para fazer mulheres trans usarem o banheiro masculino é

porque mulheres trans têm pênis. E eu sempre respondi dizendo que nenhuma mulher trans com pênis, que tenha bom senso, andaria pelada num vestiário, porque nós estamos tentando chamar atenção o mínimo possível.

Eu prefiro ser consistente no meu argumento.

Na discussão, percebemos tanto o falocentrismo, que ordena as situações e espaços sociais, quanto a relação direta entre pênis e violência ou comportamento agressivo. Um sexismo contraditório também pode ser notado no comentário de Leoparty, que tanto demonstra uma visão machista da identidade feminina (que relaciona a “cuidar dos outros”), quanto acusa ShadowTulip de comportamento machista por mostrar a genitália inadequada a um espaço segregado sexualmente.

Roverseer ainda aponta uma espécie de limite que não deve ser cruzado. Ela afirma ser uma mulher transgênero, mas, apesar disso, compreende que há barreiras que devem ser respeitadas. Nesses posicionamentos, fica aparente, então, que o acesso de mulheres trans a espaços femininos se dá através de uma emasculação compulsória; um pacto social que, se por um lado exige o reconhecimento baseado na subjetividade da autoidentificação, por outro continua ancorado em uma corporalidade específica, naturalizada e normativa. Já na perspectiva oposta, WorthyCod e outras usuárias demonstram que não pode haver meio termo na aceitação identitária, recusando a genitalização de suas identidades e os efeitos que daí decorrem.

Celestiger: Neste *post*: muitas pessoas tentando negar que mulheres trans são fundamentalmente iguais a mulheres cis. Bizarro. Nós não somos mulheres honorárias; não somos convidadas no mundo de alguma outra pessoa.

GummyHydra: [ShadowTulip] está ajudando a construir a estrada em direção à normalidade.

Devido à inflexibilidade e à hostilidade crescentes na discussão, mais uma vez o *post* foi fechado para novos comentários. A atitude reguladora, utilizada sempre que os moderadores percebem que o debate sai do controle e passa a conter ataques sistemáticos de parte a parte, causou insatisfação entre os usuários que perceberam o caso como um ativismo justo e positivo. Esses membros julgavam que os comentários criticando ShadowTulip policiavam e invalidavam sua identidade – o que não é permitido pelas regulações da comunidade. No *AskTransgender*, o “policiamento de gênero” é a tentativa de impor comportamentos normativos às pessoas trans. Sendo assim, tais opiniões deveriam ser removidas, o que aconteceu apenas em casos extremos.

Celestiger, uma usuária longeva e regular do *AskTransgender*, conhecida por criar *posts* de conscientização sobre transfeminismo e transmisoginia, aponta que o policiamento nesse caso é permitido, pois, segundo ela, faltam moderadores que compreendam as políticas identitárias transfemininas. Nesse sentido, em 23/08, Celestiger criou um novo tópico sobre o assunto: dessa vez, solicitando maior representação de mulheres trans binárias na equipe de moderação. Esse *post* contou com número expressivo de moderadores envolvidos na discussão, e sua tentativa de buscar equilíbrio e neutralidade gerou ainda mais indignação.

SongVanilla [moderadora]: Bem, a discussão estava saindo do controle, então nós moderadores concordamos em trancá-la. Num mundo perfeito, ninguém daria a mínima se a gente ficasse pelada no vestiário. Mas eu não acho que estamos num ponto da sociedade onde qualquer uma de nós pode fazer isso sem causar um monte de raiva no lado cis. Mesmo nossos aliados podem ficar um pouco desconfortáveis com isso.

BearGills: Depois de três moderadores dizendo a mulheres trans binárias que nós devemos ter vergonha dos nossos corpos, e que espaços femininos não são pra nós, mas só pra mulheres cis, eu acho que a equipe de moderação precisa refletir seriamente sobre o que está dizendo à comunidade trans.

SongVanilla [moderadora]: Bem, pode me adicionar na lista de pessoas que acham que nós não devemos ficar peladas em vestiários.

BearGills: E isso é um problema. Escute a sua comunidade, e não ao seu próprio medo.

SongVanilla [moderadora]: Eu acho que tem um lugar e uma hora pra tudo. Se a gente forçar esse assunto agora, vai ser o foco de todos os transfóbicos. Os anúncios vão se escrever sozinhos: “Homem fica pelado em vestiário feminino”. [...] Quero deixar claro que eu acho que nós devemos ter todo direito no mundo de estarmos nuas junto com as cis. Se nós DEVEMOS? Nesse momento, eu diria que não.

Nos comentários acima, SongVanilla se posiciona ao lado dos que criticam a transgressão do vestiário feminino. Ela é energeticamente questionada, uma vez que é uma das moderadoras mais antigas do *AskTransgender*, tendo inclusive participado da formatação das regras vigentes na comunidade. No entanto, é a moderadora YellowApple que causa maior revolta ao reconhecer as objeções a ShadowTulip como fundamentadas.

YellowApple [moderadora]: Eu concordo com ambos os lados; ambos têm razão. Bons argumentos foram feitos. Eu vejo todos os lados naquele *post*.

Celestiger: Ah, ambos os lados têm razão? Mulheres trans têm o direito, com cirurgia genital ou não, de usar espaços femininos

porque somos mulheres – mas pessoas cis que têm um problema conosco nesses lugares têm razão também?

Esse é um problema sério pra mim. Ou nós somos mulheres ou não somos. Ou nós temos o direito de ser tratadas como mulheres ou não temos. Nem sempre há um meio termo.

YellowApple [moderadora]: Sim, devemos ter acesso a vestiários do nosso gênero, mas devemos levar em conta que pessoas podem não querer ver um pênis no vestiário feminino. Eu sei que eu não quero ver a genitália de ninguém.

Celestiger: Pra mim parece que você está dizendo que vestiários devem ser considerados espaços ‘somente para mulheres cis’, e que nós devemos nos dobrar ao preconceito. O meu entendimento é que a mulher trans naquele *post* tem direito legal explícito pra agir daquela forma.

YellowApple [moderadora]: Você está muito enganada sobre mim. Eu só estou pedindo cautela.

InsecureNut: Esse é literalmente meu primeiro encontro com uma pessoa trans sendo transfóbica. Eu não consigo nem pensar direito agora. Como é que pode essa pessoa ser moderadora em um fórum trans, sendo ela mesma trans e apoiando a transfobia.

SongVanilla [moderadora]: Ok, já que as coisas estão ficando agressivas por aqui, vamos trancar esse tópico também.

Diante da fratura entre a comunidade e os questionamentos veementes à equipe de moderação, SongVanilla criou um post, em 25/08, com o propósito de discutir o caso do vestiário e as reclamações sobre a administração do fórum. Enquanto alguns moderadores se retrataram, outros mantiveram sua posição. O tópico recebeu 584 comentários, em discussões longas, mas circulares, e que deixaram ambos os lados insatisfeitos.

Sealectric [moderador]: Peço desculpas pela maneira como moderei o recente tópico sobre mulheres trans em vestiários. Eu errei ao não remover comentários duvidosos porque eu queria proteger as vozes dessas pessoas, e essa decisão foi errada. No futuro, eu vou ser mais rápido em controlar discussões onde as pessoas estão se sentindo claramente invalidadas.

Globster: Parece que há uma crescente atitude de ‘pessoas trans não cometem erros’ nessa comunidade, e isso me frustra. Não é porque [ShadowTulip] é trans que ela não pode ser criticada ao compartilhar publicamente com a comunidade. Sinceramente, o que ela fez não foi nada elogiável. Não porque mulheres trans não deveriam ser permitidas nuas num vestiário feminino, ou porque reflete mal no movimento trans como um todo; mas porque ela mostrou falta de respeito e empatia com os seres humanos ao redor dela.

Um pênis sendo mostrado com orgulho num vestiário feminino é inteiramente não-apropriado, não importa quanto ela e outros tentem distorcer a lógica pra justificar.

KindBanshee: Isso é exatamente a invalidação e constrangimento de que estamos falando. Meu corpo não é uma maldição que eu preciso esconder da sociedade como um segredo. Ele é meu, e eu sou uma mulher, e meu corpo de mulher pertence a um vestiário feminino – com pênis e tudo. Eu trabalhei muito pelo meu corpo, tomando hormônios, perdendo peso, passando horas na minha bicicleta e na academia. Por que raios eu deveria ter que me esconder? Se alguém tem um problema com meu corpo, fique à vontade pra olhar pro outro lado.

Ou mulheres trans são mulheres, e permitidas em todos os espaços femininos – ou não. Não há caminho do meio aqui.

Nos exemplos que apresentamos, percebemos esse caso como o mais controverso, e de maiores repercussões internas, em nossa etnografia. Após mais de 1.500 comentários em pelo menos nove tópicos, e diversos membros banidos da comunidade, a equipe de moderação passou a remover imediatamente quaisquer novos tópicos sobre o assunto – o que levou alguns usuários a criarem um subfórum para discutir as atitudes dos moderadores, o *AskTransgenderMeta*. Observamos, no período que se sucedeu, que o evento foi ocasionalmente lembrado em discussões críticas sobre a comunidade, ou mesmo em comentários aleatórios – demonstrando que sua resolução foi insuficiente e deixou cicatrizes nos participantes regulares do fórum, em ambos os lados da discussão. Percebemos que a repercussão mais negativa do caso se deu entre mulheres trans, que manifestaram revolta contra o que perceberam como uma atitude transmisógina da equipe de moderação. Essa transfobia não teria sido demonstrada apenas contra uma usuária do fórum, mas se opondo a uma postura afirmativa dos corpos trans. Nessa discussão, notamos que as regras da comunidade foram quebradas por muitos membros, mas também pelos próprios moderadores do fórum, cuja atuação no caso apontou a crença em certos limites normativos que não podem ser rompidos. Mais do que isso: as conversações mostraram que os moderadores – uma equipe de, à época, catorze pessoas – não concordam entre si em questões controversas, e, acima de tudo, hesitam em se posicionar de maneira clara contra a opressão normativa. Os comentários de Celestiger, que ressaltamos como representante informal de um grupo de usuários, indicam uma agressão no fato de que nenhum dos moderadores se posicionou publicamente a favor do direito da nudez trans no vestiário. De fato, a partir de um certo momento a discussão já não era mais sobre o caso em si – mas sobre políticas de moderação e questionamentos sobre a adequação de determinados moderadores como líderes e reguladores da maior comunidade de pessoas trans do *Reddit*.

Como procuramos demonstrar, a sexopolítica que coordena e regula o uso de banheiros e vestiários públicos faz emergir decorrências que incluem a violência física das agressões, a violência psicológica do medo e da ansiedade, e a divisão da comunidade acerca dos vieses identitários que franqueiam seu acesso. Assim, os banheiros públicos enfatizam alguns dos acionamentos que ajudam a compreender a recorrência, nos fóruns de temática trans do *Reddit*, em perseguir a invisibilidade do “passar”. Da mesma forma, as discriminações evidenciam como a repressão cissexista também empurra as pessoas trans para essa invisibilidade, ou mesmo para sua inexistência. Essa perspectiva pode ser aferida em tópico da usuária MusicPuggle no *AskTransgender*, em 23/10/2018, que compartilha trechos de uma história que viralizou<sup>200</sup> no *Facebook*. O texto narra um experimento: uma enquete sobre qual banheiro um homem trans, ator pornô, deveria usar.

MusicPuggle: Eu postei uma foto de Buck Angel, um homem trans que é ator pornô, em alguns grupos de apoio ao [presidente dos EUA Donald] Trump no *Facebook*. A foto mostrava o sr. Angel da cintura pra cima, muito forte e musculoso, sem camisa, com a cabeça raspada e um bigode *Fu Manchu*. Ele é um cara de aparência extremamente masculina. Junto à foto eu incluí a pergunta: ‘Esta pessoa tem uma vagina. Que banheiro esta pessoa deve usar?’

[...] O *post* recebeu milhares de comentários. Imediatamente, os apoiadores de Trump tinham uma resposta muito clara e estavam inflexíveis a respeito dela. Quase ninguém respondeu ‘o banheiro masculino’. Alguns disseram coisas como ‘se essa pessoa tem uma vagina, essa pessoa deve usar o banheiro feminino; se tem pênis, o masculino’. Mas a maioria dos que comentaram tinham uma resposta que eu não tinha considerado antes. Eles encontraram uma solução muito simples para o problema das pessoas trans e as normas que envolvem banheiros públicos.

Eles queriam que a pessoa trans morresse.

Eles foram bastante explícitos, muito diretos. ‘Essa pessoa deve morrer.’ Simples assim. Conciso. [...] Eles não queriam um homem trans no banheiro dos homens e não o queriam no banheiro das mulheres. Eles queriam o homem trans morto.

[...] Muitos outros responderam com ‘essa pessoa deveria ficar em casa’, mantendo o *status quo* sem lidar com o problema, mas permitindo que pessoas trans permaneçam vivas; no entanto, morte ou algum tipo de violência foi a opção preferida. Comentário após comentário, essa pessoa deve morrer, foda-se essa pessoa, fique em casa, não use o banheiro, eu mato essa pessoa se eu a pegar no banheiro com minha filha, essa pessoa deve morrer.

### Figura 5: Buck Angel.

<sup>200</sup> Diz-se de conteúdo na internet que se espalha de forma veloz e descentralizada, atingindo destacado grau de popularidade.



Fonte: Buck Angel - Wikimedia Commons. Uso permitido através de licença *Creative Commons*. Disponível em <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Buckangel\\_cowboy.JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Buckangel_cowboy.JPG)>. Acesso em 21 fev. 20.

Percebemos que o *post* de MusicPuggle evidencia a clausura das lógicas binárias identitárias, e descortina com veemência a situação dilemática dos banheiros. O que os públicos trans no *Reddit* informam com nuances e complexidades, as respostas ao *post* do *Facebook* apontam em um corte violento à humanidade das gênero-divergências. O experimento demonstra como os banheiros não são ordenados pela genitália, e, na figura de Buck Angel, um espaço indecível se impõe sobre a normatividade, pois não há lugar a que essa pessoa pertença. Nesse sentido, lembramos a afirmação de Janice Raymond (1994) de que a solução do problema trans é obrigá-lo moralmente a não existir.

No tópico, os banheiros em si não foram discutidos, apesar de ocuparem centralidade na narrativa. A conversação que se desenvolve se refere às respostas da enquete, trazendo as reações variadas como desabafos, chamamentos por maior mobilização política, e críticas ao caráter sensacionalista e apocalíptico do texto.

ColorGoblin: Eu sou bastante forte. Mas um abraço seria útil nesse momento.

GiftedDrake: Tudo que eu quero da vida é ser amada pelo meu parceiro, e assistir ao pôr do sol com ele. Eu só quero viver uma vida normal. E, no entanto, milhões de pessoas querem me ver desaparecer.

Com tudo que tem acontecido, parece que o mundo está acabando. Eu estou tão assustada. Estou apavorada ao ponto de chorar.

Não sei o que fazer.

BronzeDots: Essa é uma estrada muito, muito ruim em que estamos indo. Irmãs e irmãos, nós precisamos proteger uns aos outros mais do que nunca. Eu estou seriamente considerando tirar um porte de arma. Algo que eu nunca senti necessidade antes.

Eu espero que as coisas mudem. Isso não altera o fato de que nós precisamos votar, protestar e reivindicar, mas precisamos permanecer juntos. Fiquem seguros. Nós podemos superar isso. Eu espero.

Como percebemos nos comentários acima, e em consonância com outras situações analisadas neste subcapítulo, as reações do cissexismo ao dilema dos banheiros públicos causam angústia e ansiedade. Diante de uma normatividade que cerceia até as mais básicas necessidades fisiológicas das pessoas trans, a resposta de BronzeDots é preparar-se para um enfrentamento. Ao afirmar que pensa em se armar, indica que o banheiro público não é apenas um território disputado, mas o indicativo de uma guerra em curso. No entanto, outras respostas julgam que o texto é exagerado e perigosamente alarmista; e que falha em considerar que o anonimato da internet favorece reações viscerais que não necessariamente correspondem à realidade.

Stingraider: MusicPuggle, PARE. [...] Que diabos você está fazendo? Por que você está tentando levar as pessoas à loucura? A gente sabe que os transfóbicos existem, mas é preciso parar de deixar as pessoas mais apavoradas do que necessário. Dar a parecer que nós vamos ser caçados nas ruas é insano.

[...] Pare de incitar medo em um grupo de pessoas majoritariamente suicidas! Mantenha-os informados, sim, mas por favor, pare de fazer merda como essa.

LightningMinotaur: Isso é uma palhaçada pra nos deixar com medo. Eu [...] honestamente não acho que nós estamos no perigo em que o autor se refere. As pessoas dizem coisas estúpidas na internet o tempo todo.

KissyOyster: [Este *post*] Parece obviamente escrito para criar histeria. Eu vi muitas discussões horríveis no *Facebook*, mas nunca vi um onde a maioria de milhares de pessoas dissessem que nos querem mortos. Mesmo que este *post* diga a verdade, [...] o efeito bola de neve é real – não significa que as respostas representam a maioria.

Eu não acredito que a maioria das pessoas que votaram em Trump pensam dessa forma. Eu ficaria muito chocado se a maioria dos seus vizinhos



conservadores pensasse dessa forma. Não caia em pessimismo arbitrário e medo abjeto.

Por outro lado, certos usuários enquadraram a reação à enquete nos termos de uma guinada conservadora – ou mesmo o risco de uma retomada do fascismo. O espaço dos banheiros públicos, assim, intensifica as resistências políticas reacionárias. Enquanto RareIbis fala em sair do país, LightEagle indica a reação como “luta”:

RareIbis: Ok, enquanto você fica aqui sentada com os dedos nos ouvidos, eu estarei fazendo meu passaporte e guardando dinheiro caso eu precise fugir pra Europa. Eu não vou ser como um dos judeus que ficou esperando pela ameaça de Hitler se concretizar.

Vikingpin: É, estou ficando morbidamente deprimida vendo nosso país se transformar na Alemanha dos anos 1930.

LightEagle: Eu vou lutar até a eternidade. O fascismo sempre morre.

Boulder: Pessoalmente, eu estou pendurando a bandeira trans na minha janela da frente e vou ser extremamente visível. Ninguém vai me dizer que eu não existo, especialmente alguém desprezível como Trump<sup>201</sup>.

Catnip: Não se escondam no escuro. É isso que eles querem. Eu nunca me escondi e nunca irei. Eu sou orgulhosa de quem sou. Esses ignorantes podem ir pro inferno! Não os deixem espalhar suas mentiras. Eles não têm Deus do lado deles. Eles não têm a história do lado deles. Eles não têm a humanidade ao lado deles. Eles só têm o mal. Vote e não se esconda. Há mais boas pessoas do que más. E mesmo que haja pessoas que discordam de nós, muitas delas não concordam com preconceito e genocídio.

Por fim, como exemplificado nos comentários de Boulder e Catnip, alguns depoimentos solicitam resistência dos usuários da comunidade, inclusive através do voto. Catnip ressalta a polarização do tema num viés do bem contra o mal, e rejeita a desumanização normativa apontando que os não-humanos são os opressores. Em seu depoimento, a visibilidade aparece de forma clara como uma arma contraopressora.

Como indicamos, os banheiros públicos são apenas a mola propulsora de um debate mais amplo sobre as reações conservadoras diante das complexidades sociais apresentadas pelas pessoas trans. De acordo com a mensagem de um moderador, o tópico recebeu atenção também nos fóruns antitrans do *Reddit*, o que provocou uma afluência de participantes transfóbicos na discussão. Após cinco horas no ar e 117 comentários, o tópico foi trancado.

---

<sup>201</sup> Lembramos que a discussão ocorreu durante o mandato de Donald Trump na presidência dos EUA. O político foi derrotado nas eleições de 2020.

A partir das confluências demonstradas nesse subcapítulo entre a materialidade das pessoas trans e a sexopolítica cissexista, podemos então inferir que as pessoas trans precisam ter suas identidades firmadas e compreendidas antes que possam usar banheiros públicos. Percebemos nos *posts* do *Reddit* que os banheiros públicos exemplificam uma profunda ruptura entre as pessoas trans e a normatividade sexopolítica, e configuram um espaço de controle onde a visibilidade gênero-divergente irrompe com violência. Em nossa etnografia, os banheiros binários definem os campos de pertencimento social de homens e de mulheres, e também passam a ser territórios centrais de conquista política e afirmação identitária. A alternativa à aceitação é problemática: Alves e Moreira (2015), ao realizar uma meta-análise da produção científica brasileira acerca do tema, apontam que banheiros exclusivos às pessoas trans aparecem nesses estudos como uma opção “severamente criticada pelos autores, que a consideram como uma reiteração da discriminação e da segregação da diferença, numa perspectiva higienista e mesmo eugenista” (ALVES; MOREIRA, 2015, p. 63).

De fato, nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*, as alternativas que precluem a inclusão destes sujeitos nos banheiros “normais” representam a negação de seu gênero e identidade. Nesse caso, a busca por um meio-termo não é alcançável, por insistir no não-reconhecimento identitário das pessoas trans. Essa posição, no entanto, é questionada por pessoas não-binárias que, em geral, demonstram favorecer a criação de espaços unissex, neutros ou universais – com efeito, sua ausência representa a insistência do sistema binário em não reconhecê-los.

Como afirma Kuberski (2004), há uma duplicidade inevitável nos banheiros. São um local luxuoso e clínico, superficial e profundo; de conforto e equipamentos sofisticados, e, ao mesmo tempo, da imundície e dos dejetos (KUBERSKI, 2004, p. 141). Quando se trata de um ambiente de acesso público, outra dicotomia fica demonstrada: é um lugar de regulação e reforço sexopolítico do gênero, mas também de sua negociação, contestação e resistência. Embora a normatividade rejeite o acesso dos indivíduos gênero-divergentes aos banheiros públicos, as comunidades de pessoas trans do *Reddit* salientam ambos os lados da polarização – numa convergência que evidencia as acentuadas e insistentes dissidências intragrupo que emergiram em nossa etnografia. Entre a assimilação, enquanto estratégia de realização da subjetividade, e a contraopressão cissexista que busca reescrever e ressignificar a alteridade em cidadania, a colisão entre as identidades e perspectivas distintas nos fóruns de pessoas trans do *Reddit* parecem configurar espaços políticos indecidíveis.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nós, pessoas trans, vivemos sob constante “pressão teórica”. Teorias flutuam pelo alto, se esquivando de nossos movimentos, questionando nossos motivos, limitando ou abrindo nossas opções. Algumas dessas teorias são hostis; como armas pairando no ar, atirando na gente enquanto tentamos seguir adiante em nossas vidas. Outras teorias são mais amigáveis; elas vêm para impregnar nossas vidas. Nós nos valemos delas para nos explicarmos aos outros, ou para dar sentido às nossas próprias vidas. Nós respiramos essas teorias, tentamos corporificá-las. Às vezes, a gente tenta descobrir por nossa própria conta. Nós temos uma relação íntima com a teoria. Ela fica presa aos nossos corpos. [...] Para nós, nossa própria relação com a teoria precisa estar sujeita a questionamento<sup>202</sup> (BETTCHER, 2019, p. 4, tradução nossa).

Ao propor o desenvolvimento de uma filosofia trans que avance as discussões dos *transgender studies*, Bettcher (2019) aponta que as pessoas gênero-variantes têm uma relação muito próxima às teorias – que são acionadas para produzir sentidos sobre si, mas também para explicar ao mundo as experiências trans. Para a autora, embora os *trans studies* se refiram mais diretamente a essas pessoas e a suas problemáticas, uma “perspectiva trans” pode dar uma contribuição ampla à sociedade ao reconsiderar certas questões que são apresentadas como naturais. Como exemplos, Bettcher coloca algumas dessas reconsiderações: Como podemos entender o gênero? O que o gênero tem a ver com a personalidade? Que efeitos as opressões e resistências trans causam nas estruturas normativas e o que suas reações demonstram? (BETTCHER, 2019, p. 4).

Para Bettcher, as pessoas trans necessitam da teoria para encontrar validação, acesso a recursos e a consideração de seus contextos de opressão e resistência. Mas a autora também indica que esses sujeitos requerem resposta a perguntas profundas, pessoais e apenas aparentemente simples: O que diabos está acontecendo aqui? Como faço sentido da minha vida enquanto pessoa trans? (BETTCHER, 2017). Bettcher exemplifica, com um caso pessoal, uma experiência que pode provocar tais perguntas:

O que raios significa dizer que eu sou uma mulher? E por que tanta coisa parece depender disso? Como eu faço sentido, por exemplo, de ter meus genitais agarrados no meio da avenida Santa Monica por alguém que queria

---

<sup>202</sup> “We trans people live under constant ‘theoretical pressure’. Theories float on high, dodging our moves, questioning our motives, limiting or opening our options. Some of these theories are hostile; they’re like hovering weapons taking shots at us while we try to get through the business of life. Others are friendlier; they come to saturate our lives. We avail ourselves of them to explain ourselves to others or to make sense of our own lives. We breathe those theories, try to embody them. Sometimes, we just try to figure it out on our own. We have an intimate relation to theory. It gets stuck to our bodies [...] For us, our very relation to theory needs to be subject to inquiry.”

provar que eu sou, na verdade, um homem? Onde está a *teoria* que explica isso, e a subsequente quebra de realidade que me deixou cambaleando?<sup>203</sup> (BETTCHER, 2017, documento eletrônico, tradução nossa, ênfase no original).

Bettcher (2017) afirma que seu projeto de auxiliar o desenvolvimento de uma filosofia trans que seja distinta de filosofar sobre o fenômeno trans vem de seu descontentamento com as teorias trans-afirmativas disponíveis. Para a autora, essas teorias são insuficientes por apresentarem falhas diante da investigação crítica, e também por não contemplarem as experiências que escapam ao senso comum, como a da citação acima. Os descontentamentos internos, de fato, parecem ordenar muitos dos textos dos *trans studies* – bem como os depoimentos e testemunhos que colhemos no *Reddit*.

Em nossa pesquisa, percebemos que a maioria dos públicos trans do *Reddit* afirmam uma identidade de gênero inata. Embora nosso percurso pelo histórico do conceito de gênero tenha seguido os *trans studies* em direção a um modelo composto entre biologia e cultura, os acionamentos da performatividade não se fazem presentes nos fóruns de pessoas trans do *Reddit*. Naqueles espaços, é firmado um essencialismo que ancora as identidades de forma rígida em um evento biológico. Com efeito, qualquer *post* em que seja necessário explicar o gênero poderá trazer comentários com *hyperlinks* para artigos científicos de estudos neurológicos sobre pessoas trans. Circulam nessas comunidades, inclusive, listas e compêndios criados pelos próprios usuários do fórum, que buscam oferecer, com base na ciência, contestação à maioria das refutações anti-trans às pessoas transgênero<sup>204</sup>.

Percebemos que os apelos à teoria e à pesquisa são acionados, grosso modo, em três momentos. Na interlocução com pessoas céticas ou contrárias à variação de gênero, buscam invocar a autoridade da ciência para afastar as deslegitimações identitárias; em conversações com pessoas questionando o gênero designado no nascimento, esses textos são usados para fundamentar os desejos de vivência a partir de um outro gênero – que inicialmente podem ser compreendidos como caprichos, fantasias, ou fetichizações; a ciência é ainda invocada diante de pessoas que se admitem trans, mas resistem à transição pelos múltiplos riscos que esta acarreta. Nesses casos, os artigos científicos vêm, junto a narrativas pessoais, para demonstrar

<sup>203</sup> “What on earth could it mean to say that I’m a woman, I’ve wondered? And why does so much appear to hinge on it? How do I make sense, for example, of having my genitals grabbed in the middle of Santa Monica Boulevard by someone who wanted to prove I was really a man? Where’s the theory that explains that and the subsequent shattering of the reality that left me reeling?”

<sup>204</sup> *A Comprehensive Defense of Trans People* (“Uma defesa abrangente das pessoas trans”, tradução nossa) foi um dos guias frequentemente referenciados durante nossa etnografia. Seu autor coletou e organizou mais de 150 *hyperlinks* para artigos científicos, relatórios de pesquisa e outros documentos afins. Disponível em <[https://www.reddit.com/r/musicotic/comments/8ttud4/a\\_comprehensive\\_defense\\_of\\_trans\\_people/](https://www.reddit.com/r/musicotic/comments/8ttud4/a_comprehensive_defense_of_trans_people/)>. Acesso em: 29 out. 20.

que a incongruência de gênero não desvanece nem pode ser ignorada – e para comprovar que a transição pode ter alto grau de sucesso.

Sendo assim, as justificativas identitárias que emergem no *Reddit* fogem tanto à visão normativa (sexo como biológico, porém binário e imutável), quanto à perspectiva geral feminista e *queer* (gênero enquanto controle e opressão social através da cultura), mas também dos *trans studies* (que demonstram tanto a performatividade quanto sua união a um componente biológico). Notamos ainda no *Reddit* um retorno aos saberes do domínio da medicina, de onde a narrativa transexual se origina – negando, no entanto, a patologização da experiência trans, e rejeitando a trajetória identitária transexual. Forma-se, então, um sistema que se apoia na biologia para afirmar todas as vivências, binárias e não-binárias, como naturais. A partir desse essencialismo, os gêneros e suas variações são, além de desejos identitários inescapáveis, um direito humano e cidadão que exige reconhecimento.

Nesse sentido, Bettcher (2014b, p. 398) indica que a proposição do realismo científico de um gênero inato surge como uma resposta à irreduzibilidade das opressões normativas. Nos embates e resistências à sexopolítica, os públicos trans do *Reddit*, embora tragam à tona depoimentos de aceitação à visibilidade gênero-divergente e de atos de resistências à norma, também demonstram a percepção de que o viés biológico pode ser uma espécie de atalho na busca por legitimidade social. Ponderamos, no entanto, que tal perspectiva ignora o histórico de normalizações não-consentidas em pessoas intersexo – uma prática que aponta como a sexopolítica não cessa suas intervenções com base na biologia, ou usa o essencialismo como justificativa à normalização. Além disso, a construção de um paradigma onde a variação de gênero é naturalizada pode ser meramente enquadrada como desvio estatístico que reforça as diferenças sexistas de gênero. O atalho, nesse caso, parece evocar a procura de uma solução mágica – que mais do que provocar uma mudança cultural, objetiva enfaticamente apaziguar os deslocamentos subjetivos e corporificados que a experiência trans causa. Como procuramos ressaltar em nossa etnografia, a ansiedade, existencial e relacional, é o sentimento preponderante nas discussões sobre “passar”, in/visibilidades, e banheiros públicos. Lembramos, nesse contexto, que a pergunta de Bettcher (2017) – “O que *diabos* está acontecendo aqui?”<sup>205</sup> – continua sem solução: as pessoas trans que encontramos no *Reddit* seguem esperando, inquietas, que a teoria lhes diga não quem são, mas *por quê* são. Nesse sentido, a legitimação identitária não é resolução, mas meramente um alívio temporário. “Enquanto uma mulher trans, eu quero saber *como* eu sou

---

<sup>205</sup> “*What the fuck is going on here?*”. Tradução nossa. Ênfase no original.

uma mulher em um mundo que me nega isso. Presumir que minha identidade seja válida não me dá essa resposta.”<sup>206</sup> (BETTCHER, 2019, p. 11, tradução nossa, ênfase no original).

Wilchins (2013 [1997]) já havia apontado os riscos de investigar a legitimidade trans com base em categorias identitárias:

Embora eu reconheça quão importante é produzir história e sociologia sobre as pessoas trans, eu desconfio de qualquer coisa que possa cimentar a categoria [transgênero] ainda mais firmemente. Eu gostaria que também investigássemos as formas em que categorias como transgênero são produzidas, mantidas, e impostas [...] Estudar transgênero [...] traz, em si, o risco de essencializar a categoria e, ao mesmo tempo, naturalizar os regimes de gênero que a instalam e as expressões ‘normais’ de gênero [...]”<sup>207</sup> (WILCHINS, 2013, p. 67-68, tradução nossa).

Bettcher (2014) lembra que o paradigma transgênero foi criado para instituir um modelo que vá além do binário, buscando distanciar-se do modelo transexual que o antecedeu. Embora abarcar a diversidade de experiências de variação de gênero seja um movimento necessário, essa perspectiva não é isenta de problemas. Para a autora, a visão mais radical do modelo além do binário invalida a autoidentificação de gênero, ou, no máximo, aceita essas autoidentificações como problemáticas, já que certas identidades se posicionam em relação ao eixo binário normativo. Além disso, Bettcher (2014, p. 385) afirma que pessoas que se identificam como transgênero também podem se definir como homens e mulheres. Consequentemente, categorias como *genderqueer* emergiram para retratar aqueles que de fato se opõem ao sistema binário, demonstrando a insuficiência da teoria transgênero e sua desconexão da prática e de seus sujeitos.

A análise de Bettcher encontra eco nos públicos trans do *Reddit*. Se o termo “transgênero” recebe a todos que se afastam do gênero designado no nascimento, ele também homogeneiza pessoas com objetivos identitários bastante distintos. No *Reddit*, as insistências no dispositivo de “passar” – bem como a compreensão institucionalizada, através dos moderadores dos fóruns, de que a invisibilidade é uma opção tão válida quanto seu oposto – contrastam com os chamamentos políticos das perspectivas transgênero mobilizadas pelos *trans studies*.

<sup>206</sup> “As a trans woman, I do want to know how it is that I am a woman in this world that denies this. The presumption that my identity is valid hardly answers this.” Ênfase no original.

<sup>207</sup> “While I recognize how important it is to produce histories and sociologies of transpeople, I am wary of anything that might cement the category more firmly in place. I’d also like us to investigate the means by which categories like transgender are produced, maintained, and inflicted [...] Studying transgender [...] by itself risks essentializing the category and, at the same time, naturalizing the gender regimes that install it and the “normal” gender displays [...]”.

Além disso, o escape das categorias identitárias, como apontado por Wilchins na citação acima, também forma linhas de fuga no *Reddit*. Por vezes, pessoas trans que “passam” indicam abandonar o rótulo trans, considerando-o um diagnóstico e não uma identidade. Em outros momentos, “trans” é acionado não como uma contração de transgênero, que é o uso corriqueiro na plataforma – mas no mesmo sentido em que o usamos, nesta dissertação, como mero indicador da expressão subjetiva que rompe com o gênero designado no nascimento. Ou seja, uma classificação, não uma identidade. Esses sentidos se mostram resistentes às inflexões da visibilidade que “transgênero” busca propor.

A contestação a “transgênero”, como projeto político central, também pode ser encontrada em Namaste (2005). A autora afirma que acadêmicos e ativistas estabelecem um precedente perigoso ao propor que as identidades são aceitáveis somente quando se demonstram politicamente úteis. “Quem decide o que constitui ‘politicamente útil’, afinal?”<sup>208</sup> (NAMASTE, 2005, p. 8, tradução nossa). Para Namaste, é preciso legitimar também os que buscam meramente alinhar o corpo e afirmar o gênero experienciado. A autora sinaliza ainda que a transexualidade é formada por desejos cotidianos e ordinários: “[...] é sobre a banalidade de comprar pão, tirar xerox, ou levar calçados no sapateiro. Não é sobre desafiar o sistema binário sexo/gênero, não é sobre fazer uma intervenção crítica a todo instante em que se está acordado, não é sobre começar a Revolução do Gênero”<sup>209</sup> (NAMASTE, 2005, p. 20, tradução nossa).

No depoimento de Namaste, cujo contexto é a fala em uma conferência no ano de 2001, percebemos a reação do ativismo transexual diante de uma transnormatividade das políticas transgênero. Lembramos que essas políticas, no entanto, surgiram a partir da percepção de uma normatividade transexual em que a cirurgia transgenital imprime hierarquias identitárias, e falha em representar a multiplicidade de experiências trans (BRUBAKER, 2016, p. 115-116). Nesses embates teóricos e ativistas, quisemos demonstrar as disparidades que resultam, em 2020, nos públicos trans do *Reddit* reproduzindo as mesmas controvérsias insistentes e alternadas – embora nesse momento não estejam mais divididos a partir de identidades trans específicas, mas unidos e disputando os sentidos possíveis do paradigma transgênero. Ou seja: o direito às banalidades salientado por Namaste, indicando um estado de gênero que escapa à alteridade trans, é informado como integrante da perspectiva transgênero que encontramos no *Reddit*. A abrangente adoção de “transgênero”, e

<sup>208</sup> “Who gets to decide what constitutes ‘politically useful’ anyway?”

<sup>209</sup> “Transsexuality is about the banality of buying some bread, of making photocopies, of getting your shoe fixed. It is not about challenging the binary sex/gender system, it is not about making a critical intervention every waking second of the day, it is not about starting the Gender Revolution.”

a rejeição a “transexual”, pode ser exemplificada em depoimento de SupremeApple, no fórum *MtF*, em 16/01/2020:

Eu sou uma mulher trans disfórica, de meia idade, branca, heterossexual, que passa, e que fez todas as cirurgias. Eu sou a corporificação do rótulo ‘transexual’, mas eu jamais irei usá-lo. Esse termo foi cooptado por transmedicalistas e pelos que negam a legitimidade das pessoas não-binárias. Eu não vou usar um rótulo que possa fazer outros membros da minha comunidade se sentirem excluídos ou desconfortáveis. Me chame de transexual e você vai me deixar muito irritada.

Cabe ainda ressaltar que a postura de Namaste (2005), no embate transexual *versus* transgênero, reproduz as dicotomias “nós contra eles” que remetem à polarização entre sexopolítica e variação de gênero. Além disso, ao indicar que a transexualidade é o local de uma vivência cotidiana onde trans não se sobrepõe ao gênero, a autora ignora que transgêneros e não-binários também podem almejar uma vida sem as consequências das repressões e alteridades normativas. Apesar de compreendermos o contexto da fala de Namaste, nos parece necessário questionar: como pode ser produtivo responder à transnormatividade com outra versão da transnormatividade? Onde há binarismo, uma hierarquia se estabelece.

Com esse exemplo, e com os demais apresentados nesta pesquisa, não buscamos apontar um determinado autor ou projeto político identitário como o mais correto ou equivocados. Como objetivamos demonstrar ao longo da dissertação, as controvérsias entre teorias e ativismos nos *trans studies* são contínuas e parte integrante de seu desenvolvimento. Ressaltamos, ainda, que não salientamos tais embates como a derrocada de um projeto teórico; percebemos as discussões como frutíferas e necessárias ao desenvolvimento do campo, uma vez que seus sujeitos sofrem contestações normativas interseccionais e têm vidas e experiências únicas, múltiplas. Nesse sentido, Halberstam (1999 [1994]), como Wilchins (2013), aponta que o viés identitário não é suficiente ou adequado para o desenvolvimento de um novo paradigma de gênero:

A divisão de gêneros e sexualidades em identidades é, de muitas formas, um projeto sem fim, e é talvez preferível reconhecer que o gênero é definido por sua transitividade, que a sexualidade se manifesta em sexualidades múltiplas, e que, portanto, somos todos transexuais. Não existem transexuais<sup>210</sup> (HALBERSTAM, 1999, p. 132, tradução nossa).

---

<sup>210</sup> “The breakdown of genders and sexualities into identities is in many ways, an endless project, and it is perhaps preferable therefore to acknowledge that gender is defined by its transitivity, that sexuality manifests as multiple sexualities, and that therefore we are all transsexuals. There are no transsexuals.”



Mais tarde, Halberstam (1998b) iria reformular essa afirmação, demonstrando reconhecer as identidades transexuais como legítimas e específicas. No entanto, o autor mantém a percepção de que a transexualidade é um modelo inadequado diante da profusão de experiências contemporâneas que emergem do gênero e da sexualidade. “Passar”, portanto, negaria essa multiplicidade ao consolidar uma identidade binária.

Passar, enquanto narrativa, assume que há um *self* que se disfarça como um outro tipo de *self*, e o faz com sucesso; em vários momentos, passar com sucesso pode se agregar em algo semelhante a uma identidade. Em tais momentos, quem passa se *tornou*.<sup>211</sup> (HALBERSTAM, 1998b, p. 21, tradução nossa, ênfase no original).

Nas análises etnográficas, procuramos demonstrar como as pessoas trans que “passam”, e recusam a visibilidade, produzem cisgeneridade; e que os visíveis são mais vulneráveis às múltiplas reações normativas. Assim, esses sujeitos escapam às alteridades da gênero-divergência e, com efeito, têm acesso franqueado mesmo aos banheiros públicos (e a outras banalidades, como Namaste se refere). Halberstam (1998b), embora ressalve que “passar” é um dispositivo contraproducente e mesmo inútil às pessoas cuja identidade se situa fora do sistema sexo/gênero binário, indica que seus efeitos acabam concretizando um “tornar-se” identitário. No entanto, para o autor, e na perspectiva transgênero, “passar” é, ao mesmo tempo, demonstrado como um disfarce, uma máscara. Da mesma forma, Stone (2014) percebe que o dispositivo se opõe à autenticidade nos contextos relacionais. “Sob o conceito de passar, e negando a força desestabilizadora de ser ‘lido’, relacionamentos começam como mentiras [...]”<sup>212</sup> (STONE, 2014, p. 16, tradução nossa).

Para Bettcher (2006), que busca problematizar tanto o projeto transexual do corpo errado como o transgênero, além do binário, é importante enfatizar uma noção de política que não se limite à mudança social em larga escala. A autora indica que atos individuais de sobrevivência, incluindo “passar”, precisam ser reconhecidos como subversivos, resistentes e políticos, ao invés de repudiados por não se encaixarem numa visão política particular.

E eu acho importante reconhecer que a resistência política, de forma geral, pode às vezes precisar usar táticas de invisibilidade, silêncio, segredo e duplicidade, particularmente em um mundo que é perigoso. Além disso, é muito arriscado assumir que a invisibilidade é o único problema, e que a

<sup>211</sup> “Passing as a narrative assumes that there is a self that masquerades as another kind of self and does so successfully; at various moments, the successful pass may cohere into something akin to identity. At such a moment, the passer has become.”

<sup>212</sup> “Under the principle of passing, denying the destabilizing power of being “read”, relationships begin as lies [...]”.

visibilidade é a única solução<sup>213</sup> (BETTCHER, 2006, p. 195, tradução nossa).

Se Namaste (2005) entende que a teoria *queer* e a maior parte da teoria transgênero não respeitam as pessoas transexuais por não entenderem a transexualidade em seus próprios termos, Bettcher (2012) aponta que ambos modelos, transexual e transgênero, falham ao assumir um posicionamento em que as identidades de gênero, cis ou trans, têm apenas um significado. Nesse sistema, seus sujeitos reforçam um sentido dominante, que apaga e marginaliza os demais. Além disso, a autora indica que aceitar como válidas as compreensões dominantes das categorias de gênero, que marginalizam as pessoas trans, é um ponto de partida politicamente questionável, e que se volta contra os sujeitos que o propõem. “Para deixar claro, pode ser uma estratégia útil adotar os entendimentos dominantes em situações particulares. Mas me preocupo com qualquer teoria dedicada a iluminar a opressão e a resistência trans que aceita, de forma acrítica, a compreensão dominante das categorias”<sup>214</sup> (BETTCHER, 2012, p. 245, tradução nossa).

Para Bettcher, é necessário expandir significados de gênero para incluir a multiplicidade de suas expressões e formas resistentes e subculturais. Nesse sistema, a autora pondera, as autoidentificações trans não requereriam justificativa à sua legitimação e reconhecimento. De fato, tal justificativa, em si, assume e compactua com o apagamento da variação de gênero produzido pela cultura dominante – ou seja, procede a partir de premissas transfóbicas (BETTCHER, 2012, p. 247). De maneira mais ampla, Bettcher (2014) propõe que uma teoria trans deve buscar a ruptura da relação representacional entre apresentação de gênero e genitália, e assuma dos sujeitos trans a mesma resistência à normatividade, seja qual for o acionamento identitário.

E isso requer reconhecer a existência de múltiplos mundos de sentido, mundos em que termos como ‘mulher’ têm significados diferentes e resistentes, mundos em que existem práticas de gênero diferentes e resistentes. Isso permite que indivíduos trans que se identificam como homem ou mulher sejam tão resistentes como aqueles que não se identificam [com nenhum dos dois]. A formação de categorias identitárias, nesses contextos, envolvem rompimentos radicais com as práticas dominantes de gênero, e conseqüentemente, uma alteração no significado de

---

<sup>213</sup> “And, I think that it is important to recognise that political resistance more generally might sometimes need to use tactics of invisibility, silence, secrecy, and duplicity, particularly in a world that is dangerous. Moreover, it is very dangerous to assume that only invisibility is the problem and that only visibility is the solution.”

<sup>214</sup> “To be sure, it might be a useful strategy to adopt the dominant understanding in particular situations. But I worry about any theory designed to illuminate trans oppression or resistance that unreflectively accepts a dominant understanding of categories.”

termos como ‘mulher’ e ‘homem’<sup>215</sup> (BETTCHER, 2014, p. 403, tradução nossa).

É essa reconstrução de significados que norteou nossa pesquisa. Vivenciamos, junto aos públicos trans do *Reddit*, os efeitos da gênero-divergência; nessas comunidades, reconstruímos paradigmas, formamos entendimentos das nossas subjetividades, desenvolvemos estratégias narrativas. Encontramos apoio no isolamento do segredo abjeto, compreensão quando nos sentimos incompreensíveis, e alento quando, no mundo, parece simplesmente não existir lugar para nossas vidas. Assim, ressaltam de forma íntima as disputas que procuram sobrepor uma identidade sobre a outra, um projeto político sobre o outro. As dissidências dos *trans studies*, no importante trabalho de criar novas perspectivas sobre seus sujeitos, fazem emergir complexidades que tornam as teorias contraditórias, incompletas, escorregadias. Esses textos, estudos e pesquisas não são, até agora, capazes de responder de maneira suficiente aos embates que testemunhamos nas comunidades de pessoas trans do *Reddit*.

Nesse sentido, ressaltamos que os depoimentos apresentados na etnografia foram selecionados para demonstrar recorrências que percebemos, ao longo de cinco anos, entre os públicos trans do *Reddit*. Notamos ainda que, na busca dessas regularidades, mantivemos nossa atenção à arena mais populada e rica em discussões, o *AskTransgender*, que em nossa percepção tem maioria de público binário. Sendo assim, as problemáticas trazidas aqui favorecem esses públicos e, por força do recorte da pesquisa, não demos a mesma atenção às experiências e vivências não-binárias. Sugerimos, portanto, como desdobramento possível dos temas aqui discutidos, investigar como as identidades e experiências não-binárias de gênero se relacionam com o projeto transgênero contemporâneo, e a relativa obscuridade das identidades não-binárias nos *trans studies*.

Além disso, como indicamos no capítulo dois, percebemos um potencial produtivo na leitura crítica dos *trans studies* na academia brasileira. Respeitadas as especificidades socioculturais, compreendemos que a vasta produção teórica dos *trans studies* pode somar novas pistas e *insights* na compreensão das dinâmicas do gênero em nosso país. Ao notar paralelos entre as disputas observadas nessa dissertação e nos ativismos travesti/transsexual no

---

<sup>215</sup> “What is needed, in my view, is fuller opposition to the very basis of reality enforcement—namely, the entire representational relation between gender presentation and genitalia. And this requires recognizing the existence of multiple worlds of sense, worlds in which terms such as “woman” have different, resistant meanings; worlds in which there exist different, resistant gender practices. This allows for the possibility that trans individuals who self-identify as men or women are every bit as resistant as those who do not. The deployments of identity categories in these contexts involve radical departures from dominant practices of gender and hence an alteration in the meaning of terms such as ‘woman’ and ‘man’.”

Brasil, será necessário responder, também na academia, às polarizações identitárias gênero-divergentes em nosso contexto.

Compreendemos, enfim, que cabe à comunicação um papel fundamental nesse processo. É preciso que todas as vivências trans sejam visíveis à academia e à sociedade; é necessária uma revisão ética e ampla dos acionamentos da sexopolítica sobre os corpos e seus gêneros. As informações sobre o fenômeno trans, incluindo as caracterizações mobilizadas através das mídias, são ainda rarefeitas, e muitas vezes surgem incompletas ou mesmo incorretas. As teorias estão em construção; é preciso, acima de tudo, diálogo.

Para Bettcher (2017), se as investigações teóricas não podem oferecer respostas, então que ao menos providenciem luz. É nesse sentido que desenvolvemos nossa pesquisa: buscando fazer a escuta de certas vivências e experiências, e demonstrar alguns dos avanços que se fazem necessários às teorizações a respeito das pessoas trans.

## 6 REFERÊNCIAS

AHMED, Sara. An Affinity of Hammers. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 22-34, 2016.

AIZURA, Aren. The Persistence of Transgender Travel Narratives. In: COTTEN, Trystan (ed.). *Transgender Migrations: The Bodies, Borders, and Politics of Transition*. New York: Routledge, 2012. p. 139-156.

ALVES, Cláudio; MOREIRA, Maria. Do uso do nome social ao uso do banheiro: (trans)subjetividades em escolas brasileiras. *Quaderns de Psicologia*, Barcelona, v. 17, n. 3, p. 59-69, 2015.

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital. *Sessões do imaginário*, n. 20, p. 34-40, 2008.

ANDERSON, Ryan. *When Harry Became Sally: Responding to the Transgender Moment*. New York: Encounter Books, 2018.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza*. San Francisco: Spinster, 1987.

ASKTRANSGENDER. 2020. Disponível em <<https://reddit.com/r/asktransgender>>. Acesso em: 12 set. 20.

BAILEY, J. *The Man who Would be Queen: The Science of Gender-bending and Transsexualism*. Washington: Joseph Henry Press, 2003.

BARBOSA, Bruno. Doidas e putas: usos das categorias travesti e transexual. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, n. 14, p. 352-379, 2013.

\_\_\_\_\_. *Imaginando trans: saberes e ativismos em torno das regulações das transformações corporais do sexo*. 2015. Tese (Doutorado em Ciência Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de Antropologia, USP, São Paulo.

BARKER, Meg-John. Overview of Non-binary Activism So Far. In: RICHARDS, Christina; BOUMAN, Walter; BARKER, Meg-John (eds.). *Genderqueer and Non-Binary Genders*. London: Palgrave MacMillan, 2017. p. 32-39.

BARNHURST, Kevin. Visibility as Paradox: Representation and Simultaneous Contrast. In: BARNHURST, Kevin. (ed.). *Media/Queered: Visibility and Its Discontents*. New York: Peter Lang Publishing, 2007. p. 1-20.

BARRETT, Ruth (ed.). *Female Erasure: What you Need to Know about Gender Politics' War on Women, the Female Sex and Human Rights*. Los Angeles: Tidal Time, 2016.

BARROS, Antonio; BUSANELLO, Elizabeth. Machismo discursivo: modos de interdição da voz das mulheres no parlamento brasileiro. *Estudos Feministas*, v. 27, n. 2, p. 1-15, 2019.

BEAUCHAMP, Toby. *Going Stealth: Transgender Politics and U.S. Surveillance Practices*. Durham: Duke University Press, 2019.

BENJAMIN, Harry. *The Transexual Phenomenon*. New York: Julian Press, 1999.

BENTO, Berenice. *A Reinvenção do Corpo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

\_\_\_\_\_. *O que é transexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 2017. Edição do Kindle.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, Larissa. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. *Estudos Feministas*, v. 20, n. 2, p. 569-581, 2012.

BERGMAN, Bear. *Butch Is a Noun*. Vancouver: Arsenal, 2010.

BETTCHER, Talia. Appearance, Reality and Gender Deception. In: MURCHADHA, Felix (ed.). *Violence, victims, and justifications*. New York: Peter Lang Press, 2006. p. 174-200.

\_\_\_\_\_. Trans Women and the Meaning of 'Woman'. In: POWER, Nicholas; HALWANI, Raja; SOBLE, Alan (eds.). *The Philosophy of Sex: Contemporary Readings*. 6 ed. Rowman & Littlefield, 2012. p. 233-250.

\_\_\_\_\_. Feminist Perspectives on Trans Issues. *Stanford Encyclopadia of Philosophy*. 2014. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/feminism-trans>>. Acesso em: 18 out. 20.

\_\_\_\_\_. Trapped in the Wrong Theory: Rethinking Trans Oppression and Resistance. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 39, n. 2, p. 383-406, 2014.

\_\_\_\_\_. Other “worldly” philosophy. *Philosopher*. 2015. Disponível em: <<https://politicalphilosopher.net/2015/08/16/featured-philosop-her-talia-bettcher/>>. Acesso em: 06 nov. 20.

\_\_\_\_\_. “When Tables Speak”: On the Existence of Trans Philosophy. 2018. Disponível em <<https://dailynous.com/2018/05/30/tables-speak-existence-trans-philosophy-guest-talia-mae-bettcher/>>. Acesso em: 22 jan. 20.

\_\_\_\_\_. What Is Trans Philosophy? *Hypatia*, v. 34, n. 4, p. 644-667, 2019.

BILLINGS, Dwight; URBAN, Thomas. Socio-Medical Construction of Transsexualism. *Social Problems*, v. 29, n. 3, p. 266-282, 1982.

BOELLSTORFF, Tom et al. *Ethnography and Virtual Worlds: A Handbook of Method*. New Jersey: Princeton University Press, 2012.

BORBA, Rodrigo; OSTERMANN, Ana. Do Bodies Matter? Travestis’ Embodiment of (Trans)Gender Identity Through the Manipulation of the Brazilian Portuguese Grammatical Gender System. *Gender and Language*, v. 1, n. 1, p. 131-147, 2007.

BORGES, Rosane. Das perspectivas que inauguram novas visadas. In: HOOKS, bell. *Olhares negros: raça e representação*. São Paulo: Elefante, 2019. p. 8-19.

BORNSTEIN, Kate. *Gender Outlaw: On Men, Women, and the Rest of Us*. New York: Routledge, 1994.

BOSWELL, Holly. The Transgender Alternative. *Chrysalis Quarterly*, v. 1, n. 2, p. 29-31, 1991.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2011. p. 40-58.

BRAGA, Adriana. Etnografia segundo Christine Hine: abordagem naturalista para ambientes digitais. *E-compós*, Brasília, v. 15, n. 3, p. 1-8, 2012.

BRUBAKER, Rogers. *Trans: Gender and Race in an Age of Unsettled Identities*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

BUTLER, Judith. *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York: Routledge, 2002.

\_\_\_\_\_. *Undoing gender*. New York: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. *Bodies that Matter: On the Discursive Limits of "Sex"*. New York: Routledge, 2011.

\_\_\_\_\_. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

\_\_\_\_\_. Judith Butler on the culture wars, JK Rowling and living in "anti-intellectual times". [Entrevista concedida a] Alona Ferber. *NewStatesman*, 22 set. 20. Disponível em <<https://www.newstatesman.com/international/2020/09/judith-butler-culture-wars-jk-rowling-and-living-anti-intellectual-times>>. Acesso em: 30 out. 20.

CALIFIA, Patrick. *Sex Changes: The Politics of Transgenderism*. 2 ed. San Francisco: Cleis Press, 2003.

CASE, Laura *et al.* Altered White Matter and Sensory Response to Bodily Sensation in Female-to-Male Transgender Individuals. *Archives of Sexual Behavior*, v. 46, n. 5, p. 1223-1237, 2017.

CHU, Andrea; DRAGER, Emmett. After Trans Studies. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 6, n. 1, p. 103-116, 2019.

COLAPINTO, John. *As nature made him: the boy who was raised as a girl*. New York: HarperCollins, 2000.

CONN, Canary. *Canary: The Story of a Transsexual*. New York: Nash, 1974.

CONNEL, Catherine. The Politics of the Stall: Transgender and Genderqueer Workers Negotiating "the Bathroom Question". In: BOBEL, Chris; KWAN, Samantha (eds.). *Embodied Resistance: Challenging the Norms, Breaking the Rules*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2011. p. 175-185.

CROWMELL, Jason. Queering the Binaries: Transsituated Identities, Bodies, and Sexualities. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 509-520.

CUCCHIARI, Salvatore. The gender revolution and the transition from the bisexual horde to patrilocal band: the origins of gender hierarchy. In: ORTNER, Sherry; WHITEHEAD, Harriet (eds.). *Sexual Meanings: The Cultural Construction of Gender and Sexuality*. New York: Cambridge University Press, 1981. p. 31-79.

CURIEL, Ochy. Gênero, raça, sexualidade – debates contemporâneos. In: BAPTISTA, Maria (org.). *Gênero e performance – Textos essenciais vol. I*. Coimbra: Grácio, 2018. p. 215-238.

CURRAH, Paisley; MOORE, Lisa. “We Won’t Know Who You Are”: Contesting Sex Designations in New York City Birth Certificates. *Hypatia*, v. 24, n. 3, p. 113-135, 2009.

DALY, Mary. *Gyn/Ecology: The Metaethics of Radical Feminism*. 2 ed. Boston: Beacon Press, 1990.

DANIEL, Ben. Introduction to this Volume. In: DANIEL, Ben (ed.). *Handbook of Research on Methods and Techniques for Studying Virtual Communities: Paradigms and Phenomena*. Hershey: Information Science Reference, 2010. p. 410-428.

DARWIN, Helana. Doing Gender Beyond the Binary: A Virtual Ethnography. *Symbolic Interaction*, v. 40, n. 3, p. 1-18. 2017.

DAVIES, Edward. *Third Wave Feminism and Transgender: Strength Through Diversity*. New York: Routledge, 2018.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DELPHY, Christine. Pensar o gênero: problemas e resistência. In: BAPTISTA, Maria (org.). *Gênero e performance – Textos essenciais vol. I*. Coimbra: Grácio, 2018. p. 197-214.

DEVIDES, Maria Beatriz. *A violência contra travestis e transexuais mulheres a partir de uma perspectiva analítico-comportamental*. 2018. Dissertação (Mestrado em Análise do Comportamento) – Departamento de Psicologia Geral, UEL, Londrina.

DEVOR, Aaron. Witnessing and Mirroring: A Fourteen Stage Model of Transsexual Identity Formation. *Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy*, v. 8, n. 1-2, p. 41-67, 2004.

DIAMOND, Milton. Transsexualism as an Intersex Condition. In: SCHREIBER, Gerhard [ed.]. *Transsexualität in Theologie und Neurowissenschaften. Ergebnisse, Kontroversen, Perspektiven*. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 43-54.

DICKS, Bella et al. *Qualitative Research and Hypermedia: Ethnography for the Digital Age*. London: Sage, 2005.

DOSSE, François. *Renascimento do acontecimento*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.



- EKINS, Richard; KING, Dave. *The Transgender Phenomenon*. London: Sage, 2006.
- ELLIOT, Patricia. *Debates in Transgender Queer and Feminist Theory: Contested Sites*. Farnham: Ashgate, 2010.
- ELLIOT, Patricia; ROEN, Katrina. Transgenderism and the Question of Embodiment: Promising Queer Politics? *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 4, n. 2, p. 231-261, 1998.
- ERICKSON-SCHROTH, Laura; JACOBS, Laura. *“You're in the Wrong Bathroom!”: and 20 Other Myths and Misconceptions about Transgender and Gender-nonconforming People*. Boston: Beacon Press, 2017.
- FAUSTO-STERLING, Anne. *Sexing the Body: Gender Politics and the Construction of Sexuality*. 2 ed. New York: Basic Books, 2000.
- \_\_\_\_\_. *Sex/Gender: Biology in a Social World*. New York: Routledge, 2012.
- FEINBERG, Leslie. *Transgender Liberation: A Movement whose Time Has Come*. New York: World View, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Stone Butch Blues*. 20th Anniversary Edition. 2014. Disponível em <<http://www.lesliefeinberg.net/download/661/>>. Acesso em: 02 nov. 20.
- FINLAYSON, Lorna; JENKINS, Katharine; WORSDALE, Rosie. “I’m not transphobic but...”: A feminist case against the feminist case against trans inclusivity. 17 out. 2018. Disponível em <<https://www.versobooks.com/blogs/4090-i-m-not-transphobic-but-a-feminist-case-against-the-feminist-case-against-trans-inclusivity>>. Acesso em: 23 out. 20.
- FLICK, Uwe. *Introdução à Pesquisa Qualitativa*. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FLORES, Andrew *et al.* *How Many Adults Identify as Transgender in the United States?* Los Angeles: The Williams Institute, 2016.
- FRANKLIN, Joshua. Surgical Subjects and the Right to Transgender Health in Brazil. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 5, n. 2, p. 190-206, 2018.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GALARTE, Francisco. General Editor’s Introduction. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 6, n. 2, p. 141-144, 2019.
- GARFINKEL, Harold. Passing and the Managed Achievement of Sex Status in an “Intersexed” Person. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 58-93.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HAEFELE-THOMAS, Ardel. *Introduction to transgender studies*. New York: Harrington Park Press, 2019.

HALBERSTAM, Jack. Transgender Butch. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 4, n. 2, p. 287-310, 1998.

\_\_\_\_\_. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

\_\_\_\_\_. F2M: The Making of Female Masculinity. In: PRICE, Janet; SHILDRICK, Margrit. *Feminist Theory and the Body: A Reader*. New York: Routledge, 1999. p. 125-133.

HALE, Jacob. Are Lesbians Women?. *Hypatia*, v. 11, n. 2, p. 94-121, 1996.

HARAWAY, Donna. *Simians, Cyborgs and Women: The Reinvention of Nature*. New York: Routledge, 1991.

HARRISSON, Kelby; COOLEY, Dennis (eds.). *Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed*. New York: Routledge, 2012.

HAUSMAN, Bernice. *Changing Sex: Transsexualism, Technology, and the Idea of Gender*. Durham: Duke University Press, 1995.

HEATH, Rachel; WYNNE, Katie. *A Guide to Transgender Health*. Santa Barbara: Praeger, 2019.

HENNINGSEN, Kadin. "Calling [herself] Eleanor": Gender Labor and Becoming a Woman in the Rykener Case. *Medieval Feminist Forum*, v. 55, n. 1, p. 249-266, 2019.

HEYES, Cressida. Feminist Solidarity after Queer Theory: The Case of Transgender. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 28, n. 4, 2003.

HINE, Christine. *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications, 2000.

\_\_\_\_\_. Internet Research as Emergent Practice. In: BIBER, Sharlene; LEAVY, Patricia (eds.). *Handbook of Emergent Methods*. New York: Guilford Press, 2008. p. 525-541.

\_\_\_\_\_. *Ethnography for the Internet: Embedded, Embodied and Everyday*. London: Bloomsbury, 2015.

\_\_\_\_\_. From virtual ethnography to the embedded, embodied, everyday internet. In: HJORTH, Larissa et al. (eds.). *The Routledge Companion to Digital Ethnography*. New York: Routledge, 2017. p. 21-28.

HIRD, Myra. For a Sociology of Transsexualism. *Sociology*, v. 36, n. 3, 2002.

HJORTH, Larissa et al. (eds.). *The Routledge Companion to Digital Ethnography*. New York: Routledge, 2017. p. 21-28.

HORST, Heather; MILLER, Daniel (eds.). *Digital Anthropology*. London: Bloomsbury, 2012.

JAMES, Sandy *et al.* *The Report of the 2015 U.S. Transgender Survey*. Washington: National Center for Transgender Equality, 2016. Disponível em: <<https://www.transequality.org/sites/default/files/docs/USTS-Full-Report-FINAL.PDF>>. Acesso em: 21 out. 20.

JARRÍN, Alvaro. Untranslatable Subjects: Travesti Access to Public Health Care in Brazil. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 3-4, p. 357-375, 2016.

JEFFREYS, Sheila. *Gender Hurts: A Feminist Analysis of the Politics of Transgenderism*. New York: Routledge, 2014.

JENNER, Caitlyn. *The Secrets of My Life*. New York: Grand Central, 2017.

JENNINGS, Jazz. *Being Jazz: My Life as a Transgender Teen*. New York: Crown, 2016.

JESUS, Jaqueline. *Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos*. 2. ed. Brasília, 2012.

JORGENSEN, Christine. *A Personal Autobiography*. 2 ed. Minneapolis: Cleis Press, 2000.

KAILEY, Matt. *Just Add Hormones: An Insider's Guide to the Transsexual Experience*. Boston: Beacon Press, 2006.

KOYAMA, Emi. The Transfeminist Manifesto. In: DICKER, Rory; PIEPMEIER, Alison (eds.). *Catching a Wave: Reclaiming Feminism for the 21st Century*. Boston: Northeastern University Press, 2003. p. 244-262.

KOZINETS, Robert. *Netnography: Doing Ethnographic Research Online*. Londres: Sage, 2010.

KRUIJVER, F. *et al.* Male-to-female Transsexuals Have Female Neuron Numbers in a Limbic Nucleus. *Journal of Clinical Endocrinology and Metabolism*, v. 85, n. 5, p. 2034-2041, 2000.

KUBERSKI, Philip. Plumbing the Abyss: Stanley Kubrick's Bathrooms. *Arizona Quarterly: A Journal of American Literature, Culture, and Theory*, v. 60, n. 4, p. 139-160, 2004.

LANE, Riki. Reading Trans Biology as a Feminist Sociologist. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 185-191, 2016.

\_\_\_\_\_. Trans as Bodily Becoming: Rethinking the Biological as Diversity, not Dichotomy. *Hypatia*, v. 24, n. 3, p. 136-157, 2009.

LANZ, Leticia. *O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*. 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, UFPR, Curitiba.

LEITE JR., Jorge. *Nossos corpos também mudam: sexo, gênero e a invenção das categorias 'travesti' e 'transexual' no discurso científico*. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – PUC, São Paulo.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LAWRENCE, Anne. *Men Trapped in Men's Bodies: Narratives of Autogynephilic Transsexualism*. New York: Springer, 2013.

LORBER, Judith. *Paradoxes of gender*. Binghamton: Yale University Press, 1994.

LOVE, Heather. Queer. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 1, n. 1-2, p. 172-176, 2014.

MARTÍNEZ-SAN MIGUEL, Yolanda; TOBIAS, Sarah [eds.]. *Trans Studies: The Challenge to Hetero/Homo Normativities*. New Brunswick: Rutgers, 2016.

MARTINO, Mario. *Emergence: A Transsexual Autobiography*. New York: Crown, 1977.

MASSANARI, Adrienne. *Participatory Culture, Community, and Play: Learning from Reddit*. New York: Peter Lang, 2015.

MATHIEU, Nicole-Claude. Masculinité/féminité. *Questions Féministes*, Paris, n. 1, p. 51-68, 1977.

MEYEROWITZ, Joanne. *How Sex Changed: A History of Transsexuality in the United States*. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

MILLOT, Catherine. *Horsexe: Essay on Transsexuality*. New York: Autonomedia, 1990.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, n. 21, p. 150-182, 2009.

\_\_\_\_\_. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

\_\_\_\_\_. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 53, 2018.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 32, n. 3, p. 725-747, 2017.

MOCK, Janet. *Redefining Realness: My Path to Womanhood, Identity, Love & So Much More*. New York: Atria, 2014.

MONTARDO, Sandra; PASSERINO, Liliana. Estudo dos blogs a partir da netnografia: possibilidades e limitações. *Novas Tecnologias na Educação*, Porto Alegre, v. 4, n. 2, p. 1-10, 2006.

MORIEL, Liora. Passing and the Performance of Gender, Race, and Class Acts: A Theoretical Framework. *Women & Performance*, v. 15, n. 1, p. 167-210, 2005.

MORRIS, Jan. *Conundrum*. 2 ed. New York: New York Review of Books, 2002.

MTF. 2020. Disponível em <<https://reddit.com/r/mtf>>. Acesso em: 18 set. 20.

NONBINARY. 2020. Disponível em <<https://reddit.com/r/nonbinary>>. Acesso em: 18 set. 20.

O'BRIEN, Jodi. Seeing Agnes: Notes on a Transgender Biocultural Ethnomethodology. *Symbolic Interaction*, v. 39, n. 2, p. 306-329, 2016.

OAKLEY, Ann. *Sex, Gender and Society*. Aldershot: Gower, 1985.

OVERALL, Christine; SELLBERG, Karin. *Transgender Identity and Passing Authentically*. In: HARRISSON, Kelby; COOLEY, Dennis (eds.). *Passing/Out: Sexual Identity Veiled and Revealed*. New York: Routledge, 2012.

PARKS, Malcolm. Social Network Sites as Virtual Communities. In: PAPACHARISSI, Zizi (ed.). *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2011. p. 105-123.

PINK, Sarah et al. *Digital Ethnography: Principles and Practice*. London: Sage, 2016.

PRECIADO, Paul. Multidões queer: notas para uma política dos “anormais”. *Estudos Feministas*, v. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.

\_\_\_\_\_. *Testo-junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: N-1 Edições, 2018.

\_\_\_\_\_. "Soy un disidente del sistema sexo-género". [Entrevista concedida a] Anna Péres Pagès. *Àrtic*. Barcelona: Betevé, 12 de abril de 2019. Programa de TV. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Aa-RiOuYiE4>>. Acesso em: 19 set. 20.

\_\_\_\_\_. *Um apartamento em Urano* (Conferência). *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. 8, v. 12, dez. 2019. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2019/12/08/n-8-12/>>. Acesso em: 13 fev. 20.

\_\_\_\_\_. Lixo e Gênero, Mijar/Cagar, Masculino/Feminino. *Performatus*, v. 7, n. 20, 2019. Disponível em <<https://performatus.com.br/traducoes/lixo-e-genero/>>. Acesso em: 13 out. 20.

PROSSER, Jay. *Second Skins: The Body Narratives of Transsexuality*. New York: Columbia University Press, 1998.

RADI, Blas. On Trans\* Epistemology: Critiques, Contributions, and Challenges. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, Durham, v. 6, n. 1, p. 43-63, 2019.

RAYMOND, Janice. *The Transsexual Empire: the making of the she-male*. 2 ed. Boston: Beacon Press, 1994.

RAMACHANDRAN, Vilayanur; McGEOCH, Paul. Phantom Penises in Transsexuals: Evidence of an Innate Gender-specific Body Image in the Brain. *Journal of Consciousness Studies*, v. 15, n. 1, p. 5-16, 2008.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. In: PRIMO, Alex (org.). *Interações em Rede*. Sulina: Porto Alegre, 2013. p. 51-70.

RHEINGOLD, Howard. *The Virtual Community*. 2 ed. Cambridge: MIT Press, 2000.

RIDDELL, Carol. Divided Sisterhood: A Critical Review of Janice Raymond's *The Transsexual Empire*. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 144-158.

ROEN, Katrina. "Either/Or" and "Both/Neither": Discursive Tensions in Transgender Politics. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, v. 27, n. 2, p. 501-522, 2001.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the "Political Economy" of Sex. In: REITER, Rayna (ed.). *Toward an Anthropology of Women*. New York: Monthly Review Press, 1975. p. 157-210.

\_\_\_\_\_. Of Catamites and Kings: Reflections on Butch, Gender, and Boundaries. In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 471-481.

\_\_\_\_\_. *Deviations: a Gayle Rubin reader*. Durham: Duke University Press, 2011.

RUBIN, Henry. Phenomenology as Method in Trans Studies. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, v. 4, n. 2, p. 263-281, 1998.

\_\_\_\_\_. *Self-Made Men: Identity and Embodiment among Transsexual Men*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2003

SARASWAT, Aruna; WEINAND, Jamie; SAFER, Joshua. Evidence supporting the biologic nature of gender identity. *Endocrine Practice*, v. 21, n. 2, p. 199-204, fev. 2015.

SCHUSTER, Mark; REISNER, Sari; ONORATO, Sarah. Beyond Bathrooms – Meeting the Health Needs of Transgender People. *The New England Journal of Medicine*, n. 375, p. 101-103, 2016.

SCHULTZ, Jackson. *Trans/portraits: Voices from Transgender Communities*. Hanover: Dartmouth College Press, 2015.

SERANO, Julia. *Whipping Girl: A Transsexual Woman on Sexism and the Scapegoating of Femininity*. 2 ed. New York: Basic Books, 2016. Edição do Kindle.

SKÅGEBY, Jörgen. Online Ethnographic Methods: Towards a Qualitative Understanding of Virtual Community Practices. In: DANIEL, Ben (ed.). *Handbook of Research on Methods and Techniques for Studying Virtual Communities: Paradigms and Phenomena*. Hershey: Information Science Reference, 2010. p. 410-428.

SOLMS, Mark. The Biological Foundations of Gender: a Delicate Balance. In: SCHREIBER, Gerhard [ed.]. *Transsexualität in Theologie und Neurowissenschaften. Ergebnisse, Kontroversen, Perspektiven*. Berlin: De Gruyter, 2016. p. 5-22.

STAR, Hedy Jo. *I Changed My Sex!*. Chicago: Novel Books, 1963.

STOLLER, Robert. *Sex and gender*. London: Karnac Books, 1984.

STONE, Sandy. *The Empire Strikes Back: A Posttranssexual Manifesto*. 2014. Disponível em <<http://sandystone.com/empire-strikes-back.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 20.

\_\_\_\_\_. Another Dream of Common Language: An Interview with Sandy Stone. [Entrevista concedida a] Susan Stryker. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 294-305, 2016.

STRYKER, Susan. The Transgender Issue: An Introduction. *GLQ: A Journal of Lesbian and Gay Studies*, Durham, v. 4, n. 2, p. 145-158, 1998.

\_\_\_\_\_. (De)subjugated Knowledges: An Introduction to Transgender Studies. In: In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 1-17.

\_\_\_\_\_. My Words to Victor Frankenstein above the Village of Chamounix: Performing Transgender Rage. In: In: STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006. p. 244-256.

\_\_\_\_\_. *Transgender History: The Roots of Today's Revolution*. 2 ed. New York: Seal Press, 2017. Edição do Kindle.

STRYKER, Susan; BETTCHER, Talia. Introduction: Trans/Feminisms. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 5-14, 2016.

STRYKER, Susan; CURRAH, Paisley. Introduction. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, Durham, v. 1, n. 1-2, p. 1-18, 2014.

STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen. *The Transgender Studies Reader*. New York: Routledge, 2006.

TRANSBR. 2020. Disponível em <<https://reddit.com/r/transbr>>. Acesso em: 18 set. 20.

UNDERBERG, Natalie; ZORN, Elayne. *Digital Ethnography: Anthropology, Narrative, and New Media*. Austin: University of Texas Press, 2013.

VALENTINE, David. *Imagining Transgender: An Ethnography of a Category*. Durham: Duke University Press, 2007.

VARELLA, Drauzio. *Banheiros transgêneros*. 2016. Disponível em: <<https://drauzioarella.uol.com.br/drauzio/artigos/banheiros-transgeneros-artigo/>>. Acesso em: 03 fev. 2020.

VIDAL-ORTIZ, Salvador. Transgender and Transsexual Studies: Sociology's Influence and Future Steps. *Sociology Compass*, v. 2, n. 2, p. 433-450, 2008.

WALKER, Paul. Review: Female-to-male Transsexualism: Historical, Clinical and Theoretical Issues. *The Journal of Sex Research*, v. 21, n. 3, p. 336-344, 1985.

WARNER, Michael (ed.). *Fear of a Queer Planet: Queer Politics and Social Theory*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2004.

WELLMAN, Barry. Physical Place and Cyberplace: The Rise of Personalized Networking. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 25, n. 2, p. 227-252, 2001.

WHITTLE, Stephen. Gender Fucking or Fucking Gender? Current cultural contributions to theories of gender blending. In: EKINS, Richard; KING, Dave (eds.). *Blending genders: social aspects of cross-dressing and sex changing*. London: Routledge, 1996.

WILCHINS, Riki. A Certain Kind of Freedom: Power and the Truth of Bodies - Four Essays on Gender. In: NESTLE, Joan; HOWELL, Clare; WILCHINS, Riki (eds.). *GenderQueer: Voices from Beyond the Sexual Binary*. Los Angeles: Alyson Books, 2002. p. 23-66.

\_\_\_\_\_. *Read My Lips: Sexual Subversion and the End of Gender*. 2 ed. Riverdale: Magnus Books, 2013.

WILLIAMS, Cristan. Radical Inclusion: Recounting the Trans Inclusive History of Radical Feminism. *TSQ: Transgender Studies Quarterly*, v. 3, n. 1-2, p. 254-258, 2016.

WILLIAMS, James. *Gilles Deleuze's Logic of Sense: A Critical Introduction and Guide*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2008.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Philosophical Investigations*. 3 ed. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

ZAPHIRIS, Panayiotis; ANG, Chee; LAGHOS, Andrew. Online Communities. In: SEARS, Andres; JACKO, Julie (eds.). *The Human-Computer Interaction Handbook: Fundamentals, Evolving Technologies, and Emerging Applications*. 2 ed. New York: Lawrence Erlbaum, 2007. p. 603-620.